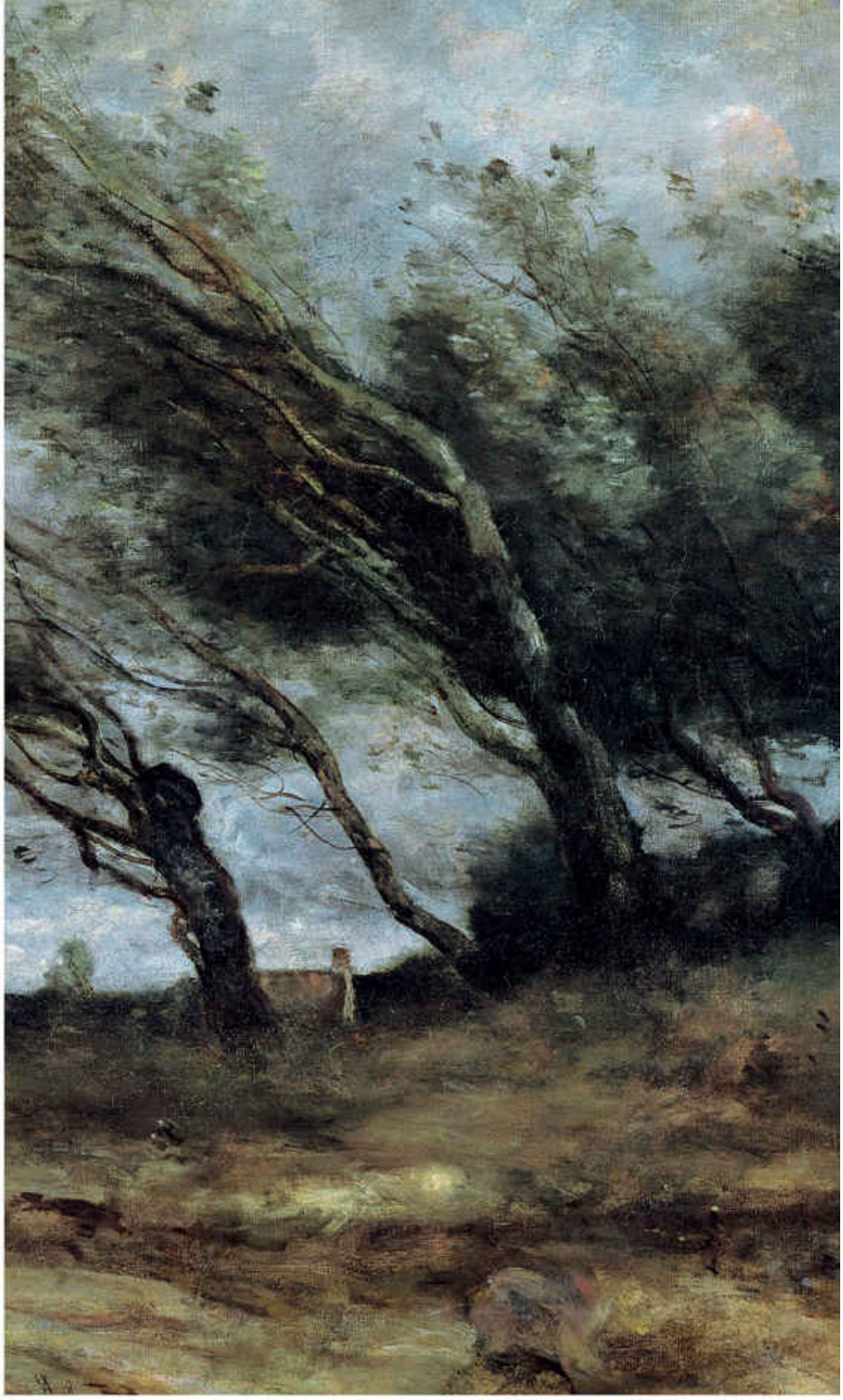


PENGUIN COMPANHIA

CLÁSSICOS

# EMILY BRONTË

## *O morro dos ventos uivantes*

EMILY
BRONTË

# O morro dos ventos uivantes

*Tradução de*
JULIA ROMEU

*Introdução de*
PAULINE NESTOR

*Prefácio de*
CÍNTIA SCHWANTES



COMPANHIA DAS LETRAS

# Sumário

Capa
Folha de rosto
Sumário
Introdução — Pauline Nestor
Prefácio — Cíntia Schwantes

O MORRO DOS VENTOS UIVANTES

VOLUME I
I
II
III
IV
V
VI
VII
VIII
IX
X
XI
XII
XIII
XIV
VOLUME II
I
II

III
IV
V
VI
VII
VIII
IX
X
XI
XII
XIII
XIV
XV
XVI
XVII
XVIII
XIX
XX

*Créditos*



COMPANHIA DAS LETRAS

# O MORRO DOS VENTOS UIVANTES

emily jane brontë (1818-1848) nasceu em Thornton, em Yorkshire. Dois anos depois, seu pai, Patrick Brontë, foi designado para trabalhar em Haworth, perto de Bradford. Após a morte da mãe em 1821, e de duas irmãs mais velhas em 1825, os filhos sobreviventes — Charlotte, Emily, Anne e Branwell — foram criados pela tia, Elizabeth Branwell. Os irmãos formaram uma espécie de sociedade secreta na infância, e juntos escreviam histórias de fadas, poemas, peças de teatro, e chegaram até a criar uma revista mensal. Emily e Anne escreveram juntas as histórias de Gondal, que acabaram inspirando alguns dos poemas mais intensos de Emily. Depois que Charlotte descobriu os poemas de Emily, esta relutantemente aceitou, relutante, publicá-los na coletânea *Poems* (com autoria atribuída a Currer, Ellis e Acton Bell, em 1846). Emily, contudo, é mais conhecida por seu único romance, *O morro dos ventos uivantes*, de 1847, sob o pseudônimo de Ellis Bell. Publicado um ano antes de sua morte por tuberculose, é provavelmente uma das obras mais apaixonantes da língua inglesa.

julia romeu nasceu no Rio de Janeiro em 1980. Em parceria com Heloisa Seixas, escreveu os musicais *Era no tempo do rei*, com

músicas de Aldir Blanc e Carlos Lyra, *Bilac vê estrelas*, com músicas de Nei Lopes, e *Carmen: A grande pequena notável*, sobre Carmen Miranda. É tradutora literária há mais de quinze anos, e já traduziu obras de autores como Jane Austen, Charlotte Brontë, Louisa May Alcott, William Faulkner, Rudyard Kipling, George Eliot, entre outros. É mestra em literaturas de língua inglesa pela uerj.

pauline nestor é professora de literatura inglesa na Monash University, em Melbourne, Austrália. É autora de *Female Friendships and Communities* (1985), *Charlotte Brontë* (1987), *Charlotte Brontë's Jane Eyre* (1992) e *George Eliot* (2002). Também é responsável pela edição do *Villette New Casebook* (1992).

cíntia schwantes é graduada em letras pelo Centro de Ensino Universitário de Brasília, mestre em literatura brasileira pela Universidade de Brasília e doutora em letras e literatura comparada pela ufrgs e pela Indiana University. Atualmente é professora adjunta da Universidade de Brasília, lecionando literaturas de língua inglesa.

# Introdução*

pauline nestor

## i

Emily Brontë nasceu em 30 de julho de 1818, a quinta de seis crianças, e cresceu no presbitério de Haworth, um vilarejo no condado de Yorkshire. Retratada pela lenda popular como uma minúscula aldeia, Haworth contava, na verdade, com quase 5 mil habitantes e uma próspera indústria têxtil. Emily, no entanto, vivia isolada na periferia da cidade e confinada à esfera familiar, com a igreja e o cemitério bloqueando a frente da casa paroquial e os urzais, atrás, como uma fuga. Sua infância foi ensombrada pela morte — primeiro a de sua mãe, em 1821, e depois a de suas irmãs mais velhas, Maria e Elizabeth, em 1825. Não é de admirar que suas primeiras histórias, escritas ainda na infância, estivessem repletas do consolo sobrenatural de personagens que ressuscitavam com alguma frequência.

Durante a maior parte da sua vida, Emily compartilhou seu mundo com as irmãs Charlotte e Anne, o irmão Branwell, a tia, o pai e

Tabby, a criada da família. As duas coisas mais importantes para Emily eram a tranquilizadora regularidade da rotina familiar doméstica e a mágica do mundo imaginário que ela criou na infância com sua irmã Anne — uma sequência de histórias conhecida como a saga de Gondal. Embora fosse uma leitora ávida, Emily não demonstrava grande interesse pelo mundo que ia além dos urzais de Yorkshire e do seu círculo imediato. A pouco mais de trezentos quilômetros de distância, Londres esbanjava uma vida política e social que cativava sua irmã Charlotte, mas Emily via mais sentido e importância no mundo imaginário que compartilhava com Anne. Tais prioridades estão claras, por exemplo, na nota de aniversário que ela escreveu, como uma pequena cápsula do tempo, no dia em que Branwell completou vinte anos. O ano era 1837, um período em que a Inglaterra estava obcecada pela coroação da jovem rainha Vitória. No entanto, no mundo de Emily, o acontecimento histórico quase passa despercebido:

> Segunda-feira à tarde, 26 de junho de 1837
> Um pouco depois das 16 horas Charlotte trabalhando no quarto da tia Branwell lendo Eugene Aram para ela Anne e eu escrevendo na sala de visitas — Anne um poema começando com “agradável era a tarde e brilhante o sol”, e eu a Vida de Agustus Almedes v.1 — 4ª página do fim. Um dia agradável um pouco frio cinza nublado, mas ensolarado, a tia trabalhando na sala pequena e o papai fora. Tabby na cozinha — os Imperadores e as Imperatrizes de Gondal e Gaaldine preparando para partir de Gaaldine para Gondal e se organizando para a coroação que será no dia 12 de julho, a rainha Vitória subiu ao trono esse mês. Northangerland em Monceys Isle — Zamorna em Eversham. Tudo certo e reto, condição que se espera que estejamos todos neste dia daqui a quatro anos, em que Charlotte estará com 25 anos e 2 meses de idade — Branwell somente 24 já que hoje é seu aniversário — eu mesma com 22 anos 10 meses e um pouco, Anne com cerca de 21 anos e meio. Eu me pergunto onde todos vamos estar e que tipo de dia será então vamos torcer para o melhor.[1]

Escrita dez anos antes da publicação de *O morro dos ventos uivantes*, a nota de Emily revela algumas das mesmas preocupações e hábitos mentais que, mais tarde, encontraríamos reproduzidos no seu romance. Vemos o mesmo prazer e a mesma atenção aos detalhes domésticos, a mesma percepção de um mundo recolhido, quase hermeticamente fechado, o mesmo estado de alerta diante do mundo natural, e o compromisso apaixonado com o mundo obscuro e feroz da imaginação.

O corolário do contentamento de Emily com o seu mundo de Yorkshire — a sua sensação de que tudo estava "certo e reto" — era sua persistente infelicidade toda vez que tinha de deixá-lo. Ela se atormentava com as breves idas à escola, primeiro na Cowan Bridge, o internato que ela frequentou quando jovem (e que foi descrito com riqueza de detalhes por Charlotte como Lowood no livro *Jane Eyre*), e mais tarde na Roe Head. Da mesma forma, sua tentativa posterior de ganhar a vida como professora na escola primária de garotas Law Hill fracassou após seis meses de uma incontrolável saudade de casa. Emily estava tão infeliz após estudar por um ano com Charlotte na Bélgica que se recusou a voltar para cursar um segundo ano na escola para garotas M. Héger.

## ii

Quando Emily Brontë morreu, em 1848, o início do movimento feminista se fazia evidente na Inglaterra de diversas formas: com a agitação pelo sufrágio feminino, a luta pela reforma das leis matrimoniais e a ampliação de oportunidades de educação e emprego para mulheres. No entanto, dos benefícios tangíveis que resultaram dessa agitação, poucos estavam à disposição de Emily. Ainda assim, a maneira pouco convencional como foi criada permitiu-lhe certas liberdades. Desde cedo, por exemplo, ela e as irmãs foram instigadas pelo pai a estudar, visando traçar seu próprio caminho no mundo. Consequentemente, todas as meninas Brontë receberam educação formal e foram instruídas em casa pelo pai, que estudara em Cambridge. Elas também cresceram com o exemplo da tia, uma mulher forte, independente e solteira, sendo assim poupadas da pressão do casamento. Como Charlotte expressou:

> Venha o que vier, garantir uma educação é adquirir uma vantagem — uma vantagem inestimável. Venha o que vier, [a educação] é um passo em direção à independência — e a grande maldição da vida feminina é a dependência […] suas filhas, tanto quanto seus filhos, deveriam buscar trilhar o próprio caminho de maneira honrada ao longo da vida. Não queiram mantê-las em casa. Acreditem em mim — as professoras podem estar esgotadas, ser mal pagas e desprezadas — mas a garota que fica em casa sem qualquer ocupação é pior do que a escrava que trabalha duro e ganha pouco.[2]

O ensino era uma das poucas opções disponíveis a garotas de classe média, e embora as três irmãs odiassem a ideia de se

sujeitar à “escravidão governante”, elas alimentavam a esperança de começar uma pequena escola em casa.

Emily e suas irmãs também escaparam de outras restrições que normalmente se impunham a garotas de classe média do período. Um exemplo é a rédea quase livre que o pai, num misto de erudição e negligência, dava à leitura dos filhos. Eles consumiam avidamente jornais e revistas, e estavam tão familiarizados com as comédias mais picantes de Shakespeare e a poesia de Byron quanto com a leitura da Bíblia e do *Pilgrim’s Progress* [Progresso do Peregrino]. Tal como seus irmãos, a jovem Emily encontrava tempo para sua própria escrita, porque embora fosse solicitada para ajudar com tarefas domésticas, o seu lazer não era supervisionado de maneira tão incansável como acontecia com outras inglesas de classe média.

Nesse ambiente, Emily era reconhecida por sua independência de espírito e força de caráter. No “Aviso biográfico de Ellis e Acton Bell”, por exemplo, Charlotte descreveu a irmã como dona de um “poder secreto e um fogo como os que existem no cérebro e nas veias de um herói”, e ela reverenciava a irmã como um ser excepcional: “Mais forte que um homem, mais simples que uma criança, sua natureza era única”. Influenciada pela opinião de Charlotte, Elizabeth Gaskell descreveu Emily como uma pessoa obstinada nos seus “hábitos de independência” e atraída pelo caráter “feroz, selvagem e intratável” de animais.[3] Gaskell também concordou com o ponto de vista romântico da professora belga de Emily, M. Héger, que dizia: “Ela deveria ter sido um homem, um grande navegador […]. Sua razão poderosa teria deduzido novas esferas de descoberta a partir do conhecimento das antigas; e a sua

forte e imperiosa vontade nunca teria sido intimidada pela oposição ou dificuldade; nunca teria cedido, mas vivido".[4]

Na verdade, não conhecemos muitos detalhes confiáveis da vida e do caráter de Emily, e em várias situações a simples especulação tomou o lugar dos fatos.[5] Ainda assim, as poucas representações que temos dela oferecem um testemunho irresistível de uma natureza bastante independente e estoica, imbuída, ao que parece, do mesmo espírito desafiador presente na sua poesia e no seu romance. Assim, por exemplo, as histórias contadas pela sra. Gaskell de Emily batendo no seu querido, mas desobediente, cão Keeper com suas próprias mãos, ou de Emily cauterizando em segredo uma mordida de um cão suspeito de ter raiva,[6] parecem demonstrar a verdade contida no primeiro verso de um dos seus poemas mais conhecidos, "Eu não tenho alma de covarde".

No final, no entanto, Emily não era feminista. Por mais tentador que seja usar essa perspectiva para ler o seu caráter, na verdade os pontos fortes de Emily eram pessoais e idiossincráticos, independentes de qualquer ideologia ou noção de uma causa compartilhada. Por conseguinte, enquanto o romance de Charlotte, *Jane Eyre*, ficou famoso por suas reivindicações de igualdade sexual (com a heroína insistindo que "mulheres se sentem exatamente como os homens" e que ela é "igual" ao herói Rochester), e o de Anne, *A inquilina de Wildfell Hall*, contenha uma acusação contra os dois pesos e duas medidas para os sexos, bem como contra as leis injustas que governavam as mulheres no casamento, no romance de Emily não encontramos tais tomadas de posição.

Quando Kathleen Tillotson caracterizou os romances dos anos 1840, ela notou que “a condição do povo” passou a ser um tema predominante e que o “romance com um propósito” surgiu como um tipo comum: “Muitos romancistas dos anos 1840 e 1850 optaram pelo caminho pedregoso e espinhoso da controvérsia social e religiosa”.[7] Da mesma forma, Raymond Williams afirmou que “uma nova e importante geração de romancistas surgiu nos anos 1840” e que sua contribuição e alcance específicos foram “a exploração da comunidade”.[8] Desafiando as expectativas, *O morro dos ventos uivantes*, publicado em 1847, não parece se alinhar com tais generalizações. Ao contrário dos romances industriais contemporâneos de Charles Dickens, Elizabeth Gaskell, Benjamin Disraeli e Charles Kingsley, *O morro dos ventos uivantes* não demonstra engajamento com questões sociais mais amplas; o seu cenário é de isolamento extremo. O narrador, Lockwood, é um forasteiro simbólico e perturbador, e até mesmo a vida na vila mais próxima, Gimmerton, parece remota, desconhecida, sendo descrita apenas por esboço. O reino de Wuthering Heights e de Thrushcross Grange funciona como um mundo em si mesmo, uma realidade exclusiva para o texto, de tal maneira que, quando os personagens deixam esse mundo — como Heathcliff e Isabella o fazem —, parecem misteriosamente desaparecer em um vazio.

Se *O morro dos ventos uivantes* parece deslocado em seu momento histórico, talvez possa ser mais bem compreendido na sua relação com obras anteriores, sobretudo o romance gótico do final do século xviii e a poesia do romantismo. Tal como o romance gótico, o livro de Emily Brontë concebe um mundo obscuro e apaixonado de prisão e tortura, fantasmas e crianças trocadas. Por

sua vez, tal como as obras do romantismo, há nele a autoridade da imaginação e da emoção, uma preocupação pela influência formativa da infância e pela relação do homem com o mundo natural. O seu enfoque é “antissocial”, em vez de comunal ou ético, e o seu personagem central, Heathcliff, é uma versão do herói de Byron.

Embora *O morro dos ventos uivantes* tenha chocado muitos dos seus primeiros leitores, ele também desfrutou de um sucesso modesto na época. Em certa medida, sua “excelência intrínseca” foi reconhecida por críticos contemporâneos.[9] Após a morte de Emily em 1848, o livro começou a despertar interesse devido à associação com o sucesso das obras de Charlotte e à crescente fascinação pela biografia da família Brontë. O aparecimento quase simultâneo de livros assinados por três irmãs anônimas sinalizava uma concentração extraordinária de talento em uma única família, o que desencadeou uma curiosidade generalizada. Mais tarde, essa curiosidade foi alimentada pela narração de detalhes que percorriam a existência isolada e excêntrica das irmãs Brontë nos urzais e pântanos de Yorkshire, contidos na *Vida de Charlotte Brontë*, de Elizabeth Gaskell (1857).

No entanto, *O morro dos ventos uivantes* não atingiu o sucesso de *Jane Eyre*, notadamente o livro mais vendido de 1847. De fato, foi apenas no século xx que o romance de Emily começou a gozar da popularidade e estima crítica que merecia. Posteriormente, entretanto, ele emergiu como um desses raros textos que transcendem sua origem literária e que, como aconteceu com *Frankenstein* e *Drácula*, tornam-se parte do léxico da cultura popular, tornando-se tema de filmes, músicas e até mesmo de humor. Ao mesmo tempo, o livro se tornou um dos romances mais

discutidos da língua inglesa, a ponto de sua história crítica parecer a própria história da crítica.

Após o modesto reconhecimento no século xix, o início do século xx assistiu a uma reviravolta na opinião crítica, sobretudo com a influente introdução de Humphrey Ward à edição Haworth das obras das irmãs Brontë. Ward afirmou que Emily era uma escritora de maior envergadura que Charlotte, e sua visão foi posteriormente reforçada por David Cecil em *Early Victorian Novelists* (1934). Nos anos 1940, o surgimento do New Criticism apresenta uma leitura detalhada e minuciosa do texto, dando fim às persistentes amarras biográficas presentes nas críticas anteriores e reivindicando reconhecimento pela sofisticação formal e pela realização geral do romance.[10] Esses estudos focaram no imaginário, na metafísica e na complexa estrutura narrativa do livro. Mais recentemente, leituras ideológicas marxistas, feministas e a crítica psicanalítica se concentraram em questões de classe, gênero e sexualidade, destacando principalmente a questão do conflito e da divisão no romance.

Essa extraordinária diversidade de interpretações tornou-se, por si só, um objeto de investigação crítica. Michael Macovski, por exemplo, sugere que o romance enfatiza o ato de interpretação ao enquadrar as experiências dos personagens dentro do contexto de uma audição contínua. De fato, para que os personagens “liberassem” seus segredos (nas palavras de Catherine), a presença de um intérprete parece vital.[11] Da mesma forma, em “Coherent Readers, Incoherent Texts”, James Kincaid afirma que o romance insiste em uma multiplicidade de leituras.[12] Frank Kermode, de maneira mais geral, argumenta que em obras de arte como *O morro*

*dos ventos uivantes* uma abertura ou “paciência” de interpretação — o que ele denomina de “superávit de significantes” — é o que produz a medida de grandeza.[13]

*O morro dos ventos uivantes*, portanto, oferece coisas diferentes a críticos e leitores distintos. Talvez o permanente fascínio pela obra derive do fato de que ela não apenas incorpora elementos de vários gêneros, como também questiona esses diversos elementos ao criar uma tensão entre eles. Assim, por exemplo, o prazer pelos detalhes familiares que deriva do realismo do texto é desafiado pelo poder transgressor dos gêneros de fantasia e horror, satisfazendo as vontades de "emoções de reconhecimento" e de "emoções de surpresa" do leitor.[14] Da mesma forma, a intensidade e o escapismo do romance são contrabalançados pela exploração psicológica, ao mesmo tempo aguçada e austera.

A concepção popular da grandeza do romance tende a se concentrar no poder da relação entre Cathy e Heathcliff. De fato, não se pode ignorar que o livro atrai por se tratar de uma história de amor. Em um nível, o romance parece celebrar um amor transcendente que ultrapassa os limites da autoridade, da mundanidade e até mesmo da morte. Cathy e Heathcliff compartilham um vínculo consumado de compreensão e resistência, e ao postular esse relacionamento, a obra reconhece e apela explicitamente para um desejo universal em relação ao Outro perfeito:

> Não sei explicar. Mas, sem dúvida, você e todas as pessoas têm uma noção de que há, ou deveria haver, uma existência nossa além de nós. De que serviria a minha criação se eu estivesse inteira contida aqui? Minhas maiores tristezas neste mundo foram as

> tristezas de Heathcliff, e eu vi e senti cada uma delas desde o começo. Meu maior pensamento na vida é ele. Se tudo o mais morresse e *ele* permanecesse, eu continuaria a existir; e se todo o resto permanecesse e ele fosse aniquilado, o universo se tornaria um poderoso estranho. (p. 146)

No entanto, se por um lado o romance parece cumprir a promessa de tal satisfação, sob uma perspectiva mais complexa e interessante ele realmente *investiga*, em vez de *exemplificar*, o clichê romântico do amor perfeito. Assim, até mesmo a célebre declaração de amor de Cathy por Heathcliff é comprometida pela premissa equivocada na qual se baseia. Quando ela discorda da preocupação de Nelly de que Heathcliff se sentirá rejeitado devido ao seu casamento com Edgar — "é pelo bem de alguém que encerra em si meus sentimentos por Edgar e por mim mesma" (p. 146) —, ela comete um engano. Lamentavelmente, ela descobre mais tarde que Heathcliff *não* compreende e que, ao supor o contrário, ela projetou sua visão e seu desejo em Heathcliff. Esse elemento de projeção é ainda mais claro quando Cathy se confronta com a realidade intransigente da dor de Heathcliff, e declara: "Esse não é o *meu* Heathcliff. Eu continuarei a amar o meu e o levarei comigo — ele está na minha alma" (p. 243).

É claro que Cathy não é a única personagem a deslocar seus desejos e medos para Heathcliff. Lockwood imagina, de modo tolo, que ele e Heathcliff eram almas gêmeas — "[Eu] sei, por instinto, que sua reserva vem de uma aversão a grandes exibições de emoção" (p. 52) — e o velho sr. Earnshaw constrói uma versão do filho perfeito em Heathcliff (p. 96), enquanto Nelly tende ao extremo oposto, vislumbrando o diabo nele. O que faz de Heathcliff um foco tão adequado para projeções alheias é o mistério que o circunda — o desconhecimento sobre seu passado, sua insensível dificuldade

de se comunicar e a capacidade quase mágica de se refazer durante a ausência de Wuthering Heights. Heathcliff é o “cuco” sem uma história, um enigma tão inquietante que Nelly, assim como muitos críticos da obra,[15] tende a inventar um passado para ele:

> Quem sabe se seu pai não era imperador da China e sua mãe, uma rainha indiana, e se cada um não conseguia comprar tanto Wuthering Heights quanto Thrushcross Grange com a renda de uma semana? E você foi raptado por marinheiros malvados e trazido para a Inglaterra? Se eu estivesse no seu lugar, me imaginaria muito bem-nascido. (p. 116)

Desprovido de uma narrativa pessoal, e recusando-se a fornecer uma, Heathcliff se torna o receptáculo perfeito para fantasias alheias. Assim, de certa forma, ele é menos o par perfeito para Cathy do que é o Outro perfeito.

Como observado por muitos críticos, há uma qualidade infantil no amor de Cathy por Heathcliff, e talvez essa seja uma das razões pela qual o seu fantasma reaparece como uma criança, bem como o porquê dos seus sonhos de felicidade se ambientarem na infância. Quando Cathy supõe poder negociar seu amor entre Edgar e Heathcliff, sem entender o ciúme de ambos, não se trata de simples inocência e ingenuidade. Antes disso, o esforço de Cathy para achar espaço para as duas afeições representa uma tentativa de contornar a necessidade de escolha e, desse modo, evitar a limitação. De fato, Cathy quer ter tudo, impulso esse que lembra a perversidade polimórfica da criança, estudada por Freud. Além disso, Cathy também apresenta traços do narcisismo da criança ao se imaginar universalmente amada e amável. “Que estranho! Imaginei que, embora todos se odeiem e se desprezem, não podiam deixar de me amar” (p. 194).

Essa visão do aspecto infantil do amor de Cathy pode ser levada ainda mais longe. Quando ela afirma que Heathcliff representa uma existência interior a ela (além dela), e que ele era “mais eu do que eu mesma” (p. 145), o que Cathy está exprimindo é o desejo de uma simbiose impossível, ou melhor, de um estado de não diferenciação entre o ego e o Outro, que o psicanalista Jacques Lacan afirma pertencer ao reino do “Imaginário” psicológico.[16] É revelador que Catherine, como uma criança, não reconheça seu próprio reflexo no espelho quando, perto da morte, ela anseia pela sua união com Heathcliff:

> “O armário preto? Onde está ele? Você está falando dormindo!”
>
> “Está encostado na parede, onde sempre fica”, respondeu ela. “Ele parece mesmo estranho… estou vendo um rosto refletido!”
>
> “Não tem armário preto no quarto, nem nunca teve”, disse eu, voltando ao meu assento e abrindo a cortina para observá-la.
>
> “Você não está vendo aquele rosto?”, perguntou Catherine, olhando fixamente para o espelho.
>
> E, por mais que eu explicasse, fui incapaz de fazê-la compreender que aquele rosto era o seu próprio. Assim, me levantei e cobri o espelho com um xale. (p. 196)

Embora esses elementos tragam infantilidade ao seu caráter, é importante reconhecer que o desejo de Cathy por uma união e completude “Imaginária” não é, em si mesmo, algo incomum ou aberrante.[17] No entanto, é uma clara representação do oposto da sexualidade madura.[18] Além disso, esse estado “Imaginário” é irrecuperável para o ser humano porque implica, necessariamente, o abandono da identidade subjetiva ou individual. Dessa forma, por mais que essa tendência universal exista, seguir essa direção representa um impulso no sentido da psicose ou da morte. Vale notar que, quando Edgar confronta Cathy a respeito da escolha

adulta que ela deve encarar — “Daqui em diante, você vai desistir de Heathcliff ou desistir de mim? É impossível ter uma relação comigo e com ele ao mesmo tempo; e eu simplesmente *preciso* saber qual dos dois vai escolher” (p. 190) —, Cathy escolhe o abandono, primeiramente entrando em colapso, e depois sucumbindo à loucura e à morte.

Com essa interpretação, o romance está longe de ser uma história de amor perfeito; antes disso, ele explora tanto a tenacidade quanto a impossibilidade de tal desejo. O amor de Cathy e Heathcliff, afinal, nunca é consumado. Em vez disso, a reunião dos dois no leito de morte de Catherine é marcante sobretudo pela natureza frustrada e desesperada da troca:

> Naquele momento, seu rosto branco exibia um furioso desejo de vingança, lábios exangues e olhos faiscantes, e ela ainda tinha, no punho fechado, um pouco do cabelo que agarrara. Quanto a seu interlocutor, ao usar uma das mãos para se erguer, ele pegara o braço de Catherine com a outra, e a gentileza que possuía era tão pouca para as exigências da condição dela que, quando o largou, eu vi quatro manchas roxas nítidas na pele descorada. (pp. 241-2)

Heathcliff é consumido pela frustração pelo resto de sua vida, encontrando-se literal e figurativamente assombrado pelo eterno adiamento da satisfação:

> […] quase podia vê-la, mas na verdade, não podia! Devia ter suado sangue naquele momento, de tão intenso que foi o meu anseio, de tão fervorosas que foram as minhas súplicas para ter apenas um vislumbre! Não tive nenhum. […] E quando dormia no quarto dela… isso, não consigo mais fazer… não podia ficar deitado, pois, no instante em que fechava os olhos, ela ou estava do outro lado da janela, ou abrindo os painéis de carvalho, ou entrando no quarto, ou mesmo apoiando sua adorada cabeça no mesmo travesseiro que eu, como fazia quando era criança. E eu precisava abrir os olhos para ver. Por isso, abria-os e fechava-os cem vezes por noite — e sempre sofria uma decepção! Isso me destroçava! (pp. 399-400)

No final, esse é o paradoxo do desejo impossível, sempre em desacordo com o corpo desejante, como o próprio Heathcliff reconhece: “O júbilo da minha alma mata o meu corpo, mas não se satisfaz” (p. 453). O desejo pode levar somente à aniquilação do corpo, destino esse que Heathcliff e Cathy escolhem por si mesmos.

## V

O desejo de Cathy de se incorporar ou de se fundir no Outro (na figura de Heathcliff) gera uma tensão com os limites da sua identidade. Assim, ao afirmar de maneira extravagante: “Nelly, eu *sou* Heathcliff” (p. 147), — ela desafia as noções convencionais de identidade e individualidade. Em um nível formal, o romance atinge efeito similar ao embaralhar nomes próprios. Assim como a mente de Lockwood se dispersa com as variantes do nome de Catherine — Catherine Earnshaw, Catherine Heathcliff, Catherine Linton — arranhadas no peitoril da janela [v. i, cap. iii], o leitor deve lidar não apenas com as mudanças nos nomes, mas com sua instável duplicação, dificultando o reconhecimento da identidade individual. Outro elemento utilizado para embaçar as distinções é a semelhança entre gerações. A linhagem parece pouco clara na medida em que, por exemplo, o sobrinho de Cathy, Hareton, pode ser mais parecido com ela do que a sua própria filha, Cathy, e também o rapaz parece ser mais filho de Heathcliff do que seu verdadeiro filho biológico, Linton.

Nesse contexto, é difícil fazer suposições, como demonstrado de modo cômico por Lockwood. Adentrando no reino de Wuthering Heights com noções convencionais de mundo, o equívoco crônico de Lockwood acerca da situação é uma advertência contra a adequação da convencionalidade. Tal como o sermão de Jabes Branderham, o romance nos confronta com “transgressões estranhas que eu jamais imaginara” (p. 75). De modo geral,

definimos limites com o intuito de regulamentar e compreender a realidade. No entanto, o livro de Emily Brontë contesta esses limites, de modo que *O morro dos ventos uivantes* adquire um poder transgressor que oferece um potente amálgama da satisfação da fantasia e da fascinação do horror.[19]

No romance, a transgressão dos limites ocorre em níveis literais e figurados. Vários críticos já mencionaram a presença constante de limites físicos como paredes, janelas, portões, portas e fechaduras,[20] e vale notar que esses limites são tão frequentemente protegidos quanto violados. Assim, mesmo que os personagens busquem controlar seu mundo ao trancar outros para dentro ou para fora, o romance documenta o fracasso de cada uma dessas tentativas.

Os limites também servem para regular o espaço psíquico; contudo, como o romance demonstra, essas barreiras figuradas são tão vulneráveis quanto as físicas. Como vimos, a distinção entre "eu" e "outro" não é tão imutável em *O morro dos ventos uivantes* como poderíamos imaginar, tampouco aquela entre homem e mulher. Na sua impetuosidade byroniana, Heathcliff certamente parece exemplificar um tipo de estereótipo masculino, ao passo que Isabella, com seu romantismo frívolo, pode sugerir uma fraqueza geralmente associada ao feminino. No entanto, entre os dois extremos estereotípicos, se torna difícil categorizar os personagens, pois, como Joseph observa, "Esse sempre mostra o lado da outra" (p. 352). Antes de Cathy ser cuidadosamente treinada no âmbito da feminilidade na Grange, por exemplo, sua coragem, imprudência e espírito desafiador se equiparavam aos de Heathcliff. E no seu declínio ela passa a almejar novamente essa identidade menos

limitada: “Queria ser uma menina de novo, quase selvagem, saudável e livre… e rindo das minhas feridas, não enlouquecendo com elas! Por que estou tão mudada?” (p. 199). Por outro lado, Linton Heathcliff é descrito como um garoto extremamente afeminado, “mais menininha que homem” (p. 316) na perspectiva de Hareton. Assim, Linton adquire um papel tradicionalmente feminino no seu cortejo da jovem Catherine, ao passo que, em comparação, a força física, a coragem e a mobilidade de Catherine apontam para um papel mais masculino.

O romance parece alimentar construções estereotipadas de papéis sexuais ao sugerir que estratégias de sobrevivência estão relacionadas ao gênero. Enquanto o impulso de Heathcliff perante o sofrimento é para a vingança, a resposta de Cathy diante da adversidade é a da autodestruição: “Bem, se Heathcliff não puder ser meu amigo… se Edgar insistir em ser mesquinho e ciumento, tentarei partir os corações deles *partindo o meu próprio*” (p. 189) [grifo meu]. Do mesmo modo, o “primeiro desejo” de Isabella na infelicidade do seu casamento é “ser morta por ele” (p. 258). Tanto o impulso para a vingança quanto para a destruição são violentos, mas o primeiro é dirigido para o exterior e é sádico, enquanto o segundo é interior e masoquista. O romance, no entanto, não permite que interpretemos um deles como inerentemente masculino e o outro como feminino porque deixa claro que essas estratégias são determinadas muito mais pela circunstância ou necessidade do que por disposição natural ou gênero. Nelly afirma, por exemplo, que entre as disposições violentas dos Earnshaw, Cathy “ganha de todos” (p. 204) e Isabella está tão inclinada à violência quanto Heathcliff, embora não seja tão capaz dela:

> Examinei a arma com atenção. Uma ideia repulsiva me ocorreu. Que poder eu teria se possuísse tal objeto! Peguei-a da mão de Earnshaw e toquei a lâmina. Ele pareceu atônito com a expressão que surgiu no meu rosto durante aquele breve segundo. Não foi horror, foi cobiça. (p. 271)

O alto nível de violência do romance está acessível a quase todos os personagens, desafiando os limites do comportamento civilizado. Talvez Heathcliff ocupe uma posição tão liminar[21] — beirando, às vezes, a besta, e em outros momentos o diabo —, que não nos chocamos com sua "ferocidade semicivilizada" (p. 163). Mas até os representantes do mundo civilizado da Grange traem a linha tênue entre a contenção e o abandono, a cultura e a natureza. Edgar odeia Heathcliff com "uma intensidade que mal parecia possível em alguém de natureza tão mansa" (p. 271), Linton anseia ser capaz de crueldade, "Eu o ouvi fazer uma linda descrição para Zillah do que faria se fosse tão forte quanto eu" (p. 396) e Isabella, embora ela própria seja uma vítima, sente-se atraída pela violência de Heathcliff:

> A primeira coisa que ela me viu fazer quando saiu da Grange foi enforcar sua cachorrinha e, quando implorou pela vida do animal, as primeiras palavras que eu disse foram para expressar meu desejo de enforcar todos os membros da sua família, com exceção de uma pessoa. É possível que Isabella tenha acreditado que a exceção fosse ela. Mas nenhuma brutalidade a enojava. Imagino que tenha uma admiração inata pelo brutal, contanto que seu precioso ser esteja a salvo! (p. 230)

Talvez o mais inquietante de tudo seja a descrição vívida e chocante de Lockwood arrastando o punho da criança fantasma através do peitoril quebrado da janela [v. i, cap. iii]. A narração nos confronta com a potencial brutalidade que se esconde no inconsciente até mesmo do personagem mais inócuo, e de fato, daquele personagem

cuja posição como forasteiro e ouvinte está mais estreitamente conectada à figura do leitor.

O poder transgressivo do romance é ainda mais evidente no seu flerte com tabus fundamentais, sobretudo o incesto e a necrofilia. Estritamente falando, é claro, o incesto nunca é cometido, uma vez que Heathcliff e Cathy não são parentes de sangue e que, além disso, sua relação nunca chega a ser consumada. Ainda assim, por terem sido criados como irmão e irmã, há um elemento no seu vínculo que beira o incesto. O mesmo acontece com os casamentos da segunda geração, já que Catherine se casa sucessivamente com dois primos — virtualmente sem chegar a conhecer um homem fora do seio familiar. Além disso, antes de seus casamentos, Catherine serve, de certa forma, de parceira substituta do seu pai, figura que ela garante amar mais do que ama Linton (v. ii, cap. xiii). De fato, ao fugir do seu novo marido, ela escapa para o abraço do seu pai moribundo, que “fixou em seu rosto os olhos erguidos, que pareciam dilatados de êxtase” (p. 392).

Um bom exemplo da recusa desafiadora de Heathcliff em aceitar as restrições de tabus é o seu anseio pelo corpo morto de Catherine. Desrespeitando os costumes, ele desenterra seu caixão no dia em que ela é sepultada e, dezoito anos depois, retira sua tampa, sonhando poder se deitar com o rosto “congelado junto ao dela” (p. 398). A especificidade de sua conversa com Nelly — “E se ela tivesse se dissolvido na terra, ou coisa pior? Com o que teria sonhado, então?” (p. 398) — e dos seus planos de remover os lados adjacentes dos dois caixões adiciona uma noção chocante do aspecto corporal naquilo que, de outra maneira, talvez pudesse ser

visto apenas como um desejo convencional pelo encontro pós-morte.[22]

O fantasma de Cathy, ou melhor, a subsequente encarnação do seu cadáver, é igualmente inquietante, desafiando os limites da vida e da própria realidade. É significativo que o fantasma de Cathy apareça primeiro no sonho de Lockwood, não só por haver nisso uma plausível ambiguidade, mas também porque sonhar em Wuthering Heights se torna uma fonte crucial de conhecimento e compreensão. Nos seus sonhos, tanto Cathy quanto Heathcliff têm vislumbres de sua felicidade, e é Cathy quem diz do poder deles a Nelly: “Já tive sonhos que ficaram comigo para sempre e mudaram minha forma de pensar. Eles me atravessaram como o vinho atravessa a água, e alteraram a cor da minha mente” (p. 143).

De certa forma, o mundo do romance é o mundo dos sonhos. Geograficamente distante, isolado social e temporalmente, é um mundo provido das próprias leis. Suas transgressões de identidade, sexualidade e tabu são típicas de um sonho, oferecendo um reino sem censuras, fronteiras e restrições lógicas. Nos sonhos, podemos estar simultaneamente no lugar do espectador e do participante, do eu e do outro, porque a multiplicidade não demanda as exclusões da escolha. O sonho, afinal, não é estruturado pela causalidade, mas pela contiguidade, de maneira que dentro dele a diferença pode existir sem oposição, com elementos contraditórios existindo lado a lado sem perturbação ou interação. Embora o sonho seja um recurso mais associado à poesia do que à prosa,[23] é, no entanto, um elemento central em *O morro dos ventos uivantes*.

## vi

A segunda parte do romance foi interpretada por muitos críticos como sendo a restauração da ordem e do equilíbrio na segunda geração, após os excessos e as perturbações cometidos pela primeira. Em uma das críticas mais famosas de *O morro dos ventos uivantes*, David Cecil argumentou que a oposição topográfica entre o mundo natural primitivo de Heights e o mundo decadente e civilizado da Grange corresponde à oposição metafísica entre as forças da tempestade e as forças da calma. Na perspectiva de Cecil, o casamento de Hareton e Catherine fecha um ciclo, "restabelecendo mais uma vez a ordem cósmica".[24] Assim, as flores decorativas plantadas por Hareton, sob a supervisão de Catherine, na horta de Heights funcionam como um símbolo de reintegração.

O problema com essa leitura é que ela põe muita ênfase na conclusividade ou na resolução do final do romance, ignorando o ameaçador senso de fluxo que domina o livro. A imagem usada por Nelly para descrever, por exemplo, a existência pacífica de Cathy na Grange — "durante meio ano, a pólvora foi tão inofensiva quanto a areia" (p. 159) — sugere a natureza precária da sua conversão e o potencial, sempre presente, da reversão. Da mesma forma, não podemos presumir que a mudança em Hareton seja permanente, uma vez que todos os personagens exibem a capacidade de recorrer à violência em determinadas circunstâncias.

Assim, qualquer ideia de resolução é comprometida pelo fato de o romance estar repleto de personagens que tentam policiar a

inclusão e a exclusão, mas cujos esforços se provam inúteis. Um bom exemplo da tentativa de excluir é a imagem da parede que separa, de um lado, o jardim cultivado da Grange e, do outro, a vastidão selvagem e natural dos morros. No entanto, essa barreira é constantemente violada de ambos os lados, seja com os livres deslocamentos de Heathcliff, seja com as estratégias de fuga da jovem Catherine.

Além disso, a leitura de Cecil, como a de muitos que o seguiram, localiza a fonte de distúrbio do romance na paixão de Heathcliff e Cathy, ignorando o mais amplamente perturbador poder do desejo no romance. O mundo da Grange está propenso à intrusão justamente porque, de inúmeras formas, esse mundo anseia por isso. Como salientado por Gilbert e Susan Gubar, na primeira incursão de Cathy na Grange ela não entra nesse mundo, mas sim é capturada por ele.[25] De fato, Cathy e Heathcliff estão prestes a escapar quando Cathy é detida pelo cão e levada para dentro da casa pelo criado. Assim que a encontra, Edgar não a deixa mais sair. Apesar de testemunhar a violência da verdadeira natureza de Cathy, interpretada por Nelly como uma oportunidade para Edgar ter cuidado e se retirar, Edgar se sente irresistivelmente atraído por ela: "[Edgar] possuía tanto poder de partir quanto um gato possui de deixar um rato meio morto ou um pássaro meio comido" (p. 134). Ao ser arrastado para se relacionar com esse mundo, não se trata de algo que ele possa controlar. Assim, quando Cathy é levada à Grange para convalescer, ela introduz a febre que, depois, leva ambos os pais de Edgar ao óbito [v. i, cap. ix]. Mais tarde, as forças de Wuthering Heights levam a irmã de Edgar a se casar com Heathcliff.

Por si mesmo, o mundo de Wuthering Heights não é mais seguro dentro de si mesmo e mais capaz de exclusão que a Grange. Assim, embora Heathcliff tenha como um projeto de vida criar Hareton para a brutalidade, ele não controla o desejo de Catherine pelo jovem, e assiste, “confuso”, o seu trabalho ser desfeito. Igualmente, nem o isolamento nem a xenofobia de Wuthering Heights — “Nós, em geral, não gostamos de forasteiros aqui” (p. 102) — são suficientes para protegê-lo da intrusão inesperada de pessoas estranhas. A família é primeiramente surpreendida pela introdução do “moleque cigano” (Heathcliff) [v. i, cap. iv] e, depois, pela aparição de Frances, a esposa de Hindley. Ambos os intrusos chegam sem explicações e sem uma história precedente, estando lá a desejo do patriarca.

Argumentar, portanto, que as forças em *O morro dos ventos uivantes* são de reconciliação e harmonia é ignorar a constante dinâmica de atração e repulsão, de inclusão e exclusão. O romance dramatiza a impossibilidade de fixação, a vulnerabilidade de limites e a inutilidade de tentar regular tais limites. A natureza sisífica de tal empreitada foi sublinhada por Julia Kristeva, que, no ensaio *Powers of Horror*, analisa os modos como:

> […] a subjetividade e a socialização “adequadas” exigem a expulsão do impróprio, do impuro e do desordenado. Não se trata de uma nova interpretação, mas de uma variação da leitura de *Totem e tabu* de Freud, em que ele afirma que a própria civilização se baseia na expulsão das ligações incestuosas “impuras”. O que é novo na afirmação de Kristeva é que o excluído nunca pode ser totalmente destruído, uma vez que paira nas fronteiras da nossa própria existência, ameaçando a unidade aparentemente fixa do sujeito com uma tensão e possível dissolução. Do ponto de vista psíquico e social, é impossível excluir definitivamente esses elementos ameaçadores.[26]

Assim, não é tanto o centro que “não sustenta”, como diria Yeats, mas as margens. De fato, por um lado o romance evoca o espectro

da transgressão nos fantasmas de Cathy e Heathcliff e, por outro, constata a recusa do homem convencional (Lockwood) de reconhecer tal possibilidade:

> Fiquei algum tempo perto delas, sob aquele céu benigno. Observei as mariposas voejando por entre as urzes e os jacintos; ouvi a brisa suave soprando em meio à grama; e me perguntei como alguém poderia imaginar um sono intranquilo para quem dormia debaixo daquela terra tranquila (p. 458).

# Notas

1 Juliet Barker, *The Brontë's*. Londres: Phoenix, 1995, p. 271.

2 Thomas James Wise e James Ayton Symington (Orgs.), *The Brontës: Their Lives, Friendships and Correspondence*. Oxford: Shakespeare Head, 1934, iii, p. 5.

3 Elizabeth Gaskell, *The Life of Charlotte Brontë*. Londres: Dent, 1971, pp. 258 e 184.

4 Ibid., p. 151.

5 Edward Chitham enfatiza a escassez dessa informação em *A Life of Emily Brontë* (Oxford: Basil Blackwell, 1987) e separa, escrupulosamente, fatos da ficção.

6 Elizabeth Gaskell, op. cit., pp. 258 e 184-5.

7 Kathleen Tillotson, *Novels of the Eighteen-Forties*. Oxford: Clarendon, 1954, pp. 81 e 115.

8 Raymond Williams, *The English Novel: From Dickens to Lawrence*. St Albans: Paladin, 1974, pp. 8 e 11.

9 George Henry Lewes, "Leader". In: Miriam Alott (Org.), *Emily Brontë Wuthering Heights A Casebook*. Edição revista. Londres: Macmillan, 1992, p. 64. Essa edição apresenta uma valiosa seleção de análises contemporâneas.

10 Tais reivindicações foram antecipadas na inovadora monografia de Charles Percy Sanger, *The Structure of Wuthering Heights*. Londres: Hogarth, 1926.

11 Michael Macovski, "*Wuthering Heights* and the Rhetoric of Interpretation". *ELH*, v. 54, p. 366, 1987.

12 James Kincaid, "Coherent Readers, Incoherent Texts". *Critical Inquiry*, v. 3, pp. 781-802, 1977.

13 Frank Kermode, "A Modern Way with a Classic". *New Literary History*, p. 434, primavera de 1974.

14 Henry James, *Partial Portraits*. Londres: Macmillan, 1888, p. 133.

15 Ver, por exemplo, James Kavanagh, *Emily Brontë* (Oxford: Basil Blackwell, 1985). Kavanagh sugere que Heathcliff possui alguma origem da classe operária irlandesa.

16 Nesse estado, o bebê imagina uma condição de unidade absoluta na relação diádica com a mãe. Isso significa que, para ele, não existe distinção entre si e o outro, ou entre sujeito e objeto. A fim de alcançar o nível subjetivo, o bebê precisa se reconhecer como um ente separado, ou seja, como uma parte (e não como o todo). Em outras palavras, para ocupar a posição "eu", o bebê precisa reconhecer a existência do "não eu". Lacan argumenta que um passo significativo nesse processo ocorre na fase do espelho, quando o bebê passa a reconhecer seu reflexo no espelho (tanto o espelho literal,

quanto o “reflexo” de si mesmo ocasionado pela percepção de outros e direcionado ao bebê).

17 De fato, Lacan sugere que é um “desejo humano eterno e irredutível... pela não relação do zero, em que a identidade é insignificante”. Jacques Lacan, *The Language of the Self: The Function of Language in Psychoanalysis* (Baltimore: Johns Hopkins University Press, 1968), p. 191.

18 Como foi ressaltado, por exemplo, na teoria feminista da francesa Luce Irigaray: “O amor ora é o modo de tornar-se que se apropria do outro para si mesmo, consumindo-o e introduzindo-o em si mesmo até que o ‘eu’ desapareça; ora é o movimento de tornar-se que permite que um e outro cresçam. Para que tal amor exista, cada um deve manter seu corpo autônomo. Um não deve ser a fonte do outro. É preciso que as duas vidas abracem e fecundem a si mesmas sem um objetivo e fim pré-concebidos”. Luce Irigaray, “Passions élémentaires”. In: Elizabeth Grosz, *Sexual Subversions: Three French Feminists* (Sidney: Allen & Unwin, 1989), p. 170.

19 Para uma discussão esclarecedora do poder transgressor de cada gênero, ver Rosemary Jackson, *Fantasy: The Literature of Subversion* (Londres: Methuen, 1981) e Julia Kristeva, *Powers of Horror: An Essay on Abjection* (Nova York: Columbia University Press, 1984).

20 Ver especialmente Elizabeth Napier, “The Problem of Boundaries in *Wuthering Heights*” (*Philological Quarterly*, v. 63, pp. 95-107, 1984). Ver também Dorothy Van Ghent, *The English Novel: Form and Function* (Nova York: Rinehart, 1953).

21 Ver Frank Kermode, op. cit., p. 420.

22 De fato, o cadáver pode ser visto como o transgressor máximo, ultrapassando as fronteiras entre a vida e a morte, como assinalado por Julia Kristeva: “O cadáver visto sem Deus, e fora da ciência, é o máximo da abjeção. É a morte infectando a vida. Abjeção. Trata-se de algo rejeitado, de algo que não pertence, e do qual não é possível se proteger como de um objeto”. Julia Kristeva, op. cit., p. 4.

23 Edward Chitham ressalta essas qualidades na poesia de Emily Brontë: “Emily articula, ela não compara. Aliás, ela articula pensamentos e sentimentos contraditórios em poemas adjacentes”. Edward Chitham, op. cit., p. 202.

24 David Cecil, *Early Victorian Novelists*. Londres: Constable, 1960, p. 167.

25 Sandra Gilbert e Susan Gubar, *The Madwoman in the Attic: The Woman Writer and the Nineteenth-Century Literary Imagination*. New Haven: Yale University Press, 1979, p. 271.

26 Elizabeth Grosz, op. cit., p. 71.

---

* Os leitores que ainda não conhecem o livro devem levar em conta que detalhes do enredo serão revelados nesta introdução. (n. e.)

# *O morro dos ventos uivantes*: Uma narrativa espelhada

cíntia schwantes

Emily Brontë nasceu em 1818, em um presbitério em Thornton, Yorkshire, a quinta filha do reverendo Patrick Brontë. Em ordem, as crianças eram Maria, Elizabeth, Patrick, Charlotte, Emily e a caçula, Anne. Após a morte da mãe, quando Emily tinha três anos, as meninas mais velhas foram mandadas para um internato, cujos rigores aparecem em *Jane Eyre*, o romance mais famoso de Charlotte. Logo depois, Emily se juntou a elas por um tempo. Após uma epidemia de febre tifoide que ceifou a vida de Maria, o reverendo, já então residindo em Haworth, buscou as outras três meninas. Elizabeth morreu em seguida. Nesse momento, a tia materna, Elizabeth Branwell, já residia com o cunhado para ajudar nos cuidados da casa e, principalmente, das crianças, que não retornaram à escola.

Isolamento em um presbitério no frio norte da Inglaterra e perdas na família tornaram os irmãos muito unidos. As crianças inventaram

um reino de fantasia onde viviam os personagens cujas aventuras elas escreviam. Mais tarde, reclamando que os mais velhos não lhes davam espaço, Emily e Anne se separaram e criaram seu próprio mundo imaginário. Esse exercício precoce de imaginação e escrita funcionou como um treinamento para a posterior escrita de romances.

Com o intuito de preparar as filhas para uma ocupação que as pudesse sustentar, o reverendo enviou Charlotte para a Roe Head Girls' School, onde ela se entrosou bem e se desenvolveu intelectualmente, encontrando um ambiente sob todos os aspectos bem diferente daquele de sua primeira experiência escolar. Emily se juntou a ela aos dezessete anos, mas as saudades de casa tornaram a estadia insuportável e ela permaneceu poucos meses. Esse sentimento aparecerá na protagonista de *O morro dos ventos uivantes*. Essa, entretanto, será a única semelhança entre a tímida Emily e a extrovertida Catherine.

Aos vinte anos, Emily saiu mais uma vez de casa, novamente por um período curto. Foi professora na Law Hill School. Três anos depois, ela e Charlotte passaram uma temporada em Bruxelas, no Pensionato Héger, para aperfeiçoar seus conhecimentos de francês e alemão. As irmãs tinham um objetivo: abrir uma escola para moças, e assim garantir seu sustento. Nenhuma das irmãs encarava com boa vontade a perspectiva de se tornarem governantas — novamente, em *Jane Eyre*, as agruras da profissão são vividamente mostradas. Diferente de Charlotte, que tinha um bom trânsito com as pessoas que a rodeavam, as saudades de casa, a timidez e algum mau humor não tornaram a vida de Emily mais fácil. Apesar disso, sua capacidade intelectual não passou despercebida. Ambas

foram convidadas a permanecer como professoras no Pensionato. Não se sabe se Emily aceitaria — ou toleraria — esse arranjo, mas o falecimento da tia Elizabeth Branwell as levou de volta para a Inglaterra. As irmãs tentaram abrir uma escola em sua própria casa, mas a distância trabalhou contra elas e a escola fechou por falta de alunas.

Enquanto Anne, a caçula, era a favorita de todos na família, entre Charlotte e Emily havia ruídos: Emily considerava Charlotte mandona, e não mostrava a ela seus poemas. Assim, quando Charlotte os encontrou e os leu, Emily ficou irritada e não aderiu de imediato à ideia de publicá-los. Por isso, coube a Anne convencê-la a participar da empreitada. Em 1846 vieram a lume os *Poemas de Currer, Ellis e Acton Bell*, uma autopublicação possível graças à herança que a tia Branwell deixara para as sobrinhas. Os poemas de Emily foram os mais bem recebidos pela crítica; no entanto, o livro vendeu apenas dois exemplares.

Assim, é um tanto problemático que a maior fonte de informações sobre Emily seja a irmã Charlotte, cujo senso de decoro impediu a republicação do segundo romance de Anne, *A inquilina de Wildfell Hall*, por muitos anos, por não achá-lo correto o suficiente. A timidez de Emily, que chegava às raias da grosseria, e a intensidade de suas paixões desagradavam Charlotte. Assim, Charlotte “editou” as informações sobre Emily quando se tornou responsável pelo espólio da irmã.

As irmãs escreviam em família: Emily e Anne liam os trabalhos uma da outra, e embora Charlotte nem sempre tivesse acesso ao que Emily escrevia, ambas utilizavam como matéria narrativa as experiências partilhadas. Tanto a Betsy de *Jane Eyre* quanto a Nelly

Dean de *O morro dos ventos uivantes* foram baseadas na criada da família.

Apesar de ser, entre as irmãs, a que mais acidamente criticava o comportamento do irmão, Branwell[1] (em quem aparentemente ela baseou o personagem Hindley, em *O morro dos ventos uivantes*), Emily foi quem mais agudamente sentiu sua morte, em 1848. O que indica que suas recriminações eram sinal menos de desagrado que de extremada preocupação com ele. Durante o serviço funerário do irmão choveu muito, e ela contraiu uma gripe, que evoluiu para uma tuberculose. Três meses após a morte de Branwell, Emily morreu, aos trinta anos, depois de ter recusado consistentemente atendimento médico. Como *O morro dos ventos uivantes* teve uma recepção dúbia, com muitos elogios e muitas críticas, ela jamais se inteirou da fama adquirida pelo romance, hoje considerado um clássico da literatura inglesa.

Esse romance, que traz vários dos tropos do romantismo, não tinha as qualidades necessárias para se impor como unanimidade na Inglaterra vitoriana. As paixões são extremadas demais; o próprio amor à natureza, um elemento literário largamente apreciado à época, não é aplicado a uma paisagem amena que sublime os sentimentos dos personagens, antes a um *locus horrendus*, que encena paixões descontroladas — um cenário de charnecas e pântanos, varrido por um vento inclemente, não por coincidência localizado no condado de Yorkshire. A infância é idealizada (ao menos por Catherine), mas não se trata de uma infância idílica, e sim de um período cheio de violências e privações; o amor não é o terno amor vitoriano, mas uma paixão desgovernada que deixa atrás de si um rastro de destruição.

Mesmo tendo defensores à época, o romance foi bastante detratado por alguns críticos, que afirmavam, por exemplo, que o cenário da narrativa seria não a Inglaterra, mas alguma província do inferno. Não é descabido imaginar, portanto, que essa parte da recepção, aliada à natural timidez de Emily, a tenha impedido de ir com as irmãs a Londres para se encontrar com W. S. Williams, o editor de *Jane Eyre*, quando Thomas Cautley Newby, o editor de *Agnes Grey* e *O morro dos ventos uivantes*, fez circular, por seus próprios motivos de propaganda, que os três romances haviam de fato sido escritos por uma única pessoa. As irmãs se apressaram a desfazer o equívoco.

Emily não chegou a ver o sucesso que seu romance alcançou, e as razões para ele são várias. *O morro dos ventos uivantes* utiliza uma linguagem carregada de vivacidade e paixão. Embora o uso de regionalismos não fosse absoluta novidade — Henry Fielding e Daniel Defoe, bem antes dela, o fizeram ocasionalmente para caracterizar as diferentes classes sociais e lugares de origem de seus personagens —, Emily utiliza-se de forma mais extensa e mais explícita da transcrição do sotaque de Yorkshire. Embora o nacionalismo, localizando a alma nacional na gente simples do país, seja uma das bandeiras do romantismo, os poetas românticos ingleses mantêm um apego a uma linguagem mais formal, inovando principalmente nas formas poéticas. Considerando que a poesia ainda ocupava lugar de centralidade no sistema literário inglês, a linguagem de *O morro dos ventos uivantes* é bastante inovadora.

Em termos de simbolismo — outro aspecto importante do uso da linguagem vitoriana —, os nomes dos personagens trazem significados que ressoam elementos da cultura inglesa. Como na

fábula bíblica, temos dois irmãos, um deles caçador (Hindley, que significa caçador de corças) e o outro, agricultor, ou coletor (Heathcliff significa penhasco coberto de plantas rasteiras). No entanto, aqui, o pai prefere o filho agricultor, em uma inovação em relação ao texto original (pois, embora adotado, Heathcliff recebe o nome do filho falecido, que provavelmente abrigava as esperanças do pai, precocemente desapontado com o filho mais velho). O nome da família, Earnshaw, significa recanto da águia, aludindo à localização da mansão familiar, no topo de uma colina. Essa escolha indica que, embora a mansão tenha sido construída em 1500, aquele espaço geográfico, facilmente defensável, já deveria ser habitado em épocas mais remotas. Assim, a família Earnshaw, embora não seja a mais rica da vizinhança, é a mais antiga, algo que, na sociedade inglesa, é bastante valorizado. Linton, por sua vez, significa assentamento ou vila, indicando uma inclinação mais citadina e sofisticada.

Edgar, o nome do personagem que consegue casar-se com Catherine, significa lança vitoriosa; enquanto Ellen, a narradora, que elucida os acontecimentos a seu ouvinte, o sr. Lockwood, significa “luz brilhante”. Catherine, por sua vez, significa pura, clara — epítetos mais aplicáveis à segunda Catherine, loura e afável, que à primeira, morena e vivaz. Isabella, a filha dileta do casal Linton, significa prometida por deus; e Hareton, o patriarca fundador da família Earnshaw, significa cidade das lebres, remetendo de novo às habilidades de caça, primitivas e ancestrais. Assim, os próprios nomes dos personagens apontam para as funções que terão na trama, e quando eles se repetem no decorrer do livro, indicam as duplicações que o romance abriga.

Dentro da historiografia da literatura inglesa (que difere ligeiramente das historiografias da literatura francesa ou brasileira), a publicação de *O morro dos ventos uivantes* acontece já durante o período vitoriano. O romance, além dos elementos românticos que apresenta, também se apropria, segundo Ellen Moers, de alguns dos elementos do gênero gótico. Enquanto a poesia continuava ocupando o lugar da alta literatura, como as irmãs bem percebiam, desde 1764, ano da publicação de *O castelo de Otranto*, de Horace Walpole, romances góticos passaram a empolgar a imaginação do público leitor. Fácil de ler, apelativo e nem sempre de bom gosto, o romance gótico era também bastante previsível. Alguns elementos são indispensáveis — e ao menos variantes deles podem ser encontradas em *O morro dos ventos uivantes*.

O enredo padrão do romance gótico envolve a usurpação de um solar ancestral por um impostor ou tirano, o que acontece quando Heathcliff acaba se assenhorando da casa da família Earnshaw, e depois de Thrushcross Grange, o solar da família Linton. Dentro desse tipo de narrativa, é imprescindível a figura do vilão, que aqui aparece como a criança adotada, de origens obscuras, que acaba por tramar a ruína da família que a recebeu. Além de se apossar dos bens materiais, o vilão também conspira contra a segurança da heroína, a donzela indefesa, representada pela segunda Catherine. O castelo mal-assombrado é a casa da família Earnshaw, assombrada pelo fantasma da primeira Catherine. Além disso, a figura do duplo, muito utilizada nos romances góticos, encontra nesse romance ampla aplicação. Não apenas os nomes se repetem entre os personagens (a filha de Catherine recebe o nome da mãe; o filho de Heathcliff recebe o patronímico mas seu nome de batismo

é Linton, Hareton recebe o nome do construtor da casa); além disso, Catherine declara que ela é Heathcliff; os dois são igualmente desobedientes e rebeldes e têm gostos semelhantes; eles se tornam inseparáveis. Assim, um se torna o duplo do outro.

Esse duplo, no entanto, é apenas o mais evidente do romance. Na verdade, a duplicação torna-se estrutural em *O morro dos ventos uivantes*. Estudiosos da literatura como Martha Nussbaum, Steven Vine e Joseph Carrol, em artigos nos quais se debruçam sobre o romance, partindo de aportes teóricos diversos e apresentando leituras de diferentes aspectos dessa narrativa, são unânimes em destacar que ele se divide em duas partes. Vine afirma que "o romance se move de um estilo gótico-romântico para um enredo vitoriano-doméstico";[2] Nussbaum nomeia especificamente "a segunda parte do romance", e Carrol afirma que o romance se divide em uma primeira parte, trágica, e outra, que se configura como uma comédia romântica.

No entanto, essa constatação, embora generalizada, falha em perceber que essa estrutura peculiar encena a duplicação, um elemento de muita relevância no gênero gótico. Não apenas Catherine e Heathcliff são duplos um do outro, mas a força de sua paixão não fica circunscrita a suas pessoas. O romance conta com uma moldura — um narrador externo aos acontecimentos, um homem do mundo, o sr. Lockwood, que tem o capricho de alugar uma casa isolada e pede à caseira que lhe conte as histórias do povo da região para distraí-lo. Ellen — Nelly Dean —, que foi empregada antes, e agora se encontra em Thrushcross Grange, para onde foi acompanhando a primeira Catherine, conta a ele a história do seu senhorio, Heathcliff, do momento em que chegou à

casa, um órfão recolhido nas ruas de Liverpool pelo sr. Earnshaw, até o momento presente. Os narradores se alternam, mas Nelly toma a palavra a maior parte do tempo.

Se a narrativa da primeira parte é centrada em um par de amantes que encontram obstáculos em seu caminho e findam por ser separados, a segunda parte entalha essa história de amor, dessa vez com um final feliz. Heathcliff, o extremado apaixonado pela primeira Catherine, confessa a Nelly Dean que vê a si mesmo — suas paixões, seu desejo de se alçar acima de suas limitações, seu confuso sentimento de injustiça — quando olha para Hareton. A primeira Catherine opta pelo pretendente mais vantajoso do ponto de vista econômico, ainda que com a intenção de sobrepujar as limitações que Hindley, após a morte do patriarca, vingativamente impõe a Heathcliff, como o fim das aulas com o tutor, que passa a ensinar apenas a Catherine. No entanto, independentemente de suas intenções, sua escolha estabelece uma separação, que não poderia ser superada, entre ela e seu primeiro amor.

Seria leviano reduzir a trajetória de Catherine à velha história de uma mulher que escolhe o pretendente mais rico em vez daquele por quem tem os sentimentos mais fortes. Em primeiro lugar, ela jamais pretendeu se apartar de Heathcliff. No entanto, o orgulho de seu companheiro de infância não suporta a solução encontrada por ela para o abismo social aberto entre eles. Qualquer intenção que houvesse de assegurar uma herança a Heathcliff não foi colocada na letra da lei, e, portanto, Hindley, o dono legal da casa e das terras, deixa claro que o órfão não receberia um centavo. Heathcliff parte, mas ele tampouco pretende que essa seja uma separação. Ele pretende voltar merecedor da afeição dela, e poder pedi-la em

casamento, o que efetivamente faz. No entanto, ele não contava que, nesse intervalo, ela de fato casaria com seu rival. Dessa forma, ambos pretendem ficar juntos, de alguma forma, mas eventos sobre os quais eles têm pouco controle os separam.

A segunda Catherine, por sua vez, despreza Hareton, o herdeiro legítimo que, como em um romance gótico, é despossuído de sua herança. Ele trabalha nos campos, é rústico, não sabe ler, fala com um sotaque pesado, típico da classe proletária, pragueja, enfim, não tem o lustro que ela deseja. Ela aprecia seu outro primo, Linton, educado e bem-vestido, e acaba sendo empurrada por Heathcliff a se casar com ele. Assim, aparentemente, sua história de amor acabaria aqui. No entanto, Linton falece em consequência de sua frágil saúde, e ela perde sua herança da mesma forma como Hareton havia perdido a sua: tomada como parte do projeto de vingança de Heathcliff. Aqui, os amantes não são amigos desde a infância, tornados diferentes e separados posteriormente: eles iniciam muito diferentes e são levados por circunstâncias que não podem controlar, e nem que sequer dizem respeito a eles diretamente, a uma situação muito semelhante, a de perderem suas fortunas para o mesmo homem.

Postos em um patamar bastante parecido, eles podem enfim se encontrar e começar a construir pontes entre as distâncias existentes entre eles, que afinal são os herdeiros das duas grandes casas da região e deveriam naturalmente ser reunidos por razões de classe, dentro da lógica dos casamentos arranjados. Mas aqui o casamento acaba por ocorrer porque eles se apaixonam, e assim o escolhem. Dessa forma, a segunda parte da narrativa espelha de perto a primeira, com as mudanças necessárias para ensejar um

final feliz. Ironicamente, as mudanças serão, ao menos em parte, ocasionadas pelo homem que queria se vingar de ambas as famílias.

E por que Heathcliff acaba por ocasionar o final feliz que fora impossível para ele? A resposta imediata é que ele morre sem deixar testamento, e por isso seus bens são herdados pela parente mais próxima, a nora, viúva de seu falecido filho, Linton. Essa resposta, prática como é, deixa de lado o aspecto mais importante desse evento. Embora acredite em fantasmas, e mais de uma vez implore a Catherine, depois de sua morte, que o acompanhe, que se encontre com ele, que não o abandone, ele jamais tem seu pedido atendido. Até mesmo Lockwood, o infeliz locatário que acaba acomodado no quarto de criança de Catherine, encontra-se, para seu pavor, com o fantasma dela. Mas Heathcliff nunca o consegue. Até um momento em que, sem qualquer explicação, ele começa a seguir com os olhos algo que ninguém mais consegue ver. Mostra-se feliz, mas não consegue comer nem dormir, pois toda a sua atenção está monopolizada por esse objeto.

Ellen Dean, a narradora, jamais concede que seria o fantasma de Catherine, mas reconhece que deseja se mudar para Thrushcross Grange, pois se sente inquieta quando a noite começa a descer na casa que talvez seja mal-assombrada pela memória de todos os sofrimentos que albergou. Assim, como em um legítimo romance gótico, o elemento sobrenatural é imprescindível para a resolução do conflito narrativo. Por outro lado, o romance não termina sem dar algum grau de certeza ao leitor: um pastorzinho e suas ovelhas não se atrevem a passar de um determinado ponto, pois ele viu “Heathcliff e a mulher” passeando na estrada.

Por fim, a violência da paixão impossível de Catherine e Heathcliff, capaz de atravessar o tempo e se realizar, seja enquanto fantasmas na charneca, seja enquanto herdeiros que enfim conseguem alcançar um final feliz onde seus antecessores fracassaram, não tem falhado em cativar a atenção de leitores apaixonados desde sua publicação. A tímida Emily Brontë encontraria dificuldades em esconder a satisfação que tal conhecimento lhe causaria.

# Notas

1. Patrick, o irmão, era chamado pelo sobrenome materno para diferenciá-lo do pai.
2. "… *the novel moves from a Romantic-Gothic to a Victorian-domestic plot*". Steven Vine, "The Wuther of the Other in *Wuthering Heights*". *Nineteenth-Century Literature*, University of California Press, v. 49, n. 3, p. 355, dez. 1994.

# O morro dos ventos uivantes

volume i

# i

1801. Acabo de voltar de uma visita ao meu senhorio — o único vizinho com o qual terei de me preocupar. Esta decerto é uma bela região! Acredito que em nenhum outro lugar da Inglaterra eu teria encontrado um local tão completamente afastado do burburinho da sociedade. É um paraíso perfeito para um misantropo, e o sr. Heathcliff e eu somos um par muito apropriado para dividir este deserto. Ele é um grande sujeito! Nem seria capaz de imaginar até que ponto ganhou minha simpatia quando, ao me aproximar a cavalo, vi-o franzir o cenho sobre os olhos negros de modo tão desconfiado — e quando seus dedos se abrigaram, com uma resolução apreensiva, ainda mais fundo no colete no momento em que eu disse meu nome.

“Sr. Heathcliff?”, perguntei.

A resposta foi um aceno de cabeça.

“Sou o sr. Lockwood, seu novo inquilino. Permiti-me a honra de visitá-lo o mais cedo possível após minha chegada para dizer que espero não lhe ter causado nenhuma inconveniência com minha insistência em pedir para ocupar Thrushcross Grange: ontem, ouvi dizer que o senhor tinha pensado em…”

“Thrushcross Grange me pertence”, interrompeu ele, com um gesto irritado, “e eu não iria permitir que ninguém me causasse uma inconveniência se pudesse impedi-lo. Entre!”

Aquele “entre” foi dito com os dentes cerrados e expressou o mesmo que “Vá para o diabo!”. Nem sequer o portão sobre o qual ele se debruçava manifestou um movimento concordante com as palavras, e creio que foi isso que me fez decidir aceitar o convite: senti interesse por aquele homem, que parecia mais exageradamente reservado do que eu.

Quando ele viu o peito do meu cavalo praticamente empurrando a barreira, aí sim, estendeu a mão para abrir a corrente e subiu, amuado, o passadiço, dizendo bem alto quando entramos no pátio:

“Joseph, pegue o cavalo do sr. Lockwood e traga um vinho.”

“Esta é toda a criadagem, suponho”, pensei ao ouvir o comando duplo. “Não é à toa que a grama cresce por entre as lajes e só o gado corta as sebes.”

Joseph era um homem maduro — não, um homem velho, talvez muito velho, embora saudável e vigoroso.

“Deus nos ajude!”, soliloquiou ele num murmúrio rabugento enquanto tomava as rédeas do meu cavalo, encarando-me com uma expressão tão azeda que eu, generosamente, imaginei que devia precisar de ajuda divina para digerir o almoço e que aquela interjeição piedosa não fazia referência à minha chegada inesperada.

Wuthering Heights é o nome da residência do sr. Heathcliff, sendo “wuthering” um regionalismo expressivo que descreve o tumulto atmosférico ao qual sua localização fica exposta quando há tempestade.[1] De fato, eles devem ter uma ventilação pura e

revigorante lá em cima o tempo todo: pode-se adivinhar o poder do vento norte que sopra na beirada do penhasco pela enorme inclinação dos poucos abetos atrofiados atrás da casa e pelos diversos espinheiros esquálidos que esticam os braços todos na mesma direção, como quem pede esmolas ao sol. Felizmente, o arquiteto teve a prudência de construí-la forte: as janelas estreitas são encravadas nas paredes e os cantos, defendidos por grandes pedras salientes.

Antes de cruzar a soleira, parei para admirar diversos entalhes grotescos feitos na frente da casa, principalmente acima da porta principal, sobre a qual, entre uma mixórdia de grifos quebrados e menininhos desavergonhados, detectei a data de 1500 e o nome Hareton Earnshaw. Eu teria feito alguns comentários e pedido um histórico do lugar ao seu mal-humorado dono, mas a postura dele à porta parecia exigir que eu entrasse depressa ou fosse embora de vez, e não desejava agravar sua impaciência antes de inspecionar o *penetralium*.

Um passo nos levou à sala de estar usada pela família, sem nenhum saguão ou corredor introdutório: é o que eles chamam de “a casa” propriamente nesta região. Em geral, inclui uma cozinha e uma sala, mas acredito que em Wuthering Heights a cozinha foi forçada a se retirar para outro aposento — pelo menos, ouvi um burburinho de vozes e um estardalhaço de utensílios culinários vindos das profundezas, e não observei nenhum sinal de assados ou cozidos na enorme lareira, nem o brilho de frigideiras de cobre ou caçarolas de lata nas paredes. Mas num dos lados havia uma vasta cômoda de carvalho que refletia esplendidamente tanto a luz quanto o calor em imensas travessas de estanho que se alternavam com

canecas e jarros de prata, fileira após fileira, até chegar ao teto. Este último jamais fora coberto de qualquer material; sua anatomia completa estava exposta aos olhos curiosos, a não ser nos locais onde uma pilastra de madeira repleta de pães de aveia e pernis de boi, carneiro e porco a ocultavam. Em cima da chaminé havia diversas velhas armas de aspecto perverso e um par de pistolas de cavalaria; e sobre o consolo, à guisa de ornamento, três latões pintados de maneira chamativa. O chão era de pedra branca e lisa; as cadeiras, estruturas primitivas de espaldar alto, pintadas de verde, com uma ou duas pretas e pesadas espreitando das sombras. Num arco sob a cômoda repousava uma gigantesca pointer fêmea de cor marrom, cercada por uma ninhada de filhotes que guinchavam; e outros cães guardavam outros recessos.

O aposento e os móveis não seriam nada extraordinários se pertencessem a um fazendeiro rústico do norte com um semblante teimoso e membros rijos realçados por *culottes* e polainas. Tal indivíduo, sentado em sua poltrona com sua caneca de cerveja espumando na mesa redonda à frente, pode ser encontrado em qualquer raio de cinco ou seis milhas entre estas colinas se você fizer sua visita na hora certa, depois do almoço. Mas o sr. Heathcliff forma um contraste singular com sua residência e seu estilo de vida. Seu aspecto é o de um cigano de pele escura, e suas roupas e seus modos, os de um cavalheiro. Quer dizer, ele não é mais refinado que muitos proprietários rurais: um tanto desmazelado, talvez, mas essa negligência não lhe dá má aparência, já que ele possui uma figura ereta e bonita; e é bastante soturno — possivelmente, algumas pessoas suspeitam que tenha um certo orgulho vulgar. No entanto, sinto uma simpatia por ele que me diz que não é nada

disso; sei, por instinto, que sua reserva vem de uma aversão a grandes exibições de emoção, a manifestações de gentileza mútua. Ele ama e odeia, escondendo igualmente o que sente, e considera uma espécie de impertinência ser amado e odiado em troca. Não, estou indo rápido demais — dando-lhe os meus próprios atributos com generosidade excessiva. O sr. Heathcliff talvez tenha motivos para esconder a mão quando encontra alguém que deseja se apresentar, motivos completamente diferentes daqueles que me dominam. Preciso ter a esperança de que meu temperamento seja quase raro: minha querida mãe costumava dizer que eu jamais teria um lar confortável, e no último verão mesmo, provei ser inteiramente indigno de um.

Enquanto desfrutava de um mês de tempo bom no litoral, acabei conhecendo uma criatura fascinante — uma verdadeira deusa aos meus olhos, enquanto não me notasse. Eu “jamais declarei o meu amor” em voz alta, mas, se os olhares têm uma linguagem, um mero idiota poderia ter adivinhado que eu estava de cabeça virada. Ela, afinal, me compreendeu e disse, com os olhos, que retribuía — com o mais doce dos olhares imagináveis. E eu, o que fiz? Confesso-o, envergonhado: me retraí gelidamente para dentro de mim mesmo, como um caracol; a cada mirada, ficava mais frio e mais distante; até que, afinal, a pobre inocente foi levada a duvidar dos próprios sentidos e, tomada de constrangimento devido ao suposto erro, persuadiu sua mãe a bater em retirada.

Graças a esse temperamento curioso, ganhei a reputação de ser deliberadamente cruel. Quão merecida, só eu sei avaliar.

Sentei-me na ponta da lareira oposta àquela para onde meu senhorio se dirigia e ocupei um intervalo de silêncio tentando

acariciar a cadela mãe que deixara sua ninhada e estava se esgueirando até a parte de trás das minhas pernas como uma loba, com os lábios retraídos e os dentes brancos loucos por uma mordida.

Minha carícia provocou um grunhido longo e gutural.

“É melhor o senhor deixar a cadela em paz”, rugiu o sr. Heathcliff em uníssono, impedindo demonstrações mais ferozes com um chute. “Ela não é acostumada a ser mimada. Não é um bicho de estimação.”

Então, indo a passos largos até uma porta lateral, ele gritou de novo:

“Joseph!”

Joseph soltou um murmúrio incompreensível das profundezas do porão, mas não deu sinais de que ia subir; assim, seu patrão mergulhou a seu encontro, deixando-me vis-à-vis à cadela valentona e a uma dupla de cães pastores peludos que, assim como ela, acompanharam atentamente todos os meus movimentos.

Como eu não estava nada ansioso para entrar em contato com suas presas, fiquei imóvel — mas, imaginando que não iriam compreender insultos tácitos, infelizmente permiti-me piscar o olho e fazer caretas para o trio, e algo em minha fisionomia irritou tanto a madame que ela teve um ataque de fúria e pulou nos meus joelhos. Atirei-a longe e apressei-me em colocar a mesa entre nós. Esse gesto despertou todo o bando. Meia dúzia de demônios de quatro patas, de tamanhos e idades diversos, saíram de seus esconderijos e vieram para o mesmo ponto. Senti que meus calcanhares e a barra do meu casaco eram os alvos mais atacados; e, usando o atiçador para me defender da melhor maneira possível dos

combatentes maiores, fui obrigado a exigir em voz alta o auxílio de alguém da casa para restabelecer a paz.

O sr. Heathcliff e seu criado subiram os degraus do porão com uma irritante fleuma. Acho que não se moveram nem um segundo mais depressa do que o normal, embora diante da lareira houvesse uma tormenta de grunhidos e ganidos.

Por felicidade, uma habitante da cozinha foi mais rápida; uma senhora robusta com o vestido erguido, os braços nus e as bochechas coradas pelo fogo chegou correndo e brandindo uma frigideira; e usou essa arma e sua língua com tanta eficiência que a tempestade se dissipou magicamente e restou apenas ela, arfante como um mar após um vento forte, quando seu patrão surgiu na cena.

“Que diabos aconteceu?”, perguntou ele, me encarando de uma maneira que eu quase não consegui suportar depois daquele tratamento nada hospitaleiro.

“Que diabos, de fato!”, murmurei. “A manada de porcos possuída não poderia ter almas mais perversas do que esses seus animais. É o mesmo que deixar um estranho com um bando de tigres!”

“Eles não mexem com pessoas que não tocam em nada”, disse o sr. Heathcliff, pondo a garrafa na minha frente e colocando a mesa de novo no lugar. “Os cães têm razão de serem vigilantes. Quer uma taça de vinho?”

“Não, obrigado.”

“Não foi mordido, foi?”

“Se tivesse sido, teria deixado a minha marca em quem mordeu.”

O semblante de Heathcliff relaxou num esgar.

“Ora, ora”, disse ele, “o senhor está agitado, sr. Lockwood. Tome, beba um pouco de vinho. Convidados são tão raros nesta casa que eu e meus cães, admito, não sabemos direito como recebê-los. À sua saúde!”

Fiz uma mesura e retribuí o brinde, começando a perceber que seria tolice ficar amuado devido ao mau comportamento de uma matilha de vira-latas; além do mais, não estava inclinado a dar àquele sujeito mais motivo para rir às minhas custas, já que aquele era o tipo de humor que ele tinha.

Ele — provavelmente influenciado por prudentes considerações sobre a estupidez de ofender um bom inquilino — relaxou um pouco, passando a usar o estilo lacônico de quem corta pronomes e verbos auxiliares, e introduziu um assunto que supôs ser do meu interesse: as vantagens e desvantagens do meu local de descanso atual.

Eu o achei muito inteligente nos tópicos que nós discutimos e, antes de ir para casa, senti-me encorajado a ponto de me oferecer para fazer-lhe outra visita no dia seguinte.

O sr. Heathcliff evidentemente não desejou que minha intrusão se repetisse. Mas eu irei mesmo assim. É impressionante como me sinto sociável em comparação a ele.

---

1. “Wuthering” é um regionalismo do norte da Inglaterra que significa “forte e uivante”. Em 1928, antes que o romance de Emily Brontë houvesse sido traduzido no Brasil, o poeta Tasso da Silveira escreveu o poema “A balada de Emily Brontë”, cujos primeiros versos dizem: “No Morro do Vento Uivante/ o vento passa uivando, uivando…/ No Morro do Vento Uivante/ há um casarão sombrio/ cheio de salas vazias/ e corredores vazios…”. Todas as traduções subsequentes de Wuthering Heights no Brasil usaram no título “O morro do vento uivante”, no singular ou no plural. A tradução consagrada foi mantida no título desta edição, mas, no texto, o nome da casa permanece no original. (n. t.)

# ii

A tarde de ontem surgiu enevoada e fria. Eu quase decidi passá-la diante do fogo do meu escritório em vez de atravessar as urzes e a lama para ir a Wuthering Heights.

Depois do almoço, no entanto (n. b.,[2] eu almoço entre meio-dia e uma hora; a governanta, uma matrona que é quase parte da mobília da casa, não pôde, ou não quis, compreender meu pedido de ser servido às cinco), ao subir a escada com essa ideia preguiçosa e entrar no cômodo, vi uma criada de joelhos, cercada por escovas e baldes de carvão, fazendo uma poeirada infernal ao extinguir as chamas com pilhas de cinzas. Esse espetáculo me fez dar meia-volta imediatamente. Peguei meu chapéu e, após uma caminhada de quatro milhas, cheguei ao jardim de Heathcliff bem a tempo de escapar dos primeiros flocos leves da neve que começava a cair.

Uma geada negra deixara a terra dura naquele topo lúgubre de colina, e o ar fez o meu corpo todo tremer. Como não consegui tirar a corrente, pulei e, correndo pelas lajes do passadiço ladeado por groselheiras esparsas, bati, em vão, pedindo para entrar, até que os nós dos meus dedos ardessem e os cães começassem a uivar.

“Desgraçados!”, vociferei mentalmente, “vocês merecem ser isolados dos seus semelhantes em caráter perpétuo por essa falta de hospitalidade grosseira. Eu, pelo menos, não manteria minha porta trancada durante o dia. Não quero saber — vou entrar!”

Com essa resolução, agarrei o trinco e sacudi-o com veemência. A cabeça de Joseph, com sua cara azeda, saiu de uma janela redonda do celeiro.

“O que o sinhô quer?”, gritou ele. “O patrão tá na colina. Passe por de trás dos cavalos, se quiser falar com ele.”

“Não tem ninguém aqui dentro para abrir a porta?”, gritei em resposta.

“Ninguém, só a senhora. E ela num vai abrir, nem que o sinhô faça essa bagunça até de noite.”

“Por quê? Você não pode dizer a ela quem eu sou, hein, Joseph?”

“Eu não! Não quero ter nada que vê com isso”, murmurou a cabeça, desaparecendo.

A neve começou a cair forte. Eu tinha agarrado a maçaneta para fazer outra tentativa quando um rapaz sem casaco e com um forcado em cima do ombro apareceu no quintal atrás da casa. Ele gritou para que eu o seguisse, e após marchar por uma lavanderia e uma área pavimentada contendo um depósito de carvão, uma bomba de água e um pombal, afinal entramos no aposento grande, quente e alegre onde eu fora recebido na ocasião anterior.

Ele estava deliciosamente iluminado por um imenso fogo composto de carvão, turfa e lenha; e, ao lado da mesa posta para um farto chá, tive o prazer de observar a “senhora”, um indivíduo de cuja existência jamais suspeitara.

Fiz uma mesura e esperei, achando que ela ia me pedir que me sentasse. Ela me olhou, recostada na cadeira, e permaneceu imóvel e muda.

“Que tempo ruim!”, comentei. “Lamento, sra. Heathcliff, mas o chão teve de sofrer as consequências da demora de seus criados em me atender: foi difícil fazê-los me ouvir!”

Ela nem abriu a boca. Continuei a fitá-la — ela me fitou de volta. Pelo menos, manteve os olhos em mim com uma expressão fria e indiferente que era profundamente constrangedora e desagradável.

“Sente-se”, disse o rapaz, num tom rude. “Ele já vem.”

Obedeci; pigarreei e chamei aquela malvada Juno, que se dignou, nesse segundo encontro, a mexer a pontinha da cauda, mostrando que me conhecia.

“Um belo animal!”, recomecei. “A senhora pretende dar os filhotes?”

“Eles não são meus”, disse minha amável anfitriã, num tom ainda mais antipático do que Heathcliff poderia ter usado.

“Ah, os seus preferidos são esses!”, continuei, voltando-me para uma almofada escura repleta de algo que pareciam ser gatos.

“Estranha preferência”, observou ela, com desdém.

Por infelicidade, aquilo era uma pilha de coelhos mortos. Pigarreei mais uma vez e me aproximei da lareira, repetindo meu comentário sobre a tarde turbulenta.

“O senhor não deveria ter saído”, disse ela, se erguendo e pegando dois dos latões pintados do consolo da lareira.

Antes, ela estivera numa posição abrigada da luz; então, pude ver bem todo o seu corpo e o seu semblante. Era esguia e parecia mal ter saído da infância. Tinha uma silhueta admirável e o rostinho mais

magnífico que já tive o prazer de observar: feições delicadas e muito brancas, cachinhos louros, ou melhor, dourados, cascateando sobre o pescoço delgado, e uns olhos… se eles tivessem uma expressão agradável, teriam sido irresistíveis. Para sorte do meu coração suscetível, a única emoção que exprimiam ficava entre o escárnio e uma espécie de desespero — e era excepcionalmente estranho detectar aquela emoção ali.

Os latões estavam quase fora do alcance da sra. Heathcliff. Fiz um gesto para ajudá-la e ela se voltou para mim como um avarento poderia ter se voltado se alguém houvesse tentado ajudá-lo a contar seu ouro.

“Não quero a sua ajuda”, disse, irritada. “Posso pegar sozinha.”

“Desculpe”, respondi, depressa.

“O senhor foi convidado para o chá?”, exigiu saber a moça, amarrando um avental sobre o vestido preto limpo com uma colher cheia das folhas suspensa sobre a chaleira.

“Ficarei feliz em tomar uma xícara”, respondi.

“Foi convidado?”, repetiu ela.

“Não”, disse eu, com um meio-sorriso. “A senhora é a pessoa certa para me convidar.”

Ela atirou o chá de volta com colher e tudo e voltou a se sentar, amuada, com a testa franzida e o lábio inferior vermelho para fora, como o de uma criança prestes a cair no choro.

Enquanto isso, o rapaz se cobrira com uma jaqueta decididamente puída e, postando-se diante do fogo, observou-me do canto dos olhos como se entre nós houvesse alguma contenda mortal não resolvida. Comecei a me perguntar se ele era ou não um criado; suas roupas e seu modo de falar eram ambos grosseiros,

completamente desprovidos da superioridade observável no sr. e na sra. Heathcliff; seus cachos fartos e castanhos eram ásperos e desgrenhados, suas suíças invadiam as bochechas como se ele fosse um urso e suas mãos eram marrons como as de um trabalhador comum; no entanto, ele tinha uma postura desembaraçada, quase altiva, e não demonstrou nada da assiduidade de um empregado doméstico em servir a senhora da casa.

Sem nada que provasse claramente sua posição, achei melhor me abster de comentários sobre sua conduta curiosa e, cinco minutos mais tarde, a chegada de Heathcliff me tirou, até certo ponto, daquela situação desagradável.

“O senhor vê que eu vim, como prometido!”, exclamei, afetando um tom alegre. “E temo que o tempo vá me prender aqui por meia hora, se puder me dar abrigo durante esse período.”

“Meia hora?”, disse ele, sacudindo os flocos brancos das roupas. “Eu me admiro de o senhor ter escolhido o auge de uma nevasca para sair passeando. Sabia que corre o risco de se perder nos pântanos? Quem conhece esses urzais muitas vezes não encontra a estrada em noites como esta, e posso lhe garantir que não há chance de o tempo mudar por enquanto.”

“Talvez um de seus empregados possa servir de guia, e ficar na Grange até de manhã. O senhor poderia me ceder um deles?”

“Não, não poderia.”

“É mesmo? Bem, então terei de confiar na minha própria sagacidade.”

“Humf!”

“Você vai fazer o chá?”, exigiu saber o rapaz da jaqueta puída, tirando o olhar feroz de mim e voltando-o para a moça.

“*Ele* vai beber?”, perguntou ela, dirigindo-se a Heathcliff.

“Faça de uma vez, ande.” Essa resposta foi dita de maneira tão cruel que eu tive um sobressalto. O tom das palavras revelou um temperamento genuinamente mau. Eu não estava mais inclinado a descrever Heathcliff como um grande sujeito.

Quando os preparativos tinham cessado, ele me convidou, dizendo:

“Aproxime sua cadeira, senhor.” E todos nós, inclusive o jovem rústico, colocamos nossas cadeiras ao redor da mesa, com um silêncio austero prevalecendo enquanto consumíamos nossa refeição.

Eu senti que, se havia causado aquela nuvem, era meu dever fazer um esforço para dissipá-la. Eles não podiam ser tão sérios e taciturnos todos os dias — por pior que fosse seu gênio, era impossível que aquelas carrancas fossem seu semblante cotidiano.

“É estranho”, disse eu, no intervalo entre beber uma xícara de chá e ser servido de outra, “como o hábito consegue moldar nossos gostos e ideias. Muitos seriam incapazes de imaginar que a felicidade poderia existir numa vida de exílio tão completo do mundo quanto a que o senhor leva, sr. Heathcliff. No entanto, eu ouso dizer que, cercado por sua família, e tendo sua amável senhora a presidir seu lar e seu coração…”

“Minha amável senhora!”, ele interrompeu, com um sorriso de escárnio quase diabólico no rosto. “Onde está ela, a minha amável senhora?”

“Eu quis dizer a sra. Heathcliff, sua esposa.”

“Ah, bem. Sim! O senhor deseja insinuar que o espírito dela assumiu o posto de anjo da guarda da casa, e que ela toma conta dos destinos de Wuthering Heights, mesmo após seu corpo ter perecido. É isso?”

Percebendo que tinha cometido um erro, tentei corrigi-lo. Devia ter visto que havia uma disparidade grande demais entre as idades daquelas duas pessoas para que fosse provável que fossem marido e mulher. Um tinha cerca de quarenta anos, um período de vigor mental no qual os homens raramente acalentam a ilusão de que uma menina vá se casar com eles por amor: esse sonho é reservado para o consolo da nossa velhice. A outra parecia ainda não ter completado dezessete anos.

Então, tive um lampejo. “Esse palhaço ao meu lado que está tomando chá numa tigela e comendo pão com as mãos sujas talvez seja o marido dela. Heathcliff Júnior, é claro. Essa é a consequência de ser enterrada viva: ela se atirou nos braços desse grosseirão por pura ignorância de que existem indivíduos melhores! Uma grande pena — preciso me cuidar para não fazê-la se arrepender de sua escolha.”

O último pensamento talvez pareça presunçoso, mas não era. O homem ao meu lado parecia-me quase repulsivo. Eu, por experiência, sabia ser razoavelmente atraente.

“A sra. Heathcliff é minha nora”, disse Heathcliff, confirmando a minha suposição. Ao dizer isso, ele olhou-a com uma expressão peculiar — um olhar de ódio, a não ser que ele tenha músculos faciais teimosos em último grau, que se recusam a interpretar a linguagem da sua alma como fazem os de toda a gente.

“Ah, decerto — compreendo agora. O senhor é o feliz possuidor dessa fada bondosa”, comentei, voltando-me para o homem ao meu lado.

Foi pior do que antes. O rapaz ficou escarlate e cerrou os punhos com toda a aparência de quem estava considerando cometer uma agressão. Mas ele logo pareceu se controlar e abafou a tempestade com uma imprecação brutal dirigida a mim — mas que tomei o cuidado de ignorar.

“O senhor é infeliz em suas conjecturas!”, observou o meu anfitrião. “Nenhum de nós dois tem o privilégio de possuir essa tal fada boa. O marido dela morreu. Eu disse que ela era minha nora; portanto, é evidente que foi casada com meu filho.”

“E esse rapaz é…”

“Não é meu filho, decerto!”

Heathcliff sorriu de novo, como se fosse atrevimento demais atribuir a ele a paternidade daquele urso.

“Meu nome é Hareton Earnshaw”, rugiu o rapaz, “e eu o aconselho a respeitá-lo!”

“Eu não desrespeitei ninguém”, respondi, intimamente achando graça da dignidade com que ele se anunciava.

Ele me encarou por mais tempo do que desejei encará-lo de volta, com medo de me sentir tentado ou a dar-lhe um tapa na orelha, ou a rir de maneira audível. Comecei a me sentir indubitavelmente deslocado naquele agradável círculo familiar. A atmosfera lúgubre vencia e mais do que neutralizava os confortos físicos ao meu redor; e eu resolvi ter cautela antes de me aventurar pela terceira vez sob aquele teto.

Como a refeição havia sido concluída e ninguém tinha dito uma palavra de conversa sociável, me aproximei da janela para examinar o tempo.

Vi uma cena desoladora: a noite escura descendo prematuramente, e o céu e as colinas impossíveis de discernir no redemoinho gélido de vento e neve sufocante.

“Acho que será impossível chegar em casa agora sem um guia!”, não pude deixar de exclamar. “As estradas já devem estar soterradas; e, mesmo se estivessem descobertas, eu não conseguiria enxergar nem um palmo à minha frente.”

“Hareton, leve aquela meia dúzia de ovelhas para o alpendre do celeiro. Elas vão ficar cobertas de neve se passarem a noite inteira na colina. E coloque uma tábua na frente delas.”

“E eu, o que devo fazer?”, continuei, com uma irritação crescente.

Ninguém respondeu a minha pergunta; e, olhando em torno, vi apenas Joseph trazendo um balde de mingau para os cães e a sra. Heathcliff inclinada sobre o fogo, se distraindo ao queimar um feixe de fósforos que tinha caído do consolo da lareira quando ela recolocara o latão de chá no lugar.

O primeiro, após depositar no chão o peso que carregava, examinou a sala com uma expressão crítica e disse rispidamente, com sua voz desafinada:

“Não entendo como aguenta ficar aí à toa com os outros tudo lá fora! Mas você num vale de nada e não adianta falar. Nunca que vai melhorar e vai acabar encontrando o tinhoso que nem a senhora sua mãe!”

Imaginei, por um instante, que tal obra de eloquência fosse dirigida a mim; e, bastante enfurecido, me aproximei do velho

canalha com a intenção de chutá-lo porta afora.

A resposta da sra. Heathcliff, no entanto, me impediu de fazê-lo.

“Seu velho hipócrita horroroso! Não tem medo de ser arrastado fisicamente quando fala do demônio? Tome cuidado e pare de me irritar, ou eu irei pedir que você seja raptado como um favor especial. Atenção, olhe, aqui, Joseph”, disse ela, pegando um livro comprido e preto de uma prateleira. “Vou lhe mostrar os progressos que fiz em magia negra. Logo terei competência para esvaziar a casa. A vaca vermelha não morreu por acidente; e seu reumatismo não pode ser considerado uma dádiva divina!”

“Ah, marvada, marvada!”, disse o ancião, arfante. “Que o Sinhô Deus nos proteja do mal!”

“Não, miserável! Você é um enjeitado — saia daqui, ou vou machucá-lo seriamente! Farei modelos de todos vocês em cera e argila, e o primeiro que ultrapassar os limites que eu definir, irá… não direi o que irá lhe acontecer — você verá! Vá, estou olhando para você!”

A bruxinha fez surgir uma malignidade fingida em seus lindos olhos e Joseph, tremendo com um horror sincero, saiu correndo, rezando e dizendo “marvada!”.

Imaginei que a conduta dela devia ser motivada por uma espécie de divertimento perverso; e, agora que estávamos a sós, tentei fazer com que se interessasse pelo meu infortúnio.

“Sra. Heathcliff”, disse, ansiosamente, “perdoe-me por incomodá-la — tenho essa ousadia porque, com esse rosto, tenho certeza de que a senhora não pode deixar de possuir um bom coração. Por favor, mencione alguns marcos da estrada que eu possa usar para

achar o caminho de casa. Faço tanta ideia de como chegar lá quanto a senhora faz de como chegar a Londres!”

“Vá pela estrada que pegou para vir para cá”, respondeu ela, se aninhando numa poltrona com uma vela e o livro comprido aberto diante de si. “É um conselho sucinto, mas o melhor que posso dar.”

“Então, se a senhora souber que encontraram o meu cadáver num brejo ou num poço cheio de neve, sua consciência não sussurrará que foi em parte culpa sua?”

“E por quê? Eu não posso acompanhá-lo. Eles não me deixariam ir nem até o muro do jardim.”

“A *senhora*! Eu lamentaria pedir que passasse da soleira da porta em nome da minha conveniência numa noite como esta!”, exclamei. “Quero que me *diga* qual é o caminho, não que me *mostre*; ou que convença o sr. Heathcliff a me ceder um guia.”

“Quem? Há ele, Earnshaw, Zillah, Joseph e eu. Qual de nós o senhor quer?”

“Não há nenhum menino na fazenda?”

“Não, só moram aqui essas pessoas que eu citei.”

“Portanto, eu serei obrigado a ficar.”

“Isso o senhor pode combinar com seu anfitrião. Não tem nada a ver comigo.”

“Espero que isso seja uma lição para o senhor e que não saia mais de maneira intempestiva por estas colinas!”, disse a voz ríspida de Heathcliff da entrada da cozinha. “Quanto a ficar aqui, eu não tenho acomodações para visitas; o senhor terá de dividir uma cama com Hareton ou Joseph, se fizer isso.”

“Posso dormir numa poltrona nesta sala”, respondi.

“Não, não! Um estranho é um estranho, seja rico ou pobre. Não é do meu feitio permitir a ninguém perambular por aqui quando eu não estiver alerta!”, disse aquele mal-educado miserável.

Com esse insulto, minha paciência chegou ao fim. Soltei uma expressão de repugnância, empurrei-o e fui até o pátio, esbarrando em Earnshaw na minha pressa. Estava tão escuro que não consegui ver a saída e, conforme perambulava, ouvi outro exemplo da cordialidade que reinava entre eles.

A princípio, o rapaz pareceu disposto a me auxiliar.

“Eu vou com ele até o bosque”, disse ele.

“Você vai com ele para o inferno!”, exclamou seu patrão, ou fosse qual fosse a relação dos dois. “E quem vai cuidar dos cavalos, hein?”

“A vida de um homem é mais importante do que uma noite de descuido com os cavalos. Alguém tem de ir”, murmurou a sra. Heathcliff, com mais gentileza do que eu esperava.

“Não por ordem sua!”, retrucou Hareton. “Se dá valor a ele, é melhor ficar quieta.”

“Então, espero que o fantasma dele assombre você; e espero que o sr. Heathcliff nunca mais consiga outro inquilino e que a Grange fique em ruínas!”, respondeu ela, irritada.

“Ove, ove, ela amaldiçoano eles!”, murmurou Joseph, em cuja direção eu estivera caminhando.

Ele estava ao alcance da minha voz, ordenhando as vacas com a ajuda de um lampião que eu agarrei sem cerimônia; e, dizendo que o mandaria de volta no dia seguinte, fui depressa na direção do portão mais próximo.

“Patrão, patrão, ele tá robano o lampião!”, gritou o ancião, indo atrás de mim. “Vai, Gnasher! Vai, cachorro! Vai, Wolf! Segura ele, segura ele!”

Quando eu abri a portinhola, dois monstros peludos voaram na minha garganta, me derrubando e apagando a luz, enquanto uma risada dupla de Heathcliff e Hareton dava o toque final à minha fúria e à minha humilhação.

Felizmente, os animais pareciam mais inclinados a esticar as patas, bocejar e abanar os rabos do que a me devorar vivo; mas não tolerariam uma ressurreição, e fui obrigado a jazer até que seus malignos donos se dignaram a me libertar. Então, sem chapéu e tremendo de ira, exigi que os patifes me deixassem sair, dizendo que estariam correndo perigo se me detivessem mais um minuto, com várias ameaças incoerentes de retaliação que, em sua virulência indefinida, tiveram um quê de *Rei Lear*.

A veemência da minha agitação resultou num copioso sangramento nasal — ainda assim, Heathcliff continuou a rir, e eu continuei a ralhar com ele. Não sei como teria terminado a cena se não houvesse uma pessoa por perto muito mais racional do que eu e muito mais benevolente do que o meu anfitrião. Era Zillah, a robusta cozinheira, que, após algum tempo, surgiu para saber qual era a natureza daquela confusão. Ela achou que alguns deles haviam sido violentos comigo; e, sem ousar atacar o patrão, voltou sua artilharia verbal para o mais jovem canalha.

“Ora, sr. Earnshaw!”, exclamou. “O que o senhor ainda vai inventar, me diga? Agora vai matar um sujeito na porta de casa? Já vi que este lugar não serve para mim. Olhem só aquele pobre rapaz,

ele quase que sufoca! Ora essa! Assim não pode. Entre, que eu dou um jeito. Pronto, pare de se mexer.”

Dizendo isso, Zillah subitamente derramou uma caneca de água gelada pelo meu pescoço abaixo e me puxou para dentro da cozinha. O sr. Heathcliff foi atrás, com a alegria acidental se extinguindo depressa e retornando à rabugice de sempre.

Eu estava passando muito mal, tonto e quase desmaiando; por isso, fui obrigado a aceitar me abrigar sob o teto dele. O sr. Heathcliff mandou Zillah me dar uma taça de conhaque e então foi para a sala interna. Enquanto isso, ela se condoía da minha triste situação e, após ter obedecido às ordens dele, o que fez com que eu me recobrasse um pouco, me levou até um dos quartos.

---

2. Abreviação da expressão latina “nota bene”, ou repare bem. (n. t.)

# iii

Enquanto subia a escada à minha frente, Zillah recomendou que eu escondesse a vela e não fizesse barulho, pois o patrão tinha uma coisa estranha com o quarto no qual ela ia me acomodar e nunca deixava ninguém dormir lá dentro.

Perguntei o motivo.

Zillah respondeu que não sabia, que morava lá havia apenas um ou dois anos e que eles tinham tantos hábitos esquisitos que ela nem tinha tempo de sentir curiosidade.

Zonzo demais para sentir curiosidade tampouco, tranquei a porta e olhei ao redor, em busca de uma cama. De móveis, só havia uma cadeira, um armário e uma enorme arca de carvalho com quadrados recortados perto do topo que pareciam as janelas de uma diligência.

Após me aproximar dessa estrutura, olhei lá dentro e percebi que era uma cama estranha e antiquada, pensada de forma muito conveniente para que não houvesse a necessidade de cada membro da família ter o seu próprio cômodo. Na verdade, ela formava um pequeno quarto de dormir; e o peitoril da janela, que ficava ali dentro, servia de mesa.

Abri os painéis laterais, entrei com a minha vela, voltei a fechá-los e me senti a salvo da vigilância de Heathcliff e de qualquer outra pessoa.

Coloquei a vela no peitoril, onde havia alguns livros mofados empilhados num dos cantos e cuja tinta estava coberta de palavras arranhadas. As palavras, no entanto, eram apenas um nome repetido em diversos tipos de letras diferentes, grandes e pequenas: Catherine Earnshaw e, aqui e ali, as variações Catherine Heathcliff e Catherine Linton.

Exausto e desanimado, apoiei minha cabeça na janela e fiquei lendo: Catherine Earnshaw… Heathcliff… Linton… até que meus olhos se fecharam. Mas eles haviam descansado menos de cinco minutos quando letras brancas surgiram brilhando no escuro, vívidas como espectros. O ar ficou tomado de Catherines — e, me obrigando a acordar para dissipar aquele nome invasivo, descobri o pavio da minha vela inclinado sobre um dos livros, perfumando o lugar com o odor de couro de bezerro queimado.

Apaguei o pavio e, muito nervoso, sob a influência do frio e de uma náusea persistente, sentei-me e abri sobre o joelho o tomo danificado. Era um Novo Testamento impresso em letras finas e com um horrível cheiro de mofo. Numa folha de rosto, havia a inscrição: “Livro de Catherine Earnshaw” e uma data de cerca de um quarto de século atrás.

Eu o fechei e peguei outro e depois outro, até ter examinado todos. A biblioteca de Catherine era seleta e o desgaste dos volumes provava que tinha sido bem usada, embora não exatamente com um propósito legítimo: quase nem um capítulo escapara de comentários — ao menos, era isso que pareciam —

escritos a tinta, cobrindo cada pedaço em branco deixado pelo impressor.

Alguns eram frases soltas; outros formavam um diário normal, garatujado numa letra infantil e malformada. No topo de uma página extra, que provavelmente fora considerada um tesouro ao ser encontrada, descobri, para meu grande divertimento, uma excelente caricatura do meu amigo Joseph, feita de maneira rude, porém hábil.

Um interesse imediato pela desconhecida Catherine surgiu dentro de mim e eu logo comecei a decifrar seus hieróglifos apagados.

“Que domingo horrível!”, começava o parágrafo abaixo. “Gostaria que meu pai ainda estivesse aqui. Hindley é um substituto detestável. Sua conduta com Heathcliff é atroz. H. e eu vamos nos rebelar. Demos o passo inicial esta tarde.

“Uma chuva torrencial durou o dia inteiro. Não pudemos ir à igreja, por isso Joseph fez questão de formar uma congregação na água-furtada; e enquanto Hindley e a esposa se deliciavam com um fogo confortável lá embaixo — fazendo tudo, menos ler suas Bíblias, posso garantir —, Heathcliff, eu e o pobre menino que trabalha na fazenda recebemos ordens de pegar nossos livros de oração e subir. Fomos dispostos numa fileira sobre um saco de milho, gemendo e tiritando, e torcendo para que Joseph tiritasse também, pois assim, para seu próprio bem, faria uma homilia curta. Em vão! O culto durou precisamente três horas; mas, mesmo assim, meu irmão teve o atrevimento de exclamar, ao nos ver descer:

“‘O quê! Já acabaram?’

“Nas tardes de domingo, costumavam nos deixar brincar, se não fizéssemos muito barulho; agora, um simples murmúrio basta para

que nos mandem cada um para um canto!

“‘Vocês se esquecem de que há alguém que manda aqui’, disse o tirano. ‘Vou acabar com o primeiro que me irritar! Insisto na mais perfeita sobriedade e no mais perfeito silêncio. Ei, menino! Foi você? Frances, meu amor, puxe o cabelo dele quando passar; eu o ouvi estalar os dedos.’

“Frances puxou o cabelo dele com gosto e então foi se sentar no colo do marido. E lá ficaram eles, como dois bebês, se beijando e falando bobagens sem parar — um palavrório tolo que nos deixaria envergonhados.

“Nós usamos os meios de que dispúnhamos para nos aninhar o melhor possível no arco da cômoda. Eu havia acabado de amarrar nossos aventais e pendurá-los, formando uma cortina, quando lá veio Joseph, depois de resolver alguma coisa qualquer no estábulo. Ele arrancou minha obra, deu um tapa na minha orelha e grasnou:

“‘O patrão foi enterrado agorinha mesmo, o dia santo nem bem acabou, vocês ainda tão com o culto fresco e se atreve a ficar vadiano! Senta, suas criança! Tem bastante livro pra ler! Senta e pensa!’

“Dizendo isso, ele nos obrigou a empertigar as costas para receber do fogo distante um brilho opaco, que nos mostrou as letras dos textos maçantes que nos enfiou nas mãos.

“Eu não consegui suportar aquela tarefa. Peguei meu tomo velho pela lombada e atirei-o no canil, afirmando que detestava livro bom.

“Heathcliff chutou o dele para o mesmo lugar.

“Então, houve uma confusão!

“‘Sinhô Hindley!’, gritou nosso capelão. ‘Patrão, vem aqui! A srta. Cathy rasgou toda a parte de trás do *Capacete da salvação*[3] e o

Heathcliff deu um chute na primera parte do *Caminho largo da perdição*![4] É um horror o sinhô deixar eles continuar assim. Ah! O velho dava era umas boas pancada neles — que pena que ele não tá mais aqui!'

"Hindley saiu correndo de seu paraíso diante da lareira e, agarrando um de nós pela gola e o outro pelo braço, atirou os dois na cozinha; onde Joseph afirmou que 'o canhoto' viria nos buscar sem a menor dúvida. Com esse consolo, cada um procurou um canto para aguardar a chegada dele.

"Eu peguei este livro e um pote de tinta numa prateleira, entreabri a porta da casa para ter um pouco de luz e passei vinte minutos escrevendo; mas meu amigo está impaciente e diz para a gente pegar a capa da moça que ordenha as vacas para se abrigar nela e ir dar um passeio nos urzais. É uma boa sugestão — e, se o velho rabugento entrar, pode achar que sua profecia se cumpriu. É impossível a gente ficar mais úmido ou com mais frio na chuva do que a gente já está aqui dentro."

Imagino que Catherine tenha realizado seu projeto, pois a frase seguinte tratava de outro assunto: a menina se desmanchava em lágrimas.

"Eu nunca sonhei que Hindley um dia fosse me fazer chorar tanto!", escreveu. "Minha cabeça dói tanto que não consigo mais mantê-la no travesseiro; mas, mesmo assim, não consigo parar. Pobre Heathcliff! Hindley o chama de vagabundo e não deixa que se sente ou que coma mais conosco; e disse que ele e eu não podemos mais brincar juntos, e ameaça expulsá-lo de casa se desobedecermos às suas ordens.

“Ele estava culpando nosso pai por tratar H. com generosidade demais (como ousou fazer isso?); e jurou que vai colocá-lo de novo no lugar certo…”

Comecei a cabecear de cansaço debruçado diante da página embaçada; meus olhos passaram do manuscrito ao texto impresso. Vi um título em letras vermelhas ornamentadas… “Setenta vezes sete e o septuagésimo primeiro:[5] Um sermão feito pelo reverendo Jabes Branderham, na Capela de Gimmerden Sough.” E enquanto estava, semiconsciente, queimando os miolos ao tentar adivinhar como Jabes Branderham iria abordar aquele assunto, deitei-me na cama e caí no sono.

Infeliz efeito do mau chá e do mau gênio! Por que outro motivo eu teria passado uma noite tão terrível? Não me lembro de outra que possa sequer se comparar com ela desde que me tornei capaz de sofrer.

Comecei a sonhar assim que deixei de estar ciente do local onde me encontrava. Achei que estava de manhã e que eu partira para casa, com Joseph de guia. Havia uma camada de várias jardas de neve sobre a estrada e, conforme avançávamos com dificuldade, meu acompanhante me cansava com seguidas reprimendas por eu não ter trazido um cajado de peregrino, dizendo que jamais poderia entrar na casa sem um e exibindo, orgulhoso, um bastão de topo pesado que, pelo que entendi, se chamava assim.

Durante algum tempo, achei absurdo que fosse precisar de uma arma como aquela para ser admitido em minha própria residência. Então, uma ideia nova surgiu na minha mente. Não era para lá que eu me encaminhava; íamos ouvir o famoso Jabes Branderham dar o

sermão “Setenta vezes sete” e ou Joseph, ou o pregador, ou eu havia cometido “o septuagésimo primeiro” e seria denunciado e excomungado em público.

Chegamos à capela. Eu realmente já passei por ela em minhas caminhadas, duas ou três vezes. Fica num vale entre duas colinas, um vale não muito profundo perto de um pântano onde, pelo que dizem, a umidade vinda das turfas é suficiente para embalsamar os poucos cadáveres depositados ali. O telhado se manteve intacto até agora, mas, como o clérigo tem direito a apenas vinte libras por ano e uma casa com dois cômodos que ameaçam rapidamente se tornar um só, ninguém aceita ocupar o posto de pastor, em especial porque é do conhecimento de todos que seu rebanho preferiria deixá-lo passar fome a aumentar sua pensão com um centavo do próprio bolso. No entanto, no meu sonho, Jabes tinha uma congregação vasta e atenta. E, santo Deus, que sermão ele deu! Dividido em *quatrocentas e noventa partes*, cada uma equivalente a um culto inteiro, e cada uma discutindo um pecado específico. Não sei dizer onde o reverendo lera sobre todos aqueles pecados; ele tinha uma maneira própria de interpretar a expressão e parecia necessário que o irmão cometesse pecados diferentes a cada ocasião.

Esses pecados eram muito curiosos — transgressões estranhas que eu jamais imaginara.

Ah, como fiquei cansado. Como me remexi, bocejei, cabeceei e acordei! Como me belisquei, me espetei, esfreguei os olhos, fiquei de pé, voltei a me sentar, e cutuquei Joseph para saber se ele *um dia* ia terminar!

Eu estava condenado a ouvir tudo. Finalmente, ele chegou ao “septuagésimo primeiro”. Nesse ponto culminante, tive uma inspiração súbita: fui impelido a me levantar e a denunciar Jabes Branderham como aquele que cometera o pecado que nenhum cristão precisava perdoar.

“Meu senhor!”, exclamei. “Sentado aqui, entre estas quatro paredes, suportei e perdoei, de uma só vez, os quatrocentos e noventa pontos do seu discurso. Setenta vezes sete vezes, peguei o chapéu e estive prestes a ir embora. Setenta vezes sete vezes o senhor, absurdamente, me forçou a voltar ao meu lugar. A quadragésima nonagésima primeira vez é demais. Meus companheiros de martírio, vamos a ele! Arrastem-no aqui para baixo e pulverizem-no, para que este lugar que o vê não torne a vê-lo!”

“*Tu és o homem!*”, gritou Jabes após uma pausa solene, se debruçando sobre sua almofada. “Setenta vezes sete vezes, contorceste teu rosto de espanto; setenta vezes sete vezes, eu pensei com a minha alma: ‘Vê! Isso é fraqueza humana e também pode ser absolvido!’. O septuagésimo primeiro chegou! Irmãos, cumpram nele a sentença prescrita! Tal honra têm todos os seus fiéis!”

Após essa conclusão, toda a assembleia me rodeou brandindo seus cajados de peregrino e eu, sem nenhuma arma para usar em minha defesa, comecei a lutar com Joseph, meu agressor mais próximo e mais feroz, para tentar arrancar a dele. Na confluência da multidão, diversos bastões se cruzaram; golpes que me tinham como alvo atingiram outras cabeças. Logo, a capela inteira estava tomada pelo som dos ataques e contra-ataques. A mão de cada homem estava contra a mão do próximo; e Branderham, sem

desejar ficar parado, expressou seu zelo com uma chuva de pancadas fortes sobre a madeira do púlpito, que ressoaram tanto que, para meu inexprimível alívio, acabaram por me acordar.

E o que sugerira aquele tremendo tumulto? O que desempenhara o papel de Jabes na refrega? Apenas o galho de um abeto que, empurrado pelo vento, tocava a treliça da minha janela e fazia suas pinhas secas chacoalhar contra os vidros!

Em dúvida, passei um instante escutando. Detectei a causa da perturbação e então me virei, dormi e sonhei de novo — se possível, um sonho ainda mais desagradável do que o anterior.

Dessa vez, me lembrei de que estava deitado no quarto de carvalho e ouvi perfeitamente o vento forte e a neve caindo. Ouvi também o galho do abeto repetindo seu som irritante e imputei-o à causa certa; mas ele me enraiveceu tanto que resolvi silenciá-lo, se possível e — acreditei eu — me levantei e tentei abrir o caixilho. A armela e a lingueta tinham sido soldadas, algo que eu havia observado quando estava acordado, mas de que me esquecera.

“Mas eu preciso acabar com isso de qualquer jeito!”, murmurei, quebrando o vidro com o punho e esticando o braço para fora para agarrar o galho incômodo. Só que, em vez dele, meus dedos envolveram os dedos de uma mãozinha gélida!

O horror intenso do pesadelo me dominou. Eu tentei retirar meu braço, mas a mão o segurou e uma voz muito melancólica soluçou:

“Eu quero entrar! Eu quero entrar!”

“Quem é você?”, perguntei, ao mesmo tempo que tentava me soltar.

“Catherine Linton!”, respondeu a voz, trêmula (por que eu pensei em *Linton*? Tinha lido *Earnshaw* vinte vezes mais do que Linton).

“Eu voltei para casa, eu me perdi nos urzais!”

Conforme ela falava, discerni, na penumbra, o rosto de uma criança olhando pela janela. O terror me tornou cruel e, vendo que era inútil tentar me livrar da criatura, puxei seu punho pelo vidro quebrado e o esfreguei nele até o sangue escorrer e encharcar os lençóis da cama. Mesmo assim, a voz continuou a gemer “Eu quero entrar!” e a me segurar tenazmente, me deixando quase louco de medo.

“Como posso deixá-la entrar?”, perguntei, afinal. “Solte-me, se quiser que eu faça isso!”

Os dedos relaxaram, eu passei os meus com violência pelo buraco, fiz uma pirâmide de livros às pressas na frente dele e bloqueei os ouvidos para não escutar a lamúria.

Tive a impressão de mantê-los assim durante um quarto de hora. No entanto, no segundo em que voltei a ouvir, lá estava aquela voz triste, gemendo ainda!

“Vá embora!”, gritei. “Nunca vou deixá-la entrar, nem que você implore por vinte anos!”

“Já faz vinte anos”, chorou a voz. “Vinte anos, estou perdida há vinte anos!”

A partir de então ouvi alguém arranhando de leve do lado de fora e a pilha de livros se moveu, como se houvesse sido empurrada para a frente.

Tentei ficar de pé num pulo, mas não consegui mover um músculo; e então gritei, em pânico.

Para meu constrangimento, descobri que meu grito não tinha sido imaginário. Passos apressados se aproximaram da porta do meu quarto; alguém a abriu com um puxão forte e uma luz brilhou

através dos quadrados no topo da cama. Eu ainda estava tremendo e enxugando o suor da testa. O intruso pareceu hesitar e murmurar consigo.

Afinal ele disse, num meio sussurro, claramente sem esperar que ninguém respondesse:

“Tem alguém aí?”

Achei melhor confessar a minha presença, pois conhecia o tom de voz de Heathcliff e temi que ele fosse continuar sua busca se eu me mantivesse em silêncio.

Com essa intenção, me virei e abri os painéis — e vou demorar a esquecer o efeito que essa ação causou.

Heathcliff estava perto da entrada, de camisa e calça, com uma vela pingando sobre os dedos e o rosto tão branco quanto a parede atrás. O primeiro rangido da madeira o sobressaltou como um choque elétrico. A luz pulou da sua mão e caiu a alguns pés de distância, e sua agitação foi tão extrema que ele mal conseguiu apanhá-la.

“É apenas o seu hóspede”, disse eu bem alto, querendo poupá-lo da humilhação de expor mais sua covardia. “Tive a infelicidade de gritar dormindo, devido a um pesadelo aterrador. Lamento ter perturbado o senhor.”

“Ah, meu Deus, vá para o diabo, sr. Lockwood! Queria que estivesse no…”, começou a dizer meu anfitrião, colocando a vela sobre uma cadeira, pois era impossível para ele segurá-la com firmeza.

“E quem foi que o trouxe até este quarto?”, continuou ele, enfiando as unhas na palma das mãos e rangendo os dentes para

impedir as convulsões de seu maxilar. “Quem foi? Estou com muita vontade de expulsar a pessoa da casa neste minuto!”

“Foi sua criada Zillah”, expliquei, me atirando no chão e vestindo depressa as minhas roupas. “Não me importo se a expulsar, sr. Heathcliff. Ela merece muito. Imagino que desejava obter às minhas custas outra prova de que o quarto é assombrado. Pois é mesmo: está cheio de fantasmas e trasgos! O senhor tem razão de mantê-lo trancado, asseguro-lhe. Ninguém irá lhe agradecer por um cochilo neste antro!”

“O que o senhor quer dizer?”, perguntou Heathcliff. “E o que está fazendo? Deite-se e espere o dia nascer, já que *está* aqui. Mas pelo amor de Deus! Não repita aquele som horrível. Nada é desculpa para isso, a não ser que alguém estivesse cortando sua garganta!”

“Se a diabinha tivesse passado pela janela, provavelmente teria me estrangulado!”, respondi. “Não vou voltar a suportar as perseguições de seus hospitaleiros ancestrais. Por acaso, o reverendo Jabes Branderham não era seu parente por parte de mãe? E aquela sirigaita, Catherine Linton, ou Earnshaw, ou fosse qual fosse o nome… não deve ser uma criança humana… alminha perversa! Ela me disse que vem vagando pela terra há vinte anos: uma punição justa pelas transgressões que cometeu em vida, sem dúvida!”

Eu mal pronunciara essas palavras quando me lembrei da associação do nome de Heathcliff com o de Catherine no livro, que havia desaparecido por completo da minha memória até surgir naquele momento. Enrubesci pela minha falta de consideração: mas, sem dar mais sinais de que tinha consciência da ofensa, apressei-me em acrescentar:

“A verdade, meu senhor, é que eu passei a primeira parte da noite…” Nesse ponto, parei de novo. Estava prestes a dizer “lendo esses livros antigos”, mas isso teria revelado que eu sabia o que dizia não apenas a parte impressa, como a manuscrita. Assim, corrigindo-me, segui em frente:

“… soletrando o nome que foi arranhado no peitoril daquela janela. Uma ocupação monótona, perfeita para me ajudar a dormir; como contar, ou…”

“O que o senhor pensa que está fazendo, falando desse jeito *comigo*?”, rugiu Heathcliff, com uma veemência feroz. “Como… como o senhor *ousa*, dentro da minha casa… Meu Deus! Ele é louco de falar assim!” E ele bateu na testa de fúria.

Eu não soube se devia me ressentir desse linguajar ou seguir com a minha explicação. Mas ele parecia tão profundamente afetado que tive pena e continuei a relatar meus sonhos, afirmando que jamais ouvira o nome “Catherine Linton” antes, mas que lê-lo diversas vezes causara uma impressão que se personificara quando eu não tinha mais minha imaginação sob controle.

Conforme eu falava, Heathcliff aos poucos foi entrando na estrutura da cama, até que afinal se sentou, quase completamente escondido dentro dela. No entanto, devido à sua respiração irregular e entrecortada, pude adivinhar que estava se esforçando para controlar alguma emoção violenta.

Sem querer deixar claro que estava percebendo esse esforço, continuei a me arrumar com grande alarde, olhei meu relógio e fiz um solilóquio sobre a longa duração da noite.

“Não são nem três horas ainda! Eu teria sido capaz de jurar que eram seis. Aqui, o tempo para. Nós sem dúvida devemos ter ido nos

deitar às oito!”

“Sempre às nove no inverno, e sempre acordamos às quatro”, disse o meu anfitrião, reprimindo um gemido; e, pelo movimento do braço de sua sombra, creio que enxugando uma lágrima dos olhos.

“Sr. Lockwood”, continuou ele, “pode ir para o meu quarto. Só vai atrapalhar, se descer tão cedo. E seu grito infantil mandou o meu sono para os diabos.”

“E o meu também”, respondi. “Vou ficar andando no pátio até que o dia amanheça, e então vou embora. O senhor não precisa temer que minha intrusão vá se repetir. Eu agora estou perfeitamente curado da ideia de buscar prazer na companhia de terceiros, seja no campo ou na cidade. Um homem sensato deve ser toda a companhia de que precisa.”

“Uma companhia deliciosa!”, murmurou Heathcliff. “Pegue a vela e vá para onde quiser. Eu logo irei me juntar ao senhor. Mas não vá para o pátio, pois os cães não estão presos. E na casa… Juno está de guarda lá dentro. E… não, o senhor só pode andar nas escadas e nas passagens. Mas ande logo! Eu vou daqui a dois minutos.”

Obedeci, ao menos no que dizia respeito a deixar o quarto; quando, sem saber onde davam os corredores estreitos, fiquei parado e involuntariamente testemunhei uma demonstração de superstição da parte do meu senhorio que contradizia de forma estranha seu aparente bom senso.

Ele subiu na cama e escancarou a treliça, irrompendo, ao puxá-la, numa torrente de lágrimas.

“Entre! Entre!”, soluçou. “Venha, Cathy, por favor. Ah, por favor… só mais *uma* vez! Ah! Amada do meu coração, me ouça *desta* vez… finalmente, Catherine!”

O espectro demonstrou ser tão caprichoso quanto todos os espectros: não deu nenhum sinal de sua existência. Mas um forte redemoinho de neve e vento entrou, chegando até o ponto onde eu estava e apagando a vela.

Havia tanta angústia na explosão de tristeza que acompanhou esse delírio que minha compaixão me fez ignorar a tolice da atitude. Eu me afastei, um pouco irritado por ter ouvido e arrependido de ter relatado meu ridículo pesadelo, já que ele produziu tal agonia; embora o *porquê* estivesse além da minha compreensão.

Dirigi-me com cautela para as regiões mais baixas e fui dar na cozinha, onde o brilho de um fogo tornado compacto com um ancinho me permitiu voltar a acender a minha vela.

Nada se moveu além de uma gata cinzenta e malhada, que se esgueirou para longe das cinzas e me cumprimentou com um miado lamurioso.

Dois bancos na forma de seções de um círculo quase chegavam a rodear a lareira. Estiquei-me num deles e a gata velha, no outro. Nós dois ficamos cabeceando até alguém invadir nosso refúgio: era Joseph, descendo com dificuldade uma escada de madeira que sumia para dentro do teto por um alçapão — o acesso até a água-furtada dele, suponho.

Joseph lançou um olhar malévolo para a pequena chama que eu conseguira fazer nascer entre as grades da lareira, espaventou a gata do banco e, ajeitando-se no lugar dela, começou a operação de encher de tabaco um cachimbo de três polegadas. Minha presença em seu santuário evidentemente foi considerada uma impudência vergonhosa demais para ser comentada. Sem dizer nada, meteu o tubo nos lábios, cruzou os braços e começou a dar baforadas.

Deixei-o desfrutar daquele luxo sem me irritar. E, após soprar o último anel de fumaça e dar um profundo suspiro, ele se levantou e partiu, tão solenemente quanto chegara.

A próxima pessoa a surgir foi alguém com passos mais elásticos. Abri a boca para dizer “bom dia”, mas logo a fechei de novo sem proferir a saudação, porque Hareton Earnshaw parecia, sotto voce, estar dirigindo uma série de impropérios a todos os objetos que tocava enquanto procurava num canto por uma pá ou enxada para cavar os montes de neve. Ele espiou atrás do banco, dilatando as narinas, tão pronto a trocar cumprimentos comigo quanto com minha companheira, a gata.

Adivinhei, por esses preparativos, que já era permitido sair e, deixando minha cama dura, fiz um movimento para segui-lo. Earnshaw percebeu isso e indicou uma porta interna com o cabo da pá, informando, com um som incoerente, que era para lá que eu devia ir se fosse mudar de lugar.

A porta dava na casa, onde as mulheres já estavam se movimentando: Zillah soprando chispas lareira acima com um fole colossal e a sra. Heathcliff, de joelhos diante da lareira, lendo um livro com o auxílio da chama.

Ela estava com a mão erguida entre o calor da lareira e seus olhos, e parecia absorta na tarefa, deixando de realizá-la apenas para ralhar com a criada por cobri-la de faíscas ou para, de tempos em tempos, empurrar para longe um cão que esfregava o focinho em seu rosto com familiaridade demais.

Para minha surpresa, Heathcliff encontrava-se ali também. Estava de pé diante do fogo, com as costas voltadas para mim e terminando de fazer uma cena tempestuosa com a pobre Zillah, que

com frequência interrompia seu trabalho para erguer o canto do avental e soltar um gemido indignado.

“E você, sua inútil…”, disse Heathcliff quando eu entrei, virando-se para a nora e usando um epíteto tão inofensivo quanto pata ou ovelha, mas que em geral é representado por um travessão.

“Lá vem você de novo com essas manias de gente preguiçosa! Os outros pelo menos ganham o seu pão — você vive da minha caridade! Livre-se desse lixo e encontre algo para fazer. Você vai me pagar pela praga que é tê-la sempre por perto. Está me ouvindo, sua maldita sirigaita?”

“Vou me livrar do meu lixo porque o senhor pode me obrigar, se eu me recusar”, respondeu a moça, fechando o livro e atirando-o sobre uma cadeira. “Mas não vou fazer nada que eu não quiser, nem que pragueje até sua língua cair!”

Heathcliff ergueu a mão e ela deu um pulo e foi para uma distância mais segura, já que evidentemente conhecia o seu peso.

Sem desejar ser entretido por uma briga de gato e rato, eu me aproximei depressa, como se estivesse ansioso para desfrutar do calor da lareira e nem imaginasse ter interrompido uma discussão. Ambos tinham suficiente decoro para suspender as hostilidades. Heathcliff enfiou os punhos nos bolsos, resistindo à tentação, e a sra. Heathcliff comprimiu os lábios e caminhou até uma cadeira distante, onde cumpriu sua palavra fazendo papel de estátua enquanto eu permaneci ali.

Não foi por muito tempo. Recusei o convite para tomar café da manhã com eles e, assim que o dia raiou, aproveitei a oportunidade para escapar para o ar livre, onde a atmosfera agora estava límpida, tranquila e fria como o gelo impalpável.

Antes que eu chegasse ao fim do jardim, meu senhorio gritou, mandando-me parar, e se ofereceu para me acompanhar pelos urzais. Que bom que o fez, pois toda a encosta parecia um oceano de vagas brancas, com as ondulações e os vales não indicando elevações e depressões correspondentes no chão. Muitas concavidades, pelo menos, tinham sido completamente preenchidas, e cordilheiras inteiras de montes — o dejeto das pedreiras —, apagadas do mapa que a caminhada do dia anterior deixara na minha memória.

Eu notara que num dos lados da estrada, em intervalos de seis ou sete jardas, havia uma fileira de pedras verticais que continuava ao longo de todo o terreno árido. Elas foram erguidas e pintadas de cal para servir de guias no escuro e também para as vezes em que, como naquela ocasião, uma nevasca fazia com que o caminho mais firme se confundisse com os pântanos fundos que havia de ambos os lados. Mas, com exceção de um pontinho sujo aqui e ali, todos os vestígios de sua existência tinham desaparecido, e foi necessário que meu companheiro com frequência me mandasse me desviar para a direita ou para a esquerda quando eu imaginara estar seguindo corretamente as curvas da estrada.

Nós não conversamos muito e ele estacou na entrada do bosque da propriedade de Thrushcross Grange, dizendo que eu não poderia errar dali. Nosso adeus foi limitado a uma mesura apressada e eu então segui em frente com dificuldade, fiando-me em meus próprios talentos, pois a cabana do porteiro ainda estava desabitada.

A distância do portão até Thrushcross Grange é de duas milhas. Acredito que eu tenha conseguido transformá-la em quatro de tanto me perder entre as árvores e afundar até o pescoço na neve, uma

complicação que só quem já vivenciou saberá avaliar. Seja como for, quaisquer que tenham sido as minhas perambulações, o relógio estava batendo doze horas quando entrei na casa, o que dava exatamente uma hora para cada milha do caminho usual a partir de Wuthering Heights.

A governanta que é quase parte da mobília e seus satélites correram para me receber, exclamando, de maneira tumultuosa, que haviam desistido completamente de mim, com todos conjecturando que eu havia morrido na noite anterior e se perguntando como fariam para ir procurar pelos meus restos.

Pedi-lhes que ficassem quietos agora que tinham visto que eu estava de volta e, entorpecido até os ossos, me arrastei até o andar de cima, onde, após vestir roupas secas e andar de um lado para outro durante trinta ou quarenta minutos para recobrar o calor do corpo, vim para o meu escritório, frágil como um gatinho — quase incapaz de desfrutar do fogo alegre e do café fumegante que a criada preparou para que eu me recobrasse.

---

3. Referência à Epístola aos Efésios 6,17: “E tomai o capacete da salvação e a espada do Espírito, que é a Palavra de Deus”. (n. t.)

4. Referência a O Evangelho Segundo São Mateus 7,13: “Entrai pela porta estreita, porque largo e espaçoso é o caminho que conduz à perdição”. (n. t.)

5. Referência a O Evangelho Segundo São Mateus 18,21-22: “Então Pedro chegando-se a ele, perguntou-lhe: ‘Senhor, quantas vezes devo perdoar ao irmão que pecar contra mim? Até sete vezes?’. Jesus respondeu-lhe: ‘Não te digo até sete, mas até setenta vezes sete.’” (n. e.)

# iv

Como somos inconstantes! Eu, que tinha decidido me manter independente de todos os relacionamentos sociais e agradecera à sorte por, ao cabo, ter encontrado um lugar onde estes seriam quase impraticáveis; eu, esse fraco desgraçado, depois de ficar até o crepúsculo lutando contra o desânimo e a solidão, finalmente fui obrigado a me render e, sob o pretexto de obter informações acerca das necessidades da minha habitação, pedi que a sra. Dean, ao trazer a ceia, se sentasse na mesa enquanto eu comia, esperando sinceramente que ela fosse uma grande mexeriqueira e que ou me fizesse acordar, ou me levasse a cair no sono com sua conversa.

“A senhora já mora aqui há um tempo considerável”, comecei. “Dezesseis anos, não foi isso o que disse?”

“Dezoito, senhor. Vim quando a patroa se casou, para ser criada pessoal dela; e, depois que ela morreu, o patrão me manteve de governanta.”

“É mesmo?”

Seguiu-se uma pausa. Eu temi que a sra. Dean não fosse mexeriqueira, a não ser no que dizia respeito aos próprios assuntos, que dificilmente me interessariam.

No entanto, após ponderar alguns instantes com um punho sobre cada joelho e uma nuvem de preocupação sobre o rosto rubro, ela exclamou:

“Ah, os tempos mudaram muito desde aquela época!”

“Mudaram”, comentei, “imagino que a senhora já tenha visto muitas alterações.”

“Vi, sim. E desditas também.”

“Ah, vou mencionar a família do meu senhorio!”, pensei comigo mesmo. “É um bom assunto para começar. E eu gostaria de saber a história daquela viuvinha bonita, se ela é nativa desta região ou, o que é mais provável, uma criatura exótica que os indígenas rabugentos não reconhecem como um dos seus.”

Com essa intenção, perguntei à sra. Dean por que Heathcliff tinha alugado Thrushcross Grange e preferia viver numa residência e numa localização tão inferiores.

“Ele não é rico o suficiente para manter a propriedade em bom estado?”, indaguei.

“Rico! Ele tem ninguém sabe quanto dinheiro, e cada ano aumenta. Sim, sim, ele é rico o suficiente para viver numa casa mais bonita do que aquela. Mas é muito sovina — mão-fechada. E se quisesse vir para Thrushcross Grange, assim que soubesse de um bom inquilino, não ia aguentar ficar e não ganhar mais algumas centenas de libras. É estranho que as pessoas sejam tão gananciosas quando não têm ninguém no mundo!”

“Ele teve um filho, parece-me.”

“Isso, teve um. Ele morreu.”

“E aquela jovem, a sra. Heathcliff, é viúva dele?”

“Isso mesmo.”

“De onde ela veio, originalmente?”

“Ora, senhor, ela é filha do meu falecido patrão. Seu nome de solteira era Catherine Linton. Eu cuidei dela quando era criança, coitadinha! Gostaria que o sr. Heathcliff se mudasse para cá, pois então poderíamos ficar juntas de novo.”

“O quê! Catherine Linton!”, exclamei, atônito. Mas um instante de reflexão me convenceu de que aquela não era a Catherine fantasma. “Quer dizer que o sobrenome do meu predecessor era Linton?”, continuei.

“Era.”

“E quem é esse tal de Earnshaw, Hareton Earnshaw, que vive com o sr. Heathcliff? Eles são parentes?”

“Não. Ele é sobrinho do falecido sr. Linton.”

“Primo da jovem, portanto.”

“Exato. E o marido dela era seu primo também. Um, por parte de mãe, e o outro, por parte de pai. Heathcliff se casou com a irmã do sr. Linton.”

“Vi que a casa em Wuthering Heights tem o sobrenome Earnshaw talhado sobre a porta da frente. É uma família antiga?”

“Muito antiga, e Hareton é o último da linhagem deles, assim como Cathy é a última da nossa — quer dizer, da dos Linton. O senhor esteve em Wuthering Heights? Peço perdão por perguntar. Mas gostaria de saber como ela está.”

“A sra. Heathcliff? Parecia muito saudável e muito bonita, mas acho que não muito feliz.”

“Ah, isso não me espanta! E o que o senhor achou do patrão?”

“Um camarada bastante áspero, sra. Dean. Essa não é a personalidade dele?”

“Áspero como um serrote e duro como uma rocha! Quanto menos o senhor se meter com ele, melhor.”

“Ele deve ter passado por alguns altos e baixos na vida para virar tamanho grosseirão. A senhora sabe alguma coisa sobre a história dele?”

“É a história de um cuco, senhor. Eu sei toda — a não ser onde ele nasceu, quem foram seus pais e onde ele começou a ganhar dinheiro. E Hareton foi jogado fora que nem uma ferreirinha implume.[6] O coitado é o único nesta paróquia inteira que não sabe como foi enganado!”

“Bem, sra. Dean, será um gesto de caridade a senhora me falar um pouco sobre os meus vizinhos. Sinto que não vou descansar se for para a cama. Por isso, tenha a bondade de ficar conversando uma horinha comigo.”

“Claro! Vou pegar minha costura e fico o tempo que o senhor quiser. Mas o senhor pegou um resfriado. Vi que estava tremendo. Precisa comer um pouco de mingau para se curar.”

A boa mulher foi embora depressa e eu me encolhi mais perto do fogo. Minha cabeça estava quente e o meu corpo, frio. Além do mais, os meus nervos e o meu cérebro estavam excitados quase ao ponto da sandice. Eu não estava desconfortável, mas temia que houvesse consequências sérias dos incidentes de hoje e ontem — aliás, ainda temo.

Ela voltou logo, trazendo uma tigela fumegante e um cesto de costura. E, após ter colocado a primeira no descanso da lareira, aproximou a cadeira, num claro sinal de que gostava de me descobrir tão sociável.

[sr]Antes que eu viesse morar aqui, começou ela, sem esperar por mais convite para contar sua história, passava quase todo o meu tempo em Wuthering Heights, pois minha mãe tinha sido babá do sr. Hindley Earnshaw, o pai de Hareton, e eu me acostumei a brincar com as crianças. Eu também realizava pequenas tarefas, ajudava a fazer feno e ficava pela fazenda, pronta para qualquer coisa que qualquer pessoa quisesse mandar.

Numa bela manhã de verão — eu me lembro que estava no começo da colheita — o sr. Earnshaw, o antigo patrão, desceu a escada com roupa de viagem e, depois de dizer a Joseph o que precisava ser feito naquele dia, virou-se para Hindley, Cathy e eu — pois eu estava sentada comendo meu mingau com eles — e disse, falando com o filho:

“Bem, meu rapazinho taludo, vou para Liverpool hoje… o que quer que eu traga para você? Pode escolher o que quiser, mas que seja pequeno, pois vou e volto andando: sessenta milhas cada perna, é um bom caminho!”

Hindley pediu uma rabeca e, então, o sr. Earnshaw perguntou o mesmo a Cathy. Ela mal tinha feito seis anos, mas conseguia montar qualquer cavalo do estábulo, e escolheu um chicote.

Ele não me esqueceu, pois tinha um coração bom, embora fosse bastante severo às vezes. Prometeu trazer um bolso cheio de maçãs e peras para mim. Então, se despediu dos filhos com um beijo e partiu.

Os três dias de ausência do sr. Earnshaw pareceram um longo tempo para nós todos — e, com frequência, a pequena Cathy perguntava quando ele ia voltar. A sra. Earnshaw achava que o marido estaria em casa na hora do jantar do terceiro dia, e de hora

em hora postergava a refeição. Mas não havia nem sinal dele e, afinal, as crianças se cansaram de correr até o portão para procurá-lo. Então ficou escuro e ela quis que eles fossem para a cama, mas os dois imploraram para ficar acordados. E, lá pelas onze da noite, o trinco da porta foi erguido devagar e o patrão entrou. Ele se atirou numa poltrona, rindo e gemendo, e pediu que todos se afastassem, pois estava quase morto — não daria outra caminhada daquela nem pelos três reinos.

"Quase acabou comigo!", disse o sr. Earnshaw, abrindo o sobretudo que trazia dobrado nos braços. "Olhe aqui, mulher. Nunca fiquei tão cansado com nada na vida. Mas você tem de receber isso como uma dádiva de Deus, apesar de ser quase tão escuro como se tivesse vindo do diabo."

Nós nos aproximamos e, por cima da cabeça da srta. Cathy, eu discerni um menino sujo e maltrapilho de cabelos negros, grande o suficiente para andar e falar — na verdade, seu rosto parecia mais velho do que o de Catherine. Mas, quando aquilo foi posto de pé, simplesmente olhou em volta e repetiu sem parar um palavreado que ninguém conseguiu entender. Estava assustado e a sra. Earnshaw quase o atirou porta afora. Ela explodiu mesmo. Perguntou como o marido tinha inventado de trazer aquele moleque cigano para dentro de casa se eles já tinham dois pirralhos para alimentar e criar. E perguntou o que ele queria fazer com aquilo, e se estava doido.

O patrão tentou explicar a questão, mas estava realmente quase morto de cansaço, e tudo o que eu consegui entender, no meio das reprimendas dela, foi que tinha encontrado aquilo morrendo de fome, sem ter onde morar, e quase mudo nas ruas de Liverpool,

onde ele o apanhou e perguntou de quem ele era. Ninguém sabia de quem era aquilo, disse o patrão, e como seu dinheiro e seu tempo eram limitados, ele achou que era melhor levá-lo para casa logo do que ter despesas à toa lá, já que estava decidido a não deixá-lo onde o encontrara.

Bem, o resultado foi que a patroa resmungou até se acalmar, e o sr. Earnshaw me mandou lavar aquilo, dar-lhe roupas limpas e deixar que ele dormisse com as crianças.

Hindley e Cathy se contentaram em olhar e escutar até a paz ser restaurada. Então, ambos começaram a procurar nos bolsos do pai pelos presentes que ele havia prometido. O primeiro já tinha catorze anos, mas, quando ele tirou o que um dia tinha sido uma rabeca em pedaços de dentro do sobretudo, abriu o maior berreiro. E Cathy, ao saber que o patrão tinha perdido seu chicote cuidando do estranho, mostrou seu mau humor dando um sorriso torto e cuspindo na coisinha muda, ganhando, por isso, uma bela pancada do pai, para ensiná-la a ser mais asseada.

Os dois se recusaram absolutamente a deixar que aquilo dormisse em sua cama ou mesmo em seu quarto e eu, que não tinha mais juízo do que eles, coloquei-o na plataforma da escada, esperando que fosse desaparecer até o dia seguinte. Por acaso, ou atraído pelo som da voz do sr. Earnshaw, ele se esgueirou até a porta do patrão, que o encontrou ali ao sair do quarto. Perguntaram como tinha ido parar ali. Fui obrigada a confessar e, como recompensa pela minha covardia e crueldade, fui expulsa da casa.

Essa foi a introdução de Heathcliff à família. Quando eu voltei alguns dias depois, já que não achava que tivesse sido perpetuamente banida, descobri que ele tinha sido batizado de

Heathcliff. Era o nome de um filho que tinha morrido na infância e serviu-lhe desde então, tanto como prenome quanto como sobrenome.

A srta. Cathy e Heathcliff tinham ficado muito amigos, mas Hindley o odiava e, para dizer a verdade, eu também. E nós o apoquentamos e o tratamos de maneira vergonhosa, pois eu não era sensata o suficiente para sentir que estava cometendo uma injustiça e a patroa nunca o defendia ao ver que ele estava sendo maltratado.

Ele parecia uma criança taciturna e paciente, acostumada, talvez, aos maus-tratos. Suportava as pancadas de Hindley sem piscar ou verter uma lágrima e os meus beliscões só o faziam respirar fundo e abrir os olhos como se tivesse se machucado por acidente e a culpa não fosse de ninguém.

Essa resignação fez o velho Earnshaw ficar furioso ao descobrir o filho atormentando o pobre menino sem pai, como ele o chamava. O sr. Earnshaw se apegou estranhamente a Heathcliff, acreditando em tudo o que ele dizia (aliás, ele falava muito pouco e, em geral, dizia a verdade) e mimando-o muito mais do que a Cathy, que era travessa e desobediente demais para ser a preferida do pai.

Ou seja, desde o começo, Heathcliff trouxe ressentimento para a casa. E quando a sra. Earnshaw morreu, o que aconteceu menos de dois anos depois, o jovem patrão já tinha aprendido a ver o pai como um opressor e não um amigo, e a ver Heathcliff como um usurpador da afeição paterna e de seus privilégios — e ficara amargo de tanto cismar sobre essas injúrias.

Durante algum tempo, eu concordei. Mas, quando as crianças pegaram sarampo e eu tive de cuidar delas, sendo obrigada, de

repente, a ter as responsabilidades de uma mulher-feita, mudei de ideia. Heathcliff ficou num estado de saúde perigoso e, quando estava na pior fase da doença, exigiu que eu ficasse o tempo todo na sua cabeceira. Imagino que achasse que eu o ajudava bastante, sem ser esperto o suficiente para adivinhar que era obrigada a fazê-lo. Mas uma coisa tenho de dizer: ele foi a criança mais tranquila de que alguém já cuidou na vida. A diferença entre Heathcliff e os outros me forçou a ser menos parcial: Cathy e o irmão me azucrinavam horrivelmente, mas *ele* era manso como um carneirinho, embora fosse sua dureza, e não sua delicadeza, que o levava a dar pouco trabalho.

Heathcliff se salvou, e o médico afirmou que foi em boa parte graças a mim, elogiando-me pelos meus cuidados. Fiquei vaidosa com esses louvores e passei a ser mais branda com Heathcliff graças a quem eu os recebera, o que fez Hindley perder sua última aliada. Mesmo assim, não conseguia gostar de Heathcliff e muitas vezes me perguntava por que meu patrão admirava tanto um menino taciturno que nunca, pelo que eu me lembro, retribuiu sua indulgência com nenhum sinal de gratidão. Ele não era insolente com seu benfeitor; era apenas insensível, embora soubesse perfeitamente o lugar que ocupava no coração dele, e tivesse a consciência de que lhe bastava dizer algo que a casa inteira seria obrigada a se dobrar a seus desejos.

Por exemplo, eu me lembro que certa vez o sr. Earnshaw comprou dois potros na feira da paróquia e deu um para cada menino. Heathcliff pegou o mais bonito, mas ele logo ficou manco e, assim que descobriu isso, disse para Hindley:

“Você tem de trocar de cavalo comigo. Não gosto mais do meu e, se não fizer isso, vou contar para o seu pai sobre as três surras que me deu esta semana e mostrar para ele meu braço, que está roxo até o ombro.”

Hindley pôs-lhe a língua e deu-lhe um tapa na orelha.

“É melhor você trocar”, insistiu Heathcliff, escapulindo para o alpendre (eles estavam no estábulo). “Ande logo. Se eu falar dessas pancadas, você vai receber tudo de volta com juros.”

“Saia daqui, cachorro!”, exclamou Hindley, ameaçando-o com um peso de ferro usado para pesar batatas e feno.

“Jogue”, respondeu Heathcliff, “que eu conto como você se gabou de que ia me expulsar de casa assim que ele morresse. Vamos ver se ele não expulsa você agorinha.”

Hindley atirou o peso, atingindo o outro no peito. Heathcliff caiu, mas se levantou imediatamente, branco e sem fôlego e, se eu não houvesse impedido, teria ido daquele jeito mesmo ver o patrão e obtido sua vingança, deixando que sua condição falasse por ele, após insinuar o que a causara.

“Fique com o meu potro então, seu cigano!”, disse o jovem Earnshaw. “Vou rezar para que ele quebre o seu pescoço. Fique com ele e vá para os diabos, seu mendigo intruso! E arranque do meu pai tudo o que ele tem. Mas, depois, mostre quem você é, cria do demônio! Tome isso! Tomara que ele chute os seus miolos!”

Heathcliff tinha ido soltar o animal e levá-lo para a sua baia. Estava passando atrás do potro quando Hindley finalizou seu discurso, chutando-o para debaixo das patas e, sem parar para ver se seu desejo tinha sido realizado, saiu correndo o mais depressa que pôde.

Fiquei surpresa de ver a frieza com que o menino se levantou e continuou a levar a cabo o que pretendia, trocando as selas e tudo, e depois se sentando num monte de feno para controlar o enjoo causado pela pancada violenta, antes de entrar na casa.

Não tive dificuldades para convencer Heathcliff a colocar a culpa por suas manchas roxas no cavalo. Ele não se importava muito com que história era contada, desde que conseguisse o que queria. Na verdade, reclamava tão pouco dessas perturbações que eu realmente achei que não fosse vingativo. Enganei-me completamente, como o senhor irá descobrir.

---

6. O cuco é uma espécie parasita que coloca seus ovos no ninho de outras aves. A ferreirinha é uma das espécies hospedeiras do cuco. (n. t.)

# V

Com o passar do tempo, o sr. Earnshaw começou a enfraquecer. Sempre fora ativo e saudável, mas suas forças o abandonaram de repente e, quando ele se viu confinado a um canto da lareira, ficou horrivelmente irritadiço. Ele se aborrecia com nada e, se suspeitava que estavam ignorando sua autoridade, chegava quase a ficar fora de si.

Isso era especialmente visível se alguém tentava abusar de seu preferido ou tiranizá-lo. O sr. Earnshaw tomava um cuidado enorme para que ninguém dissesse nem uma palavra atravessada para Heathcliff, parecendo ter enfiado na cabeça que, por ele gostar do menino, todos o odiavam e desejavam fazer-lhe mal.

Isso foi uma desvantagem para Heathcliff, pois as pessoas mais bondosas da casa não queriam contrariar o patrão, de modo que adulávamos sua parcialidade; e essa adulação alimentou demais o orgulho e o temperamento maligno dele. Ainda assim, ela se tornou necessária, de certa maneira. Duas ou três vezes, as demonstrações de desprezo de Hindley, feitas quando seu pai estava por perto, levaram o velho a ter um ataque de fúria. Ele

agarrou a bengala para bater no filho e tremeu de raiva por não conseguir.

Afinal, o nosso cura (na época, tínhamos aqui um cura que conseguia se sustentar dando aulas para as crianças dos Linton e dos Earnshaw e cuidando ele próprio de seu pedaço de terra) aconselhou que mandassem o rapaz para a universidade. O sr. Earnshaw concordou, mas com o ânimo pesado, pois disse:

“Hindley não valia nada e não ia medrar aonde quer que fosse.”

Esperei de coração que fôssemos ter paz então. Ficava magoada de pensar que o patrão fosse se aborrecer por causa de sua boa ação. Imaginava que o descontentamento da idade e da doença fosse devido às desavenças da família, como ele acreditava. Mas na verdade, senhor, era porque o patrão estava definhando.

Poderíamos ter nos dado razoavelmente bem mesmo assim, se não fosse por duas pessoas: a srta. Cathy e Joseph, o empregado. Imagino que o senhor o tenha visto lá em cima. Ele era — e ainda deve ser — o fariseu mais exaustivo e santarrão que já vasculhou uma Bíblia para apossar-se das promessas e atirar as maldições no próximo. Com seu jeito para dar sermões e fazer discursos de beato, Joseph conseguiu causar uma forte impressão no sr. Earnshaw e, quanto mais fraco o patrão ficava, mais ele ganhava influência.

Joseph não se cansava de atormentar o sr. Earnshaw para que ele se preocupasse com sua alma e desse uma educação rígida às crianças. Encorajou-o a considerar Hindley um depravado e, noite após noite, resmungava uma longa série de histórias contra Heathcliff e Catherine, sempre tomando o cuidado de lisonjear o ponto fraco do patrão, jogando a maior parte da culpa na menina.

É verdade que Catherine tinha umas manias que eu nunca vi em outra criança antes, e deixava todos nós sem paciência mais de cinquenta vezes por dia. Do momento em que ela descia a escada até o momento em que ia para a cama, não se podia passar nem um minuto na certeza de que não ia inventar alguma estripulia. Estava sempre irrequieta, sem nunca fechar a boca — cantando, rindo e azucrinando qualquer um que não fizesse a mesma coisa. Era uma menina traquinas e arruaceira — mas tinha os olhos mais bonitos, o sorriso mais doce e os pés mais ágeis da paróquia e, afinal de contas, acho que não tinha intenção de ser má. Porque, depois que fazia alguém chorar de verdade, quase sempre vinha fazer companhia à pessoa e obrigá-la a ficar quieta para poder consolá-la.

Catherine era apegada demais a Heathcliff. A pior punição que podíamos inventar para ela era deixá-la separada dele. No entanto, ela levava mais reprimendas por causa dele do que nós todos.

Catherine gostava muito de ser a senhora da brincadeira. Vivia dando pancadas e mandando nos companheiros. Fazia isso comigo também, mas eu não aturava tapas, nem ordens, o que logo deixei claro.

Bem, o sr. Earnshaw não entendia quando seus filhos faziam troça com ele. Sempre tinha sido sério e severo. E Catherine, por sua vez, não fazia ideia de por que o pai tinha de ser mais irritadiço e menos paciente quando estava doente do que costumava ser em seu auge.

As reprimendas rabugentas dele despertaram nela um deleite perverso em irritá-lo. Catherine ficava mais feliz quando nós estávamos todos ralhando com ela ao mesmo tempo, e ela nos

desafiando com um olhar atrevido e respostas rápidas, ridicularizando as pragas religiosas de Joseph, me provocando e fazendo justamente aquilo que seu pai mais detestava: mostrando como sua insolência fingida, que ele pensava ser real, tinha mais poder sobre Heathcliff do que a gentileza dele; como o menino fazia o que *ela* mandava sempre e o que *ele* mandava só quando tinha vontade.

Depois de se comportar da pior maneira possível o dia inteiro, Catherine às vezes vinha toda carinhosa, querendo fazer as pazes à noite.

“Não, Cathy”, dizia o velho. “Eu não consigo te amar; tu és pior que teu irmão. Vai rezar, filha, e pede perdão a Deus. Eu e tua mãe devemos nos arrepender de ter te criado!”

Isso a fez chorar a princípio. Depois, ser continuamente repelida a fez endurecer e ela ria quando eu a mandava dizer que sentia muito pelos seus defeitos e pedir perdão.

Mas finalmente chegou o momento em que as aflições terrenas do sr. Earnshaw cessaram. Ele morreu sossegado na poltrona numa noite de outubro, sentado diante do fogo.

Um vento forte soprava ao redor da casa e rugia na chaminé. O som era de tempestade, mas não estava frio e nós estávamos todos juntos: eu, um pouco distante da lareira, ocupada com a minha costura e Joseph lendo sua Bíblia perto da mesa (pois, em geral, naquela época, os criados se sentavam na casa quando tinham acabado de trabalhar). A srta. Cathy andara doente e, por isso, estava quieta; ela estava recostada no joelho do pai e Heathcliff estava deitado no chão com a cabeça no colo dela.

Eu me lembro do patrão, antes de cair no sono, fazendo carinho no cabelo bonito dela — era um prazer raro para ele vê-la mansa — e dizendo:

“Por que tu não podes ser sempre uma boa menina, Cathy?”

Ela virou o rosto para ele, riu e respondeu:

“Por que o senhor não pode ser sempre um bom homem, pai?”

Mas, assim que Cathy viu que ele estava aborrecido de novo, beijou sua mão e disse que ia cantar para ele dormir. Ela começou a cantar bem baixinho até que ele soltou os dedos dela e sua cabeça afundou no peito. Então eu disse a ela que fizesse silêncio e não se mexesse, com medo de que fosse acordá-lo. Todo mundo ficou boca de siri meia hora direitinho, e só não ficou mais porque Joseph, após terminar seu capítulo, se levantou e disse que tinha de acordar o patrão para rezar e ir para a cama. Ele se aproximou, chamou seu nome e tocou seu ombro, mas o patrão não se mexeu — então Joseph pegou a vela e olhou para ele.

Achei que havia algo errado quando Joseph abaixou a luz e, pegando cada criança por um braço, disse para os dois correrem lá para cima “sem fazer algazarra — hoje, podem rezar só — eu tenho coisa pra fazer”.

“Eu vou desejar boa-noite para o papai antes”, disse Catherine, colocando os braços ao redor do pescoço do patrão antes que nós pudéssemos impedi-la.

A pobrezinha imediatamente descobriu sua perda. Ela gritou:

“Ah, ele está morto, Heathcliff! Ele está morto!”

E eles dois começaram a chorar de dar dó.

Chorei junto com eles, um choro ruidoso e amargo, mas Joseph perguntou o que estávamos pensando de berrar daquele jeito

porque tinha um santo no paraíso.

Ele me mandou vestir a capa e correr até Gimmerton atrás do médico e do vigário. Eu não soube do que iria adiantar nenhum dos dois naquele momento. Mas fui, enfrentando o vento e a chuva, e trouxe um — o médico — comigo; o outro disse que viria de manhã.

Deixando que Joseph explicasse a situação, eu corri para o quarto das crianças. A porta estava entreaberta e vi que eles não tinham chegado a se deitar, embora passasse da meia-noite, mas estavam mais calmos e não precisavam do meu consolo. As alminhas estavam se reconfortando com pensamentos melhores do que aqueles que poderiam me ocorrer; nenhum vigário no mundo jamais imaginou um paraíso tão belo quanto o deles, em sua conversa inocente; e eu, soluçando e ouvindo, não pude deixar de desejar que nós todos estivéssemos lá, juntos e a salvo.

# vi

O sr. Hindley veio para o funeral. E fez algo que nos deixou perplexos e causou o maior falatório na vizinhança: trouxe uma esposa consigo.

De que família ela vinha e onde tinha nascido, ele nunca nos informou. Provavelmente, não tinha nem dinheiro, nem nome para recomendá-la, ou o sr. Hindley não teria escondido o casamento do pai.

A moça não era o tipo de pessoa que teria perturbado muito a casa por si só. Desde o segundo em que passou da soleira da porta, ela ficou encantada com tudo que viu e tudo que aconteceu ao seu redor, com exceção dos preparativos para o enterro e a presença daqueles que tinham vindo chorar o falecido.

Na hora, achei o comportamento dela meio bobo. Ela correu para dentro de seu quarto e me obrigou a ir junto, embora eu devesse estar vestindo as crianças. E ficou ali, tremendo, com as mãos crispadas, perguntando sem parar:

“Eles já foram?”

Então, a moça, numa histeria, começou a descrever o efeito que ver a cor preta causava nela. Teve sobressaltos, tremeu e,

finalmente, começou a chorar. Quando eu perguntei qual era o problema, ela respondeu que não sabia — mas tinha tanto medo de morrer!

Imaginei que ela corria tanto risco de morrer quanto eu. Era bastante magra, mas era jovem e tinha a pele fresca e olhos que brilhavam como diamantes. Para falar a verdade, reparei que subir a escada a fazia ficar muito ofegante, que o menor barulho a deixava tremendo e que ela tossia de um modo aflitivo às vezes. Mas não sabia o que esses sintomas prenunciavam e não me condoí dela. Nós, em geral, não gostamos de forasteiros aqui, sr. Lockwood, a não ser que eles gostem de nós primeiro.

O jovem Earnshaw mudara bastante durante seus três anos de ausência. Tinha ficado mais esguio, perdido o rubor das faces e passado a se expressar e a se vestir de maneira muito diferente. No mesmo dia em que chegou, disse para mim e para Joseph que, dali em diante, tínhamos de dormir na cozinha e deixar a casa para ele. Por sua vontade, teria colocado tapete e papel de parede num cômodo vazio para usar como sala de estar, mas sua esposa pareceu tão satisfeita com o chão branco, a imensa lareira brilhante, as travessas de estanho, o armário de louça, o canil e o vasto espaço livre que havia no lugar onde eles geralmente ficavam sentados, que ele achou que isso não seria necessário para o conforto dela e desistiu do projeto.

A sra. Earnshaw também pareceu satisfeita em descobrir que seu novo círculo de convivência incluía uma cunhada, e, no começo, ela tagarelou com Catherine, beijou-a, andou de um lado para outro com ela e deu-lhe vários presentes. No entanto, seu afeto desapareceu após muito pouco tempo e, quando ela se zangou,

Hindley se tornou um tirano. Algumas palavras ditas pela sra. Earnshaw indicando uma antipatia por Heathcliff foram o bastante para despertar nele todo o seu velho ódio pelo menino. Hindley impediu-o de ficar na companhia da família, mandou-o para junto dos criados, privou-o das lições do cura e insistiu que ele trabalhasse na terra, obrigando-o a dar mais duro do que qualquer outro moço da fazenda.

Heathcliff suportou sua degradação bastante bem a princípio, porque Cathy lhe ensinava o que aprendia e trabalhava ou brincava com ele nos campos. Os dois davam sinais de que iam virar selvagens, pois o jovem patrão não queria nem saber como eles se comportavam nem o que faziam, contanto que se mantivessem longe dele. Não teria nem se importado em mandá-los à igreja aos domingos, mas Joseph e o cura o repreendiam por seu descuido quando eles não apareciam. Por causa disso, o sr. Hindley mandava dar uma surra de chicote em Heathcliff e deixar Catherine sem almoço e sem jantar.

Mas uma das principais diversões daqueles dois era fugir para os urzais de manhã e ficar lá o dia inteiro, e a punição que vinha depois se tornou apenas motivo de riso. O cura podia pôr Catherine para decorar quantos capítulos ele bem entendesse e Joseph podia bater em Heathcliff até seu braço doer: eles esqueciam tudo no minuto em que se viam juntos de novo, ou, pelo menos, no minuto em que pensavam em algum plano travesso para se vingar. Muitas vezes, chorei sozinha por vê-los ficando mais imprudentes a cada dia, sem me atrever a dizer uma palavra, por medo de perder a pouca influência que ainda tinha sobre aquelas criaturas, que não possuíam nenhum outro amigo no mundo.

Certa tarde de domingo, eles por acaso tinham sido banidos da sala por fazer um barulho ou cometer outra transgressão boba qualquer. E quando eu fui chamá-los para a ceia, não os encontrei em lugar nenhum.

Esquadrinhamos a casa de cima a baixo, o quintal e o estábulo: não havia sinal deles. Afinal Hindley, num ataque de fúria, nos mandou trancar as portas e jurou que ninguém iria deixá-los entrar naquela noite.

Os habitantes da casa foram para a cama e eu, nervosa demais para me deitar, abri minha treliça e pus a cabeça para fora para ficar ouvindo, embora chovesse, decidida a deixá-los entrar se voltassem, apesar da proibição.

Após algum tempo, discerni passos subindo a estrada e a luz de um lampião brilhou do outro lado do portão.

Joguei um xale em cima da cabeça e corri para impedi-los de bater na porta e assim, acordar o sr. Hindley. Lá estava Heathcliff, apenas. Tomei um susto ao vê-lo sozinho.

“Onde está a srta. Catherine?”, exclamei depressa. “Espero que não tenha acontecido nenhum acidente!”

“Em Thrushcross Grange”, respondeu ele. “E eu só não estou lá também porque eles não têm modos e não me convidaram para ficar.”

“Ah, mas você vai levar uma boa!”, disse eu. “Só vai sossegar quando mandarem você embora daqui. Como foram parar em Thrushcross Grange?”

“Deixa só eu tirar essas roupas molhadas que eu conto tudo, Nelly”, respondeu Heathcliff.

Mandei-o tomar cuidado para não acordar o patrão. Enquanto Heathcliff se despia e eu esperava para apagar a vela, ele continuou:

“Cathy e eu escapamos da lavanderia para fazer um passeio em liberdade e, quando vimos as luzes da Grange, resolvemos ir ver se os Linton passavam as tardes de domingo tremendo pelos cantos enquanto o pai e a mãe deles comiam, bebiam, cantavam, riam e queimavam os olhos diante do fogo. Você acha que é isso que eles fazem? Ou lendo sermões, ou sendo catequizados pelo empregado e obrigados a decorar uma coluna de nomes da Bíblia se não derem a resposta certa?”

“Provavelmente não”, respondi. “Devem ser crianças boazinhas e não merecem o tratamento que vocês recebem por sua má conduta.”

“Não venha com essa cantilena, Nelly”, disse Heathcliff. “Que bobagem! A gente correu do topo da Heights até o bosque sem parar. Catherine perdeu feio a corrida, porque estava descalça. Você vai ter de ir procurar os sapatos dela no pântano amanhã. Nós nos esgueiramos por dentro de uma sebe quebrada, fomos tateando pela aleia acima e nos plantamos num canteiro de flores debaixo da janela da sala de estar. A luz vinha de lá; eles não tinham baixado a persiana e as cortinas estavam apenas meio fechadas. Nós dois conseguimos espiar lá dentro ficando de pé sobre o rebordo e agarrando o peitoril. E vimos — ah! Era lindo. Um lugar esplêndido com um tapete vermelho, poltronas e mesas vermelhas e um teto do branco mais puro debruado de dourado, e no meio dele, como uma chuva de gotas de vidro, tinha umas correntes de prata penduradas, bruxuleando com pequenas velas de luz suave. O sr. e a sra. Linton

não estavam lá. Edgar e a irmã tinham o lugar inteiro só para eles. Não deviam estar felizes? Teríamos achado que estávamos no paraíso! E agora, adivinhe o que suas crianças boazinhas estavam fazendo? Isabella — acho que ela tem onze anos, um a menos do que Cathy — estava deitada gritando na ponta mais distante da sala, urrando como se bruxas estivessem atravessando o corpo dela com agulhas incandescentes. Edgar estava diante da lareira chorando baixinho e, no meio da mesa, tinha um cachorrinho sacudindo a pata e ganindo, que, pelas acusações mútuas dos dois, nós compreendemos que eles quase tinham partido ao meio. Idiotas! Esse era o prazer deles! Ficar se estapeando para ver quem ia segurar um monte de pelo quente e, depois da briga, começar a chorar porque nenhum dos dois queria mais aquilo. Nós gargalhamos daquelas coisinhas mimadas, de tanto desprezo que sentimos delas! Quando você ia me pegar cobiçando aquilo que Catherine desejava? Ou nos encontrar sozinho, gritando, soluçando e rolando no chão, um em cada ponta da sala? Nem por mil vidas, eu trocaria a minha condição aqui pela de Edgar Linton em Thrushcross Grange — nem se tivesse o privilégio de jogar Joseph do frontão mais alto e de pintar a frente da casa com o sangue de Hindley!”

“Psiu! Fale baixo! Mas, Heathcliff, você ainda não me contou como foi que Catherine ficou para trás.”

“Eu disse que nós rimos. Os Linton ouviram e, no mesmo segundo, voaram para a porta com a rapidez de duas flechas. Houve um silêncio e depois gritos: ‘Ei, mamãe, mamãe! Ei, papai! Ei, mamãe, venha aqui. Ei, ei, papai!’. Eles urraram alguma coisa assim. Fizemos barulhos aterradores para assustá-los ainda mais, e

depois pulamos do peitoril, porque alguém estava abrindo os trincos e era melhor fugir. Eu peguei Cathy pela mão e estava puxando-a, mas, de repente, ela caiu no chão.

"'Corra, Heathcliff, corra!', ela sussurrou. 'Eles soltaram o buldogue e ele está me prendendo.'

"O demônio tinha pegado o tornozelo dela, Nelly. Eu ouvi o grunhido abominável dele. Ela não gemeu — não! Teria considerado isso uma indignidade, mesmo se tivessem espetado Cathy nos chifres de uma vaca brava. Mas eu gritei: vociferei pragas o suficiente para aniquilar qualquer diabo no mundo, peguei uma pedra e prendi na mandíbula dele, e tentei com todas as minhas forças enfiá-la goela abaixo. Um desgraçado de um criado finalmente apareceu com um lampião, berrando:

"'Segure, Skulker!'

"Mas ele mudou de tom quando viu quem era a presa de Skulker. O cachorro foi esganado e afastado, com meio pé de língua roxa pendurada para fora da boca e os beiços caídos encharcados de baba sangrenta.

"O homem levantou Cathy. Ela estava se sentindo mal. Não de medo, tenho certeza, mas de dor. Ele a carregou para dentro da casa. Eu fui atrás, resmungando impropérios e juras de vingança.

"'O que foi que pegaram, Robert?', gritou Linton da entrada.

"'Skulker pegou uma menininha, senhor', respondeu ele, 'e tem um moleque aqui', acrescentou, me agarrando, 'que parece um tremendo velhaco! Aposto que os ladrões queriam enfiar os dois pela janela para abrir as portas para o bando depois de todo mundo estar dormindo. Assim, iam poder nos matar sem ter trabalho.

Quieto, seu ladrão de boca imunda! Você vai para a forca por causa disso. Não largue sua arma, sr. Linton.'

"'Não vou largar, Robert!', disse o velho tolo. 'Os patifes sabiam que ontem foi o dia em que eu recebo os aluguéis. Acharam que estavam sendo muito espertos. Entre. Eu vou dar-lhes uma tremenda recepção. Vá, John, feche a corrente. Dê um pouco de água para Skulker, Jenny. Atacar um magistrado em sua fortaleza, e ainda por cima em dia santo! Até onde vai a insolência deles? Ah, minha querida Mary, olhe aqui! Não tenha medo, é só um menino. Mas o canalha tem um rosto tão horrendo! Não seria uma gentileza ao país enforcá-lo agora, antes que ele mostre sua natureza nos atos, e não só nas feições?'

"Ele me puxou para debaixo do candelabro e a sra. Linton colocou os óculos no nariz e ergueu as mãos, horrorizada. Aquelas crianças covardes se aproximaram também, com Isabella dizendo, com a língua presa:

"'Que coisa horrorosa! Coloque-o no sótão, papai. Ele é exatamente igual ao filho da cartomante que roubou meu faisão amestrado. Não é, Edgar?'

"Enquanto eles me examinavam, Cathy apareceu. Ela ouviu a última frase e riu. Edgar Linton, depois de um olhar inquisidor, conseguiu ter cabeça para saber quem era. Eles nos veem na igreja, sabe, se bem que só lá e mais em lugar nenhum.

"'Essa é a srta. Earnshaw!', sussurrou ele para a mãe. 'E olhe como Skulker a mordeu — como o pé dela está sangrando!'

"'A srta. Earnshaw? Que bobagem!', exclamou a mulher. 'A srta. Earnshaw, andando pelos campos com um cigano! Mas, meu bem,

a menina está de luto… deve ser mesmo… e ela pode ficar manca para o resto da vida!’

“‘Que descuido imperdoável do irmão dela!’, exclamou o sr. Linton, voltando-se de mim para Catherine. ‘Pelo que me disse o Shielders (esse era o cura, senhor), ele está criando a menina como se fosse uma pagã. Mas quem é esse? Onde ela arrumou essa companhia? Ah! Garanto que é aquela estranha aquisição que meu falecido vizinho fez em sua viagem a Liverpool — um pequeno marinheiro indiano ou um náufrago americano ou espanhol.’

“‘Um menino perverso, de qualquer maneira’, comentou a velha, ‘que não pode de jeito nenhum ficar numa casa decente! Percebeu o linguajar dele, Linton? Estou chocada que meus filhos tenham ouvido isso.’

“Voltei a praguejar — não fique com raiva, Nelly — e, por isso, mandaram Robert me tirar dali. Eu me recusei a ir sem Cathy. Ele me arrastou até o jardim, enfiou o lampião na minha mão, garantiu que o sr. Earnshaw ficaria sabendo do meu comportamento e, me mandando ir embora naquele minuto, trancou a porta de novo.

“A cortina ainda estava aberta num dos cantos. Retornei ao meu posto de espião, pois, se Catherine quisesse voltar para casa, tinha a intenção de estilhaçar os vidros deles em um milhão de cacos se não deixassem ela sair.

“Ela sentou no sofá e ficou quieta. A sra. Linton tirou a capa cinza da moça que ordenha as vacas que a gente tinha pegado emprestado para fazer nossa excursão, balançando a cabeça e ralhando com ela, imagino. Catherine é uma mocinha, e o tratamento dela foi diferente do meu. A criada trouxe uma bacia de água morna e lavou os pés dela, o sr. Linton serviu um copo de

vinho morno com água, Isabella jogou um prato cheio de bolinhos no colo dela e Edgar ficou um pouco afastado, de boca aberta. Depois, eles secaram e penteiaram os lindos cabelos da Cathy, deram para ela um par de pantufas enormes e levaram-na para perto do fogo. Quando eu fui embora, Catherine não podia estar mais contente, dividindo a comida entre o cãozinho e Skulker, beliscando o focinho dele enquanto ele comia e fazendo surgir uma centelha de ânimo nos olhos azuis sem expressão dos Linton — um reflexo baço de seu próprio rosto encantador. Vi que eles estavam repletos de admiração estúpida. Ela é tão imensuravelmente superior a eles — a todas as pessoas do mundo, não é, Nelly?"

"Essa questão vai ter mais consequências do que você imagina", respondi, cobrindo-o e apagando a luz. "Você não toma jeito, Heathcliff, e o sr. Hindley vai tomar uma atitude drástica, espere só."

Minhas palavras foram mais verdadeiras do que eu desejava. Aquela aventura desafortunada deixou Earnshaw furioso. E então o sr. Linton, para consertar a situação, nos fez uma visita no dia seguinte, e deu tamanho sermão no patrãozinho sobre o rumo no qual ele estava levando sua família que ele realmente acordou e prestou atenção.

Heathcliff não apanhou de chicote, mas disseram-lhe que o mandariam para longe se trocasse mais uma palavra com a srta. Catherine; e a sra. Earnshaw prometeu tomar conta da cunhada quando ela voltasse para casa, usando artimanhas, não força — pois, através da força, isso teria sido impossível.

# vii

Cathy permaneceu em Thrushcross Grange durante cinco semanas, até o Natal. Àquela altura, seu tornozelo estava completamente curado e seus modos tinham melhorado muito. Durante esse período, a patroa a visitou com frequência e começou seu projeto de aprimoramento, tentando aumentar a vaidade de Cathy com roupas bonitas e elogios, que ela aceitou prontamente. Assim, em vez de uma pequena selvagem sem chapéu, que chegaria aos pulos e iria correndo nos sufocar com abraços apertados, quem desceu de um belo pônei preto foi uma pessoinha muito solene, com cachos castanhos saindo por debaixo de um chapéu de pele de castor com plumas e um traje de montaria longo que ela foi obrigada a segurar com ambas as mãos para poder entrar elegantemente em casa.

Hindley ergueu-a do cavalo, exclamando, encantado:

“Mas, Cathy, como você está bonita! Eu quase não a reconheci. Agora, está parecendo uma dama. Isabella Linton nem se compara com ela, não é, Frances?”

“Isabella não tem as qualidades naturais de Cathy”, respondeu a esposa dele, “mas ela precisa tomar cuidado para não voltar a ficar sem modos. Ellen, ajude a srta. Catherine a tirar o traje. Espere,

querida, você vai desfazer seus cachos. Deixe-me desatar seu chapéu.”

Tirei o traje e, sob ele, vi reluzindo um imponente vestido de seda xadrez, meias brancas e sapatos encerados. Embora os olhos de Catherine tenham brilhado de alegria quando os cachorros vieram pulando para recebê-la, ela não ousou tocá-los, para que eles não fizessem uma festa em suas esplêndidas vestimentas.

Catherine me deu um leve beijo — eu estava preparando o bolo de Natal, toda enfarinhada, e não teria sido apropriado me dar um abraço — e, então, olhou em torno em busca de Heathcliff. O sr. e a sra. Earnshaw aguardavam ansiosamente o encontro deles, acreditando que ele iria permitir julgar, até certo ponto, que motivos tinham para acreditar ter sucesso em separar os dois amigos.

Foi difícil achar Heathcliff a princípio. Se ele já não se importava com nada e ninguém se importava com ele antes da ausência de Catherine, tal estado de coisas tornara-se dez vezes pior desde então.

Ninguém além de mim nem sequer lhe fazia a gentileza de chamá-lo de menino sujo e mandá-lo se lavar uma vez por semana, e crianças da sua idade raramente têm um gosto natural por água e sabão. Por isso, ele estava com roupas que tinham sido usadas durante três meses para fazer trabalhos na lama e no pó, cabelos espessos e despenteados e o rosto e as mãos terrivelmente encardidos. Não era à toa que tinha ido se esconder atrás do banco de madeira de espaldar alto ao ver uma donzela tão graciosa e bonita entrar na casa, em vez de uma versão feminina tão desgrenhada quanto ele mesmo, como esperava.

“Heathcliff não está aqui?”, exigiu saber Catherine, tirando as luvas e mostrando dedos que tinham ficado maravilhosamente brancos de tanto não fazer nada e ficar dentro de casa.

“Heathcliff, pode aparecer!”, exclamou o sr. Hindley, desfrutando do embaraço dele e satisfeito em ver a figura torpe que seria obrigado a apresentar. “Pode vir dar as boas-vindas à srta. Catherine, como os outros criados.”

Catherine, vislumbrando o amigo em seu esconderijo, correu para abraçá-lo. Deu-lhe sete ou oito beijos seguidos na bochecha e então parou e, afastando-se, desatou a rir, exclamando:

“Ora, como você está preto e zangado! E como… como está engraçado e soturno! Mas isso é porque eu estou acostumada com Edgar e Isabella Linton. Ora, Heathcliff, você me esqueceu?”

Catherine tinha certa razão em fazer a pergunta, pois a vergonha e o orgulho fizeram o semblante dele ficar duplamente sombrio e o mantiveram imóvel.

“Aperte a mão dela, Heathcliff”, disse o sr. Earnshaw, num tom condescendente. “Só uma vez, numa ocasião assim, isso é permitido.”

“Não vou apertar!”, respondeu o menino, finalmente encontrando as palavras. “Não vou ficar aqui para rirem de mim. Não vou suportar isso!”

E ele teria ido embora, mas a srta. Cathy agarrou-o de novo.

“Não foi minha intenção rir de você”, disse ela. “Não consegui me conter. Heathcliff, aperte minha mão, pelo menos! Por que está tão rabugento? Foi só porque você está com a aparência tão estranha. Se lavar o rosto e escovar o cabelo, não vai ter problema. Mas está tão sujo!”

Cathy olhou preocupada para os dedos enegrecidos que segurava nas mãos e também para as próprias vestimentas, que, ela temia, não tinham ficado mais bonitas com o contato com as roupas dele.

“Você não precisava ter me tocado!”, respondeu Heathcliff, seguindo o olhar dela e arrancando a mão da sua. “Vou ficar tão sujo quanto quiser, e gosto de ficar sujo, e vou ficar e pronto.”

Com isso, ele saiu em disparada da sala, em meio às gargalhadas do patrão e da patroa e para séria perturbação de Catherine, que não conseguiu compreender como seus comentários podiam ter causado tamanha exibição de mau humor.

Depois de fazer as vezes de criada pessoal para a recém-chegada, de colocar meus bolos no forno e de deixar a casa e a cozinha alegres com grandes fogueiras dignas da véspera de Natal, eu me preparei para me sentar e me distrair cantando cantigas natalinas sozinha, indiferente às afirmações de Joseph, que considerava que as melodias alegres que escolhi eram praticamente o mesmo que canções mundanas.

Ele havia se retirado para rezar sozinho em seu quarto, e o sr. e a sra. Earnshaw estavam ocupando a atenção da mocinha com diversos berloques bonitos que tinham comprado para que ela desse de presente aos irmãos Linton, em reconhecimento à sua gentileza.

Eles tinham sido convidados para passar o dia seguinte em Wuthering Heights, e o convite fora aceito sob uma condição: a sra. Linton pediu que seus queridinhos fossem mantidos afastados daquele “menino malvado de boca suja”.

Nessas circunstâncias, eu fiquei só. Senti o aroma rico das especiarias que iam esquentando e admirei os utensílios brilhantes da cozinha, o relógio polido decorado com azevinho, as canecas de prata dispostas numa bandeja e prontas para serem enchidas de cerveja quente para o jantar e, acima de tudo, a pureza imaculada daquilo com que tinha tomado especial cuidado: o chão esfregado e bem varrido.

Intimamente, dei os aplausos merecidos por cada objeto e então me lembrei de como o velho Earnshaw costumava entrar quando tudo estava arrumado, me chamar de moça parruda e colocar um xelim na minha mão, de presente de Natal. Depois, passei a pensar no carinho dele por Heathcliff e em seu pavor de que ele pudesse sofrer alguma negligência após sua morte; e isso naturalmente me levou a considerar a situação atual do pobre rapaz, o que me fez parar de cantar e começar a chorar. Logo, no entanto, ocorreu-me que seria mais sensato tentar corrigir algumas daquelas injustiças do que verter lágrimas por elas. Levantei-me e fui até o pátio atrás dele.

Heathcliff não estava longe. Encontrei-o alisando o pelo lustroso do pônei novo no estábulo e alimentando os outros animais, como tinha o hábito de fazer.

“Venha logo, Heathcliff!”, exclamei. “A cozinha está tão confortável, e Joseph está lá em cima. Venha logo e deixe-me arrumá-lo antes que a srta. Cathy saia. Então, vocês vão poder sentar juntos na lareira sem mais ninguém por perto e conversar bastante até a hora de dormir.”

Ele continuou com sua tarefa e nem virou a cabeça na minha direção.

“Venha. Você vem?”, insisti. “Tem um bolinho para cada um de vocês, quase; e você vai precisar de meia hora para se aprumar.”

Esperei cinco minutos, mas, como não obtive resposta, deixei-o lá. Catherine jantou com o irmão e a cunhada. Joseph e eu fizemos uma refeição desagradável, temperada com reprimendas de um lado e respostas atrevidas do outro. O bolo e o queijo de Heathcliff continuaram na mesa a noite toda, para as fadas. Ele conseguiu continuar a trabalhar até as nove e então marchou, mudo e azedo, para o seu quarto.

Cathy ficou acordada até tarde, pois tinha um mundo de coisas a encomendar para a recepção dos novos amigos. Entrou na cozinha uma vez para falar com o seu amigo antigo, mas Heathcliff não estava lá, e ela permaneceu apenas tempo o suficiente para perguntar o que ele tinha, depois se retirou.

De manhã, Heathcliff acordou cedo e, como era feriado, levou seu mau humor para os urzais, só aparecendo depois que a família saíra para ir à igreja. O jejum e a reflexão pareciam tê-lo deixado com um ânimo melhor. Ele ficou me rodeando durante algum tempo e, após ganhar coragem, exclamou abruptamente:

“Nelly, me deixe decente. Vou ser bonzinho.”

“Já não era sem tempo, Heathcliff. Você magoou *mesmo* Catherine. Acho que ela deve ter se arrependido de ter voltado para casa! Parecia que você estava com inveja por ela receber mais atenção do que você.”

A ideia de *invejar* Catherine era incompreensível para Heathcliff; mas a ideia de magoá-la, ele compreendeu claramente.

“Ela disse que estava magoada?”, perguntou ele, com um ar muito sério.

“Ela chorou quando eu disse que você tinha saído de novo esta manhã.”

“Bem, *eu* chorei ontem à noite”, respondeu ele. “E tinha mais motivos para chorar do que ela.”

“Sim, você tinha o motivo de ter ido para a cama com um coração orgulhoso e um estômago vazio. As pessoas orgulhosas geram grandes tristezas para si. Mas, se está envergonhado de ter sido tão melindroso, não se esqueça de pedir perdão quando ela entrar. Precisa subir, se oferecer para dar-lhe um beijo e dizer… Você sabe melhor do que eu o que dizer. Mas diga de coração e não como se achasse que ela virou uma estranha por causa daquele vestido fino. E agora, apesar de eu precisar preparar o jantar, vou roubar um tempo para arrumar você de modo que Edgar Linton vai parecer um boneco em comparação. E ele parece mesmo. Você é mais novo, mas garanto que é mais alto e tem as costas duas vezes mais largas. Poderia derrubá-lo com um golpe só. Não acha?”

O rosto de Heathcliff se iluminou por um instante; mas então voltou a se anuviar e ele suspirou.

“Mas, Nelly, mesmo se eu o derrubasse vinte vezes, isso não o deixaria menos bonito, nem me deixaria mais. Gostaria de ter os cabelos louros e a pele clara, e de me vestir, e de me comportar tão bem, e de ter a chance de ser tão rico quanto ele vai ser!”

“E de chamar pela mamãe sem parar”, acrescentei, “e de tremer se um menino qualquer brandisse o punho para você, e de ficar sentado em casa só porque estava chovendo. Ah, Heathcliff, você não está tendo coragem! Venha até o espelho e eu lhe mostrarei o que deveria desejar. Está vendo esses dois vincos entre os seus olhos, e essas sobrancelhas grossas que, em vez de formarem

arcos, afundam no meio? E esses dois demônios negros, tão bem enterrados, que nunca escancaram suas janelas, mas ficam brilhando à espreita debaixo delas, como espiões do diabo? Deseje e aprenda a alisar esses vincos soturnos, a erguer suas pálpebras com franqueza, e a transformar os demônios em anjos confiantes e inocentes, que não suspeitam nem duvidam de nada, e sempre veem amigos onde não têm certeza de que há inimigos. Não fique com a expressão de um cão perverso que parece saber que os chutes que leva são merecidos, mas que mesmo assim odeia o mundo inteiro, além de quem o chuta, pelo que sofre."

"Em outras palavras, devo desejar ter os grandes olhos azuis e a testa lisa de Edgar Linton", respondeu Heathcliff. "Eu desejo — mas isso não vai me ajudar a obtê-los."

"Um coração bom ajuda a ter um rosto bonito, rapaz", continuei, "mesmo para quem é preto de verdade. E um coração ruim dá ao rosto mais bonito algo pior do que a feiura. E agora que nós acabamos de lavar, pentear e resmungar, me diga se você não está se achando bastante bem-apessoado? Garanto que eu acho. Parece até um príncipe disfarçado. Quem sabe se seu pai não era imperador da China e sua mãe, uma rainha indiana, e se cada um não conseguia comprar tanto Wuthering Heights quanto Thrushcross Grange com a renda de uma semana? E você foi raptado por marinheiros malvados e trazido para a Inglaterra? Se eu estivesse no seu lugar, me imaginaria muito bem-nascido — e pensar em quem eu sou me daria coragem e dignidade para suportar a opressão de um fazendeiro qualquer!"

Continuei tagarelando assim, e Heathcliff, aos poucos, deixou de franzir o cenho e começou a ficar com uma aparência bastante

agradável. Mas, de repente, nossa conversa foi interrompida por um barulho de rodas subindo a estrada e entrando no pátio. Ele correu para a janela e eu para a porta, bem a tempo de ver os dois Linton descerem da carruagem da família, embrulhados em capas e peles, e os Earnshaw apearem de seus cavalos — eles muitas vezes cavalgavam até a igreja no inverno. Catherine pegou uma das mãos de cada criança, levou-as para dentro da casa e sentou-as diante do fogo, o que logo deixou seus rostos brancos corados.

Insisti para que Heathcliff fosse depressa mostrar sua simpatia e ele obedeceu de bom grado. Mas, por azar, quando abriu a porta da cozinha de um dos lados, Hindley abriu-a do outro. Eles se encararam e o patrão, irritado ao vê-lo limpo e alegre, ou, talvez, ansioso por cumprir a promessa que fizera à sra. Linton, deu-lhe um safanão e, com raiva, disse para Joseph: “Não deixe o rapaz ir para a sala. Mantenha-o na água-furtada até o jantar acabar. Ele vai enfiar os dedos nas tortas e roubar as frutas se ficar um minuto sozinho com eles”.

“Não, senhor”, respondi eu, sem me conter. “Ele não vai mexer em nada, pode ter certeza. E acho que tem direito a uma parte das guloseimas, assim como todos nós.”

“Ele vai ganhar é uns sopapos, se eu voltar a apanhá-lo aqui embaixo antes do anoitecer!”, exclamou Hindley. “Saia daqui, seu vagabundo! Está tentando se fazer de janota, é? Espere só até eu agarrar esses cachos elegantes — você vai ver se não consigo esticá-los mais um pouco!”

“Eles já estão bastante longos”, observou o jovem Linton, espiando da porta. “Não sei como não lhe dão uma dor de cabeça. É que nem ter uma crina de cavalo diante dos olhos!”

Ele fez esse comentário sem nenhuma intenção de insultar, mas a natureza violenta de Heathcliff não pôde suportar aquela aparente impertinência da parte de alguém que, mesmo então, ele já detestava como a um rival. Heathcliff agarrou a primeira coisa que viu — uma terrina de purê de maçã quente — e atirou-a em cheio no rosto e no pescoço de Linton, que imediatamente abriu um berreiro que fez Isabella e Catherine virem correndo.

O sr. Earnshaw pegou o culpado no mesmo instante e levou-o para o seu quarto, onde, sem dúvida, deve ter lhe administrado um castigo duro para esfriar aquele ataque de fúria, pois estava vermelho e sem fôlego quando voltou. Eu peguei o pano de prato e esfreguei o nariz e a boca de Edgar com bastante rancor, afirmando que tinha sido bem feito por ele se intrometer. A irmã começou a chorar, pedindo para ir para casa, e Cathy ficou aturdida, com vergonha de todos eles.

"Você não devia ter falado com ele!", ralhou ela, dirigindo-se ao jovem Linton. "Ele estava de mau humor, e agora você estragou sua visita e ele vai apanhar de chicote! Não vou conseguir almoçar. Por que você falou com ele, Edgar?"

"Não falei", soluçou o rapaz, escapando das minhas mãos e terminando de se limpar com o próprio lenço de cambraia. "Prometi à mamãe que não diria uma palavra para ele, e não disse!"

"Ora, não chore", respondeu Catherine com desprezo. "Você não morreu. Não dê mais trabalho. Meu irmão está chegando. Fique quieto! Chega, Isabella! Alguém machucou *você*?"

"Pronto, pronto, crianças. Vão se sentar!", exclamou Hindley, entrando depressa. "Aquela besta me esquentou bem. Da próxima

vez, sr. Edgar, faça justiça com os próprios punhos. Vai abrir seu apetite!”

O grupinho recuperou a tranquilidade ao ver o banquete perfumado. A ida até a casa os deixara com fome e não foi difícil consolá-los, pois não haviam sofrido nenhum mal real.

O sr. Earnshaw cortou porções generosas e a patroa deixou-os alegres com sua conversa animada. Eu fiquei postada atrás da cadeira dela e senti-me triste ao ver Catherine, com os olhos secos e um ar indiferente, começar a cortar a asa de um ganso à sua frente.

“É uma criança insensível”, pensei comigo mesma. “Com que facilidade esquece a tristeza do velho amigo! Não imaginei que fosse tão egoísta.”

Catherine levou um bocado até os lábios, mas então voltou a pousá-lo no prato. Suas faces coraram e as lágrimas rolaram sobre elas. Ela deixou o garfo cair no chão e mergulhou depressa debaixo da toalha para esconder sua emoção. Eu não a chamei de insensível por muito mais tempo, pois percebi que tinha passado o dia inteiro no purgatório, louca para encontrar uma oportunidade de ficar sozinha ou fazer uma visita a Heathcliff. Este havia sido trancado no quarto pelo patrão, o que eu descobri ao tentar entregar-lhe alguns víveres para o almoço.

No final da tarde, as crianças dançaram. Cathy implorou que o libertassem então, já que Isabella Linton não tinha par. Suas súplicas foram em vão e eu fui chamada a suprir a deficiência.

Nós nos livramos de toda a tristeza com a agitação do exercício, e nosso prazer aumentou com a chegada da banda de Gimmerton, composta de quinze músicos: um trompete, um trombone,

clarinetes, fagotes, trompas e uma viola de gamba, além de cantores. Eles vão a todas as casas respeitáveis e recebem contribuições todo Natal. Para nós, foi um enorme gosto ouvi-los tocar.

Depois das cantigas de Natal de sempre, pedimos para ouvir canções e madrigais. A sra. Earnshaw adorava música e, por isso, eles tocaram bastante.

Catherine adorava também, mas disse que o som ficava mais bonito no topo da escada, e subiu-a no escuro. Eu fui atrás. Eles fecharam a porta da sala lá embaixo sem notar a nossa ausência, de tanta gente que havia. Ela não continuou no topo da escada, mas subiu mais: foi para a água-furtada onde Heathcliff estava confinado e chamou-o. Ele se recusou a responder durante algum tempo. Catherine insistiu e finalmente persuadiu-o a comungar com ela através das tábuas.

Deixei que os pobrezinhos conversassem em paz até ter a impressão de que as canções iam cessar e os cantores, ganhar algum alimento; então, subi a escada para avisá-la.

Em vez de encontrá-la do lado de fora, ouvi sua voz do lado de dentro. A macaquinha tinha trepado pela claraboia do teto e entrado pela claraboia da água-furtada, e foi com a maior dificuldade que eu a convenci a sair.

Quando Catherine veio, Heathcliff veio junto, e ela insistiu que eu o levasse para a cozinha, já que o outro criado fora para a casa de um vizinho, para assim se afastar do som dos “salmos do demônio”, como ele gostava de dizer.

Eu disse a eles que não ia encorajar aquelas traquinagens de jeito nenhum; mas, como o prisioneiro estava de jejum desde o almoço

do dia anterior, aceitei que ludibriasse o sr. Hindley só daquela vez.

Heathcliff desceu. Eu o coloquei num banquinho ao lado do fogo e ofereci-lhe diversas coisas gostosas. Mas ele estava se sentindo mal e só conseguiu comer pouco, e minhas tentativas de distraí-lo de nada adiantaram. Heathcliff apoiou os dois cotovelos nos joelhos e o queixo nas mãos, e permaneceu absorto por uma reflexão muda. Quando eu perguntei no que estava pensando, ele respondeu, muito sério:

"Estou tentando decidir como me vingar de Hindley. Não me importa quanto tempo demore, contanto que eu consiga isso um dia. Espero que ele não morra antes!"

"Que vergonha, Heathcliff!", disse eu. "Deus é quem deve punir as pessoas malvadas. Nós devemos aprender a perdoar."

"Não, Deus não vai ter a mesma satisfação que eu", respondeu ele. "Só queria saber qual seria a melhor maneira! Deixe-me em paz, que eu vou planejar tudo. Enquanto penso nisso, não sinto dor."

Mas, sr. Lockwood, eu me esqueço de que é impossível o senhor se distrair com essas histórias. Fico irritada por ter conseguido tagarelar tanto enquanto seu mingau esfria e o senhor cabeceia de sono! Eu podia ter contado a história de Heathcliff, tudo o que o senhor precisa saber, em meia dúzia de palavras.

Interrompendo-se assim, a governanta se levantou e deixou de lado a costura. Mas eu me sentia incapaz de sair de perto da lareira e estava muito longe de pegar no sono.

"Pare, pare, sra. Dean!", exclamei. "Por favor, fique aqui mais meia hora! A senhora fez o certo em contar a história devagar. É esse o método que eu gosto, e quero que termine do mesmo jeito.

Estou mais ou menos interessado em todos os personagens que a senhora mencionou.”

“O relógio já bateu onze horas, senhor.”

“Não importa. Não estou acostumado a ir me deitar antes da meia-noite. Uma ou duas da manhã está bom para quem fica na cama até as dez.”

“O senhor não devia ficar na cama até as dez. A essa hora, a melhor parte da manhã já passou há muito tempo. Alguém que não fez metade do trabalho do dia até as dez corre o risco de não fazer a segunda metade.”

“Volte a se sentar mesmo assim, sra. Dean.[7] Porque amanhã eu tenho a intenção de fazer a noite durar até a tarde. Meu prognóstico é que vou ter um resfriado teimoso, no mínimo.”

“Espero que não. Bem, por favor, permita que eu pule uns três anos. Durante esse período, o sr. Earnshaw…”

“Não, não vou permitir nada disso! A senhora conhece aquele estado de espírito no qual, quando se está sentado sozinho, com uma gata lambendo um filhote no tapete em frente, observa-se a operação com tanta atenção que, se a mãe esquecer uma orelha, fica-se num sério mau humor?”

“Eu diria que esse é um estado de espírito horrivelmente preguiçoso.”

“Ao contrário, ele é cansativo de tão agitado. Esse é o estado de espírito no qual eu estou no momento e, portanto, continue a história em detalhes. Percebi que as pessoas desta região têm, em relação às pessoas das cidades, a mesma superioridade que uma aranha numa masmorra teria em relação a uma aranha numa choupana. Mas a atração maior não se deve apenas à situação de quem

observa. As pessoas daqui *realmente* vivem com maior intensidade, mais em si mesmas, e menos nas mudanças superficiais e nas coisas externas e frívolas. Eu quase seria capaz de imaginar amar a vida neste lugar — e tinha uma firme descrença em qualquer amor de mais de um ano de duração. Um estado pode ser comparado a colocar um homem faminto diante de um único prato no qual ele poderia concentrar seu apetite inteiro, fazendo-lhe justiça; e o outro, a sentá-lo a uma mesa posta por cozinheiros franceses. O homem talvez possa extrair o mesmo prazer no segundo caso, mas cada parte será uma mera partícula em seu carinho e em sua memória."

"Ah! Nós aqui somos iguais a todo mundo, depois que alguém nos conhece", observou a sra. Dean, sem entender muito bem o que eu dissera.

"Com licença", respondi. "Mas a senhora, minha boa amiga, é uma prova impressionante da falsidade dessa afirmação. Com exceção de alguns provincianismos pouco importantes, seus modos não têm nenhuma das características que eu estou habituado a considerar peculiares à sua classe. Tenho certeza de que já refletiu muito mais do que a maioria dos criados. Foi impelida a cultivar suas faculdades mentais, pois não teve oportunidades de desperdiçar a vida com bobagens."

A sra. Dean riu.

"Eu decerto me considero uma pessoa sólida e razoável, não exatamente por viver entre as montanhas, e ver sempre os mesmos rostos e os mesmos gestos de uma ponta do ano à outra. Mas passei por uma disciplina dura que me ensinou muito. E, além do mais, já li mais do que o senhor imagina, sr. Lockwood. O senhor não ia conseguir encontrar nenhum livro nesta biblioteca que eu já

não tenha olhado e do qual já não tenha tirado alguma coisa; a não ser que seja em grego, latim ou francês. Mas esses, eu sei diferenciar um do outro, o que é o máximo que se pode esperar da filha de um homem pobre.

“Mas, se eu vou contar minha história como uma verdadeira mexeriqueira, é melhor continuar logo. E, em vez de pular três anos, vou me contentar em passar para o verão seguinte — o verão de 1778, ou seja, quase vinte e três anos atrás.”

---

7. O fato de Lockwood não conseguir entender ou respeitar os hábitos da região onde foi viver é indicado por sua falta de consideração com a incapacidade de Nelly de mudar seu horário de dormir. (n. e.)

# viii

Na manhã de um belo dia de junho nasceu o primeiro bebezinho lindo de quem eu fui babá, e o último da linhagem ancestral dos Earnshaw.

Nós estávamos ocupados com o feno num campo distante quando a criada que em geral trazia nosso desjejum veio correndo uma hora antes, atravessando o prado e subindo a aleia enquanto gritava por mim.

“Ah, mas que criança bonita!”, disse ela, ofegante. “O menino mais lindo que já se viu! Mas o médico disse que a patroa não dura; que ela está tísica faz meses. Eu ouvi quando ele contou pro sr. Hindley. E agora, que ela não tem mais motivo para ficar aqui, vai morrer antes do inverno. Você tem de vir agora. Vai ser a babá, Nelly. Dar açúcar com leite para o menino e cuidar dele dia e noite. Eu queria estar no seu lugar, pois ele vai ser todo seu depois que a patroa desencarnar!”

“Mas ela está muito doente?”, perguntei, largando o ancinho e atando o chapéu.

“Acho que sim. Mas está com a cara corajosa”, respondeu a criada, “e fala como se fosse viver até o menino virar homem-feito.

Ela está louca de alegria de tão lindo que ele é! Se eu fosse ela, com certeza não ia morrer. Ia melhorar só de ver aquela criança, apesar do que diz o Kenneth. Eu fiquei bastante zangada com ele. A sra. Archer levou o querubim para o patrão ver na casa, e o rosto dele começou a se iluminar. Mas então o velho rabugento chegou e disse: 'Earnshaw, é uma bênção que sua esposa tenha vivido para lhe dar esse filho. Quando ela chegou, eu tinha certeza de que não ia ficar conosco por muito tempo. E agora devo lhe dizer que provavelmente não aguentará até o fim do inverno. Não se aflija nem se entristeça, pois não há jeito. E além do mais, você devia ter tido mais juízo e não ter escolhido esse alfenim de moça!'"

"E o que o patrão respondeu?"

"Acho que ele praguejou. Mas não prestei atenção, pois estava tentando ver o menino." E a criada começou de novo a descrever a criança, em êxtase. Eu, tão curiosa quanto ela, corri para casa para admirá-lo também, embora estivesse muito triste por Hindley. Ele só tinha espaço no coração para dois ídolos: sua esposa e ele próprio. Hindley amava ambos e, por ela, sentia uma verdadeira adoração. Eu não conseguia imaginar como ia suportar aquela perda.

Quando chegamos a Wuthering Heights, ele estava parado ao lado da porta da frente. E logo que fui entrando perguntei como estava o bebê.

"Quase pronto para sair correndo por aí, Nell!", respondeu Hindley, forçando um sorriso alegre.

"E a patroa?", atrevi-me a indagar. "O médico disse que ela…"

"Para o diabo com o médico!", interrompeu ele, ficando vermelho. "Frances está ótima. Vai estar perfeitamente boa daqui a uma semana. Você vai subir? Diga-lhe que eu subo também, se ela

prometer não falar nada. Vim embora porque ela se recusava a parar de falar. E tem de parar. Diga a ela que o sr. Kenneth mandou que ficasse quieta."

Dei esse recado à sra. Earnshaw. Ela parecia muito animada e respondeu alegremente:

"Eu mal falei duas palavras, Ellen, e ele já saiu duas vezes, chorando. Bem, diga que prometo não dizer nada, mas que não garanto que não vá rir dele!"

Pobrezinha! Até uma semana antes de morrer, ela continuou a ter um coração feliz. E seu marido insistiu teimosamente — não, furiosamente — em afirmar que sua saúde melhorava a cada dia. Quando Kenneth avisou que seus remédios eram inúteis naquele estágio da doença e ele não precisava dar-lhe mais despesas vindo tratar dela, Hindley retrucou:

"Sei que não precisa. Ela está bem. Não precisa mais de nenhuma visita sua! Ela nunca esteve tísica. Era só uma febre, e já passou. O pulso dela agora está tão lento quanto o meu, e a temperatura, tão baixa quanto a minha."

Ele afirmou o mesmo à esposa e ela pareceu acreditar. Mas, certa noite, quando estava apoiada em seu ombro dizendo que achava que ia conseguir se levantar no dia seguinte, foi tomada por um acesso de tosse — um acesso muito fraco. Hindley a ergueu nos braços, ela enlaçou-lhe o pescoço, seu rosto mudou, e ela morreu.

Como a criada havia previsto, Hareton foi entregue aos meus cuidados. O sr. Earnshaw, contanto que o visse saudável e nunca o ouvisse chorar, ficava satisfeito no que dizia respeito a ele. Já por si próprio, entrou em desespero. Sua tristeza era daquele tipo que não

se lamenta, não chora, nem reza. Ele praguejava e desafiava tudo — execrava Deus e os homens, e se entregou à dissipação.

Os criados não conseguiram suportar sua conduta tirânica e perversa durante muito tempo: Joseph e eu fomos os dois únicos que ficamos. Eu não tinha coragem de deixar o menino. E, além do mais, tinha sido irmã de criação do patrão, e perdoava seu comportamento com mais facilidade do que um estranho.

Joseph permaneceu para poder intimidar os inquilinos e os trabalhadores, e porque sua vocação é ficar onde houver bastante mal para reprovar.

Os maus caminhos e as más companhias do patrão foram um exemplo terrível para Catherine e Heathcliff. A maneira como ele tratava o segundo era suficiente para transformar um santo num demônio. E realmente parecia que o rapaz tinha sido possuído por algo diabólico durante aquele período. Ele se deliciava em ver Hindley se degradando para além da redenção, e, a cada dia, seu gênio brutal e sua ferocidade se tornavam mais marcantes.

Eu mal saberia descrever o lugar infernal que a casa se tornou. O cura parou de nos visitar e, após algum tempo, nenhuma pessoa decente se aproximava mais de nós, com exceção de Edgar Linton, que ia ver a srta. Cathy. Aos quinze anos, ela era a rainha da região. Não havia nenhuma moça que pudesse se comparar. E virou uma criatura muito altiva e obstinada! Confesso que não gostei mais dela depois que deixou de ser criança e a provocava com frequência, tentando diminuir sua arrogância. Mas ela nunca criou aversão por mim. Era um espanto como era fiel às velhas amizades. Nem sua afeição por Heathcliff se alterou, e o jovem Linton, com toda a sua

superioridade, tinha dificuldade em causar uma impressão igualmente profunda.

Ele é meu falecido patrão. Aquele é seu retrato em cima da lareira. Costumava ficar de um dos lados e o da esposa, do outro. Mas o dela foi removido. Se não tivesse sido, o senhor poderia ver como ela era. Consegue enxergar?

A sra. Dean ergueu a vela e eu discerni um rosto de feições suaves, muitíssimo parecido com o da moça que morava na Heights, mas mais melancólico e amável. Era um belo retrato. O cabelo longo e claro fazia leves cachos na altura das têmporas, os olhos eram grandes e sérios e a silhueta, quase delicada demais. Não me espantou que Catherine Earnshaw pudesse esquecer seu primeiro amigo por causa daquele indivíduo. Muito me espantou que ele, tendo o espírito em acordo com o ar de sua pessoa, pudesse se enamorar da ideia que eu fazia de Catherine Earnshaw.

“É um retrato muito bonito”, observei para a governanta. “É fiel?”

“Muito”, respondeu ela, “mas ele ficava melhor quando estava mais animado. Esse é seu semblante cotidiano. Em geral, lhe faltava vivacidade.”

Catherine mantivera a intimidade com os Linton desde que passara aquelas cinco semanas com eles. E, como não tinha vontade de mostrar seu lado grosseiro em tal companhia, e tinha o bom senso de sentir vergonha de ser rude onde sempre a tratavam com cortesia, sem se dar conta conquistou o senhor e a senhora com sua cordialidade ingênua. Catherine ganhou a admiração de Isabella e o coração e a alma de seu irmão — aquisições que a orgulharam desde o princípio, pois ela era repleta de ambição, e a

levaram a adotar uma personalidade dupla sem ter exatamente a intenção de enganar ninguém.

No lugar onde ouvira Heathcliff sendo descrito como “aquele menino vulgar” e “pior do que uma besta”, Catherine tomava o cuidado de não agir como ele. Mas, em casa, tinha pouca inclinação para exibir um comportamento que seria motivo de riso e para controlar sua natureza selvagem se, com isso, não fosse ganhar nem crédito, nem elogios.

Era raro que o sr. Edgar tivesse coragem de visitar Wuthering Heights abertamente. Ele tinha horror da reputação de Earnshaw, e temia encontrá-lo. No entanto, sempre era recebido com toda a polidez de que éramos capazes. O próprio patrão, sabendo por que ele vinha, evitava ofendê-lo, e, quando não conseguia ser educado, pelo menos não aparecia. Eu acho que Catherine não gostava que o sr. Edgar fosse visitá-la. Ela não era ardilosa, nunca se fazia de coquete, e evidentemente não lhe agradava que seus dois amigos se encontrassem. Pois, quando Heathcliff expressava desprezo por Linton diante deste, Catherine não podia concordar em parte, como fazia em sua ausência; e, quando Linton demonstrava nojo e antipatia por Heathcliff, ela não ousava parecer indiferente, como se a depreciação de seu amigo de infância mal tivesse importância.

Eu ria muito de suas confusões e dificuldades secretas, que Catherine tentava, em vão, esconder da minha zombaria. Isso me faz parecer malvada — mas Catherine era tão orgulhosa que se tornou mesmo impossível ter pena de suas aflições enquanto não aprendesse uma lição e se tornasse mais humilde.

Catherine, finalmente, acabou confessando tudo para mim. Não havia outra pessoa no mundo a quem ela pudesse pedir conselhos.

Certa tarde, o sr. Hindley saíra de casa e Heathcliff resolveu tirar uma folga por causa disso. Naquela época, ele tinha completado dezesseis anos, acho; e, sem ter feições ruins ou um intelecto deficiente, conseguia passar uma impressão de malevolência interna e externa da qual não restou nenhum vestígio em seu aspecto atual.

Em primeiro lugar, àquela altura, Heathcliff perdera o benefício da educação que recebera quando era criança. O trabalho duro e contínuo, que começava cedo e terminava tarde, extinguira qualquer vontade de adquirir conhecimento e qualquer amor pelos livros e pelo saber que ele um dia tivesse possuído. O senso de superioridade de sua infância, que surgira nele devido à preferência do velho sr. Earnshaw, se esvaecera. Durante muito tempo, Heathcliff se esforçou para manter o mesmo nível de Catherine em seus estudos, e desistiu com um pesar pungente, embora mudo. Mas acabou desistindo por completo. E não havia como convencê-lo a dar um passo à frente depois que ele descobriu que teria, necessariamente, de ocupar uma posição inferior à sua antiga. Então, a aparência física entrou em concordância com a deterioração mental. Heathcliff adquiriu um andar arrastado, uma expressão ignóbil; seu temperamento naturalmente reservado exagerou-se até se tornar taciturno ao ponto da idiossincrasia; e ele parecia sentir um prazer perverso em despertar aversão e não apreço nos poucos que o conheciam.

Catherine e Heathcliff ainda eram companheiros inseparáveis quando ele tinha alguma folga no trabalho. Mas ele deixara de expressar seu afeto por ela em palavras e se retraía com uma desconfiança raivosa de suas carícias de menina, como se tivesse

consciência de que não poderia haver satisfação em retribuir tais marcas de afeição. Na ocasião que eu mencionei, Heathcliff entrou na casa para anunciar sua intenção de não fazer nada enquanto eu ajudava a srta. Cathy a se vestir. Ela não previra que ele iria tomar a decisão de se manter desocupado e, imaginando que teria o lugar todo só para si, conseguira, de alguma maneira, avisar ao sr. Linton sobre a ausência de seu irmão, e estava naquele momento se preparando para recebê-lo.

"Cathy, você está ocupada esta tarde?", perguntou Heathcliff. "Vai a algum lugar?"

"Não, está chovendo", respondeu ela.

"Então por que está com esse vestido bobo? Não vem ninguém aqui, espero?"

"Não que eu saiba", gaguejou a mocinha. "Mas você devia estar nos campos agora, Heathcliff. O almoço foi uma hora atrás. Achei que você já tinha ido."

"Não é sempre que Hindley nos livra de sua maldita presença", observou o rapaz. "Não vou mais trabalhar hoje. Vou ficar com você."

"Ah, mas Joseph vai contar", sugeriu ela. "É melhor você ir!"

"Joseph está levando limões para o outro lado de Pennistone Crags. Ele só vai voltar à noite, e nunca vai saber."

Dizendo isso, ele se aproximou devagar do fogo e sentou-se. Catherine refletiu um momento, com o cenho franzido. Achou necessário preparar o terreno para uma intrusão.

"Isabella e Edgar Linton falaram em fazer uma visita esta tarde", disse ela, após um minuto de silêncio. "Como está chovendo, não os

espero. Mas pode ser que venham e, se vierem, é possível que ralhem com você sem motivo.”

“Mande Ellen dizer que você está ocupada, Cathy”, insistiu Heathcliff. “Não me expulse daqui por causa desses seus amigos bobos e lamentáveis! Às vezes, eu quase chego a reclamar que eles… mas não vou…”

“Que eles o quê?”, disse Catherine, olhando-o com uma expressão perturbada. “Ah, Nelly!”, acrescentou, irritada, afastando a cabeça das minhas mãos com um repelão, “você escovou tanto os meus cabelos que meus cachos sumiram! Já chega, me deixe em paz. Você quase chega a reclamar do quê, Heathcliff?”

“De nada. Mas olhe só para o calendário na parede.” Ele apontou para uma folha emoldurada que estava pendurada perto da janela e continuou:

“As cruzes são para as tardes que você passou com os Linton, e os pontos, para as que passou comigo. Eu marquei todos os dias, está vendo?”

“Sim. Que bobagem. Como se eu fosse reparar!”, respondeu Catherine num tom rabugento. “Qual o sentido disso?”

“Para mostrar que *eu* reparo”, disse Heathcliff.

“E eu tenho de ficar sempre com você?”, exigiu saber ela, cada vez mais irritada. “Que bem isso me faz? Sobre o que você fala? Não faria diferença se fosse mudo ou se fosse um bebê, pelo tanto que diz para me distrair — e pelo tanto que faz também!”

“Você nunca me disse antes que eu falava pouco ou que não gostava da minha companhia, Cathy!”, exclamou Heathcliff, muito agitado.

“Nem chega a ser companhia quando as pessoas não sabem de nada e não dizem nada”, murmurou ela.

Seu interlocutor se levantou, mas não teve tempo de expressar melhor seus sentimentos, porque se ouviram os cascos de um cavalo nas lajes do pátio e, depois de bater de leve, o jovem Linton entrou, com o rosto iluminado pelo deleite do chamado inesperado que recebera.

Sem dúvida, Catherine percebeu a diferença entre seus dois amigos quando um entrou e o outro saiu. O contraste parecia aquele que se tem quando se troca uma região lúgubre, montanhosa e cheia de minas de carvão por um belo vale fértil. A voz e o cumprimento de Linton eram tão opostos aos de Heathcliff quanto sua aparência. Ele tinha um jeito doce e baixo de falar e pronunciava as palavras como o senhor, com um sotaque menos rude, mais suave, do que esse nosso.

“Não cheguei cedo demais, cheguei?”, disse Linton, olhando para mim. Eu tinha começado a limpar os pratos e a arrumar algumas gavetas do outro lado da cômoda.

“Não”, respondeu Catherine. “O que você está fazendo aí, Nelly?”

“Meu trabalho, senhorita”, respondi. (O sr. Hindley me mandara desempenhar o papel de acompanhante em quaisquer visitas privadas que Linton resolvesse fazer.)

Ela postou-se atrás de mim e sussurrou, furiosa: “Vá embora daqui com os seus espanadores! Quando tem visita na casa, a criadagem não começa a esfregar e limpar o cômodo onde elas estão!”.

“É uma boa oportunidade, agora que o patrão saiu”, respondi em voz alta. “Ele detesta que eu fique remexendo nessas coisas

quando está aqui. Tenho certeza que o sr. Edgar vai me dar licença.”

“Eu detesto que você fique remexendo em coisas quando *eu* estou aqui”, exclamou a mocinha altivamente, sem dar a seu convidado tempo de responder. Ela não recuperara seu equilíbrio desde a pequena discussão com Heathcliff.

“Sinto muito, srta. Catherine!”, disse eu, continuando diligentemente a realizar a minha tarefa.

Ela, achando que Edgar não podia vê-la, arrancou o pano da minha mão e me deu um beliscão bem forte no braço.

Eu já disse que não gostava dela e que me deleitava em ofender sua vaidade de tempos em tempos. Além do mais, ela havia me machucado muito. Por isso, dei um pulo e gritei:

“Ah, que coisa feia! A senhorita não tem direito de me beliscar e eu não vou suportar isso!”

“Eu nem encostei em você, sua mentirosa!”, exclamou Catherine, com os dedos coçando para repetir o gesto e as orelhas vermelhas de raiva. Ela nunca conseguia ocultar sua ira, que sempre deixava seu semblante todo em brasa.

“O que é isso, então?”, retruquei, mostrando uma inequívoca mancha roxa como prova.

Catherine bateu o pé, hesitou um momento e então, arrastada pelo espírito perverso que tinha dentro de si, me deu uma bofetada no rosto que me deixou com os dois olhos cheios d’água.

“Catherine, meu amor! Catherine!”, interveio Linton, muito chocado com as duas transgressões, a mentira e a violência, que sua idolatrada havia cometido.

“Saia daqui, Ellen”, repetiu ela, tremendo dos pés à cabeça.

O pequeno Hareton, que me seguia por todos os cantos e estava sentado ao meu lado no chão, ao ver minhas lágrimas, começou a chorar também, reclamando aos soluços da “malvada da tia Cathy”. Isso fez com que a fúria de Catherine se voltasse para o infeliz: ela agarrou-o pelos ombros e sacudiu-o até que o pobre menino ficasse lívido. Edgar, sem pensar, segurou as mãos de Catherine para salvá-lo. Num segundo, ela libertou uma delas e o atônito rapaz sentiu na orelha um golpe que ninguém confundiria com um gesto brincalhão.

Edgar se afastou, consternado. Peguei Hareton no colo e fui para a cozinha com ele, deixando a porta entre os dois cômodos aberta, pois estava curiosa para saber como eles iam resolver aquela questão.

O visitante ofendido aproximou-se do local onde deixara o chapéu, pálido e com o lábio tremendo.

“Isso mesmo!”, disse comigo. “Preste atenção nesse aviso e vá embora! É uma bondade fazer você vislumbrar o temperamento genuíno dela.”

“Aonde você vai?”, exigiu saber Catherine, avançando até a porta.

Ele desviou e tentou passar.

“Você não pode ir!”, exclamou ela energicamente.

“Posso e vou!”, respondeu Edgar, em voz baixa.

“Não”, insistiu Catherine, agarrando a maçaneta. “Ainda não, Edgar Linton. Sente-se, você não vai me deixar com esse humor. Eu passaria a noite inteira infeliz, e não serei infeliz por sua causa!”

“Como posso ficar, depois de você me bater?”, perguntou Linton.

Catherine ficou muda.

“Você me deixou com medo e com vergonha”, continuou ele. “Não volto mais aqui!”

Os olhos dela começaram a brilhar e suas pálpebras, a tremer.

“E contou uma mentira deliberada!”, disse ele.

“Não contei!”, exclamou Catherine, recuperando a fala. “Não fiz nada deliberado. Bem, vá, se quiser. Ande! E agora, eu vou chorar. Vou chorar até ficar doente!”

Ela caiu de joelhos ao lado de uma poltrona e desabou num choro realmente sentido.

Edgar se manteve firme em sua decisão até chegar ao pátio. Lá, ele hesitou. Eu resolvi encorajá-lo.

“A srta. Catherine se comporta muito mal, senhor!”, gritei. “Tão mal quanto qualquer criança mimada. É melhor o senhor ir logo para casa, ou ela vai ficar doente só para nos preocupar.”

Aquele rapazinho doce olhou de soslaio pela janela. Possuía tanto poder de partir quanto um gato possui de deixar um rato meio morto ou um pássaro meio comido.

Ah, pensei eu, não há jeito de salvá-lo. Ele está condenado e vai correndo ao encontro de seu destino!

E assim foi. Linton se virou de repente, voltou rápido para dentro e fechou a porta. E quando, após algum tempo, eu entrei para informar que Earnshaw tinha chegado caindo de bêbado e pronto para demolir a casa (seu estado de espírito costumeiro nessa condição), vi que a briga apenas levara a uma maior intimidade — fizera ruir a fortaleza da timidez da juventude e permitira a eles se livrar do disfarce da amizade e começar um namoro.

A informação de que o sr. Hindley chegara fez com que Linton fosse depressa para seu cavalo e Catherine, para seu quarto. Fui

esconder o pequeno Hareton e tirar as balas da caçadeira do patrão, com a qual ele gostava de brincar em sua agitação ensandecida, arriscando a vida de qualquer um que o irritasse ou mesmo atraísse demais sua atenção. Por isso, eu tivera a ideia de retirar a munição, para que ele causasse menos mal se chegasse a dispará-la.

# ix

Hindley entrou, vociferando impropérios terríveis, e me apanhou bem na hora em que eu estava escondendo seu filho no armário da cozinha. Hareton tinha um horror salutar de se deparar ou com o carinho de besta selvagem ou com a fúria de louco do pai — pois o primeiro o expunha ao risco de ser apertado e beijado até morrer e a segunda, o de ser atirado no fogo ou jogado contra a parede. Por isso, o pobrezinho ficava no mais perfeito silêncio onde quer que eu decidisse colocá-lo.

“Pronto, finalmente descobri!”, exclamou Hindley, me pegando pela pele do pescoço, como se eu fosse um cachorro. “Com mil demônios, vocês todos juraram que vão matar essa criança. Agora, já sei por que ele nunca aparece na minha frente. Mas, com a ajuda de satanás, eu farei você engolir a faca de cortar carne, Nelly! Não ria, pois eu acabei de enfiar Kenneth pela cabeça no pântano Blackhorse e tanto faz um como dois. E eu quero matar alguns de vocês! Não vou descansar enquanto não fizer isso!”

“Mas a faca de cortar carne não me agrada, sr. Hindley”, respondi. “Ela estava sendo usada para cortar arenques. Prefiro que atire em mim, por favor.”

“Vá para o inferno com suas preferências! E você irá. Nenhuma lei na Inglaterra pode impedir um homem de manter sua casa decente, e a minha é abominável! Abra a boca.”

Ele pegou a faca e empurrou a ponta entre os meus dentes. Mas eu nunca tive muito medo desses caprichos dele. Cuspi, dizendo que a faca estava com um gosto horrível e que eu não ia engoli-la de jeito nenhum.

“Ah!”, disse ele, me largando. “Estou vendo que aquele patifezinho horroroso não é Hareton. Desculpe, Nell. Se fosse, merecia ser esfolado vivo por não correr para me receber e por gritar como se eu fosse um demônio! Vem aqui, sua aberração! Vou te ensinar a não enganar um pai iludido de bom coração. Mas você não acha que esse menino ia ficar mais bonito se tivesse as orelhas cortadas? Isso deixa os cachorros mais ferozes e eu amo as coisas ferozes. Pegue a tesoura. Feroz e bem cortado! Além do mais, é uma afetação infernal, uma vaidade dos diabos, gostar das próprias orelhas. Nós já somos burros sem elas. Psiu, menino! Ora, mas é o meu amorzinho! Psiu, pare de chorar. Que alegria. Dê-me um beijo. O quê! Não quer? Dê-me um beijo, Hareton! Dê-me um beijo, desgraçado! Meu Deus, como se eu fosse criar um monstro que nem esse! Juro que vou quebrar o pescoço desse moleque.”

O pobre Hareton estava urrando e chutando com toda a força nos braços do pai, e gritou duas vezes mais forte quando este o levou para o andar de cima e o ergueu sobre a balaustrada. Eu exclamei que ele ia fazer o menino ter um ataque de medo e corri para salvá-lo.

Quando cheguei perto deles, Hindley se debruçou sobre o corrimão para ouvir um barulho que vinha lá de baixo, quase

esquecendo o que tinha nas mãos.

“Quem vem lá?”, disse ele, ouvindo alguém que se aproximava do pé da escada.

Eu também me debrucei, com a intenção de fazer um gesto para Heathcliff, cujos passos reconhecera, indicando que ele não deveria se aproximar mais. E, no segundo em que meus olhos deixaram Hareton, ele deu um pulo súbito, se livrou da mão descuidada que o segurava e caiu.

Mal tivemos tempo de sentir um arrepio de terror antes de ver que o coitadinho estava seguro. Heathcliff chegara lá embaixo no momento crítico. Seguindo um impulso natural, impediu-o de cair e, colocando-o de pé, olhou para cima para descobrir quem causara o acidente.

Se um avarento vendesse um bilhete de loteria vencedor por cinco xelins e descobrisse no dia seguinte que tinha perdido cinco mil libras no negócio, não poderia exibir um semblante mais atônito do que Heathcliff ao ver o sr. Earnshaw. Seu rosto expressava, com mais clareza do que quaisquer palavras, a mais intensa angústia por ele ter sido o meio de impedir a própria vingança. Se estivesse escuro, ouso dizer que ele teria tentado corrigir seu erro esmagando o crânio de Hareton nos degraus. Mas nós testemunhamos sua salvação e, em poucos instantes, eu estava lá embaixo com meu precioso menino apertado contra o peito.

Hindley desceu mais devagar, sóbrio e envergonhado.

“É culpa sua, Ellen”, disse ele. “Devia tê-lo escondido de mim. Devia tê-lo pegado da minha mão! Ele se feriu?”

“Se ele se feriu!”, exclamei com raiva. “Se não tiver morrido, vai virar um idiota! Ah! Não sei como a mãe dele não se levanta do

túmulo de ver as coisas que o senhor faz. É pior do que um pagão. Tratar o próprio filho desse jeito!”

Hindley tentou tocar a criança, que, ao ver que estava comigo, se aquietara imediatamente. No entanto, quando o pai encostou o dedo nele, Hareton gritou mais alto do que antes e se remexeu como se estivesse tendo uma convulsão.

“O senhor não vai mexer com ele!”, continuei. “Ele odeia o senhor. Todos odeiam. Essa é a verdade! Que família feliz o senhor tem, e em que estado chegou!”

“Vou ficar num estado ainda pior, Nelly”, riu aquele homem desgarrado, recobrando sua dureza. “Por enquanto, vá embora com ele daqui. E ouça, Heathcliff! Saia você também do alcance das minhas mãos e dos meus ouvidos… Eu não mataria você esta noite. Só se eu botar fogo na casa… Nunca se sabe o que vou inventar…”

Dizendo isso, ele pegou uma garrafa de um quartilho de conhaque e derramou um pouco num copo.

“Não faça isso!”, pedi. “Sr. Hindley, preste atenção. Se o senhor não se importa consigo mesmo, tenha piedade deste pobre menino.”

“Qualquer pessoa cuidará dele melhor do que eu”, respondeu ele.

“Tenha piedade da sua própria alma!”, disse eu, tentando tirar o copo da mão dele.

“Eu, não! Ao contrário, terei grande prazer em mandá-la para a perdição, pois assim punirei seu criador!”, exclamou o blasfemo. “Saúde à perdição completa da minha alma!”

Ele entornou o copo e, com impaciência, nos mandou sair dali, finalizando a ordem com uma sequência de impropérios horrorosos demais para repetir ou lembrar.

“É uma pena que ele não possa se matar de tanto beber”, observou Heathcliff, murmurando pragas como um eco depois que a porta foi fechada. “Está se esforçando ao máximo, mas sua constituição o desobedece. O sr. Kenneth diz que aposta sua égua que Hindley vai viver mais do que qualquer homem deste lado de Gimmerton, e que só vai para a cova quando for um pecador velho. A não ser que, por sorte, alguma grande desgraça o acometa.”

Fui para a cozinha e me sentei para ninar meu cordeirinho. Pensei que Heathcliff tinha ido até o celeiro. Depois é que fiquei sabendo que ele só tinha dado a volta no banco de madeira de espaldar alto e se atirado numa banqueta encostada na parede, distante do fogo, permanecendo em silêncio.

Eu estava ninando Hareton no colo e cantarolando uma canção que começava assim:

*Já era noite alta e os meninos choravam*
*E a mãe sob a terra ouviu seu pranto*

Foi quando a srta. Cathy, que ouvira a confusão de seu quarto, enfiou a cabeça pela porta e sussurrou:

“Você está sozinha, Nelly?”

“Estou, senhorita.”

Ela entrou e se aproximou da lareira. Eu, supondo que a srta. Cathy ia dizer alguma coisa, ergui os olhos. Ela estava com uma expressão perturbada e ansiosa. Seus lábios estavam entreabertos, como se pretendesse dizer algo; e ela inspirou, mas soltou um suspiro em vez de uma frase.

Eu voltei a cantar, pois não tinha me esquecido de seu comportamento recente.

“Onde está Heathcliff?”, disse Catherine, me interrompendo.

“Trabalhando no estábulo.”

Ele não me contradisse. Talvez houvesse adormecido.

Seguiu-se outra longa pausa, durante a qual eu percebi uma ou duas lágrimas rolando pelo rosto de Catherine e caindo sobre as lajes.

“Será que ela se arrependeu de sua conduta vergonhosa?”, eu me perguntei. “Seria uma novidade. Mas ela vai ter de começar o assunto sozinha. Eu não vou ajudar!”

Não; Catherine não se preocupava muito com nada, com exceção de si mesma.

“Minha nossa!”, exclamou ela, afinal. “Estou muito infeliz!”

“Que pena”, observei. “Você é difícil de agradar. Tantos amigos, tão poucas preocupações, e não consegue ficar satisfeita!”

“Nelly, você guarda um segredo para mim?”, insistiu Catherine, se ajoelhando ao meu lado e me fitando com seus olhos cativantes, nos quais havia aquele tipo de expressão que faz desaparecer o mau humor, mesmo quando temos direito de estar zangados.

“É um segredo que vale a pena guardar?”, perguntei, menos rabugenta.

“É. E ele está me preocupando, e eu preciso desabafar! Quero saber o que devo fazer. Hoje, Edgar Linton me pediu em casamento e eu lhe dei uma resposta. Agora, antes de lhe contar se foi sim ou não, quero que me diga o que acha que eu deveria ter respondido.”

“Mas, srta. Catherine, como eu posso saber? Realmente, considerando a exibição que você fez para ele esta tarde, eu diria que teria sido melhor recusar. Como ele pediu sua mão depois disso, deve ser ou irremediavelmente idiota ou um tolo imprudente.”

“Se você falar assim, eu não lhe conto mais nada”, retrucou ela, zangada, pondo-se de pé. “Eu aceitei, Nelly. Diga se fiz a coisa errada, depressa!”

“Aceitou? Então, de que adianta discutir o assunto? Você deu sua palavra e não pode mais voltar atrás.”

“Mas diga se eu fiz o que devia, diga!”, exclamou ela num tom irritado, esfregando as mãos e franzindo o cenho.

“Há muitas coisas a levar em consideração antes que essa pergunta possa ser respondida da maneira correta”, disse eu, sentenciosamente. “Em primeiro lugar, você ama o sr. Edgar?”

“Quem poderia não amar? É claro que amo”, respondeu Catherine.

Então, fiz-lhe o seguinte interrogatório, que não foi nem um pouco descabido para uma moça de vinte e dois anos:

“Por que você o ama, srta. Cathy?”

“Tolice. Amo e pronto. Isso basta.”

“De jeito nenhum. Precisa dizer por quê.”

“Bem, porque ele é bonito e é uma companhia agradável.”

“Isso é mau”, comentei.

“E porque ele é jovem e alegre.”

“Continua mau.”

“E porque ele me ama.”

“Isso não faz diferença, no caso.”

“E ele será rico, e eu irei gostar de ser a mulher mais importante da região e terei orgulho de ter tal marido.”

“Isso é o pior de tudo! E agora me diga: de que maneira você o ama?”

“Da mesma maneira que todo mundo. Você é uma boba, Nelly!”

“Nem um pouco. Responda.”

“Eu amo o chão onde ele pisa e o ar sobre sua cabeça e tudo o que ele toca e cada palavra que diz. Amo todos os seus olhares, todos os seus gestos, e ele inteiro e por completo. Pronto!”

“E por quê?”

“Ah, você está fingindo que isso é brincadeira. É de uma perversidade extrema! Para mim, não é brincadeira!”, disse a moça, fazendo uma careta e virando o rosto para o fogo.

“Eu estou longe de estar brincando, srta. Catherine”, respondi. “Você ama o sr. Edgar porque ele é bonito, jovem, alegre, rico e ama você. A última coisa, pelo menos, não serve de nada. Você, provavelmente, o amaria mesmo que ela não fosse verdade. E, sendo, não o amaria, a não ser que ele possuísse os quatro primeiros atrativos.”

“Certamente que não. Eu apenas sentiria pena dele. Ou ódio, talvez, se ele fosse feio ou bronco.”

“Mas existem muitos outros rapazes bonitos e ricos no mundo. É possível que mais bonitos e mais ricos do que ele. O que a impediria de amá-los?”

“Se existe algum rapaz assim, ele não está por perto. Nunca vi nenhum como Edgar.”

“Talvez veja alguns. E o sr. Edgar nem sempre será bonito e jovem — e talvez deixe de ser rico.”

“Mas ele é agora, e eu só quero saber do presente. Gostaria que você falasse de maneira racional.”

“Bem, isso resolve a questão. Se você só quer saber do presente, case com o sr. Linton.”

“Não preciso da sua permissão para isso. Eu *irei* me casar com ele. Mas você ainda não me disse se fiz a coisa certa.”

“Totalmente certa, se as pessoas estiverem certas de se casar pensando apenas no presente. E agora, me diga por que está infeliz. Seu irmão vai ficar satisfeito… O sr. e a sra. Linton não irão ser contra, imagino… você irá escapar de uma casa sem ordem ou conforto para um lar rico e respeitável… e você ama Edgar, que ama você. Tudo parece livre e desimpedido. Onde está o obstáculo?”

“*Aqui* e *aqui*”, respondeu Catherine, batendo com uma das mãos na testa e com a outra no peito. “Onde quer que a alma more. Estou convencida de que cometi um erro, na minha alma e no meu coração!”

“Isso é muito estranho! Não consigo entender.”

“É meu segredo, mas, se você não caçoar de mim, eu explico. Não saberei fazê-lo de maneira clara — mas lhe darei uma ideia do que sinto.”

Ela se sentou ao meu lado de novo. Seu semblante ficou mais triste e mais grave, e suas mãos crispadas começaram a tremer.

“Nelly, você às vezes tem sonhos estranhos?”, perguntou de repente, após alguns minutos de reflexão.

“Sim, de vez em quando”, respondi.

“Eu também. Já tive sonhos que ficaram comigo para sempre e mudaram minha forma de pensar. Eles me atravessaram como o vinho atravessa a água, e alteraram a cor da minha mente. Esse foi um deles. Vou lhe contar. Mas tome cuidado para não achar graça em nenhum momento.”

“Ah, não conte, srta. Catherine!”, exclamei. “Nós já somos infelizes demais sem atrair fantasmas e visões para nos confundir. Ande, fique alegre como sempre é! Olhe para o pequeno Hareton — *ele* não está sonhando com nada de assustador. Como é bonito o sorriso que dá quando dorme!”

“Sim. E como são bonitas as pragas que o pai dele solta quando está sozinho! Imagino que você lembre da época em que ele era um gorduchinho assim — quase tão jovem e inocente quanto esse. Mas eu vou obrigá-la a ouvir, Nelly. Não é um sonho longo. E eu não vou conseguir ser alegre esta noite.”

“Não vou ouvir, não vou ouvir!”, apressei-me em dizer.

Eu era supersticiosa em relação aos sonhos naquela época — e ainda sou. E Catherine estava com um aspecto sombrio que não lhe era comum, o que me fez ter medo de ouvir algo que pudesse se tornar uma profecia e trazer uma enorme catástrofe.

Ela ficou aborrecida, mas não prosseguiu. Após algum tempo, aparentemente mudando de assunto, recomeçou a falar:

“Se eu estivesse no céu, Nelly, seria muito infeliz.”

“Porque você não é digna de ir para lá”, respondi eu. “Todos os pecadores seriam infelizes no céu.”

“Mas não é por causa disso. Certa vez, eu sonhei que estava lá.”

“Já disse que não quero saber dos seus sonhos, srta. Catherine! Eu vou para a cama”, interrompi mais uma vez.

Catherine riu e me segurou, pois eu fiz menção de me levantar da cadeira.

“Não é nada”, disse ela. “Eu só ia dizer que o paraíso não parecia ser a minha casa. Chorei de partir o coração para voltar para a terra, e os anjos ficaram tão zangados que me atiraram no meio dos

urzais no topo de Wuthering Heights, onde eu acordei, soluçando de alegria. Esse serve tão bem para explicar meu segredo quanto o outro. Eu tenho tanto direito de me casar com Edgar Linton quanto tenho de estar no céu. E se aquele homem perverso que está ali dentro não houvesse colocado Heathcliff numa posição tão inferior, isso nem teria me ocorrido. Seria uma degradação me casar com Heathcliff agora e, por isso, ele jamais saberá o quanto eu o amo. E amo não por ele ser bonito, Nelly, mas por ser mais eu do que eu mesma. Não sei do que as almas são feitas, mas a dele e a minha são iguais, e a de Linton é tão diferente quanto o luar do relâmpago, ou a geada do fogo."

Antes que ela terminasse de falar, notei a presença de Heathcliff. Percebi um leve movimento, virei a cabeça e o vi se levantar do assento e sair pé ante pé, sem fazer barulho. Ele ficara até ouvir Catherine dizer que seria uma degradação se casar com ele e, então, não esperara para ouvir mais nada.

Minha interlocutora, sentada no chão, foi impedida pelo espaldar do banco de notar a presença ou a partida de Heathcliff. Mas eu tive um sobressalto e mandei-a ficar quieta!

"Por quê?", perguntou ela, olhando em torno, nervosa.

"Joseph está aqui", eu respondi, ouvindo, bem a calhar, o rolar das rodas do carrinho de mão dele subindo a estrada, "e Heathcliff vai entrar com ele. Nem sei se não estava na porta agora mesmo."

"Ah, ele não ia conseguir me ouvir da porta!", disse Catherine. "Deixe Hareton comigo enquanto você prepara o jantar e, quando ele estiver pronto, me chame para comer com você. Quero enganar minha consciência incômoda e me convencer de que Heathcliff não

faz ideia de nada disso. Ele não faz, não é? Não sabe o que é estar apaixonado, sabe?"

"Não vejo por que ele não saberia tão bem quanto você. E se *você* for a escolha de Heathcliff, ele será a criatura mais infeliz que já existiu! Assim que se casar com Edgar Linton, ele vai perder amiga, amor e tudo! Você já parou para pensar em como vai suportar essa separação — e em como ele vai suportar ficar sozinho no mundo? Pois, srta. Catherine…"

"Ele, sozinho no mundo! Nós, separados!", exclamou ela, num tom indignado. "E quem há de nos separar, me diga? Teriam o destino de Mílon! Não enquanto eu for viva, Ellen. Por nenhuma criatura no mundo. Todos os Linton da face da Terra poderiam derreter e virar nada antes que eu consentisse em abrir mão de Heathcliff. Ah, essa não é minha intenção. Não é isso que eu pretendo! Eu não me casaria com Edgar se esse fosse o preço exigido! Heathcliff continuará sendo tão importante para mim quanto sempre foi na vida. Edgar precisará se livrar de sua antipatia e tolerá-lo, ao menos. Fará isso, quando souber o que eu sinto por ele. Nelly, estou vendo agora que você me considera uma egoísta terrível. Mas você nunca parou para pensar que, se Heathcliff e eu nos casássemos, seríamos mendigos? Já se eu me casar com Linton, posso ajudar Heathcliff a subir no mundo e fazer com que ele deixe de depender do meu irmão."

"Com o dinheiro do seu marido, srta. Catherine? Vai descobrir que Heathcliff não é tão maleável assim. E embora eu não seja a pessoa certa para julgar, acho que esse é o pior motivo que você deu para querer se casar com o jovem Linton."

“Não é!”, retrucou ela. “É o melhor! Os outros foram para satisfazer os meus caprichos; e por Edgar também, para deixá-lo contente. Esse é pelo bem de alguém que encerra em si meus sentimentos por Edgar e por mim mesma. Não sei explicar. Mas, sem dúvida, você e todas as pessoas têm uma noção de que há, ou deveria haver, uma existência nossa além de nós. De que serviria a minha criação se eu estivesse inteira contida aqui? Minhas maiores tristezas neste mundo foram as tristezas de Heathcliff, e eu vi e senti cada uma delas desde o começo. Meu maior pensamento na vida é ele. Se tudo o mais morresse e *ele* permanecesse, eu continuaria a existir; e se todo o resto permanecesse e ele fosse aniquilado, o universo se tornaria um poderoso estranho. Eu não me sentiria parte dele. Meu amor por Linton é como as folhas do bosque. Estou ciente de que ele mudará com o tempo, assim como o inverno muda as árvores. Meu amor por Heathcliff se parece com as rochas eternas que ficam embaixo — elas não são uma fonte visível de deleite, mas são necessárias. Nelly, eu *sou* Heathcliff. Ele está sempre, sempre em minha mente. Não como um prazer, assim como eu nem sempre sou um prazer para mim. Mas como eu mesma. Por isso, não fale mais na nossa separação. Ela é impraticável e…”

Catherine parou de falar e escondeu o rosto nas dobras do meu vestido, mas eu o arranquei com força. Estava sem paciência com a tolice dela!

“Se eu entendi as bobagens que você falou, elas só serviram para me convencer que você ignora os deveres que promete cumprir ao se casar, ou então é uma menina malvada e sem princípios. Mas não me perturbe mais com os seus segredos. Não prometo guardá-los.”

“Mas vai guardar esse?”, perguntou ela, ansiosa.

“Não, não vou prometer”, repeti.

Catherine estava prestes a insistir quando a entrada de Joseph colocou um ponto-final na nossa conversa. Ela levou sua cadeira para um canto e ficou cuidando de Hareton enquanto eu fazia o jantar.

Quando estava pronto, eu e meu colega começamos a discutir para decidir quem iria levar um prato para o sr. Hindley, e só resolvemos a questão quando a comida já estava quase fria. Então, concordamos que iríamos esperar que ele pedisse o jantar se quisesse, pois temíamos particularmente perturbá-lo quando já estava sozinho havia algum tempo.

“E como que ele não chegou do campo numa hora dessa? Que história é essa? Preguiçoso danado!”, exigiu saber o velho, olhando em torno à procura de Heathcliff.

“Vou chamá-lo”, disse eu. “Ele está no celeiro, tenho certeza.”

Fui e chamei, mas não obtive resposta. Ao voltar, sussurrei para Catherine que tinha certeza de que Heathcliff tinha ouvido boa parte do que ela dissera, contando como o vira saindo da cozinha bem quando ela estava reclamando da conduta do irmão para com ele.

Catherine deu um salto de pavor, jogou Hareton no banco e correu para procurar o amigo ela mesma, sem parar para considerar por que estava tão agitada nem em como o que dissera poderia tê-lo afetado.

Ela passou tanto tempo ausente que Joseph propôs que não esperássemos mais. Espertamente, imaginou que os dois estavam demorando a voltar para evitar ouvir sua longa bênção. Eles “só servia para ter maus modo”, afirmou Joseph. E, por causa deles,

naquela noite acrescentou uma prece especial à oração de um quarto de hora que geralmente fazia antes das refeições — e teria acrescentado outra no fim desta se sua jovem patroa não o tivesse interrompido, mandando-o correr ato contínuo estrada abaixo, para encontrar Heathcliff onde quer que ele estivesse e o obrigar a voltar para casa naquele minuto!

"Eu quero falar com ele. *Preciso* falar com ele, antes de subir", disse ela. "E o portão está aberto, ele está em algum lugar fora do alcance da minha voz. Pois não respondeu, apesar de eu ter gritado o mais alto que pude do topo da colina."

Joseph protestou a princípio. Mas Catherine estava nervosa demais para permitir uma recusa e, afinal, ele colocou o chapéu na cabeça e saiu resmungando.

Enquanto isso, ela ficou andando de um lado para outro e exclamando:

"Onde será que ele está? Onde *pode* estar? O que foi que eu disse, Nelly? Já me esqueci. Ele ficou aborrecido com o meu mau humor desta tarde? Ah! Diga o que eu falei para magoá-lo! Como eu queria que ele chegasse. Como eu queria!"

"Que barulheira por nada!", exclamei, embora também estivesse bastante inquieta. "Como você se assusta com bobagem! Certamente não é motivo para medo se Heathcliff decidiu passear à luz da lua nos urzais, ou mesmo ir se deitar no palheiro, zangado demais para falar conosco. Aposto que ele está escondido lá dentro. Você vai ver se não o arranco dali!"

Eu saí para procurar de novo. O resultado foi uma decepção, e o mesmo ocorreu com a busca de Joseph.

“Esse moleque cada vez pior!”, observou ele, ao voltar. “Largou o portão escancarado, e o pônei da senhorita estragou duas carreira de milho e saiu trotando até o campo! Mas o patrão vai arrumar o diabo amanhã e vai ser bem feito. Ele tem é muita paciência com essas criatura descuidada que não vale nada. Muita paciência! Mas isso ainda vai acabar. Vocês vão ver só! Vocês não pode perturbar ele por nada!”

“Você encontrou Heathcliff, seu jumento?”, interrompeu Catherine. “Estava procurando por ele, como eu mandei?”

“Era muito melhor procurar era o cavalo”, respondeu Joseph. “Fazia mais sentido. Mas eu não posso procurar nem cavalo, nem homem numa noite assim — preta que nem a fumaça da chaminé! E o Heathcliff não é o tipo de moleque que vem quando *eu* assovio — quem sabe ele não escuta melhor se for você?”

Estava mesmo uma noite muito escura para o verão. As nuvens pareciam carregadas de trovão e eu disse que era melhor nós nos sentarmos: a chuva que se aproximava certamente o traria de volta para casa sem que ninguém precisasse se preocupar mais.

Mas ninguém conseguiu convencer Catherine a se acalmar. Ela ficou andando para lá e para cá, do portão para a porta, num estado de agitação que não permitia repouso. Finalmente, postou-se num dos lados do muro, perto da estrada, onde permaneceu, indiferente às minhas admoestações, ao rugir do trovão e às grossas gotas que começaram a cair ao seu redor, ora chamando, ora tentando escutar a resposta, ora caindo num choro sentido. Ela ganhava de Hareton e de qualquer criança num bom ataque de choro.

Lá pela meia-noite, quando ainda estávamos acordados, a tempestade rompeu com toda a sua fúria sobre a Heights. Ventava

forte além de relampejar, e ou uma coisa ou outra partiu ao meio uma árvore num dos cantos da casa. Um galho enorme caiu sobre o teto e destruiu um pedaço da chaminé do lado leste, mandando uma chuva de pedra e fuligem para o fogo da cozinha que fez o maior estardalhaço.

Achamos que um relâmpago tinha caído entre nós e Joseph se atirou de joelhos, implorando que o Senhor se lembrasse dos patriarcas Noé e Ló e fizesse como antigamente, poupando os justos e aniquilando os infiéis. Eu também tive a sensação de que estávamos sendo julgados. O mau agouro, para mim, vinha do sr. Earnshaw, e eu sacudi a maçaneta de seu escritório para ter certeza de que ainda estava vivo. Ele respondeu num tom bem audível, e de uma maneira que fez meu colega vociferar ainda mais alto que dava para ver que havia bastante diferença entre santos como ele e pecadores como o patrão. Mas, vinte minutos depois, a confusão acabou e todos nós estávamos incólumes, com exceção de Cathy, completamente encharcada, pois se recusara a procurar abrigo e saíra sem chapéu e sem xale para absorver o máximo de água possível no cabelo e nas roupas.

Ela entrou e deitou no banco de madeira, molhada como estava, virando o rosto para o espaldar e cobrindo-o com as mãos.

“Mocinha!”, exclamei eu, tocando seu ombro. “Você não vai fazer questão de pegar um resfriado mortal, vai? Sabe que horas são? Meia-noite e meia. Venha! Vamos para a cama. Não adianta esperar mais por aquele menino bobo. Ele deve ter ido até Gimmerton e, agora, vai ficar lá. Deve ter imaginado que não íamos esperar por ele até essa hora. Pelo menos, deve achar que só o sr. Earnshaw está acordado, e prefere evitar que a porta seja aberta pelo patrão.”

“Não, ele não tá em Gimmerton!”, disse Joseph. “Aposto que tá no fundo do brejo. Esse castigo não foi por nada e a senhorita devia era prestar atenção. Sua hora pode estar chegando! Graças a Deus por tudo! Tudo dá certo pros eleitos, pra quem é separado do lixo. Vocês sabem o que diz as Escritura…”

E ele começou a citar diversas passagens, mencionando os capítulos e versículos onde poderíamos encontrá-las.

Eu, depois de ter implorado em vão que aquela menina teimosa se levantasse e tirasse as roupas molhadas, deixei Joseph pregando e ela tremendo e fui para a cama com o pequeno Hareton, que dormia tão profundamente quanto se todos dormissem ao seu redor.

Ouvi Joseph lendo durante mais algum tempo. Então, discerni seus passos lentos na escada e, logo, caí no sono.

Desci um pouco mais tarde do que o normal e vi, à luz do raio de sol que penetrava pelas frestas da persiana, a srta. Catherine ainda deitada perto da lareira. A porta da casa estava entreaberta; a luz entrava pelas janelas escancaradas; e Hindley viera para a cozinha e estava postado diante da lareira, desgrenhado e zonzo.

“O que você tem, Cathy?”, dizia ele quando eu entrei. “Está mais triste que um cachorrinho afogado. Por que está tão molhada e pálida, menina?”

“Eu me molhei”, respondeu ela com relutância. “E estou com frio, só isso.”

“Ela é muito travessa!”, exclamei, percebendo que o patrão estava razoavelmente sóbrio. “Ficou encharcada na chuva de ontem à noite e depois passou a noite toda aí. Eu insisti, mas ela nem se mexeu.”

O sr. Earnshaw fez uma expressão de surpresa. “A noite toda”, repetiu. “E ficou acordada por quê? Não foi por medo do trovão, foi? Há horas não tem nenhum.”

Nenhuma de nós duas queria mencionar a ausência de Heathcliff enquanto fosse possível ocultá-la. Assim, eu respondi que não sabia por que ela tinha enfiado na cabeça que não queria ir para a cama, e não disse mais nada.

A manhã estava fresca. Eu abri a treliça e logo o cômodo foi tomado pelos doces aromas do jardim. Mas Catherine disse, irritada:

“Feche a janela, Ellen. Estou morrendo de frio!” E seus dentes bateram quando ela se encolheu mais perto das brasas, que estavam quase apagando.

“Ela está doente”, disse Hindley, pegando seu pulso. “Imagino que seja por isso que não tenha querido ir para a cama. Diabos! Não quero ter mais preocupação com doença aqui em casa. Por que você foi pegar chuva?”

“Correndo procurando aquele moleque, como sempre”, grunhiu Joseph, aproveitando nossa hesitação para usar sua língua malévola.

“Se eu fosse o sinhô, patrão, fechava a porta na cara deles todos, rico e pobre! Sempre que o sinhô tá na rua, aquele menino Linton vem se enfiar aqui. E a srta. Nelly, essa não vale nada! Fica sentada na cozinha esperando e, quando o sinhô entra por uma porta, ele sai pela outra! E essa moça fina sai correndo atrás dos homem! Muito bonito, ficar nos campo depois da meia-noite com aquele cigano maldito dos inferno, Heathcliff. Eles pensa que eu sou cego. Mas não sou, não! Já vi o menino Linton entrar e sair e já vi você”, continuou ele, dirigindo-se a mim, “sua bruxa imprestável, correr pra

dentro da casa no minuto que ouviu o cavalo do patrão subindo a estrada."

"Cale-se, seu enxerido!", exclamou Catherine. "Não me venha com essa insolência! Edgar Linton veio ontem por acaso, Hindley, e fui *eu* quem o mandei embora, pois sabia que não ia gostar de encontrá-lo no estado em que estava."

"Com certeza você está mentindo, Cathy", respondeu o irmão dela, "e é uma desgraçada de uma estúpida! Mas esqueça Linton por enquanto. Diga-me, você estava com Heathcliff na noite passada? Fale a verdade. Não precisa ter medo de prejudicá-lo. Embora eu continue a odiá-lo tanto quanto sempre odiei, ele fez uma boa ação para mim há pouco tempo e minha consciência não me permitirá quebrar seu pescoço. Para impedir que isso aconteça, vou mandá-lo embora esta manhã mesmo. E, depois que ele for, aconselho-a a prestar atenção, pois vou ficar com um humor ainda pior com você!"

"Eu nem vi Heathcliff ontem à noite", respondeu Catherine, começando a soluçar amargamente, "e, se você o expulsar de casa, vou com ele. Mas talvez você não chegue a ter essa oportunidade. Talvez ele tenha ido embora." Nesse momento, ela desatou a chorar de maneira incontrolável e mal conseguimos compreender o que disse.

Hindley derramou sobre a irmã uma torrente de insultos desdenhosos e mandou-a ir logo para o quarto, ou iria ter um motivo de verdade para chorar! Eu a obriguei a obedecer e nunca irei me esquecer da cena que ela fez quando chegamos aos seus aposentos. Fiquei aterrorizada. Achei que Catherine estava ficando louca e implorei que Joseph fosse correndo chamar o médico.

Aquilo revelou ser o começo de um delírio. O sr. Kenneth, assim que a viu, anunciou que ela estava perigosamente doente. Tinha uma febre.

O médico sangrou-a e mandou que eu a alimentasse somente com soro de leite e mingau à base de água, tomando cuidado para que ela não se atirasse escada abaixo ou janela afora. Então, ele foi embora, pois tinha bastante coisa para fazer na paróquia, onde a distância média entre uma casa e outra é de duas ou três milhas.

Embora eu não possa dizer que tenha sido uma enfermeira muito cuidadosa; embora Joseph e o patrão não fossem nada melhores; e embora a nossa paciente fosse tão cansativa e teimosa quanto possível, ela conseguiu se recuperar.

A sra. Linton nos fez diversas visitas, é claro: deixou tudo dentro dos conformes, ralhou com nós todos e nos deu ordens. E quando Catherine estava convalescente, insistiu em levá-la para Thrushcross Grange, um alívio pelo qual ficamos muito gratos. Mas a pobre senhora teve motivos para se arrepender de sua bondade: ela e o marido contraíram a febre e morreram com poucos dias de intervalo entre um e outro.

Nossa mocinha voltou para casa mais atrevida, mais irritadiça e mais altiva do que nunca. Ninguém nunca mais ouvira falar de Heathcliff desde o dia da tempestade e, um dia, quando Catherine me azucrinou demais, eu tive a infelicidade de jogar a culpa por seu desaparecimento nela (o que era verdade, como ela bem sabia). A partir de então, Catherine passou diversos meses sem falar comigo, salvo na qualidade de patroa dando ordens a uma mera criada. Joseph também foi condenado ao ostracismo. Ele *insistia* em falar o que pensava e passar-lhe sermões como se ela fosse uma

menininha. Mas Catherine se considerava uma mulher, e nossa patroa; e achava que sua doença recente lhe dera o direito de ser tratada com consideração. Além disso, o médico tinha dito que ela não suportaria ser contrariada, era melhor fazer tudo do jeito que ela queria; e, aos olhos dela, qualquer um que ousasse desafiá-la ou contradizê-la era culpado de nada menos do que tentativa de assassinato.

Catherine manteve distância do sr. Earnshaw e de seus amigos e, devido às ordens de Kenneth e a diversas ameaças de recaída que com frequência acompanhavam seus ataques de fúria, o irmão permitia que ela fizesse o que quisesse e, de maneira geral, evitava despertar seu temperamento raivoso. Na verdade, ele foi até indulgente *demais* em aceitar seus caprichos, não por carinho, mas por orgulho. Hindley desejava muito que Catherine trouxesse prestígio para a família fazendo uma aliança com os Linton; e contanto que ela o deixasse em paz, podia nos tratar como escravos que ele nem se importava!

Edgar Linton estava apaixonado, como multidões já estiveram antes e estarão depois. Ele acreditou que era o homem mais feliz do mundo no dia em que levou Catherine à capela de Gimmerton, três anos após a morte de seu pai.

Apesar de não me sentir nada inclinada a fazer isso, fui persuadida a deixar Wuthering Heights e acompanhar Catherine. O pequeno Hareton estava com quase cinco anos e eu estava começando a ensinar o alfabeto a ele. Nossa despedida foi triste, mas as lágrimas de Catherine tiveram mais poder. Quando eu me recusei a ir e ela descobriu que suas súplicas não me comoviam, foi lamentar com o marido e o irmão. O primeiro me ofereceu um

salário generoso e o segundo me mandou fazer as malas. Disse que não queria mais nenhuma mulher na casa, agora que não havia mais patroa; e quanto a Hareton, o cura se ocuparia dele dali a pouco tempo. Assim, eu só tive uma escolha: fazer o que me mandavam. Disse ao patrão que ele tinha se livrado de todas as pessoas decentes só para se arruinar um pouco mais depressa e dei um beijo de despedida em Hareton. E, desde então, ele se tornou um estranho para mim. É impressionante pensar nisso, mas não tenho dúvidas de que se esqueceu completamente de Ellen Dean, e de que um dia ele foi o mundo para ela, e ela para ele!

Nessa altura da história da governanta, ela por acaso viu o relógio sobre a lareira e ficou perplexa ao perceber que marcava uma e meia. Não quis nem ouvir falar em ficar ali mais tempo. Para falar a verdade, eu também estava com certa vontade de adiar a continuação de sua narrativa e, agora que ela foi descansar e que eu já refleti durante mais uma ou duas horas, irei me munir de coragem para ir também, apesar da preguiça e da dor que sinto na cabeça e nos membros.

# X

Que introdução encantadora à vida de um ermitão! Quatro semanas de tortura, doente e revirando-me na cama! Ah, esses ventos lúgubres, esse céu fechado do norte, essas estradas intransponíveis, esses médicos atrasados do interior! E, ah, a ausência da fisionomia humana e, pior de tudo, a terrível insinuação de Kenneth de que era provável que eu só fosse sair de casa na primavera!

O sr. Heathcliff acabou de me dar a honra de sua visita. Cerca de sete dias atrás, me mandou um par de galos silvestres — os últimos da estação. Patife! Ele tem uma parcela de culpa nesta minha doença e eu senti bastante vontade de lhe dizer isso. Mas, ai de mim! Como podia ofender o homem que fizera a caridade de passar uma hora inteira na minha cabeceira, falando de qualquer outra coisa além de pílulas, beberagens, ventosas e sanguessugas?

Agora, encontro-me num período tranquilo. Estou fraco demais para ler, mas sinto que seria capaz de desfrutar de algo interessante. Por que não pedir que a sra. Dean suba e termine sua história? Consigo me lembrar dos principais acontecimentos até o ponto em que ela relatou. Sim, lembro que seu herói tinha fugido e

passado três anos sem dar notícias e que a heroína tinha se casado. Vou tocar a sineta. Ela ficará encantada de ver que já posso conversar com algum ânimo.

A sra. Dean veio.

“Daqui a vinte minutos está na hora de tomar o remédio”, começou a dizer.

“Suma com ele!”, respondi. “Gostaria de ouvir…”

“O médico disse que o senhor pode deixar de tomar os pós.”

“Com todo o prazer! Não me interrompa. Venha se sentar aqui. Fique com os dedos longe dessa terrível legião de frascos. Tire a sua costura do bolso. Isso. Agora, conte a história do sr. Heathcliff do ponto onde parou até agora. Ele terminou sua educação no continente e voltou transformado num cavalheiro? Ou obteve uma bolsa de estudos em alguma universidade? Ou escapou para a América e ganhou honrarias arrancando sangue do país que o adotara? Ou fez sua fortuna mais depressa, assaltando nas estradas da Inglaterra?”

“Ele talvez tenha feito um pouco de tudo isso, sr. Lockwood, mas eu não saberia dizer com certeza. Já contei antes que não sei como ele ganhou o dinheiro que tem e também desconheço os meios que usou para arrancar sua mente da ignorância selvagem na qual ela afundara. Mas, com a sua licença, irei prosseguir à minha maneira, se o senhor achar que isso irá distraí-lo e não cansá-lo. Está se sentindo melhor esta manhã?”

“Muito melhor.”

“Que boa notícia!”

Eu e a srta. Catherine partimos para Thrushcross Grange e, para minha agradável surpresa, ela se comportou infinitamente melhor do que eu ousara esperar. Parecia quase apaixonada pelo sr. Linton e mostrava-se bastante afetuosa até com a irmã dele. Os dois, decerto, eram muito atenciosos com ela. Não era o espinho se dobrando às madressilvas, mas as madressilvas abraçando o espinho. Não havia concessões mútuas: uma permanecia inflexível e os outros cediam. E quem pode ser irritadiço ou ter mau gênio quando nunca é contrariado ou ignorado?

Observei que o sr. Edgar tinha um medo profundo de despertar o mau humor de Catherine. Ele ocultava isso dela, mas, se em algum momento me ouvia dando uma resposta irritada ou via outro criado com a expressão carregada devido a alguma ordem imperiosa dela, mostrava sua perturbação franzindo o cenho, apesar de nunca se anuviar por si próprio. O sr. Edgar muitas vezes reclamou do meu atrevimento, afirmando que uma facada não teria lhe causado uma dor maior do que ver sua senhora aborrecida.

Para não magoar um bom patrão, aprendi a ser menos melindrosa. E, durante meio ano, a pólvora foi tão inofensiva quanto a areia, pois não havia nenhum fogo por perto para explodi-la. Catherine tinha períodos de melancolia e silêncio de tempos em tempos. Seu marido então se condoía sem dizer nada, acreditando que eles eram fruto de uma alteração em sua constituição causada pela doença perigosa pela qual ela passara, pois jamais fora propensa ao abatimento antes. A volta de seu humor solar era recebida com uma iluminação igual da parte dele. Acredito poder afirmar que a felicidade deles era profunda e crescente.

Ela chegou ao fim. Bem, cada um sempre acaba cuidando de si; quem é manso e generoso apenas tem mais razão em ser egoísta do que os autoritários. E a felicidade chegou ao fim quando as circunstâncias levaram ambos a achar que seu interesse não era a principal preocupação do outro.

Numa tarde branda de setembro, eu vinha do jardim com um cesto pesado de maçãs que estava colhendo. Já era a hora do crepúsculo e a lua espiava por cima do muro alto do pátio, fazendo com que sombras indefinidas surgissem nos inúmeros cantos da casa. Depositei o cesto nos degraus que davam para a porta da cozinha e parei para descansar e respirar mais um pouco aquele ar suave e doce. Meus olhos estavam fixos na lua e minhas costas, voltadas para a entrada, quando ouvi uma voz atrás de mim dizer:

“É você, Nelly?”

Era uma voz grave e com um sotaque estranho, mas algo na maneira de pronunciar meu nome a fez soar familiar. Eu me virei para ver quem tinha falado. Estava com medo, pois as portas estavam fechadas e eu não tinha visto ninguém ao me aproximar dos degraus.

Algo se moveu no pórtico e, chegando mais perto, discerni um homem alto vestido com roupas escuras, com um rosto moreno e cabelos pretos. Ele estava apoiado num dos lados do pórtico com os dedos no trinco, como se pretendesse abri-lo sozinho.

“Quem poderá ser”, pensei. “O sr. Earnshaw? Ah, não! A voz não se parece nem um pouco com a dele.”

“Estou esperando há uma hora”, continuou o homem, enquanto eu seguia a olhá-lo, espantada, “e, durante todo esse tempo, tudo

aqui em volta esteve num silêncio de morte. Não me atrevi a entrar. Não me conhece? Olhe, eu não sou um estranho!”

Um raio de luar iluminou as feições dele. As faces eram encovadas e metade cobertas por suíças. As sobrancelhas, baixas e os olhos, fundos e estranhos. Eu me lembrei daqueles olhos.

“O quê!”, exclamei, sem saber se devia considerá-lo um ser deste mundo e erguendo as mãos de espanto. “O quê! Você voltou? É você mesmo? É?”

“Sim, sou eu, Heathcliff”, respondeu ele, tirando os olhos de mim e voltando-os para as janelas acima, que refletiam diversas luas brilhantes, mas não mostravam nenhuma luz vinda de dentro. “Eles estão em casa? Onde ela está? Nelly, você não ficou feliz. Não precisa ficar tão perturbada. Ela está aqui? Fale! Quero trocar uma palavra com ela… com a sua patroa. Vá e diga que alguém de Gimmerton deseja vê-la.”

“Como ela vai reagir?”, exclamei eu. “O que ela vai fazer? Essa surpresa me deixou zonza… já ela, vai ficar louca! E você é *mesmo* Heathcliff? Mas está alterado! Não, é impossível compreender. Você virou soldado?”

“Vá e dê o meu recado”, interrompeu ele, impaciente. “Eu ficarei no inferno até você falar com ela!”

Heathcliff ergueu o trinco e eu entrei. Mas, quando cheguei à sala de estar, onde estavam o sr. e a sra. Linton, não tive coragem de seguir adiante.

Afinal, resolvi usar a desculpa de perguntar se eles queriam que eu acendesse as velas, e abri a porta.

Eles estavam sentados diante de uma janela com a treliça aberta que dava para as árvores do jardim, o bosque verde selvagem e o

vale de Gimmerton, com um longo fio de névoa corcoveando perto do topo (pois o senhor deve ter notado que, assim que passa da capela, a trincheira que vem do pântano dá num riacho que segue a curva da grota). Acima desse vapor prateado, encontrava-se Wuthering Heights. Mas nossa antiga casa estava invisível, pois ela fica mais para o outro lado da colina.

Tanto o cômodo, quanto seus ocupantes e a cena que eles contemplavam pareciam maravilhosamente tranquilos. Eu relutei em realizar minha tarefa; e estava prestes a ir embora sem dizer nada depois de perguntar das velas quando me dei conta da minha tolice, o que me obrigou a voltar e murmurar:

“Um homem de Gimmerton quer ver a senhora.”

“O que ele quer?”, indagou a sra. Linton.

“Eu não perguntei.”

“Bem, feche as cortinas, Nelly, e traga o chá. Eu já volto.”

Ela saiu do cômodo, e então o sr. Edgar perguntou despreocupadamente quem era.

“Alguém que a patroa não está esperando”, respondi. “Aquele Heathcliff que morava na casa do sr. Earnshaw. O senhor deve se lembrar.”

“O quê, aquele cigano? O moleque da fazenda?”, exclamou ele. “Por que você não disse isso para Catherine?”

“Psiu! O senhor não deve chamá-lo assim, patrão. A patroa vai ficar muito magoada se ouvir. Quase ficou com o coração partido quando ele fugiu. Acho que a volta dele vai ser uma grande felicidade para ela.”

O sr. Linton andou até uma janela do outro lado da sala que dava para o pátio. Ele a abriu e se debruçou. Acho que eles deviam estar

embaixo, pois ele exclamou logo:

“Não fique postada aí, meu amor! Mande a pessoa entrar, se for alguém especial.”

Dentro de pouco tempo, ouvi o barulho do trinco e Catherine voou escada acima, ensandecida e sem fôlego, agitada demais para demonstrar felicidade. Na verdade, por sua expressão, eu teria imaginado que alguma calamidade ocorrera.

“Ah, Edgar, Edgar!”, disse ela, arfando e envolvendo o pescoço dele com os braços. “Edgar, meu amor! Heathcliff voltou! Ele voltou!” E ela envolveu-o com mais força, apertando-o.

“Ora”, exclamou seu marido, irritado, “não me estrangule por causa disso! Ele nunca me pareceu esse tesouro maravilhoso. Não precisa ficar exaltada!”

“Eu sei que você não gostava dele”, disse Catherine, reprimindo um pouco a intensidade de seu deleite. “Mas vocês dois precisam ser amigos agora, por mim. Posso pedir que ele suba?”

“Para cá? Para a sala de estar?”, perguntou ele.

“E para onde mais seria?”

O sr. Linton pareceu aborrecido e sugeriu que a cozinha seria um lugar mais adequado para Heathcliff.

A sra. Linton encarou-o com uma expressão engraçada — meio com raiva, meio rindo de seus escrúpulos.

“Não”, acrescentou ela após algum tempo, “não posso ficar sentada na cozinha. Ponha duas mesas aqui, Ellen. Uma para o patrão e para a srta. Isabella, que são de alta classe; e outra para mim e para Heathcliff, que temos uma posição mais baixa. Isso lhe agrada, querido? Ou preciso mandar acender um fogo em outro cômodo? Se precisar, dê as ordens. Preciso correr lá para baixo e

ter certeza de que meu convidado não foi embora. Temo que a alegria seja grande demais para ser verdade!”

Catherine estava prestes a sair correndo de novo, mas Edgar impediu-a.

“Vá *você* lá pedir que ele suba”, disse ele, dirigindo-se a mim. “E, Catherine, tente ficar feliz sem ser absurda! A casa inteira não precisa vê-la recebendo um criado fugido como se fosse um irmão.”

Desci e encontrei Heathcliff esperando debaixo do pórtico e obviamente aguardando um convite para entrar. Ele me seguiu sem dizer quase nada e eu o levei até a presença do patrão e da patroa, cujas faces coradas eram um indício de uma discussão colérica. Mas o rosto da senhora ficou rubro de outra emoção quando seu amigo surgiu na porta. Ela deu um pulo à frente, pegou suas duas mãos e o levou até Linton, agarrando os dedos relutantes do marido e enfiando-os nos dele.

Fiquei mais maravilhada do que nunca de ver a transformação de Heathcliff quando ela foi completamente revelada pelo fogo e pela luz das velas. Ele tinha se tornado um homem alto, atlético e bem formado, ao lado de quem o patrão parecia bastante franzino e juvenil. Sua postura ereta sugeria que tinha passado algum tempo no Exército. Suas feições eram as de alguém muito mais velho e decidido do que o sr. Linton; pareciam inteligentes e não retinham nenhum indício de sua antiga degradação. Ainda havia uma ferocidade semicivilizada à espreita nas sobrancelhas retas e nos olhos repletos de fogo negro, mas tinha sido atenuada. Seus modos chegavam mesmo a ser refinados, sem conter nenhum traço de rudeza, embora fossem severos demais para serem considerados graciosos.

A surpresa do patrão foi igual ou maior do que a minha: durante um minuto, ele ficou sem saber como se dirigir àquele moleque da fazenda, como dissera. Heathcliff largou a mão fina de Linton e pôs-se a fitá-lo friamente até ele decidir dizer algo.

“Sente-se, senhor”, disse Linton afinal. “A sra. Linton, lembrando-se dos velhos tempos, insistiu que eu o recebesse de maneira cordial. Eu, é claro, fico feliz quando qualquer coisa a faz feliz.”

“Eu também”, respondeu Heathcliff, “principalmente quando é algo no qual tomei parte. Ficarei uma ou duas horas de bom grado.”

Ele se sentou diante de Catherine, que manteve o olhar fixo nele como se temesse que o amigo fosse desaparecer se ela deixasse de fitá-lo. Heathcliff pouco ergueu a vista; um olhar rápido de tempos e tempos era suficiente. Mas faiscava, com mais confiança a cada vez, o deleite indisfarçável que ele bebia dos olhos dela.

Os dois estavam absortos demais em sua alegria mútua para sentir qualquer constrangimento, mas o mesmo não ocorreu com o sr. Edgar. Ele ficou pálido de pura irritação, uma emoção que chegou ao ponto culminante quando sua esposa se levantou e, atravessando o tapete, agarrou as mãos de Heathcliff de novo, rindo como alguém fora de si.

“Amanhã, eu vou achar que foi um sonho!”, exclamou ela. “Não vou conseguir acreditar que o vi, que o toquei e que falei com você de novo. Mas, Heathcliff, você foi cruel! Não merece esta acolhida. Ficar ausente, sem dar notícias durante três anos, sem nunca pensar em mim!”

“Pensei um pouco mais do que você em mim!”, murmurou ele. “Ouvi falar de seu casamento, Cathy, não tem muito tempo; e enquanto esperava no pátio lá embaixo, pensei neste plano: ver seu

rosto só uma vez — encontrar nele um olhar de surpresa, talvez, e prazer fingido. Depois, acertar contas com Hindley e, então, impedir que a lei me julgue, infligindo a mim mesmo pena capital. Sua acolhida me fez esquecer essas ideias, mas tome o cuidado de não me receber com outro aspecto da próxima vez! Não, você não vai me fazer fugir de novo. Sentiu mesmo pena de mim, foi? Com motivo. Levei uma vida amarga desde a última vez que vi seu rosto, e você tem de me perdoar, pois segui em frente apenas por sua causa!"

"Catherine, se não quiser que tomemos chá frio, por favor, venha para a mesa", interrompeu Linton, tentando manter o tom de voz usual e certa medida de polidez. "Não sei onde o sr. Heathcliff vai passar a noite, mas ele terá de andar bastante, e eu estou com sede."

Catherine assumiu sua posição diante do bule. A srta. Isabella apareceu, ao toque da sineta. Então, depois de puxar uma cadeira para cada um deles, deixei o cômodo.

O chá não durou nem dez minutos. Catherine nem chegou a encher sua xícara, pois não conseguia comer, nem beber. Edgar derramou chá no pires e mal comeu um bocado.

O convidado deles não se demorou mais do que uma hora naquela noite. Quando ele estava indo embora, perguntei se ia para Gimmerton.

"Não, vou para Wuthering Heights", respondeu Heathcliff. "O sr. Earnshaw me convidou para voltar quando eu o visitei esta manhã."

O sr. Earnshaw convidou *Heathcliff* para voltar! E *ele* visitou o sr. Earnshaw! Depois que Heathcliff se foi, eu me pus a refletir sobre essa frase, preocupada. Será que Heathcliff tinha ficado um pouco

hipócrita e voltado à região para fazer alguma maldade disfarçada? Fiquei cismada. Estava com um pressentimento no fundo do coração de que teria sido melhor se ele tivesse continuado longe.

Lá pelo meio da noite, eu estava dormitando quando a sra. Linton entrou de mansinho no meu quarto, se sentou na minha cama e puxou meu cabelo para me acordar.

“Não consigo descansar, Ellen”, disse ela, à guisa de pedido de desculpas. “E quero que algum ser vivo me faça companhia na minha alegria! Edgar está rabugento porque eu estou feliz com algo que não o interessa. Ele se recusa a abrir a boca, a não ser para dizer coisas irritantes e tolas, e afirmou que eu estava sendo cruel e egoísta por querer conversar quando ele estava doente e com sono. Edgar sempre consegue ficar doente com a menor bobagem! Eu teci alguns louvores a Heathcliff e ele, ou por causa de uma dor de cabeça, ou por uma pontada de inveja, começou a chorar. Então, eu me levantei e fui embora.”

“De que adianta elogiar Heathcliff para ele? Quando eles eram meninos, tinham aversão um ao outro, e Heathcliff detestaria na mesma medida ouvir o sr. Linton ser elogiado. É a natureza humana. Pare de incomodar o sr. Linton com isso, se não quiser que eles tenham uma briga.”

“Mas isso não demonstra uma grande fraqueza?”, insistiu Catherine. “Eu não sou invejosa. Não fico magoada com o brilho dos cabelos louros de Isabella, com a brancura de sua pele, com sua elegância delicada ou com o carinho que todos da casa têm por ela. Quando nós temos uma discussão, até você, Nelly, fica do lado de Isabella na mesma hora. E eu cedo que nem uma mãe boba. Digo que ela é um amor e a elogio até que fique de bom humor de novo.

O irmão dela fica feliz com a nossa cordialidade, e isso me faz feliz. Mas eles são parecidos demais. São crianças mimadas e acreditam que o mundo foi feito para agradá-los. E embora eu faça as vontades de ambos, mesmo assim acho que uma bela lição os tornaria melhores."

"Está errada, sra. Linton. Eles é que fazem as suas vontades. Eu sei muito bem o que iria acontecer se não fizessem! A senhora pode muito bem se dar ao luxo de ceder aos caprichos passageiros dos dois, quando eles se dedicam a adivinhar todos os seus desejos. Mas é possível que vocês acabem brigando devido a algo de igual importância para ambos os lados — e, então, aqueles que chama de fracos são bem capazes de ser tão obstinados quanto a senhora!"

"E então nós vamos brigar até a morte, não é, Nelly?", disse ela, rindo. "Não! Eu tenho tanta fé no amor de Linton que acredito que poderia matá-lo sem que ele quisesse retaliar."

Eu a aconselhei a dar mais valor a ele devido a essa afeição.

"Eu dou", respondeu Catherine. "Mas ele não precisa choramingar por bobagens. É criancice. E em vez de cair em lágrimas porque eu disse que Heathcliff agora era digno do apreço de qualquer pessoa, e que seria uma honra para o homem mais importante da região ser seu amigo, ele próprio deveria tê-lo dito em meu lugar e ter ficado feliz por mim. Linton vai precisar se acostumar com Heathcliff, e é melhor gostar dele logo. Considerando como Heathcliff tem motivos para sentir antipatia por ele, acho que se comportou de maneira excelente!"

"E o que você acha dele ir para Wuthering Heights?", perguntei. "Parece que ele tomou jeito em tudo. Virou um modelo de cristão,

estendendo a mão em comunhão a todos os seus inimigos!”

“Ele explicou. Eu fiquei tão espantada quanto você. Heathcliff disse que foi pedir informações sobre mim a você, supondo que ainda morava lá, e que Joseph contou a Hindley. Hindley saiu e começou a perguntar o que ele andara fazendo, e como andara vivendo, até afinal pedir que entrasse. Havia algumas pessoas jogando cartas e Heathcliff começou a jogar também. Meu irmão perdeu algum dinheiro para Heathcliff, ao descobrir que ele está com um bom suprimento, convidou-o para voltar à noite, o que ele concordou em fazer. Hindley é inconsequente demais para escolher com prudência suas companhias. Não se dá ao trabalho de refletir que faria bem em desconfiar de uma pessoa que tratou de maneira vil. Mas Heathcliff garantiu que seus principais motivos para voltar a ter contato com seu antigo perseguidor é alojar-se num lugar de onde é possível ir a pé à Grange, uma afeição pela casa onde nós vivemos juntos e uma esperança de que eu tenha mais oportunidades de vê-lo lá do que se estivesse em Gimmerton. Ele pretende pagar muito bem para ter permissão de se hospedar na Heights. E, sem dúvida, a cupidez de meu irmão o fará aceitar o negócio. Ele sempre foi ganancioso, mas o que agarra com uma das mãos, atira fora com a outra.”

“Que belo lugar para um rapaz ir morar! Não teme as consequências, sra. Linton?”

“Nem um pouco pelo meu amigo”, respondeu ela. “Sua cabeça forte o protegerá do perigo. Um pouco por Hindley, mas ele não pode ficar moralmente pior do que já é, e eu impedirei que sofra qualquer dano físico. O acontecimento desta noite me reconciliou com Deus e com toda a humanidade! Eu estava numa rebeldia

furiosa contra o destino. Ah, já sofri dores muito, muito amargas, Nelly! Se aquela criatura soubesse quão amargas, teria vergonha de macular o desaparecimento delas com uma birra inútil. Foi bondade com ele que me levou a suportá-las sozinha; se eu houvesse expressado a agonia que com frequência sentia, ele teria aprendido a ansiar por seu alívio com o mesmo ardor que eu. Mas já passou, e não me vingarei de sua tolice. Posso suportar qualquer sofrimento de agora em diante! Se o ser mais desprezível do mundo me desse uma bofetada, eu não apenas ofereceria a outra face como pediria perdão por tê-lo provocado. E, como prova disso, irei fazer as pazes com Edgar imediatamente. Boa noite. Eu sou um anjo!"

Com essa convicção autocomplacente, ela partiu, e o sucesso da resolução que levara a cabo foi óbvio no dia seguinte. O sr. Linton não apenas abrira mão de sua irritação (embora ainda parecesse estar com um certo desânimo diante da exuberância da vivacidade de Catherine), como não ousou fazer nenhuma objeção a ela levar Isabella consigo numa visita a Wuthering Heights naquela tarde. Catherine recompensou-o com um período de doçura e afeição que fez da casa um paraíso durante diversos dias, e o patrão, bem como os criados, tiraram proveito da alegria solar e incessante.

Heathcliff — o sr. Heathcliff, eu deveria dizer a partir de agora — usou a liberdade de fazer visitas a Thrushcross Grange de maneira cautelosa, a princípio: parecia estar avaliando até que ponto o dono da casa suportaria sua intrusão. Catherine também achou melhor moderar suas expressões de prazer ao recebê-lo. Assim, aos poucos, ele estabeleceu o direito de ser recebido.

Heathcliff mantivera boa parte da reserva que fora tão extraordinária durante sua infância, e isso serviu para reprimir

quaisquer demonstrações assustadoras de emoção. A inquietação do patrão ficou adormecida, e um ocorrido a desviou para outra direção durante um período.

A nova fonte de preocupação foi o inesperado infortúnio de Isabella Linton desenvolver uma súbita e irresistível atração pelo visitante tolerado. Na época, ela era uma moça encantadora de dezoito anos. Seus modos eram infantis, mas ela possuía uma inteligência aguda, sentimentos agudos e também um temperamento agudo quando se irritava. Seu irmão, que a amava muito, ficou estarrecido com essa preferência inacreditável. À parte a degradação de uma aliança com alguém de origem desconhecida e o possível fato de sua propriedade, na falta de herdeiros, passar para as mãos deste, o sr. Linton teve o bom senso de compreender a índole de Heathcliff — de saber que, embora seu exterior estivesse mudado, sua mente era inalterável e estava inalterada. E ele temia essa mente. Ela o repelia. Com um mau pressentimento, o sr. Linton se retraía diante da ideia de confiar Isabella a uma tal guarda.

O patrão teria ficado ainda mais horrorizado se soubesse que a afeição de Isabella surgiu sem incentivos e foi dada a alguém em quem não despertou nenhum sentimento recíproco. Pois o sr. Edgar, no minuto em que descobriu a existência desse sentimento, colocou a culpa numa provocação deliberada da parte de Heathcliff.

Todos nós já estávamos percebendo havia algum tempo que a srta. Linton andava agoniada e triste por algum motivo. Ela se tornara irritadiça e cansativa, sendo abrupta com Catherine e provocando-a sem cessar, correndo sempre o risco de exaurir sua limitada paciência. Nós a desculpamos até certo ponto, pois víamos

que não se encontrava bem — estava definhando a olhos vistos. Mas, um dia, quando Isabella estava particularmente impossível, recusando o café da manhã, reclamando que os criados não faziam o que ela queria, que a dona da casa não lhe permitia ter nenhuma autoridade, que Edgar a negligenciava, que ela havia pegado um resfriado porque a porta tinha ficado aberta e que nós havíamos deixado o fogo da sala de estar se apagar de propósito para irritá-la, junto com outras cem acusações frívolas, a sra. Linton mandou-a peremptoriamente para a cama e, após dar-lhe uma bela reprimenda, ameaçou chamar o médico.

A menção a Kenneth fez Isabella exclamar imediatamente que sua saúde estava perfeita e que ela só era infeliz devido à crueldade de Catherine.

“Como pode dizer que eu sou cruel, sua menina mimada e perversa?”, exclamou a patroa, espantada com aquela afirmação sem sentido. “Sem dúvida, está perdendo a razão. Quando eu fui cruel com você, me diga?”

“Ontem”, respondeu Isabella, aos soluços, “e agora!”

“Ontem!”, disse sua cunhada. “Em que ocasião?”

“Quando estávamos caminhando pelos urzais. Você me mandou ir passear por onde eu quisesse, enquanto seguia sozinha com o sr. Heathcliff!”

“E essa é sua ideia de crueldade?”, disse Catherine, rindo. “Eu não estava insinuando que não queríamos sua companhia. Para nós, não importava se ficasse conosco ou não. Apenas achei que não haveria nada de interessante para os seus ouvidos no que Heathcliff dizia.”

“Ah, não!”, chorou a mocinha. “Você quis que eu fosse embora porque sabia que eu desejava ficar!”

“Ela está louca?”, perguntou a sra. Linton, apelando para mim. “Eu repetirei nossa conversa palavra por palavra, Isabella, e você me dirá o que nela poderia ter despertado seu interesse.”

“Não me importo com a conversa. Queria estar com…”

“Diga!”, disse Catherine, percebendo que ela hesitava em completar a frase.

“Com ele. E não vou ser sempre mandada embora!”, continuou Isabella, inflamando-se. “Você é uma desmancha-prazeres, Cathy, e quer ser a única a ser amada!”

“Você é uma macaquinha impertinente!”, exclamou a sra. Linton, surpresa. “Mas eu não vou acreditar nessa idiotice. É impossível que você deseje a admiração de Heathcliff… que possa considerá-lo uma pessoa agradável! Espero tê-la entendido mal, Isabella.”

“Não entendeu, não”, disse a moça apaixonada. “Eu o amo mais do que você jamais amou Edgar. E ele poderia me amar, se você deixasse!”

“Então, eu não seria você nem por um reino inteiro!”, declarou Catherine enfaticamente, e pareceu estar sendo sincera. “Nelly, me ajude a convencê-la de sua loucura. Diga a ela o que Heathcliff é: uma criatura sem dono, sem refinamento, sem cultivo; um deserto árido, feito de mato e pedra. Eu preferiria colocar aquele canarinho no bosque num dia de inverno do que recomendar a você que entregue seu coração a ele! É uma ignorância deplorável do caráter de Heathcliff, menina, que fez esse sonho entrar na sua cabeça — mais nada. Por favor, não imagine que ele esconde uma benevolência e um carinho imensos sob uma aparência dura! Não é

um diamante bruto, um rústico que é como uma ostra que contém uma pérola. É um homem feroz, sem piedade, como um lobo. Eu nunca lhe digo ‘deixe este ou aquele inimigo em paz, porque seria mesquinho ou cruel fazer mal a ele’. Digo ‘deixe-os em paz porque *eu* odiaria se alguém cometesse uma injustiça com eles’. E ele esmagaria você como um ovo de pardal, Isabella, se achasse que estava lhe dando trabalho demais. Sei que Heathcliff jamais seria capaz de amar alguém da família Linton; mas ele poderia muito bem se casar com você por causa de sua fortuna e do que talvez venha a herdar. A ganância está se tornando um ponto fraco dele. Isso é o que eu lhe digo de Heathcliff. E sou amiga dele — tanto que, se ele estivesse pensando seriamente em apanhar você, talvez houvesse me calado e deixado que caísse em sua armadilha.”

A srta. Linton olhou para a cunhada com indignação.

“Que vergonha! Que vergonha!”, repetiu ela, com raiva. “Você é pior do que vinte inimigos, sua amiga venenosa!”

“Ah! Quer dizer que não acredita em mim?”, disse Catherine. “Acha que falei isso por ser egoísta e malvada?”

“Tenho certeza que sim”, retrucou Isabella, “e você me dá arrepios!”

“Muito bem!”, exclamou a outra. “Experimente então, já que é isso que você quer. Para mim, chega. Vou deixar que sua insolência atrevida ganhe a discussão.”

“E eu preciso sofrer por causa do egoísmo dela!”, soluçou Isabella enquanto a sra. Linton deixava a sala. “Tudo, tudo está contra mim. Ela acabou com meu único consolo. Mas o que disse é mentira, não é? O sr. Heathcliff não é um monstro. Tem uma alma nobre e fiel. Senão, como teria se lembrado dela?”

“Tire esse homem da cabeça, senhorita”, disse eu. “Ele é um pássaro de mau agouro. Não serve para você. A sra. Linton foi dura, mas eu não posso contradizê-la. Ela conhece melhor o coração dele do que eu ou qualquer outra pessoa, e nunca iria descrevê-lo como sendo pior do que é. Gente honesta não esconde o que faz. Como ele andou vivendo? Como ficou rico? Por que está hospedado em Wuthering Heights, a casa de um homem que detesta? Dizem que, desde que Heathcliff voltou, o sr. Earnshaw está cada vez pior. Eles sempre passam a noite inteira acordados, e Hindley tem pegado dinheiro emprestado dando suas terras como garantia e não faz nada além de jogar e beber. Ouvi dizer isso semana passada mesmo. Foi Joseph quem me contou. Eu o encontrei em Gimmerton.

“‘Nelly’, disse ele, ‘qualquer hora alguém morre e a polícia vai lá em casa. Um deles quase cortou o dedo fora pra não deixar o outro se espetar que nem um bezerro. Esse é o patrão, que botou na cabeça que quer ir desta pra melhor. Ele não tá preocupado com nenhum juiz: nem Paulo, nem Pedro, nem João, nem Mateus. Num quer saber: quer mais é olhar na cara deles e desafiar um por um! E aquele maganão, o Heathcliff, eu nunca que vi igual. Ele esturra uma gargalhada até das coisas do demo. Quando ele vai na Grange, nunca fala do jeito como vive com a gente? É assim: acorda quando o sol tá abaixando e fica com os dados, as bebidas, as cortinas fechada e as velas acesa até o meio-dia do dia seguinte. Então, o bobo vai praguejando que nem um maluco pro quarto, fazendo quem é decente entuchar os dedos no ouvido de vergonha, enquanto o patife conta as moedas, come, bebe e vai pra casa do vizinho mexericar com a mulher dele. Garanto que ele conta pra

dona Catherine como o ouro do pai dela tá indo parar no bolso dele, e como o filho do pai dela tá galopando na estrada da perdição, enquanto ele vai na frente e abre o portão!' Srta. Linton, Joseph é um velho canalha, mas ele não mente. E se esse relato sobre Heathcliff for verdade, você não vai pensar em querer um marido desses, vai?"

"Você está metida com os outros, Ellen!", respondeu ela. "Não vou escutar as suas calúnias. Quanta malevolência você deve ter para querer me convencer de que não existe felicidade no mundo!"

Se Isabella tivesse sido deixada quieta, não sei dizer se teria esquecido esse sonho ou persistido em acalentá-lo para sempre: ela teve pouco tempo para refletir. No dia seguinte, houve um julgamento na cidade vizinha e o patrão foi obrigado a comparecer. O sr. Heathcliff, ciente de sua ausência, fez sua visita bem mais cedo do que o habitual.

Catherine e Isabella encontravam-se sentadas na biblioteca num silêncio hostil. A segunda estava alarmada com sua indiscrição recente e com o fato de ter revelado seus sentimentos secretos num ataque de fúria passageiro; e a primeira, após ter refletido, estava realmente ofendida com a outra e, se ainda ria de seu atrevimento, mostrava-se inclinada a não permitir que *ela* também achasse graça da situação.

Catherine de fato riu quando viu Heathcliff passar pela janela. Eu estava varrendo a lareira e percebi um sorriso travesso em seus lábios. Isabella, absorta em seus pensamentos ou em um livro, ficou ali até a porta ser aberta, quando já era tarde demais para tentar escapar, o que ela teria feito de bom grado se tivesse sido praticável.

“Isso, entre!”, exclamou a patroa, alegre, aproximando uma cadeira do fogo. “Aqui há duas pessoas precisando muito de uma terceira para quebrar o gelo entre elas, e é você mesmo que ambas queriam. Heathcliff, tenho o orgulho de finalmente lhe mostrar alguém que o adora mais do que eu. Espero que se sinta lisonjeado. Não, não é Nelly! Não olhe para ela! Minha pobre cunhadinha está de coração partido só de contemplar sua beleza física e moral. Você, se quiser, pode virar cunhado de Edgar! Não, não, Isabella, você não vai fugir”, continuou ela, impedindo, com um ar de gracejo fingido, os movimentos da constrangida moça, que havia se levantado, indignada. “Nós estávamos nos engalfinhando por sua causa, Heathcliff, e eu fui derrotada em declarações de devoção e admiração. Além do mais, fui informada de que, se tivesse os bons modos de sair do caminho, minha rival, o que ela acredita ser, faria entrar uma luz na sua alma que o consertaria para sempre e mandaria a minha imagem para o esquecimento eterno!”

“Catherine”, disse Isabella, munindo-se de dignidade e recusando-se a tentar escapar das mãos firmes que a agarravam, “por favor, fale a verdade e não me calunie, mesmo que de brincadeira. Sr. Heathcliff, tenha a gentileza de pedir que sua amiga me solte. Ela esquece que o senhor e eu não somos íntimos e que aquilo que a diverte me causa uma mágoa inexprimível.”

Como o visitante não respondeu nada, mas apenas se sentou e pareceu completamente indiferente aos sentimentos que ela nutria por ele, Isabella se virou e suplicou que aquela que a atormentava a libertasse.

“De jeito nenhum!”, exclamou a sra. Linton em resposta. “Não vou deixar que me chamem de desmancha-prazeres de novo. Agora,

você *vai* ficar aqui! Heathcliff, por que não demonstra satisfação diante da minha boa notícia? Isabella jura que o amor que Edgar tem por mim não é nada em comparação ao que ela sente por você. Tenho certeza de que ela disse algo assim, não foi, Ellen? E está de jejum desde a caminhada de anteontem, de tristeza e raiva por eu tê-la afastado de sua companhia, acreditando que lhe seria inaceitável."

"Acho que você está deturpando as palavras dela", disse Heathcliff, virando a cadeira na direção delas. "Pelo menos agora ela quer se ver livre da minha companhia!"

E ele olhou com frieza para a pessoa em discussão, como alguém poderia fazer com um estranho animal repulsivo, uma centopeia das Índias, por exemplo, que a curiosidade nos leva a examinar apesar da aversão que ela causa.

A pobrezinha não conseguiu suportar isso. Ficou branca e vermelha em rápida sucessão e, enquanto as lágrimas pendiam de seus cílios, usou a força dos pequenos dedos para soltar as mãos firmes de Catherine. Percebendo que assim que erguia um dedo do braço, outro a apertava mais, e que ela não conseguia remover todos, começou a usar as unhas, cujas pontas agudas logo ornamentaram com meias-luas vermelhas o braço de quem a detinha.

"Que tigresa!", exclamou a sra. Linton, libertando-a e sacudindo a mão de dor. "Vá-se embora, pelo amor de Deus, e esconda essa cara desavergonhada! Que tolice revelar essas garras a *ele*. Não consegue imaginar as conclusões que vai tirar? Olhe, Heathcliff! São instrumentos que ela sabe usar. Tome cuidado com os seus olhos."

“Eu as arrancaria dos dedos dela, se um dia me ameaçassem”, respondeu Heathcliff brutalmente, depois de Isabella ter saído e fechado a porta. “Mas por que você provocou essa criatura dessa maneira, Cathy? Não estava falando a verdade, estava?”

“Garanto que sim. Isabella está definhando por sua causa há semanas. E estava tecendo loas a você esta manhã, e jogando uma enxurrada de insultos sobre mim por eu ter falado francamente de seus defeitos, com o propósito de mitigar sua paixão. Mas não pense mais no assunto. Eu desejava punir seu atrevimento, só isso. Gosto demais dela, meu querido Heathcliff, para permitir que você a agarre e a devore.”

“E eu não gosto o bastante para tentar”, disse ele, “exceto à maneira de um monstro. Você ouviria falar de coisas estranhas se eu vivesse sozinho com aquele rosto nauseabundo de cera. A mais normal seria pintar a brancura dele com as cores do arco-íris e fazer os olhos azuis ficarem pretos, a cada um ou dois dias. Eles se parecem detestavelmente com os olhos de Linton.”

“Deliciosamente”, observou Catherine. “São os olhos de uma pomba. De um anjo!”

“Ela é a herdeira do irmão, não é?”, perguntou Heathcliff, após um breve silêncio.

“Eu lamentaria se fosse”, respondeu sua interlocutora. “Meia dúzia de sobrinhos irão ficar na frente dela, se Deus quiser! Tire isso da cabeça, por enquanto. Você tem uma propensão grande demais a cobiçar os bens do próximo. Lembre-se que os bens *desse* próximo também são meus.”

“Se eles fossem *meus*, continuariam sendo seus”, disse Heathcliff. “Mas, apesar de Isabella Linton ser boba, ela não é louca. Ou seja,

vamos esquecer o assunto, como você aconselha.”

Eles realmente deixaram de falar nisso, e é provável que Catherine tenha deixado de pensar também. Mas tenho certeza de que o outro se lembrou do assunto diversas vezes ao longo da tarde. Eu o vi sorrir consigo mesmo — um sorriso mau — e ficar numa cisma ameaçadora sempre que a sra. Linton precisava se ausentar do aposento.

Decidi que ia observar seus movimentos. Meu coração sempre preferia o lado do patrão ao de Catherine. Com razão, imagino, pois ele era bom, confiável e honesto. E ela… não se podia dizer que era o *oposto*, mas parecia se permitir tanta latitude que eu tinha pouca fé em seus princípios e ainda menos compaixão por seus sentimentos. Queria que ocorresse algo que faria tanto Wuthering Heights quanto a Grange se livrar do sr. Heathcliff, sem alarde, nos deixando como estávamos antes da chegada dele. Suas visitas eram um pesadelo contínuo para mim, e eu suspeito que para o patrão também. Sua permanência na Heights era uma opressão que chegava às raias do inexplicável. Eu sentia que Deus abandonara as ovelhas desgarradas dali aos seus descaminhos perversos, e que uma besta malévola se interpunha entre elas e o rebanho, aguardando o momento de atacar e destruir.

# xi

Às vezes, quando eu estava sozinha refletindo sobre essas coisas, me levantava, num terror súbito, e colocava o chapéu para ver como estava tudo na fazenda. Convencia minha consciência de que era meu dever avisar a Hindley o que as pessoas andavam falando de seu jeito de viver; mas então me lembrava de seus maus hábitos inveterados e, sem ter a esperança de lhe causar qualquer benefício, me acovardava diante da ideia de reentrar naquela casa lúgubre, duvidando que fossem acreditar nas minhas palavras.

Certa vez passei pelo velho portão, desviando do caminho quando ia até Gimmerton. Estava mais ou menos na época da narrativa a que cheguei agora. Era uma tarde gelada de sol, com o solo nu e a estrada dura e seca.

Cheguei a uma pedra que fica no ponto onde a estrada se divide, nos urzais à esquerda daqui. É uma pilastra tosca de arenito com as letras W. H. gravadas no lado norte, G. no lado leste e T. G. no lado sudoeste. Serve de guia para a Heights, o vilarejo de Gimmerton e Thrushcross Grange.

A luz amarela do sol brilhava sobre o topo cinza da pedra, me fazendo lembrar do verão. Não sei dizer por quê, mas, de repente,

uma enxurrada de sensações da infância surgiu no meu coração. Vinte anos antes, aquele fora um dos lugares de que eu e Hindley mais gostávamos.

Fiquei um longo tempo olhando o bloco de pedra gasto pelas intempéries; e, me abaixando, discerni um buraco perto da base que ainda estava cheio de conchas de caracol e pedregulhos, que adorávamos guardar ali junto com outros objetos mais perecíveis. E tive a impressão de ver, com a nitidez da realidade, meu companheiro de brincadeiras sentado na grama seca, com a cabeça quadrada de cabelos negros inclinada para a frente e a mãozinha cavando a terra com um pedaço de ardósia.

“Pobre Hindley!”, exclamei, involuntariamente.

Tive um sobressalto. Meus olhos físicos foram ludibriados e, por um momento, acreditaram que a criança havia erguido o rosto e me encarado! A imagem desapareceu num átimo, mas eu imediatamente senti um anseio de estar na Heights. A superstição me levou a seguir esse impulso. “E se ele estiver morto?”, pensei. “Ou quase morrendo! E se aquilo tiver sido um sinal da morte?”

Quanto mais perto da casa eu chegava, mais agitada ficava, e, quando vi o lugar, meu corpo todo começou a tremer. A aparição havia me ultrapassado: ela estava ali, olhando pelo portão. Isso foi a primeira coisa que imaginei quando vi um menino de cabelos desgrenhados e olhos castanhos com o rosto rubro apoiado nas barras. Pensando melhor, achei que aquele devia ser Hareton, o *meu* Hareton, que não mudara muito desde que eu o deixara dez meses antes.

“Deus te abençoe, meu bem!”, exclamei, esquecendo meus medos tolos no mesmo instante. “Hareton, sou eu, a Nelly. A Nelly,

tua babá.”

Ele se afastou para um local fora do alcance dos meus braços e pegou uma pedra grande.

“Eu vim ver teu pai, Hareton”, acrescentei, adivinhando que, se ele tinha lembrança de alguma Nelly, não a reconhecia em mim.

Hareton ergueu seu míssil, pronto para atirá-lo. Comecei a fazer um discurso para acalmá-lo, mas não fui capaz de impedir o gesto. A pedra bateu no meu chapéu. E então, jorrou da boca daquele menininho uma série de imprecações que, quer ele as compreendesse ou não, foram ditas com a ênfase de alguém que fizera aquilo antes, distorcendo suas feições de criança com uma espantosa expressão de malignidade.

Pode ter certeza de que isso me deixou mais triste do que com raiva. Quase chorando, tirei uma laranja do bolso e a ofereci, para apaziguá-lo.

Ele hesitou e então agarrou a fruta da minha mão, como se imaginasse que eu pretendia apenas despertar sua vontade e desapontá-lo.

Mostrei outra laranja, mantendo-a fora do alcance dele.

“Quem te ensinou essas palavras bonitas, meu menino?”, perguntei. “O cura?”

“Para o diabo com o cura e contigo! Dá isso aqui!”

“Diz quem te deu essas lições, que eu entrego a laranja. Quem é teu professor?”

“O papai-diabo.”

“E o que tu aprendes com o papai?”, insisti.

Ele pulou na direção da fruta. Eu a levantei mais. “O que ele te ensina?”

“Nada, só ficar longe dele. O papai não me aguenta, porque eu xingo ele.”

“Ah! E o diabo te ensina a xingar o papai?”

“É… não”, gaguejou ele.

“Quem faz isso, então?”

“Heathcliff.”

Perguntei se ele gostava do sr. Heathcliff.

“Gosto!”

Querendo saber por que ele gostava do sr. Heathcliff, só consegui extrair as seguintes frases: “Não sei… Ele dá o troco pelo que o papai faz comigo… Xinga o papai por me xingar… Diz que é para eu fazer o que quiser”.

“Então o cura não te ensina a ler e escrever?”, insisti.

“Não, me disseram que iam… quebrar os dentes todos do cura… se ele passasse da porta. Heathcliff prometeu!”

Coloquei a laranja na mão de Hareton e pedi-lhe que dissesse ao pai que uma mulher chamada Nelly Dean estava esperando perto do portão do jardim para falar com ele.

Hareton atravessou o passadiço e entrou na casa. Mas, em vez de Hindley, foi Heathcliff que apareceu nas lajes da porta. Eu me virei na hora e corri o mais depressa que pude, só parando ao chegar no marco da estrada, com tanto medo quanto se tivesse evocado um trasgo.

Isso não tem muita ligação com a questão da srta. Isabella, a não ser pelo fato de que me levou a decidir ficar mais vigilante e fazer de tudo para impedir que aquela má influência se espalhasse na Grange, embora eu fosse despertar uma tempestade na casa ao tentar impedir a sra. Linton de fazer o que tivesse vontade.

Na visita seguinte de Heathcliff, a mocinha por acaso estava alimentando alguns pombos no pátio. Ela não falava uma palavra com a cunhada havia três dias, mas também tinha parado com suas reclamações e birras, o que era um grande consolo para nós.

Eu sabia que Heathcliff não tinha o hábito de fazer sequer uma única cortesia desnecessária para a srta. Linton. Naquele momento, assim que ele a viu, sua primeira precaução foi examinar minuciosamente a fachada da casa. Eu estava perto da janela da cozinha, mas fui para um local de onde não podia ser vista. Heathcliff então atravessou o calçamento na direção dela e disse algo. A srta. Linton pareceu constrangida e fez menção de ir embora. Para impedi-la, ele pousou a mão em seu braço. Ela virou o rosto. Aparentemente, Heathcliff fez uma pergunta que a srta. Linton não tinha intenção de responder. Ele olhou de relance para a casa mais uma vez e, supondo que ninguém estava vendo, o patife teve o atrevimento de dar-lhe um beijo.

“Judas! Traidor!”, exclamei. “Quer dizer que você é um hipócrita também, não é? Alguém que engana deliberadamente os outros!”

“Quem, Nelly?”, perguntou a voz de Catherine atrás de mim. Eu estava tão preocupada observando o casal do lado de fora que não percebi quando ela entrou.

“Seu amigo desprezível!”, respondi, com raiva. “Aquele canalha ardiloso ali. Ah, ele nos viu. Vai entrar! Quero saber se vai conseguir encontrar uma desculpa plausível para cortejar a srta. Linton depois de ter dito a você que a odiava.”

A sra. Linton viu Isabella se soltar e correr para o jardim; e, um minuto depois, Heathcliff abriu a porta.

Não pude deixar de expressar um pouco da minha indignação. Mas Catherine, furiosa, exigiu silêncio e ameaçou me mandar para fora da cozinha se eu insistisse em ser insolente.

“Se alguém ouvisse, iria pensar que *você* era a dona da casa!”, exclamou ela. “Você anda precisando se colocar no seu lugar! Heathcliff, que história é essa de criar essa confusão? Eu disse que devia deixar Isabella em paz! Imploro que faça isso, a não ser que esteja cansado de ser recebido aqui e queira que Linton tranque as portas para você!”

“Deus o livre de tentar!”, respondeu aquele monstro vil, por quem eu senti ódio naquele momento. “Deus o mantenha manso e paciente! A cada dia, eu fico mais louco para mandá-lo para o paraíso!”

“Psiu!”, disse Catherine, fechando a porta de dentro. “Não me aborreça. Por que ignorou meu pedido? Ela encontrou com você de propósito?”

“O que você tem com isso?”, rugiu ele. “Tenho direito de beijá-la, se ela quiser, e você não tem direito de reclamar. Não sou *seu* marido, então não precisa sentir ciúmes de mim!”

“Não sinto ciúmes de você”, respondeu a patroa, “me preocupo com você. Melhore essa cara, não vai fazer careta para mim! Se gosta de Isabella, irá se casar com ela. Mas gosta mesmo? Fale a verdade, Heathcliff. Ah, você não responde. Tenho certeza de que não gosta!”

“E por acaso o sr. Linton iria aprovar se a irmã dele se casasse com esse homem?”, perguntei.

“Ele teria que aprovar”, respondeu Catherine, num tom decisivo.

“Ele pode se poupar desse trabalho”, disse Heathcliff. “Para mim, tanto faz se aprova ou não. E quanto a você, Catherine, estou com vontade de dizer algumas coisas, já que estamos discutindo este assunto. Quero que tenha a consciência de que eu *sei* que você me tratou de maneira diabólica. Diabólica! Ouviu bem? Se acha que eu não percebi, é uma tola. Se pensa que posso ser consolado com palavras doces, é uma idiota. E se imagina que vou sofrer sem me vingar, vou lhe convencer do contrário em muito pouco tempo! Enquanto isso, obrigado por me contar o segredo de sua cunhada. Juro que vou tirar máximo proveito dele. E você, saia do meu caminho!”

“Que nova fase do caráter dele é esta?”, disse a sra. Linton, atônita. “Eu tratei você de maneira diabólica… e você vai se vingar! E como vai se vingar, seu grosseirão ingrato? E por que eu o tratei de maneira diabólica?”

“Não pretendo me vingar de você”, disse Heathcliff, com menos veemência. “Não é esse o plano. O tirano tritura seus escravos e eles não se voltam contra ele, esmagam quem está abaixo. Você pode me torturar até a morte para se divertir, mas permita que eu me divirta um pouco da mesma maneira. E abstenha-se ao máximo de me insultar. Após ter demolido meu palácio, não construa um casebre para admirar com complacência sua própria caridade em dá-lo a mim para morar. Se eu imaginasse que você realmente quisesse me ver casado com Isabella, cortaria minha garganta!”

“Ah, então o mal é eu *não* sentir ciúmes, não é?”, exclamou Catherine. “Bem, não vou repetir minha oferta de esposa. É tão ruim quanto oferecer uma alma perdida a satanás. Assim como ele, você se compraz em causar infelicidade. Está provando isso. Edgar

deixou de lado o mau humor ao qual se entregou quando você voltou. Eu comecei a ficar segura e tranquila. E você, inquieto por saber que estávamos em paz, parece resolvido a provocar uma briga. Brigue com Edgar se quiser, Heathcliff, e engane a irmã dele. Esse será precisamente o método mais eficiente de se vingar de mim."

A conversa cessou. A sra. Linton sentou-se perto do fogo, corada e mal-humorada. Aquele ser que a servia estava ficando intratável: ela não conseguia nem derrotá-lo, nem controlá-lo. Ele ficou postado diante da lareira com os braços cruzados, cismando com seus pensamentos malévolos. Deixei-os nessa posição para ir atrás do patrão, que não entendia por que Catherine estava havia tanto tempo no andar de baixo.

"Ellen, você viu a patroa?", perguntou ele quando eu entrei.

"Vi, sim, senhor. Ela está na cozinha. Está muito aborrecida com o comportamento do sr. Heathcliff. E, realmente, acho que está na hora de as condições das visitas dele mudarem. Ser brando demais faz mal e agora deu nisso…" E relatei a cena no pátio e, até onde me atrevi, o desentendimento subsequente. Imaginei que isso não poderia ser muito prejudicial à sra. Linton, a não ser que ela piorasse tudo ao tentar defender seu convidado.

Edgar Linton teve dificuldade em ouvir meu relato até o fim. Suas primeiras palavras revelaram que considerava que a esposa tinha alguma culpa no caso.

"Isso é insuportável!", exclamou ele. "É uma desgraça que ela o considere um amigo e me force a estar em sua companhia! Chame dois homens no saguão, Ellen. Catherine não vai mais ficar

discutindo com esse patife vil. Já fiz a vontade dela por tempo demais.”

Ele desceu e, mandando os criados esperarem na passagem, foi atrás de mim até a cozinha. Os dois presentes haviam recomeçado sua discussão furiosa. Pelo menos a sra. Linton estava ralhando com Heathcliff com o mesmo vigor de antes. Ele fora para perto da janela e estava de cabeça baixa, aparentemente intimidado com as admoestações violentas dela.

Heathcliff viu o patrão primeiro e fez um gesto rápido, mandando-a se calar. Catherine obedeceu abruptamente ao descobrir o motivo do movimento.

“O que é isso?”, disse Linton, dirigindo-se a ela. “Que noção de decoro pode ter para ficar aqui depois desse homem infame se dirigir a você daquela maneira? Imagino que, sendo o linguajar dele esse mesmo, você não ache nada demais. Está habituada à vileza dele e talvez ache que eu possa me acostumar com ela também!”

“Estava ouvindo atrás da porta, Edgar?”, perguntou a patroa no tom que mais aborreceria o marido, indicando tanto indiferença quanto desprezo pela irritação dele.

Heathcliff, que erguera o olhar ao ouvir as palavras de Linton, deu uma risada de escárnio após o que Catherine disse, aparentemente de propósito, para chamar a atenção do patrão.

Ele conseguiu, mas Edgar não pretendia diverti-lo com um ataque de fúria.

“Até agora eu tive paciência com o senhor”, disse ele, contido, “não por ignorar seu caráter miserável e degradado, mas por sentir que o senhor era apenas parcialmente responsável por ele. E como Catherine desejava continuar a vê-lo, eu aquiesci. Foi uma tolice.

Sua presença é um veneno moral que contaminaria até a pessoa mais virtuosa do mundo. Por isso, e para prevenir consequências piores, não permitirei mais que entre nesta casa daqui em diante, e insisto que parta imediatamente. Se demorar três minutos para fazê-lo, sua partida será involuntária e humilhante."

Heathcliff mediu a altura e a largura de seu interlocutor com um olhar repleto de desdém.

"Cathy, esse seu cordeirinho ameaça como se fosse um touro!", disse ele. "Corre o risco de rachar o crânio no meu punho. Juro por Deus, sr. Linton, que lamento mortalmente que não valha a pena espancar o senhor!"

Meu patrão olhou de relance para a passagem e fez um gesto para mim, mandando-me ir buscar os homens. Ele não tinha intenção de se arriscar num combate pessoal.

Obedeci ao comando, mas a sra. Linton, desconfiando de algo, foi atrás e, quando eu tentei chamá-los, me puxou, fechou a porta com força e trancou-a.

"Condições justas!", disse ela, diante do olhar de surpresa e raiva do marido. "Se não tem coragem de atacá-lo, peça desculpas ou permita que ele lhe bata. Assim, não vai mais fingir uma valentia que você não tem. Não, eu engulo a chave antes de você pegar! Que recompensa deliciosa pela gentileza que eu tive com cada um dos dois! Depois de muita indulgência com a natureza fraca de um e a natureza má do outro, recebo como agradecimento dois exemplos de ingratidão cega, tão estúpidos que chegam a ser absurdos! Edgar, eu estava defendendo você e sua irmã, e quero mais é que Heathcliff o açoite até você ficar doente por ousar pensar algo de ruim sobre mim!"

Não foi preciso um chicote para causar esse efeito no patrão. Ele tentou arrancar a chave das mãos de Catherine e, para impedi-lo, ela a atirou na parte mais quente do fogo. Nesse momento, o sr. Edgar foi acometido por uma tremedeira nervosa e seu rosto assumiu uma palidez mortal. Ele não conseguiu impedir aquele acesso de emoção de jeito nenhum: uma mistura de angústia e humilhação o tomou completamente. O patrão se apoiou nas costas de uma cadeira e cobriu o rosto.

“Ah! Santos Céus! Antigamente, isso teria feito você ganhar um título de cavaleiro!”, exclamou a sra. Linton. “Fomos derrotados! Fomos derrotados! Heathcliff irá levantar um dedo contra você no dia em que o rei mandar seu exército atacar uma colônia de ratos. Calma, você não vai se machucar! Não é um cordeiro, é um filhote de lebre!”

“Parabéns pelo covarde sem sangue nas veias, Cathy!”, disse o amigo dela. “Eu elogio o seu bom gosto. E foi esse babão trêmulo que você preferiu a mim! Eu me recuso a bater nele com os punhos, mas seria capaz de lhe dar um chute, e sentiria uma satisfação considerável. Ele está chorando ou vai desmaiar de medo?”

Aquele homem se aproximou e empurrou a cadeira onde Linton estava apoiado. Teria sido melhor ter mantido distância. O patrão se empertigou e deu-lhe um golpe na garganta que teria derrubado um homem menos robusto.

Isso fez Heathcliff ficar sem fôlego um minuto e, enquanto ele estava engasgado, o sr. Linton saiu pela porta dos fundos, foi para o pátio e seguiu de lá para a entrada da frente.

“Pronto! Acabaram suas visitas aqui!”, exclamou Catherine. “Vá embora agora. Ele vai voltar com duas pistolas e meia dúzia de

ajudantes. De qualquer maneira, se tiver mesmo ouvido a nossa conversa, nunca vai lhe perdoar. O que é que você foi me arranjar, Heathcliff! Mas ande logo! Prefiro ver Edgar encurralado a você!"

"Acha que eu vou sair daqui com esse golpe me queimando na goela?", trovejou ele. "De jeito nenhum, com os diabos! Vou esmagar as costelas dele como se fossem uma avelã podre antes de passar da soleira da porta! Se eu não o derrubar agora, irei assassiná-lo um dia desses. Então, se você dá valor à vida dele, deixe-me pegá-lo!"

"Ele não vem", interrompi, contando uma pequena mentira. "Vem o cocheiro e dois jardineiros, e certamente você não vai querer esperar para ser jogado na rua por eles! Cada um vem com um porrete e é provável que o patrão vá ficar olhando da janela da sala de estar para ter certeza de que eles vão cumprir suas ordens."

Os jardineiros e o cocheiro estavam *mesmo* ali, mas Linton viera junto. Eles já tinham entrado no pátio quando Heathcliff, pensando melhor, resolveu evitar uma briga com três serviçais. Ele agarrou o atiçador, estraçalhou a fechadura da porta interna e escapou enquanto os outros entravam marchando.

A sra. Linton, que estava muito agitada, me mandou acompanhá-la até o andar de cima. Ela não sabia a parte que me coubera naquela confusão, e eu estava ansiosa por mantê-la na ignorância.

"Estou quase fora de mim, Nelly!", exclamou Catherine, se atirando no sofá. "Mil malhos de ferreiro estão batendo dentro da minha cabeça! Mande Isabella me evitar. Esse tumulto é por causa dela. E se ela ou qualquer outra pessoa piorar minha raiva agora, irei enlouquecer. E Nelly, diga a Edgar, se voltar a vê-lo hoje, que eu corro o risco de ficar seriamente doente. Espero que seja verdade.

Ele me assustou e me aborreceu de maneira espantosa! Eu quero meter-lhe medo. Além do mais, ele poderia entrar e começar com uma enxurrada de insultos ou reclamações. Eu decerto iria recriminá-lo e só Deus sabe onde iríamos parar! Faça isso por mim, minha boa Nelly. Você sabe bem que nada disso é culpa minha. Por que ele ficou escutando atrás da porta? Heathcliff disse coisas inomináveis depois que você foi embora, mas eu logo poderia tê-lo feito esquecer Isabella e o resto não significava nada. Agora, tudo foi destruído pelo anseio tolo de ouvir os outros falando mal de nós que persegue algumas pessoas como se fosse um demônio! Se Edgar jamais houvesse ficado sabendo da nossa conversa, não teria sofrido tanto. Realmente, quando Edgar começou a se dirigir a mim naquele tom absurdo de desagrado depois de eu ter ralhado até ficar rouca com Heathcliff por causa *dele*, pouco me importei com o que eles iam fazer um com o outro, principalmente porque senti que, qualquer que fosse a conclusão, iríamos ficar separados por Deus sabe quanto tempo! Bem, se Heathcliff não puder ser meu amigo… se Edgar insistir em ser mesquinho e ciumento, tentarei partir os corações deles partindo o meu próprio. Será um jeito rápido de acabar com todos nós quando eu for levada ao extremo! Mas esse é um gesto a ser reservado para a desesperança. Não irei surpreender Linton com ele. Até agora, ele foi prudente e tem muito medo de me irritar, mas você precisa lhe explicar o perigo de abandonar essa prática e lembrar o meu temperamento furioso que, ao ser atiçado, beira a insanidade. Gostaria que parasse de fazer essa expressão apática e parecesse mais ansiosa por minha causa!”

A fleuma com a qual eu recebi essas instruções sem dúvida devia ser exasperante, pois elas foram dadas com a mais perfeita sinceridade. Mas eu acreditava que uma pessoa que conseguia planejar seus ataques de fúria de antemão poderia, usando sua força de vontade, se controlar razoavelmente, mesmo no meio de um. E não queria “meter medo” no patrão, como dissera Catherine, e multiplicar seus aborrecimentos com o propósito de ajudar o egoísmo dela.

Por isso, não disse nada quando o encontrei a caminho da sala de estar. Apenas tomei a liberdade de voltar para ouvir se eles iam retomar a discussão.

Ele começou a falar primeiro.

“Fique onde está, Catherine”, disse, sem nenhuma raiva na voz, mas com muita tristeza e desânimo. “Eu não vou permanecer aqui. Não vim nem discutir, nem me reconciliar. Quero saber apenas se, após os acontecimentos desta noite, você pretende continuar a ter intimidade com…”

“Ah, por misericórdia”, interrompeu a patroa, batendo o pé. “Por misericórdia, não falemos mais nisso agora! Seu sangue frio não tem como virar uma febre. O que corre nas suas veias é água gelada, mas o meu sangue está fervendo, e quando eu vejo toda essa frieza isso faz as minhas veias vibrarem.”

“Se quiser se livrar de mim, responda a minha pergunta”, insistiu o sr. Linton. “*Precisa* responder — e essa violência não me assusta. Descobri que você consegue ser bastante estoica quando quer. Daqui em diante, você vai desistir de Heathcliff ou desistir de mim? É impossível ter uma relação comigo e com ele ao mesmo tempo; e eu simplesmente *preciso* saber qual dos dois vai escolher.”

“E eu preciso ser deixada em paz!”, exclamou Catherine, furiosa. “Eu exijo! Não vê que mal consigo me aguentar em pé? Edgar… me deixe!”

A patroa tocou a sineta até que ela quebrou, emitindo um som agudo. Eu entrei calmamente. Aqueles ataques perversos e sem sentido eram de testar a paciência de um santo! Lá estava ela, batendo a cabeça contra o braço do sofá e rangendo os dentes, tanto que parecia que ia transformar todos em pó!

O sr. Linton estava observando-a com um remorso e um medo súbitos. Ele me mandou pegar um pouco de água. Catherine não tinha fôlego para dizer nada.

Eu trouxe um copo cheio. Como ela se recusou a beber, joguei algumas gotas em seu rosto. Após alguns segundos, Catherine se esticou toda e revirou os olhos, enquanto suas faces assumiram uma palidez mortal.

Linton ficou aterrorizado.

“Não há nada de errado com ela”, sussurrei. Não queria que ele cedesse, embora, no fundo, também estivesse com medo.

“Ela está com sangue nos lábios!”, disse ele, estremecendo.

“Não importa!”, respondi, irritada. E contei ao patrão como, antes de ele chegar, sua esposa havia resolvido exibir um ataque de insanidade.

Por falta de precaução, fiz o relato em voz alta. E ela me ouviu, pois ficou de pé num pulo, com os cabelos voando sobre os ombros, os olhos soltando faíscas, os músculos do pescoço e dos braços se retesando de maneira extraordinária. Eu me preparei para ossos quebrados, no mínimo. Mas Catherine apenas olhou ao redor com fúria por um instante e saiu correndo da sala.

O patrão me mandou segui-la. Fui até a porta do seu quarto, mas ela me impediu de entrar.

Como Catherine não se ofereceu para descer para tomar café na manhã seguinte, fui perguntar se queria que alguém lhe trouxesse algo.

“Não!”, respondeu ela, peremptoriamente.

A mesma pergunta foi feita na hora do almoço e do chá, assim como no dia seguinte, recebendo a mesma resposta.

O sr. Linton, enquanto isso, passou seu tempo na biblioteca, sem perguntar como a esposa se ocupava. Isabella e ele haviam conversado por uma hora, durante a qual o patrão tentou arrancar da irmã uma expressão adequada de horror pelas investidas de Heathcliff. Mas ele não conseguiu decifrar suas respostas evasivas e foi obrigado a cessar o interrogatório de maneira insatisfatória, acrescentando, no entanto, um aviso solene de que, se ela tivesse a insanidade de encorajar um pretendente tão indigno, todas as relações entre eles seriam cortadas.

# xii

Enquanto a srta. Linton caminhava, emburrada, no bosque e no jardim, sempre em silêncio, e quase sempre aos prantos; enquanto seu irmão se trancava entre livros que nunca abria, exaurindo-se, imagino, em insistir numa vaga expectativa de que Catherine, arrependendo-se de sua conduta, fosse pedir desculpas e buscar uma reconciliação; e enquanto *ela* fazia seu jejum pertinaz, provavelmente acreditando que a cada refeição Edgar estaria sufocado com sua ausência e que apenas o orgulho o impedia de se atirar a seus pés, eu continuava com os meus afazeres domésticos, convencida de que dentro da Grange havia apenas uma alma sensata e ela habitava o meu corpo.

Não desperdicei condolências com a mocinha, nem admoestações com a patroa, e tampouco prestei atenção nos suspiros do patrão, que ansiava por ouvir o nome de sua senhora, já que não podia ouvir sua voz.

Decidi que, por mim, eles iriam se resolver como quisessem e, embora o processo tenha sido lento e cansativo, para minha alegria, finalmente comecei a observar um ligeiro progresso — pelo menos, foi o que pensei a princípio.

A sra. Linton, no terceiro dia, permitiu que abrissem sua porta; e tendo tomado toda a água do jarro e da garrafa, pediu mais, requisitando também uma tigela de mingau, pois acreditava que estava morrendo. Isso, eu considerei palavras ditas para chegar aos ouvidos de Edgar. Não acreditei em nada, por isso não as relatei a ninguém e levei para ela um pouco de chá e uma torrada sem manteiga.

Ela comeu e bebeu depressa e então voltou a afundar no travesseiro, crispando as mãos e gemendo.

“Ah, eu vou morrer, já que ninguém se importa comigo!”, exclamou. “Gostaria de não ter aceitado isso.”

Então, um bom tempo depois, ouvi-a murmurar:

“Não, não vou morrer. Ele ficaria feliz. Não me ama nem um pouco. Não iria nem sentir minha falta!”

“A senhora quer alguma coisa?”, perguntei, ainda preservando minha compostura externa, apesar de seu aspecto medonho e de seus modos estranhos e exagerados.

“O que aquele ser apático está fazendo?”, exigiu saber a sra. Linton, afastando o cabelo cheio e desgrenhado do rosto esquálido. “Caiu em letargia ou está morto?”

“Se está se referindo ao sr. Linton, nenhuma das duas coisas. Ele está razoavelmente bem, eu acho, embora esteja estudando mais do que deveria. Vive entre seus livros, pois não tem nenhuma outra companhia.”

Eu não teria falado assim se soubesse da condição dela, mas não podia deixar de achar que seu distúrbio era em parte fingimento.

“Entre seus livros!”, exclamou a sra. Linton, perplexa. “E eu morrendo! Eu à beira do túmulo! Meu Deus! Ele sabe o quanto estou

alterada?”, continuou ela, olhando seu reflexo no espelho pendurado na parede em frente. “Essa é Catherine Linton? Ele imagina que estou amuada — que estou brincando, talvez. Não pode informá-lo de que isso é uma questão da mais temível seriedade? Nelly, se não for tarde demais, assim que eu descobrir como Edgar se sente, vou escolher entre essas duas coisas: ou morrer de fome logo, o que não seria castigo nenhum para ele, já que não tem coração, ou me recuperar e ir embora daqui. Você está falando a verdade sobre ele? Atenção! Ele de fato sente uma indiferença tão completa pela minha vida?”

“Ora, o patrão não faz ideia de que a senhora está tão fora de si, e é claro que não teme que vá se deixar morrer de fome.”

“Você acha que não? Não pode dizer a Edgar que sou capaz disso? Convença-o. Diga o que você mesma acha. Diga que tem certeza de que sim!”

“Talvez a senhora tenha se esquecido”, sugeri, “de que comeu com deleite esta tarde e que amanhã vai perceber os efeitos benéficos.”

“Se eu tivesse certeza de que isso causaria a morte dele, me mataria agora mesmo!”, interrompeu ela. “Durante essas três noites terríveis, não preguei os olhos — e, ah, como fui atormentada! Fui assombrada, Nelly! Mas estou começando a achar que você não gosta de mim. Que estranho! Imaginei que, embora todos se odeiem e se desprezem, não podiam deixar de me amar — mas todos se transformaram em inimigos em poucas horas. *Eles*, sim, disso estou certa. As pessoas *daqui*. Que horror encontrar a morte cercada por seus rostos frios! Isabella, cheia de terror e nojo, com medo de entrar no quarto, acharia terrível ver Catherine ir. E Edgar esperando

solenemente o término de tudo e, depois, dando graças a Deus por restaurar a paz em sua casa e voltando para os seus *livros*! O que, em nome de tudo que é capaz de sentir algo, ele está fazendo com *livros* enquanto eu morro?”

Ela não conseguia suportar a ideia da resignação filosófica do sr. Linton que eu havia colocado em sua cabeça. Debatendo-se de espanto, ficou febril até o ponto da loucura e rasgou o travesseiro com os dentes. Então, se pondo de pé numa ardência de corpo inteiro, quis que eu abrisse a janela. Estávamos no meio do inverno, soprava um vento nordeste forte e eu protestei.

Tanto as expressões que surgiam e desapareciam em seu rosto quanto as mudanças em seu humor começaram a me assustar terrivelmente, fazendo-me lembrar de sua antiga doença e da ordem do médico de que não fosse contrariada.

Um minuto antes, ela estava violenta e, agora, apoiando-se num braço e sem notar minha recusa em obedecê-la, parecia encontrar uma distração infantil no ato de puxar as penas dos rasgões que acabara de fazer e dispô-las sobre o lençol de acordo com suas diferentes espécies. Sua mente vagara e passara a fazer outras associações.

“Esta é de peru”, murmurou consigo mesma, “e esta, de pato selvagem, e esta, de pombo. Ah, eles colocaram uma pena de pombo no travesseiro — por isso, eu não consegui morrer![8] Não posso me esquecer de jogá-la no chão quando me deitar. E esta é de tetraz vermelho. E esta, eu reconheceria entre mil: é de pavoncino. Um pássaro bonito, que ficou girando lá em cima no meio dos urzais. Queria ir para o ninho, pois as nuvens tinham tocado o topo dos montes e ele sentia a chuva chegando. Esta pena

foi apanhada na urze, ninguém atirou no pássaro. Nós vimos seu ninho no inverno, cheio de esqueletinhos. Heathcliff colocou uma armadilha em cima e os mais velhos não tiveram coragem de chegar perto. Depois disso, eu o fiz jurar que nunca ia atirar num pavoncino e ele cumpriu a promessa. Ah, aqui tem mais! Ele atirou nos meus pavoncinos, Nelly? Alguma delas é vermelha? Deixe-me ver."

"Chega dessa brincadeira de bebê!", interrompi, arrastando o travesseiro para longe e virando os buracos na direção do colchão, pois ela estava removendo seu conteúdo a mancheias. "Deite-se e feche os olhos, você está delirando. Que bagunça! As penas estão voando que nem neve!"

Pus-me a recolhê-las pelo quarto.

"Estou vendo você, Nelly", continuou Catherine, num tom fantasmagórico. "Está velha, com os cabelos grisalhos e os ombros curvados. Esta cama é a caverna das fadas que há debaixo de Penistone Crags e você está catando as pontas de flecha de sílex que os elfos deixaram para machucar nossas vacas novas e, fingindo, enquanto eu estou por perto, que elas são apenas novelos de lã. É isso que vai acontecer com você daqui a cinquenta anos. Sei que não é assim agora. Eu não estou delirando, você está enganada. Senão, eu ia acreditar que você era *mesmo* aquela velha enrugada e que eu estava *mesmo* debaixo de Penistone Crags. Mas sei que está de noite e que tem duas velas na mesa fazendo o armário preto brilhar como o azeviche."

"O armário preto? Onde está ele? Você está falando dormindo!"

"Está encostado na parede, onde sempre fica", respondeu ela. "Ele parece mesmo estranho… estou vendo um rosto refletido!"

“Não tem armário preto no quarto, nem nunca teve”, disse eu, voltando ao meu assento e abrindo a cortina para observá-la.

“Você não está vendo aquele rosto?”, perguntou Catherine, olhando fixamente para o espelho.

E, por mais que eu explicasse, fui incapaz de fazê-la compreender que aquele rosto era o seu próprio. Assim, me levantei e cobri o espelho com um xale.

“Ele ainda está ali atrás”, insistiu ela, ansiosa. “E se mexeu. Quem é? Espero que não saia dali depois que você for embora. Ah! Nelly, este quarto é assombrado! Estou com medo de ficar sozinha!”

Peguei sua mão e pedi-lhe que ficasse calma, pois uma sucessão de tremores convulsionou seu corpo e ela *não parava* de olhar na direção do espelho.

“Não tem ninguém ali!”, insisti. “Era a *senhora*, sra. Linton. Estava sabendo disso agorinha mesmo.”

“Eu!”, disse Catherine, arfante, “e o relógio está batendo as doze horas! É verdade, então! Que horror!”

Seus dedos agarraram as roupas para amontoá-las sobre os olhos. Tentei ir pé ante pé até a porta com a intenção de chamar seu marido, mas voltei ao ouvir um grito penetrante. O xale tinha caído do espelho.

“Mas qual é o problema?”, exclamei. “Quem é covarde agora? Acorde! É o espelho, sra. Linton. E ali está o reflexo da senhora e o meu, ao seu lado.”

Tremendo, aturdida, Catherine me agarrou com força, mas o horror desapareceu aos poucos de seu rosto. No lugar da palidez, surgiu um rubor de vergonha.

“Minha nossa! Eu achei que estava em casa”, suspirou ela. “Achei que estava deitada no meu quarto em Wuthering Heights. Como estou fraca, meu cérebro se confundiu e eu gritei sem perceber. Não conte nada a ninguém, mas fique aqui comigo. Tenho medo de dormir, meus sonhos me apavoram.”

“Um bom sono lhe faria bem, senhora”, respondi. “E eu espero que esse sofrimento a impeça de tentar passar fome de novo.”

“Ah, se eu estivesse na minha cama, na casa antiga!”, continuou Catherine tristemente, crispando as mãos. “Com o som do vento passando nos abetos perto da treliça! Por favor, me deixe senti-lo. Ele desce direto dos urzais. Por favor, me deixe respirá-lo só uma vez!”

Para acalmá-la, entreabri o caixilho durante alguns segundos. Uma rajada de vento frio entrou. Fechei o caixilho e voltei para o meu lugar.

Ela agora estava deitada, imóvel, com o rosto banhado de lágrimas. A exaustão física abatera por completo o seu ânimo. Nossa Catherine furiosa não passava de uma criança chorona!

“Há quanto tempo eu me tranquei aqui?”, perguntou ela, voltando subitamente a si.

“Foi na tarde de segunda”, respondi, “e agora estamos na noite de quinta, ou melhor, na manhã de sexta.”

“O quê! Da mesma semana?”, exclamou Catherine. “Só esse breve período?”

“É bastante tempo para viver só de água fria e mau humor”, observei.

“Bem, parece um número exaustivo de horas”, murmurou ela, em tom de dúvida. “Deve ser mais. Eu me lembro de estar na sala,

depois de eles terem brigado, e de Edgar me provocar de maneira cruel, e de entrar correndo desesperada neste quarto… Assim que tranquei a porta, fui rodeada pela mais completa escuridão e caí no chão. Não consegui explicar para Edgar a certeza que sentia de que ia ter um ataque ou ficar louca de pedra se ele persistisse em me irritar! Não tinha controle sobre a minha fala ou sobre o meu cérebro, e ele talvez não tenha adivinhado minha agonia: mal me sobrava tino para tentar escapar de Edgar e de sua voz. Antes que eu me recuperasse o suficiente para ver e ouvir, começou a amanhecer. E, Nelly, vou lhe contar o que pensei e o que voltou sem parar à minha mente até eu temer pela minha sanidade: enquanto jazia deitada ali, com a cabeça apoiada no pé da mesa e os olhos mal discernindo o quadrado cinza da janela, achei que estava dentro da arca de carvalho lá de casa. E meu coração doía com uma enorme tristeza que, logo ao acordar, já não lembrava qual era… Pensei até ficar esgotada, tentando descobrir o que poderia ser. E é muito estranho, mas os últimos sete anos da minha vida ficaram em branco! Eu não consegui me lembrar de nada do que aconteceu durante esse tempo. Voltei a ser criança. Meu pai tinha acabado de ser enterrado e o motivo da minha infelicidade era o fato de Hindley ter me separado de Heathcliff… Eu estava deitada sozinha pela primeira vez, acordando de um sono breve e triste após ter passado a noite chorando… Ergui a mão para abrir os painéis de carvalho e ela bateu no tampo da mesa! Passei-a pelo tapete e então as lembranças me invadiram… Minha angústia recente foi engolida por um paroxismo de desespero… Não sei dizer por que me senti tão loucamente infeliz… Deve ter sido um desvario temporário, pois não há causa real… Mas imagine que aos doze anos de idade eu

houvesse sido arrancada de Wuthering Heights, do cenário familiar da minha infância, e daquele que era tudo para mim, o que Heathcliff era na época, e virado, de repente, a sra. Linton, dona de Thrushcross Grange, esposa de um estranho. Seria um exílio, e eu, portanto, seria uma pária daquele que fora o meu mundo… Com isso, você vislumbra o abismo onde eu me arrastava! Pode balançar a cabeça se quiser, Nelly, mas você ajudou a me abalar! Devia ter falado com Edgar e o obrigado a me deixar em paz. Devia mesmo! Ah, eu estou queimando! Queria estar lá fora… Queria ser uma menina de novo, quase selvagem, saudável e livre… e rindo das minhas feridas, não enlouquecendo com elas! Por que estou tão mudada? Por que meu sangue fica em tumulto por causa de algumas palavras? Tenho certeza de que voltaria a ser a mesma, se fosse apenas uma vez para os urzais das colinas… Abra a janela de novo. Escancare-a e deixe-a aberta! Ande logo, por que você não se mexe?"

"Porque não quero que pegue um resfriado e morra."

"Você não quer é me dar uma chance de viver", disse Catherine, amuada. "Mas eu ainda não estou incapaz. Eu mesma vou abrir."

E deslizando para fora da cama antes que eu pudesse impedi-la, ela atravessou o quarto, com passos muito incertos, escancarou a janela e se debruçou para fora, sem se importar com o ar gelado que soprava sobre seus ombros, cortante como uma faca.

Supliquei e, então, tentei obrigá-la a entrar. Mas logo descobri que, no delírio, sua força era muito maior do que a minha (e ela *estava* delirante, eu fiquei convencida disso pelas coisas incoerentes que ela disse e fez depois).

Não havia lua no céu e tudo lá embaixo estava coberto de escuridão e névoa. Não brilhava uma luz em nenhuma casa, perto ou longe. Todas tinham sido apagadas havia muito, e jamais fora possível ver Wuthering Heights dali… Mesmo assim, Catherine afirmou que estava discernindo seu brilho.

“Olhe!”, exclamou com veemência. “Lá está o meu quarto com a vela dentro e as árvores balançando na frente… e a outra vela está na água-furtada de Joseph… Joseph fica acordado até tarde, não fica? Está esperando eu chegar em casa para poder trancar o portão… Bem, ainda vai esperar algum tempo. É uma viagem árdua e a viajante está com o coração triste. E nós precisamos passar pela igreja de Gimmerton no caminho! Já enfrentamos os fantasmas juntos muitas vezes e desafiamos um ao outro a ficar no meio dos túmulos, chamando-os… Mas, Heathcliff, se eu desafiá-lo agora, você se atreveria? Se fizer isso, vai ficar do meu lado. Eu não vou ficar lá deitada sozinha. Eles podem me enterrar a doze pés do chão e jogar a igreja em cima de mim, mas eu não vou descansar até que você esteja comigo… nunca!”

Ela fez uma pausa e então, dando um sorriso estranho, continuou: “Ele está pensando no assunto… Prefere que eu vá até ele! Descubra um caminho, então! Pelo cemitério, não… Como você é lento! Não reclame, você sempre me seguiu!”.

Percebendo que era inútil argumentar com a insanidade de Catherine, eu estava pensando em como pegar algo para agasalhá-la sem tirar os olhos e as mãos dela, pois não tinha coragem de deixá-la sozinha diante do caixilho escancarado. Naquele instante, para minha consternação, ouvi o chacoalhar da maçaneta e o sr. Linton entrou. Ele tinha acabado de sair da biblioteca e, ao passar

pelo corredor, nos ouvira conversando e fora levado pela curiosidade ou pelo medo a ver o que significava aquilo àquela hora da madrugada.

“Ah, senhor!”, disse eu, contendo a exclamação que estava a ponto de saltar de seus lábios diante da cena que encontrou e da atmosfera lúgubre do quarto.

“Minha pobre patroa está doente e me dominou completamente. Eu não consigo segurá-la de jeito nenhum. Por favor, entre e convença-a a ir para a cama. Esqueça sua raiva, pois ela é difícil de governar de qualquer jeito que não seja o seu próprio.”

“Catherine está doente?”, disse ele, aproximando-se depressa. “Feche a janela, Ellen! Catherine! Por que…”

O sr. Linton parou de falar. A aparência esquálida da sra. Linton o deixou mudo de choque e ele conseguiu apenas olhar para ela e para mim, horrorizado.

“Ela estava se consumindo aqui”, continuei eu, “sem comer quase nada, e sem nunca reclamar. Só deixou entrar alguém esta tarde e, por isso, não podíamos informar o senhor sobre o estado dela, pois também não sabíamos. Mas não é nada.”

Eu senti que dava minhas explicações sem muito jeito. O patrão franziu o cenho. “Não é nada, Ellen Dean?”, disse ele severamente. “Você vai se explicar melhor por não me prevenir disso!” E ele pegou a esposa nos braços e olhou-a, angustiado.

A princípio, ela não o reconheceu. Ele estava invisível para seu olhar vago. Mas o delírio não tomara conta. Após deixar, aos poucos, de contemplar a escuridão lá fora, ela fixou sua atenção no sr. Linton e descobriu que era ele que a segurava.

“Ah! Então você apareceu, não foi, Edgar Linton?”, disse, agitada e com raiva. “Você é uma daquelas coisas que a gente só encontra quando menos quer, e nunca quando quer! Imagino que vamos ouvir muitas lamentações agora… Estou vendo que sim… Mas elas não vão me impedir de ir para a minha casa estreita, lá longe. O lugar onde vou descansar antes do fim da primavera! Vai ser ali. Atenção, não junto com os Linton, sob o teto da capela. Mas ao ar livre, com uma lápide. E você pode escolher se vai querer ficar com eles ou comigo!”

“Catherine, o que você fez?”, disse o patrão. “Eu não valho mais nada para você? Por acaso ama aquele miserável do Heath…”

“Silêncio!”, exclamou a sra. Linton. “Silêncio agora mesmo! Se mencionar esse nome eu ponho um ponto-final na questão neste instante, saltando pela janela! Pode ficar com isto que está tocando agora, mas minha alma estará no alto daquela colina antes que ponha as mãos em mim de novo. Volte para os seus livros. Fico feliz que tenha um consolo, pois tudo o que tinha em mim se foi.”

“A mente dela divaga, patrão”, interrompi. “Ela passou a noite inteira falando coisas sem sentido. Mas, se ficar tranquila e for bem cuidada, vai se recuperar. De agora em diante, precisamos tomar cuidado para não contrariá-la.”

“Eu não quero mais nenhum conselho seu”, respondeu o sr. Linton. “Você conhecia a natureza da sua patroa e me encorajou a irritá-la. E não me dizer nada sobre o estado dela durante esses três dias! Foi uma crueldade! Meses de doença não poderiam causar tamanha alteração!”

Comecei a me defender, pensando que era muito ruim ser culpada pela teimosia perversa de outra pessoa!

“Eu sabia que a sra. Linton tinha uma natureza obstinada e autoritária, mas não sabia que o senhor queria alimentar o gênio terrível dela!”, exclamei. “Não sabia que, para fazer as vontades dela, devia fingir que não estava vendo as ações do sr. Heathcliff! Cumpri o dever de uma empregada fiel ao lhe contar, e agora estou recebendo a recompensa! Bem, isso vai me ensinar a ter mais cuidado da próxima vez. Da próxima vez, o senhor que obtenha as próprias informações!”

“Da próxima vez que você me contar uma história, vai deixar de trabalhar para mim, Ellen Dean”, disse ele.

“Quer dizer que o senhor prefere não saber nada do assunto? Heathcliff tem sua permissão para vir cortejar sua irmã e aparecer aqui a cada ausência sua, para envenenar a patroa contra o senhor?”

Por mais confusa que Catherine estivesse, nossa conversa não lhe escapou.

“Ah! Nelly foi a traidora!”, exclamou ela, furiosa. “Nelly é minha inimiga oculta! Sua bruxa! Quer dizer que você procura mesmo flechas para nos machucar! Largue-me, que eu vou fazê-la se arrepender! Vou fazê-la uivar pedindo perdão!”

Seus olhos chispavam com uma ira maníaca. Ela se debateu, desesperada, para tentar se livrar dos braços de Linton. Eu não me senti inclinada a esperar que isso acontecesse e, resolvida a procurar ajuda médica por conta própria, deixei o quarto.

Ao atravessar o jardim a caminho da estrada, num lugar onde há um gancho para rédea preso à parede, vi algo branco se movendo de maneira irregular, obviamente não ao sabor do vento. Apesar da

minha pressa, fui examiná-lo, para não ficar para sempre com a impressão de que era uma criatura do outro mundo.

Quais não foram minha surpresa e perplexidade quando descobri, pelo tato mais que pela visão, Fanny, a springer da srta. Isabella, suspensa por um lenço e quase no seu último estertor.

Soltei a cadelinha depressa e levei-a até o jardim. Eu a vira ir atrás da dona para o andar de cima, quando esta fora para a cama, e me perguntei como poderia ter ido parar ali e que pessoa malvada a tratara daquele jeito.

Enquanto eu desfazia o nó ao redor do gancho, achei diversas vezes que estava ouvindo cascos de cavalo galopando a certa distância. Mas havia tanta coisa ocupando a minha mente que mal pensei na questão, embora fosse um som estranho de escutar naquele lugar às duas da manhã.

Por sorte, o sr. Kenneth estava justamente saindo de casa para ver um paciente no vilarejo quando eu vinha subindo a rua, e meu relato da doença de Catherine Linton o fez me acompanhar no mesmo instante.

Ele era um homem simples e rude, e não teve escrúpulos em expressar suas dúvidas de que ela fosse sobreviver a esse segundo ataque, a não ser que obedecesse mais às suas ordens do que antes.

“Nelly Dean”, disse o sr. Kenneth, “não posso deixar de pensar que há uma causa extra para isso. O que andou acontecendo na Grange? Nós ouvimos histórias estranhas aqui. Uma moça forte e robusta que nem Catherine não fica doente por bobagem. E gente como ela não devia mesmo ficar. É um trabalho árduo fazer com que eles se recuperem de febres e que tais. Como isso começou?”

“O patrão vai lhe contar. Mas o senhor conhece o temperamento violento dos Earnshaw, e a sra. Linton ganha de todos. Posso dizer isto: começou com uma briga. Ela estava num tumulto de fúria e teve uma espécie de acesso. Pelo menos, é isso que ela diz, pois saiu correndo no meio dele e se trancou no quarto. Depois, se recusou a comer. E agora, às vezes delira e fica num quase sonho, reconhecendo quem está em volta, mas com a mente repleta de ideias e ilusões estranhas.”

“O sr. Linton vai lamentar, não é?”, indagou Kenneth.

“Lamentar? Ele vai ficar com o coração partido se acontecer alguma coisa! Tenha cuidado para não deixá-lo mais alarmado do que o necessário.”

“Bem, eu disse ao sr. Linton que tomasse cuidado, e ele vai ter de arcar com as consequências de não dar atenção ao meu aviso! Ele não andou muito amigo do sr. Heathcliff ultimamente?”

“Heathcliff vai à Grange com frequência, mas é mais porque a patroa foi amiga de infância dele do que pelo patrão gostar de sua companhia. No momento, por causa de umas presunções que andou tendo com a srta. Linton, disseram-lhe que pode se poupar o incômodo de fazer visitas. Não acredito que vá voltar a ser recebido.”

“E a srta. Linton o rejeitou?”, perguntou o médico.

“Eu não sei da intimidade dela”, respondi, relutando em falar mais naquele assunto.

“Não, aquela moça é ardilosa”, observou ele, balançando a cabeça. “Não fala nada para ninguém. Mas, na verdade, é uma tolinha. Alguém de confiança me disse que na noite passada… e que noite bonita foi! Na noite passada, ela e Heathcliff ficaram mais

de duas horas andando na plantação atrás da sua casa, e ele insistiu para que ela não entrasse, mas subisse no seu cavalo e fugisse com ele! Meu informante disse que Heathcliff só desistiu quando ela deu sua palavra de honra de que estaria preparada no encontro seguinte. Ele não ouviu quando seria, mas diga ao sr. Linton para prestar atenção!"

Essa notícia me deixou ainda mais apavorada. Larguei Kenneth para trás e corri a maior parte do caminho de volta. A cadelinha ainda estava ganindo no jardim. Parei um minuto para abrir o portão para ela, mas, em vez de ir para a porta da casa, o bicho ficou correndo de um lado para outro e farejando a grama, e teria escapado para a estrada se eu não a tivesse agarrado e levado comigo.

Quando subi ao quarto de Isabella, minhas suspeitas se confirmaram: estava vazio. Se eu tivesse chegado algumas horas mais cedo, talvez a doença da sra. Linton a houvesse impedido de dar esse passo impensado. Mas o que poderia ser feito agora? Havia uma possibilidade improvável de alcançá-los, se alguém partisse imediatamente. Mas *eu* não podia fazer isso, e não me atrevia a dar o alarme na casa e enchê-la de confusão, e tinha ainda menos coragem de revelar o acontecimento para o patrão, absorto como ele estava ante uma calamidade, e sem ter espaço em seu coração para uma segunda dor!

Só me restou ficar quieta e deixar que as coisas seguissem seu curso. Como Kenneth tinha chegado, fui anunciá-lo, sem conseguir apagar muito bem a preocupação do meu rosto.

Catherine estava em meio a um sono agitado. O marido conseguira acalmar seu ataque de loucura e, agora, estava

debruçado sobre seu travesseiro, observando cada matiz e cada mudança de suas feições dolorosamente expressivas.

O médico, ao examinar o caso, disse para o sr. Linton ter esperanças de um final feliz, se conseguíssemos preservar ao redor dela uma tranquilidade perfeita e constante. Para mim, ele indicou que a ameaça não era tanto a morte, mas uma privação permanente da razão.

Eu não preguei os olhos naquela noite, e o sr. Linton também não. Na verdade, nós nem chegamos a nos deitar, e os criados todos se levantaram antes da hora usual, movendo-se pela casa com passos leves e sussurrando uns para os outros quando se encontravam em meio às suas tarefas. Todos estavam fazendo alguma coisa, com exceção da srta. Isabella, e eles começaram a se admirar do sono pesado da moça. Seu irmão também perguntou se ela já havia se levantado e parecia impaciente por sua presença e magoado por ela demonstrar tão pouca preocupação com a cunhada.

Tremi diante da possibilidade de ele me mandar chamá-la, mas fui poupada da mágoa de ser a primeira a anunciar sua fuga. Uma das criadas, uma menina estouvada que fora a Gimmerton bem cedo, subiu as escadas arfando de boca aberta e entrou correndo no quarto, exclamando:

“Ah, minha nossa senhora! E agora, o que mais vai acontecer? Patrão, patrão, a senhorita…”

“Pare com essa barulheira!”, exclamei depressa, furiosa com o estardalhaço que ela estava fazendo.

“Fale mais baixo, Mary. O que houve?”, disse o sr. Linton. “O que aconteceu com a srta. Isabella?”

“Ela fugiu, ela fugiu! Aquele tal de Heathcliff a levou!”, arfou a menina.

“Não é verdade!”, disse Linton, levantando-se, nervoso. “Não pode ser. Como essa ideia entrou na sua cabeça? Ellen Dean, vá atrás dela. É inacreditável. Não pode ser.”

Enquanto dizia isso, ele levou a criada até a porta e voltou a perguntar que motivos ela tinha para fazer tal afirmação.

“Ora, eu encontrei na estrada um rapaz que pega leite aqui”, gaguejou ela, “e ele perguntou se não tinha uma desgraça na Grange. Eu achei que ele estava falando da doença da patroa, então respondi que sim. E ele disse ‘alguém foi atrás deles?’. Eu fiquei de olho arregalado. Ele viu que eu não sabia de nada e contou que um homem e uma moça tinham parado para ferrar um cavalo no ferreiro a duas milhas de Gimmerton, logo depois da meia-noite! E disse que a filha do ferreiro foi espiar quem era e reconheceu os dois na hora. Ela notou que o homem, que era Heathcliff com certeza, e além do mais ninguém confunde ele com outro… ele deu uma moeda de ouro para o pai dela para pagar pelo serviço. A moça estava com um capuz na cabeça, mas, como ela quis tomar um gole d’água, ele caiu quando ela bebeu, e a filha do ferreiro viu direitinho quem era… Heathcliff segurou as duas rédeas e eles rumaram para longe do vilarejo, correndo o máximo que podiam pela estrada ruim. A filha do ferreiro não disse nada para o pai, mas contou a história para todo o povo de Gimmerton hoje de manhã.”

Para manter as aparências, corri e fui espiar o quarto de Isabella, confirmando as palavras da criada quando voltei. O sr. Linton tinha voltado a se sentar na cabeceira da cama. Quando eu entrei de novo no quarto, ele ergueu os olhos, compreendeu o significado da

minha palidez e baixou-os sem dar uma ordem ou dizer uma palavra.

“Devemos tomar alguma medida para alcançá-los e trazê-la de volta?”, perguntei. “Como vamos fazer isso?”

“Ela foi por vontade própria”, respondeu o patrão. “Tinha o direito de ir, se quisesse. Não me fale mais dela. Daqui em diante, é minha irmã só no nome. Não por eu tê-la renegado, mas porque ela me renegou.”

E isso foi tudo o que foi dito sobre o assunto. Ele não fez mais sequer uma pergunta ou a mencionou sequer uma vez, a não ser para me mandar enviar todos os seus pertences que estavam na casa para o seu novo lar, qualquer que fosse ele, quando eu soubesse onde era.

---

8. “A alma não consegue se libertar se a pessoa moribunda houver sido colocada sobre uma cama que contenha penas de pombo […]. Há registros de casos em que se colocaram penas de pombo num pequeno saco, que foi então enfiado sob o moribundo para impedi-lo de morrer até a chegada de um ente querido. Mas, depois do encontro, as penas foram retiradas e permitiu-se que a morte entrasse.” (Richard Blakeborough, *Wit, Character, Folklore and Customs of the North Riding of Yorkshire*, Saltburn-by-the-Sea, 2ª ed., 1911, p. 116). (n. e.)

# xiii

Durante dois meses, os fugitivos permaneceram ausentes. Ao longo desse período, a sra. Linton enfrentou e venceu a pior fase do que foi declarado ser uma febre cerebral. Nenhuma mãe poderia ter cuidado de um filho único com mais devoção do que Edgar cuidou dela. Sua vigília se estendia pelo dia e pela noite, e ele suportava pacientemente todos os aborrecimentos que nervos irritáveis e uma razão abalada podiam causar. E embora Kenneth tenha comentado que aquilo que o patrão estava salvando do túmulo só recompensaria seus cuidados sendo uma fonte de preocupação constante no futuro, e que, na verdade, sua saúde e sua força estavam sendo sacrificadas para preservar uma mera ruína humana, ele sentiu uma gratidão e uma alegria infinitas quando a vida de Catherine foi declarada fora de perigo. Ficava horas e horas sentado ao lado da esposa, examinando o retorno gradual de sua saúde física e alimentando demais a ilusão de que a mente também recobraria o equilíbrio e ela logo voltaria a ser exatamente como era.

A primeira vez que Catherine deixou o quarto foi no começo do mês de março. O sr. Linton, de manhã, tinha colocado em seu travesseiro um punhado de flores de açafrão amarelas; seus olhos,

de onde havia muito não emanava nenhum brilho de prazer, pousaram sobre as flores quando ela acordou e fulgiram de deleite quando as apanhou depressa.

“Essas são as primeiras flores que desabrocham na Heights!”, exclamou Catherine. “Elas me fazem lembrar dos ventos suaves do degelo, do sol cálido e da neve recém-derretida. Edgar, está soprando o vento sul, e a neve quase foi embora já, não é?”

“A neve se foi completamente aqui embaixo, minha querida!”, respondeu seu marido. “Só estou vendo dois pontos brancos em todos os urzais. O céu está azul, as cotovias estão cantando e os rios e riachos estão todos quase transbordando. Catherine, nesta época, na primavera passada, eu ansiava por ter você sob este teto. Agora, queria que estivesse uma ou duas milhas morro acima. O ar está tão doce que acho que iria curá-la.”

“Eu irei para lá apenas mais uma vez”, disse a doente. “E então, você irá me deixar e eu ficarei para sempre. Na primavera que vem, você ansiará de novo por me ter sob este teto, e se lembrará de como se sentiu feliz hoje.”

Linton cobriu-a das maiores carícias e tentou alegrá-la com as palavras mais amorosas, mas, olhando vagamente para as flores, ela deixou as lágrimas surgir em seus cílios e escorrer pelo rosto, sem lhe dar atenção.

Nós sabíamos que Catherine estava realmente melhor e, por isso, decidimos que o longo confinamento a um só quarto era o que produzia boa parte desse desalento. Uma mudança de ambiente poderia significar alguma melhora.

O patrão me mandou acender um fogo na sala de estar, que estava deserta havia muitas semanas, e colocar uma poltrona no sol

perto da janela. Ele, então, levou-a para baixo e ela ficou um bom tempo desfrutando do calor agradável e, como nós esperávamos, animou-se com os objetos ao seu redor que, embora familiares, não tinham as associações lúgubres do quarto detestado onde permanecera durante sua doença. À tarde, Catherine parecia exausta, mas nenhum argumento persuadiu-a a retornar àquele cômodo, e eu tive de fazer uma cama no sofá da sala até que outro quarto pudesse ser preparado.

Para prevenir a fadiga de subir e descer as escadas, nós arrumamos este onde o senhor está agora, no mesmo andar da sala de estar, e ela logo estava forte o bastante para ir de um para outro apoiada no braço de Edgar.

Ah, eu própria achei que Catherine talvez se recuperasse, de tantos cuidados que recebia. E havia um motivo duplo para desejar isso, pois a existência de outro dependia da sua: tínhamos a esperança de que em pouco tempo o coração do sr. Linton se alegraria e as terras dele seriam arrancadas das mãos de um estranho com a chegada de um herdeiro.

Eu devia mencionar que, cerca de seis semanas após sua partida, Isabella enviou ao irmão um bilhete curto anunciando seu casamento com Heathcliff. Ele parecia seco e frio, mas, no final, escrito a lápis, havia um pedido de desculpas velado e uma súplica para que ele se lembrasse dela com carinho e a perdoasse caso seu gesto o houvesse ofendido, junto com uma afirmação de que não pudera agir diferente e que não tinha mais o poder de desfazer o que tinha feito.

Acredito que Linton não tenha respondido ao bilhete e, após mais duas semanas, recebi uma longa carta que considerei estranha,

vinda de uma noiva que acabara de voltar da lua de mel. Vou lê-la, pois ainda a tenho comigo. Qualquer relíquia dos mortos é preciosa quando se dava valor a eles em vida.

Querida Ellen, começa a carta.

Cheguei ontem à noite a Wuthering Heights e ouvi dizer pela primeira vez que Catherine esteve, e ainda está, muito doente. Não devo escrever para ela, imagino, e meu irmão está ou zangado demais ou angustiado demais para responder à carta que lhe mandei. Mas eu preciso escrever para alguém e a única alternativa que me resta é você.

Diga a Edgar que eu daria o mundo inteiro para ver seu rosto de novo, que meu coração voltou para Thrushcross Grange vinte e quatro horas depois de eu deixar a casa e que está lá neste momento, repleto de carinho por ele e por Catherine! *Mas eu não posso fazer o que meu coração manda* (essas palavras estão sublinhadas). Eles não precisam me esperar e podem tirar as conclusões que quiserem — tomando o cuidado, no entanto, de não acreditar que me ausento por falta de força de vontade ou por não amá-los o bastante.

O resto da carta é só para você. Quero lhe fazer duas perguntas. A primeira é:

Como você conseguiu preservar as afinidades normais da natureza humana quando morava aqui? Não consigo reconhecer nenhum sentimento que aqueles ao meu redor compartilham comigo.

A segunda pergunta é muito importante. É a seguinte:

O sr. Heathcliff é um homem? Se for, é louco? E se não for, é um demônio? Não lhe direi meus motivos para fazer a indagação. Mas suplico-lhe que explique, se puder, com o que foi que eu me casei. Faça-o quando vier me ver. E você precisa vir, Ellen, o mais cedo possível. Não escreva: venha, e me traga algo de Edgar.

Agora, você saberá como fui recebida no meu novo lar — pois fui levada a acreditar que esse lar será de fato a Heights. É para me distrair que escrevo sobre assuntos como a falta de confortos externos. Eles jamais ocupam meus pensamentos, a não ser no momento em que sinto falta deles. Eu iria rir e dançar de alegria se descobrisse que sua ausência era minha única infelicidade e que o resto era um sonho monstruoso!

O sol estava se pondo atrás da Grange quando dobramos na direção dos urzais e, por isso, calculei que eram seis da tarde. Meu companheiro de viagem parou durante meia hora para examinar o melhor que pôde o bosque, os jardins e provavelmente a casa em si, de modo que estava escuro quando apeamos no pátio de pedra da fazenda e seu velho colega, Joseph, saiu para nos receber à luz de uma vela de sebo. Fez isso com uma cortesia que logo mostrou os seus méritos. Seu primeiro gesto foi erguer a vela até a altura do meu rosto, apertar os olhos com uma expressão maligna, projetar o lábio inferior e nos dar as costas.

Então, ele pegou os dois cavalos e levou-os até o estábulo, ressurgindo com o propósito de trancar o portão externo, como se estivéssemos num castelo antigo.

Heathcliff parou para conversar com Joseph e eu entrei na cozinha, um buraco encardido e desarrumado. Acho que você nem

iria reconhecê-la, de tão mudada que está desde a época em que ficava sob seu comando.

Perto do fogo estava uma criança rude de membros fortes e roupas sujas, que tem os olhos e a boca parecidos com os de Catherine.

“Ele é sobrinho de Edgar”, refleti. “De certa forma, é meu também. Preciso apertar sua mão e… sim, preciso dar-lhe um beijo. É o certo estabelecer uma boa relação no começo.”

Eu me aproximei e, tentando pegar a mãozinha gorda do menino, disse:

“Como você está, meu bem?”

Ele respondeu numa linguagem que não compreendi.

“Vamos ser amigos, Hareton?”, perguntei, tentando continuar a conversa.

Um impropério e uma ameaça de mandar Throttler me atacar se eu não “chispasse dali” foram a recompensa da minha perseverança.

“Ei, Throttler!”, sussurrou o pequeno miserável, acordando uma mistura de buldogue que dormia num canto. “Agora, tu vai sumir daqui?”, perguntou ele, num tom autoritário.

Por amor à vida, eu obedeci. Atravessei a soleira para esperar que os outros entrassem. O sr. Heathcliff não estava em nenhum lugar à vista e Joseph, que eu fui buscar no estábulo e pedir que me acompanhasse, após arregalar os olhos e murmurar algo, franziu o nariz e respondeu:

“Mas que delambida! Nunca que um cristão ouviu nada igual. Cheia dos não-me-toque! Como que eu posso saber o que você disse?”

“Eu disse que quero que você entre na casa comigo!”, exclamei, achando que ele era surdo, mas ainda assim enojada com sua rudeza.

“Eu, não! Eu tenho mais o que fazer”, respondeu ele, e continuou com sua tarefa, mexendo a mandíbula encovada e examinando com um desdém supremo minha roupa e meu rosto (a primeira era refinada demais, mas o segundo, tenho certeza, tão triste quanto ele poderia desejar).

Dei a volta no pátio e passei por um postigo, chegando a outra porta, na qual tomei a liberdade de bater, na esperança de que um empregado mais cortês aparecesse.

Após um breve suspense, ela foi aberta por um homem alto e esquálido, sem um lenço no pescoço e com o aspecto extremamente desleixado. Suas feições estavam cobertas por uma massa de cabelo desgrenhado que lhe caía até os ombros, e seus olhos também eram como os de uma Catherine espectral, com toda a beleza aniquilada.

“O que você quer aqui?”, perguntou ele rispidamente. “Quem é você?”

“Meu nome *era* Isabella Linton”, respondi. “O senhor já me viu antes. Há pouco eu me casei com o sr. Heathcliff, e ele me trouxe aqui, imagino que com a sua permissão.”

“Quer dizer que ele voltou, então?”, perguntou o ermitão, com o olhar furioso de um lobo faminto.

“Sim. Nós acabamos de chegar, mas ele me deixou perto da porta da cozinha. Eu tentei entrar, mas seu filho brincou de sentinela da casa e me mandou embora com a ajuda de um buldogue.”

“Que bom que esse maldito patife cumpriu sua palavra!”, rugiu meu futuro anfitrião, procurando na escuridão atrás de mim na expectativa de descobrir Heathcliff. Depois, ele se deu ao luxo de emitir um solilóquio de impropérios e ameaças do que teria feito se o “demônio” o houvesse enganado.

Eu me arrependi de experimentar essa segunda entrada, e estava quase decidida a ir embora antes que o sr. Earnshaw terminasse de praguejar. Mas ele ordenou que eu entrasse e fechou a porta, voltando a trancá-la, antes que eu pudesse realizar minha intenção.

Havia um enorme fogo aceso, única fonte de luz no imenso cômodo cujo chão ficara inteiramente cinzento; e as travessas de estanho que costumavam brilhar e atrair o meu olhar quando eu era menina haviam adquirido uma opacidade semelhante, devido à sujeira e à poeira.

Eu perguntei se podia chamar a criada e pedir que ela me levasse a um dos quartos. O sr. Earnshaw não respondeu. Ficou andando de um lado para outro com as mãos nos bolsos, aparentemente esquecido da minha presença. Ele estava abstraído a tal ponto e tinha um ar tão misantrópico que tive medo de voltar a perturbá-lo.

Ellen, você não ficará surpresa de saber que eu estava me sentindo particularmente triste naquele momento, dentro daquela casa inóspita, num estado pior do que a solidão, lembrando que, a quatro milhas de distância, estava o meu lar maravilhoso, com as únicas pessoas que eu amava na terra — e que não faria diferença se, em vez daquelas quatro milhas, houvesse o Atlântico a nos separar, de tão impossível que seria atravessá-las!

Eu me perguntei: a quem devo me voltar para obter consolo? E — atenção, não conte isso a Edgar ou a Catherine — acima de todas

as tristezas, essa foi a maior: a desesperança de encontrar alguém que pudesse ou quisesse se aliar a mim contra Heathcliff!

Eu quase chegara a ficar feliz em buscar abrigo em Wuthering Heights, pois, assim, estaria a salvo de viver a sós com ele. Mas Heathcliff sabia como eram as pessoas ao encontro de quem estávamos indo e não temia a sua intromissão.

Fiquei sentada, refletindo, durante um longo e triste período. O relógio bateu oito, e depois nove, e o homem ao meu lado continuava a caminhar de um lado para outro, com o queixo apoiado no peito e sem dizer nada, soltando apenas gemidos e exclamações amargas de tempos em tempos.

Tentei discernir uma voz de mulher na casa e preenchi esse ínterim com imensos arrependimentos e tristes expectativas que, afinal, se tornaram audíveis na forma de suspiros e lágrimas irreprimíveis.

Só me dei conta de quão abertamente estava me lamentando quando Earnshaw parou sua caminhada lenta, estacou diante de mim e lançou-me um olhar de surpresa recém-desperta. Aproveitando-me da atenção recobrada, exclamei:

“Estou cansada da minha viagem e quero ir para a cama! Onde está a criada? Diga-me onde encontrá-la, já que ela não vem me receber!”

“Não temos nenhuma criada”, respondeu ele. “Você vai ter de cuidar de si mesma!”

“Onde posso dormir, então?”, perguntei, aos soluços. Eu não me importava mais em demonstrar orgulho, pois estava arrasada de cansaço e tristeza.

“Joseph vai lhe mostrar qual é o quarto de Heathcliff. Abra aquela porta. Ele está ali dentro.”

Eu ia obedecer, mas Earnshaw me agarrou de repente e acrescentou, no tom mais estranho do mundo:

“Tenha a bondade de virar a chave e passar o trinco. Não esqueça!”

“Ora! Mas por quê, sr. Earnshaw?” Não me comprazia muito a ideia de me trancar deliberadamente junto com Heathcliff.

“Olhe aqui!”, respondeu ele, tirando do colete uma pistola curiosa, com um canivete preso ao cano. “É uma grande tentação para um homem desesperado, não é? Não consigo resistir: todas as noites, subo as escadas com isso e tento abrir a porta dele. Se encontrá-la aberta uma vez, será o fim dele! Faço isso invariavelmente, mesmo se um minuto antes eu tiver me lembrado de cem motivos que deveriam me refrear. É algum demônio que me leva a querer matá-lo e impedir a realização dos meus próprios planos. Você luta contra esse demônio, por amor, pelo tempo que pode. Mas quando a hora chegar, nem todos os anjos do céu irão salvá-lo!”

Examinei a arma com atenção. Uma ideia repulsiva me ocorreu. Que poder eu teria se possuísse tal objeto! Peguei-a da mão de Earnshaw e toquei a lâmina. Ele pareceu atônito com a expressão que surgiu no meu rosto durante aquele breve segundo. Não foi horror, foi cobiça. Ele pegou depressa a pistola de volta, dobrou o canivete e guardou-a onde estava antes.

“Não me importo se você contar a ele”, disse. “Mande-o ficar alerta e vigie-o. Estou vendo que você sabe em que termos estamos. O perigo que ele corre não a espanta.”

“O que Heathcliff fez com o senhor?”, perguntei. “Que mal ele cometeu para justificar esse ódio estarrecedor? Não seria mais sábio mandá-lo embora da sua casa?”

“Não!”, trovejou Earnshaw. “Se ele se oferecer para ir, será um homem morto! Convença-o a tentar e você será uma assassina! Terei de perder *tudo*, sem chance de reaver? Hareton terá de virar um mendigo? Ah, maldição! Eu *vou* ganhar tudo de volta, e o ouro *dele* também. Depois, terei o seu sangue; e o inferno terá sua alma! Com sua presença, a escuridão ali será dez vezes pior!”

Ellen, você já me falou dos hábitos do seu antigo patrão. Ele claramente está à beira da loucura — pelo menos estava ontem à noite. Ficar ao seu lado me deixou trêmula, e eu pensei que a rabugice descortês do empregado seria agradável em comparação.

Earnshaw recomeçou sua caminhada furiosa e eu ergui o trinco e escapei para a cozinha.

Joseph estava debruçado diante do fogo, espiando dentro de uma enorme panela pendurada sobre as chamas. Havia uma tigela de madeira cheia de aveia no banco de espaldar alto ao lado. O conteúdo da panela começou a ferver e Joseph se virou para mergulhar a mão na tigela. Imaginei que o que estava sendo preparado provavelmente era a nossa ceia e, como estava com fome, decidi que ela seria comestível. “Eu farei o mingau!”, exclamei, irritada. Removi a tigela de perto dele e comecei a tirar meu chapéu e meu traje de montaria. “O sr. Earnshaw disse que eu tenho de cuidar de mim mesma. Farei isso. Não farei papel de dama aqui com vocês, por medo de passar fome.”

“Meu Deus!”, murmurou Joseph, se sentando e passando a mão na meia canelada do joelho até o calcanhar. “Se vai ter gente nova

pra mandar… Logo agora que eu tava acostumando com dois patrão… se vou precisar ter uma *patroa* em cima de mim, já tá na hora de eu ir embora. Não achei que ia chegar o dia de largar esta casa. Mas acho que ele não tá longe!”

Eu não dei ouvidos a esse lamento. Comecei a trabalhar logo, suspirando ao pensar em uma época em que isso tudo seria divertido, mas levada a dissipar a lembrança sem demora. Recordar a felicidade do passado era uma tortura para mim e, quanto maior era o perigo de conjurar sua aparição, mais depressa rodava a colher de pau e caíam os flocos de aveia na água.

Joseph observou minha maneira de cozinhar com indignação crescente. “Olha pra isso!”, exclamou ele. “Hareton, você não vai beber o mingau hoje à noite. Só vai ter umas bolota do tamanho do meu punho. Olha, de novo! Eu jogava tigela e tudo, se fosse você! Isso, tira o leite e pronto. Pou, pou! Não sei como não quebrou o fundo!”

Confesso que o mingau ficou *mesmo* empelotado ao ser despejado nas tigelas. Havia quatro delas, e um jarro de um galão de leite fresco foi trazido da leiteira. Hareton agarrou-o e começou a beber e derramar leite dos beiços.

Protestei e pedi que ele usasse uma xícara, afirmando que não tomaria leite emporcalhado. O velho cínico decidiu ficar profundamente ofendido com esse requinte, assegurando-me várias vezes que “o menino era tão bom” quanto eu “e tinha a mesma saúde” e se perguntando como eu podia ser tão presumida. Enquanto isso, aquele menino rude continuou a sugar o leite e a me fitar com uma expressão desafiadora enquanto babava dentro do jarro.

“Eu irei cear em outro cômodo”, anunciei. “Aqui não há sala de estar?”

“Sala de estar!”, repetiu Joseph, com desdém. “Sala de estar! Não, aqui não tem *sala de estar*. Se você não gosta da nossa companhia, vai pra junto do patrão. Se não gosta da do patrão, vai ficar aqui.”

“Então, eu irei para o andar de cima”, respondi. “Leve-me até um dos quartos!”

Coloquei minha tigela numa bandeja e fui eu mesma pegar um pouco mais de leite.

Resmungando muito, o velho se levantou e tomou a dianteira para subir a escada. Fomos até o sótão, com ele abrindo uma porta de tempos em tempos para ver os cômodos conforme passávamos.

“Aqui tem um quartinho”, disse Joseph afinal, abrindo uma tábua que rangia, presa a dobradiças. “Tá bom pra comer mingau. Tem um saco de milho no canto que tá bastante limpo. Se você tem medo de sujar suas seda, abre o lenço em cima dele.”

O “quartinho” era uma espécie de depósito de lenha com um cheiro forte de malte e grãos; havia vários sacos cheios empilhados e um largo espaço vazio no meio.

“Ora, homem!”, exclamei, fitando-o com raiva. “Aqui não é um lugar onde se possa passar a noite. Eu quero ver meu quarto de dormir.”

“*Quarto de dormir!*”, repetiu ele, em tom de zombaria. “Você tá vendo todos os *quarto de dormir* que tem. Ali é o meu.”

Ele apontou para a segunda água-furtada, que só era diferente da primeira por ter menos sacos encostados na parede e por haver

uma cama larga, baixa e sem cortina, com uma colcha índigo, numa das extremidades.

“E eu lá quero saber do seu?”, retruquei. “Imagino que o sr. Heathcliff não durma no topo da casa, dorme?”

“Ah, é o quarto do seu *Heathcliff* que você quer?”, exclamou ele, como se estivesse fazendo uma nova descoberta. “Por que não disse logo? Eu ia responder, sem toda essa trabalheira, que esse é um que você não pode ver. Ele tranca sempre e ninguém entra lá, só ele.”

“Você tem uma bela casa aqui, Joseph”, observei, sem conseguir me conter, “com moradores simpáticos. E eu acho que a essência concentrada de toda a loucura do mundo penetrou o meu cérebro no dia em que uni meu destino ao deles! No entanto, isso não importa no momento. Existem outros quartos aqui. Pelo amor de Deus, ande logo e me deixe descansar em algum lugar!”

Ele não deu nenhuma resposta a essa súplica, continuando apenas a descer teimosamente os degraus de madeira e estacando diante de um aposento que, devido a esse gesto, e à qualidade superior dos móveis, eu concluí ser o melhor que havia na casa.

Havia um tapete de boa qualidade, mas com o estampado apagado pela poeira. Uma lareira com ornamentos de papel cortado caindo aos pedaços. Uma bela cama de carvalho com amplas cortinas escarlates de material caro, feitas havia não muito tempo. Mas elas evidentemente tinham sido maltratadas: as sanefas estavam em tiras, arrancadas dos anéis, e a vara de ferro que as sustentava tinha sido dobrada em arco de um dos lados, fazendo com que a cortina caísse no chão. As cadeiras também estavam

danificadas, umas mais que outras, e mossas fundas deformavam os painéis das paredes.

Eu estava tentando me munir de coragem para entrar e tomar posse quando o idiota do meu guia anunciou:

“Esse é o do patrão.”

A essa altura, minha ceia estava fria, meu apetite desaparecera e minha paciência se esgotara. Insisti que me mostrassem imediatamente um lugar onde eu pudesse me refugiar e repousar.

“Mas que diabo”, disse o velho religioso. “Benza Deus! Deus perdoa tudo! Onde você quer esticar as canelas? Sua imprestável desgraçada que cansa a gente! Você viu tudo, menos o quartinho do Hareton. Não tem outro buraco pra se enfiar na casa inteira!”

Fiquei tão irritada que atirei minha bandeja e todo o seu conteúdo no chão. Então, sentei no topo da escada, cobri o rosto com as mãos e chorei.

“He, he!”, exclamou Joseph. “Muito bem, srta. Cathy! Muito bem, srta. Cathy! Mas o patrão vai é tropeçar nessas tigela quebrada e aí a gente vai ouvir muito. A gente vai ouvir, você vai ver só. Sua boba imprestável! Você merece é passar fome daqui até o Natal por jogar as dádiva de Deus no chão com esses ataque de dá medo! Mas duvido que continue muito tempo com esse gênio. Acha que o Heathcliff vai deixar você se comportar desse jeito bonito? Queria que ele pegasse você tendo esse ataque. Queria só ver se ele pegasse.”

E assim ele desceu para o seu covil, resmungando e levando a vela, e eu fiquei no escuro.

O período de reflexão que se seguiu a esse gesto tolo me obrigou a admitir a necessidade de refrear meu orgulho, dominar minha ira e

pôr-me a limpar o resultado dela.

Logo surgiu um ajudante inesperado: Throttler, que eu então reconheci como filhote do nosso velho Skulker. Ele tinha nascido na Grange e sido dado por meu pai ao sr. Hindley. Acho que me reconheceu: encostou o focinho no meu nariz para me saudar e então passou a devorar depressa o mingau enquanto eu tateava de degrau em degrau catando os cacos da tigela de barro e secando as poças de leite do balaústre com meu lenço de bolso.

Nosso trabalho mal havia terminado quando eu ouvi os passos de Earnshaw na passagem. Meu ajudante enfiou o rabo entre as pernas e se espremeu contra a parede. Fui pé ante pé até a porta mais próxima. A tentativa do cão de evitá-lo não foi bem-sucedida, o que eu adivinhei ao ouvir patas correndo escada abaixo e um ganido longo e lamurioso. Eu tive mais sorte. O sr. Earnshaw seguiu adiante, entrou em seu quarto e fechou a porta.

Logo depois, Joseph subiu com Hareton para colocá-lo na cama. Eu me abrigara no quarto do menino e o velho, ao me ver, disse:

“Acho que tem lugar aqui dentro pra vocês dois e mais o seu orgulho. Tá vazio. Vocês pode ficar só com o canhoto, que sempre acompanha gente ruim!”

Aceitei essa sugestão de bom grado e, no minuto em que me atirei numa poltrona perto do fogo, cabeceei e dormi.

Meu sono foi profundo e doce, mas acabou cedo demais. O sr. Heathcliff me acordou. Ele acabara de entrar e exigiu saber, no tom amoroso de sempre, o que eu estava fazendo ali.

Eu disse por que não estava na cama, apesar de ser tão tarde: a chave do nosso quarto estava no bolso dele.

A palavra “nosso” foi uma ofensa mortal. Ele jurou que o quarto não era meu e nunca seria e que ele... Mas não vou repetir seu linguajar, nem descrever sua conduta habitual. Heathcliff é engenhoso e incansável em seu esforço para me dar aversão. Às vezes, isso me faz sentir um espanto tão intenso que amortece o meu medo. Mas garanto a você que um tigre ou uma serpente venenosa não provocaria em mim um terror igual ao que ele desperta. Heathcliff me falou da doença de Catherine e acusou meu irmão de causá-la, prometendo que eu iria sofrer no lugar de Edgar até ele conseguir apanhá-lo.

Eu realmente o odeio. Sou uma miserável. Fui uma tola! Cuidado, não conte nada disso a ninguém na Grange. Esperarei por você todos os dias. Não me decepcione!

Isabella.

# xiv

Assim que eu li essa epístola, procurei o patrão e informei-o de que sua irmã havia chegado à Heights e me mandado uma carta expressando sua tristeza pela situação da sra. Linton e seu desejo ardoroso de vê-lo, pedindo que lhe desse um sinal de perdão através de mim o mais cedo possível.

“Perdão?”, disse Linton. “Eu não tenho o que perdoar, Ellen. Você pode fazer uma visita a Wuthering Heights esta tarde se quiser e dizer que não estou com *raiva*, mas que *lamento* tê-la perdido, principalmente porque não posso imaginar que será feliz. Ir vê-la, no entanto, está fora de questão. Nós estamos separados para sempre. Se Isabella realmente quiser me fazer um favor, que convença o patife com quem se casou a ir para longe daqui.”

“E o senhor não vai nem escrever um bilhetinho para ela?”, perguntei, em tom de súplica.

“Não”, respondeu ele. “Não há necessidade. Minhas comunicações com a família de Heathcliff serão tão raras quanto as dele com a minha. Elas não existirão!”

A frieza do sr. Edgar me entristeceu muito e, durante todo o trajeto da Grange até lá, pensei sem parar em como faria para repetir as

palavras dele de uma maneira que parecessem mais carinhosas, e em como abrandar sua recusa de escrever mesmo algumas poucas linhas para consolar Isabella.

Imagino que ela estivesse me esperando desde muito cedo. Eu a vi espiando pela treliça quando atravessei o passadiço do jardim e fiz um aceno de cabeça. Mas ela se afastou, como se temesse ser observada.

Entrei sem bater. Nunca se viu um lugar mais triste e lúgubre do que aquela casa ora alegre! Devo confessar que, se estivesse no lugar da moça, teria pelo menos varrido a lareira e passado um espanador nas mesas. Mas Isabella já fora afetada pelo espírito de negligência que tomava tudo ao seu redor. Seu rosto bonito estava pálido e melancólico, e seu cabelo estava sem cachos, com algumas madeixas escorrendo para baixo e outras presas num coque malfeito. Ela provavelmente não tinha trocado de roupa desde a tarde do dia anterior.

Hindley não estava lá. O sr. Heathcliff encontrava-se sentado diante de uma mesa, examinando alguns papéis de sua carteira. Mas ele se levantou quando entrei, perguntou como eu estava num tom bastante amistoso e me ofereceu uma cadeira.

Heathcliff era a única coisa ali dentro que parecia decente e eu achei seu aspecto melhor do que nunca. As circunstâncias tinham alterado tanto suas posições que um estranho certamente teria pensado que ele era um cavalheiro de nascença e sua esposa, uma vagabunda qualquer!

Ela veio me cumprimentar, ansiosa, e estendeu a mão para pegar a carta esperada.

Eu balancei a cabeça. Isabella não entendeu a insinuação. Seguiu-me até um aparador aonde eu fora deixar meu chapéu e exigiu num sussurro que eu lhe desse logo o que trouxera.

Heathcliff adivinhou o significado de suas manobras e disse:

“Se você tem algo para dar a Isabella, Nelly, como sem dúvida deve ter, pode dar. Não precisa fazer segredo disso. Não há nenhum segredo entre nós.”

“Ah, mas eu não tenho nada”, respondi, achando que era melhor falar a verdade logo. “O patrão me pediu para dizer a sua irmã que ela não deve esperar nem uma carta, nem uma visita dele por enquanto. Ele mandou beijos para a senhora, disse que espera que esteja feliz e que perdoa a tristeza que causou. Mas acha que, a partir de agora, sua casa e esta casa não devem mais se comunicar, pois nada de bom pode vir disso.”

O lábio da sra. Heathcliff tremeu um pouco e ela voltou para seu lugar perto da janela. Seu marido postou-se diante da lareira, ao meu lado, e começou a perguntar por Catherine.

Contei tudo que julguei ser adequado sobre a doença dela, e Heathcliff, através de um interrogatório, arrancou de mim a maioria dos fatos acerca de sua origem.

Culpei a própria Catherine pela febre, como era merecido, e terminei meu relato dizendo que esperava que ele seguisse o exemplo do sr. Linton e evitasse qualquer interferência futura em sua família, para o bem ou para o mal.

“A sra. Linton só está se recuperando agora”, expliquei. “Nunca mais vai ser como era, mas sua vida foi poupada e, se o senhor realmente tiver afeição por ela, irá desistir de voltar a vê-la. Aliás, irá para longe daqui. E para que não se lamente por isso, eu irei lhe

informar que Catherine Linton agora é tão diferente de sua velha amiga Catherine Earnshaw quanto aquela mocinha é de mim! Sua aparência mudou muito e sua personalidade, mais ainda. E a pessoa que, por necessidade, continuar ao seu lado, só irá persistir em sua afeição caso se lembre de como ela costumava ser, e caso tenha bondade e um senso de dever!"

"Isso é bem possível", comentou Heathcliff, forçando-se a parecer calmo. "É bem possível que seu patrão só possa lançar mão de bondade e de um senso de dever. Mas você imagina que eu deixarei Catherine à mercê do *dever* e da *bondade* dele? E é capaz de comparar o que eu sinto por Catherine com o que ele sente? Antes de você ir embora desta casa, preciso que me jure que vai me ajudar a falar com ela. Tanto faz se consentir ou recusar. Eu *irei* vê-la! Qual é a sua resposta?"

"Minha resposta, sr. Heathcliff, é que o senhor não pode fazer isso, e que jamais irá fazê-lo se depender de mim! Outro encontro entre o senhor e o patrão vai matá-la de vez!"

"Com o seu auxílio, isso pode ser evitado", continuou ele. "E se houver o risco de que aconteça… se Linton for a causa de mais uma tristeza sequer na vida dela… Bem, acho que seria justificável se eu tomasse alguma medida extrema! Gostaria que você tivesse sinceridade o bastante para me dizer se Catherine sofreria muito com a perda dele. O temor disso iria me conter. Veja aí a diferença entre o que nós sentimos: se Linton estivesse no meu lugar, e eu no dele, mesmo que sentisse um ódio que transformasse tudo em bile, jamais ergueria a mão para ele. Pode fazer essa cara incrédula, se quiser! Jamais o teria impedido de vê-la enquanto Catherine desejasse sua companhia. No momento em que a afeição dela

deixasse de existir, arrancaria o coração dele e beberia seu sangue! Mas, até lá… Se não acredita em mim, é porque não me conhece. Até lá, eu morreria aos poucos antes de tocar num só fio de cabelo dele!"

"No entanto", interrompi, "não tem escrúpulos em arruinar para sempre qualquer esperança de que a sra. Linton se recupere completamente, pois quer se enfiar na memória dela agora, quando ela quase o esqueceu, e envolvê-la em mais uma tempestade de discórdia e angústia."

"Imagina que Catherine quase me esqueceu? Ah, Nelly! Você sabe que não! Sabe tão bem quanto eu que, para cada pensamento que gasta com Linton, ela gasta mil comigo! No período mais desgraçado da minha vida, eu tive esse medo. Ele me assombrava quando voltei para cá no verão passado. Mas apenas a própria palavra dela me faria admitir essa ideia horrível de novo. E então, Linton não seria nada, nem Hindley, nem todos os sonhos que eu já sonhei. Duas palavras encerrariam o meu futuro: *morte* e *inferno*. Minha existência, após perder Catherine, seria um inferno.

"Mas eu fui um tolo ao imaginar por um só instante que ela dava mais valor ao amor de Linton do que ao meu. Se ele amasse com toda a força de seu corpo franzino, não conseguiria amar em oitenta anos o que eu consigo em um dia. E Catherine tem um coração tão profundo quanto o meu: seria mais fácil o mar caber no cocho dos cavalos do que toda a afeição dela ser monopolizada por Linton. Ora! Catherine gosta pouco mais dele do que de seu cão ou de seu cavalo. Ele não tem dentro de si a capacidade de ser amado como eu. Como ela pode amar nele o que ele não possui?"

“Catherine e Edgar se amam tanto quanto duas pessoas podem se amar!”, exclamou Isabella com uma fúria repentina. “Ninguém tem o direito de falar dessa maneira, e eu não ouvirei meu irmão sendo desrespeitado em silêncio!”

“Seu irmão também ama muito você, não é?”, observou Heathcliff com escárnio. “Ele a largou à deriva no mundo com uma facilidade surpreendente.”

“Ele não sabe o quanto estou sofrendo”, respondeu ela. “Eu não contei a ele.”

“Quer dizer que andou contando alguma coisa, então. Escreveu para ele, é?”

“Escrevi para dizer que estava casada. Você leu o bilhete.”

“E não escreveu mais nada?”

“Não.”

“A mocinha parece muito pior agora do que antes de se casar”, comentei. “No caso dela, falta o amor de alguém. Posso adivinhar de quem, mas talvez não deva dizer.”

“Acho que lhe falta amor-próprio”, disse Heathcliff. “Já virou uma porca ordinária! Cansou de tentar me agradar extraordinariamente cedo. Você mal acreditaria, mas, no dia seguinte ao nosso casamento, já estava chorando e pedindo para voltar para casa. Mas vai mesmo se encaixar melhor aqui se não for refinada demais. E eu não permitirei que suje o meu nome passeando por aí.”

“Espero que o senhor leve em consideração o fato de que a sra. Heathcliff está acostumada a ter quem cuide dela e quem lhe sirva”, respondi. “E que foi criada como uma filha única cujas vontades todos estavam dispostos a fazer. O senhor precisa deixar que ela tenha uma criada pessoal para arrumar as coisas e precisa tratá-la

com gentileza. O que quer que pense do sr. Edgar, não pode duvidar que ela tem a capacidade de sentir uma afeição forte, ou não teria abandonado a elegância, o conforto e os entes queridos de seu antigo lar para vir para este lugar selvagem com o senhor."

"Ela os abandonou por uma ilusão, imaginando que eu era um herói de romance e esperando uma indulgência ilimitada da minha devoção cavalheiresca. Mal consigo considerá-la uma criatura racional, tamanha foi a obstinação com que persistiu em criar uma ideia irreal do meu caráter e agir de acordo com as falsas impressões que acalentava. Mas acho que ela por fim está começando a me conhecer. Não vejo mais os sorrisos e as caretas bobas que me irritavam no começo, nem a incapacidade insana de discernir que eu estava falando a verdade quando disse qual era minha opinião sobre ela e sua paixão. Custou-lhe um esforço fantástico de perspicácia descobrir que eu não a amava. Cheguei a acreditar que nenhuma lição seria suficiente para que aprendesse isso! Mas não aprendeu direito, pois esta manhã mesmo anunciou, como se estivesse dizendo algo aterrador, que eu conseguira fazer com que ela me odiasse! Foi um trabalho de Hércules, garanto! Se tiver mesmo sido realizado, tenho motivos para agradecer. Posso confiar na sua afirmação, Isabella? Tem certeza de que você me odeia? Se eu deixá-la em paz durante meio dia, não vai vir suspirando para mim e me adulando de novo? Acredito que ela teria preferido que eu tivesse me comportado com grande ternura diante de você — ter a verdade exposta fere seu orgulho. Mas não me importo se todos souberem que a paixão veio toda de um lado, e que eu nunca contei uma mentira sequer. Isabella não pode me acusar de demonstrar nenhuma bondade enganosa. A primeira

coisa que ela me viu fazer quando saiu da Grange foi enforcar sua cachorrinha e, quando implorou pela vida do animal, as primeiras palavras que eu disse foram para expressar meu desejo de enforcar todos os membros da sua família, com exceção de uma pessoa. É possível que Isabella tenha acreditado que a exceção fosse ela. Mas nenhuma brutalidade a enojava. Imagino que tenha uma admiração inata pelo brutal, contanto que seu precioso ser esteja a salvo! Mas não foi o cúmulo do absurdo, da idiotice genuína, que essa cadela desprezível, servil, de inteligência medíocre, tenha sonhado que eu pudesse amá-la? Diga a seu patrão, Nelly, que eu nunca, em toda a minha vida, encontrei uma coisa tão abjeta quanto ela. Isabella chega até a desonrar a família Linton. Eu, às vezes, por pura falta de imaginação, desisti de tentar descobrir tudo que ela é capaz de suportar e ainda voltar rastejando de maneira vergonhosa! Mas diga-lhe também, para acalmar seu coração de irmão e magistrado, que eu me mantive estritamente dentro dos limites da lei. Até agora, evitei dar-lhe qualquer direito de pedir uma separação.[9] Além do mais, ela não agradeceria a ninguém por nos separar. Se quisesse ir embora, poderia. O aborrecimento de sua presença pesa mais do que a satisfação de atormentá-la!"

"Sr. Heathcliff", disse eu, "essas são as palavras de um louco. É muito provável que sua esposa esteja convencida de sua insanidade e que, por isso, tenha suportado o senhor até aqui. Mas agora que disse que pode ir embora, ela sem dúvida fará uso dessa permissão. A senhora não está enfeitiçada a ponto de permanecer com ele por vontade própria, está?"

"Cuidado, Ellen!", respondeu Isabella, com os olhos chispando de ira, sendo impossível, por sua expressão, duvidar que seu marido

fora completamente bem-sucedido em fazê-la odiá-lo. “Não acredite em uma só palavra que ele diz. Ele é um demônio mentiroso, um monstro. Não é um ser humano! Já disse antes que eu podia deixá-lo. Eu tentei, mas não me atrevo a tentar de novo! Mas, Ellen, jure que não vai mencionar uma sílaba dessa fala ignóbil para o meu irmão ou para Catherine. Heathcliff finge que não, mas quer levar Edgar a cometer um desatino. Diz que casou comigo de propósito para ter poder sobre ele. Mas não vai conseguir. Eu prefiro morrer! Espero, rezo, que ele esqueça sua diabólica prudência e me mate! O único prazer que consigo imaginar é morrer, ou vê-lo morto!”

“Pronto, chega por enquanto!”, disse Heathcliff. “Se algum dia você for chamada a testemunhar, Nelly, lembre-se do que ela disse! E olhe bem para esse rosto: ela está perto do ponto ideal para mim. Não, você não pode tomar conta de si própria, Isabella. E eu, como seu protetor perante a lei, devo mantê-la sob minha custódia, por mais desagradável que seja essa obrigação. Vá lá para cima. Tenho algo a dizer a Ellen Dean em particular. Não é por aí. Para cima, já disse! Ora, o caminho lá para cima é este, menina!”

Ele agarrou-a, jogou-a para fora da sala e voltou resmungando.

“Não tenho piedade! Não tenho piedade! Quanto mais os vermes se contorcem, mais eu quero esmagar suas entranhas! É como se os meus dentes estivessem nascendo e eu precisasse morder com mais força à proporção em que a dor aumenta.”

“Você entende o que significa a palavra piedade?”, disse eu, correndo para colocar o chapéu. “Já sentiu um pingo disso na vida?”

“Largue isso!”, interrompeu Heathcliff, percebendo minha intenção de partir. “Você não vai embora ainda. Venha aqui agora, Nelly. Eu preciso ou persuadi-la ou obrigá-la a me ajudar com a minha

determinação de ver Catherine, e sem demora. Juro que não pretendo fazer nenhum mal. Não desejo causar nenhuma perturbação nem exasperar ou insultar o sr. Linton. Quero apenas que ela própria me diga como está e por que andou doente, e perguntar se posso lhe fazer qualquer coisa de útil. Ontem à noite, eu passei seis horas no jardim da Grange. Voltarei lá esta noite, e ficarei à espreita todas as noites e todos os dias até ter uma oportunidade de entrar. Se Edgar Linton me vir, não hesitarei em derrubá-lo a socos e bater nele o suficiente para me assegurar de sua aquiescência enquanto permanecer na casa. Se seus criados me enfrentarem, eu os ameaçarei com essas pistolas. Mas não seria melhor impedir que eu entrasse em contato com eles ou com seu patrão? E isso seria tão fácil para você! Eu lhe avisaria quando fosse e você poderia me deixar entrar sem ser observado assim que ela estivesse sozinha, e ficar de vigia até que eu fosse embora. Sua consciência estaria em paz, pois você estaria impedindo algo ruim de acontecer."

Protestei contra a ideia de desempenhar aquele papel traiçoeiro na casa do meu empregador. Além disso, argumentei que seria crueldade e egoísmo destruir a tranquilidade da sra. Linton para que ele se satisfizesse.

"Até o acontecimento mais normal a faz ter sobressaltos dolorosos", expliquei. "Tudo lhe faz mal aos nervos e ela não suportaria essa surpresa, estou certa disso. Não insista! Senão, serei obrigada a informar meu patrão de suas intenções e ele tomará medidas para proteger sua casa e os habitantes dela dessa intrusão injustificável!"

“Neste caso, eu tomarei medidas para me apossar de você, mulher!”, exclamou Heathcliff. “Você só sairá de Wuthering Heights amanhã de manhã. É uma invenção tola afirmar que Catherine não suportaria me ver. Quanto a causar-lhe uma surpresa, eu não quero isso. Você deve prepará-la. Pergunte se posso ir. Você disse que Catherine nunca menciona o meu nome e que eu nunca sou mencionado para ela. Para quem ela haveria de me mencionar, se sou um assunto proibido na casa? Catherine acha que vocês todos são espiões do marido dela. Ah, tenho certeza de que ela se sente no inferno no meio de vocês! Eu adivinho o que Catherine sente, tanto por seu silêncio quanto por qualquer outra coisa. Você disse que muitas vezes ela fica inquieta e ansiosa. Isso é prova de tranquilidade? Fala que sua mente está abalada. E como diabos poderia não estar, nesse isolamento aterrador? E aquela criatura insípida e miserável cuidando dela por *dever* e *bondade*! Por *piedade* e *caridade*! Seria mais fácil ele plantar um carvalho num vaso de planta e querer vê-lo crescer do que imaginar que pode restaurar o vigor de Catherine no solo de seus cuidados rasos! Vamos resolver isso de uma vez por todas: você vai ficar aqui, e eu terei de brigar com Linton e seus criados para ver Catherine? Ou vai ser minha amiga, como foi até agora, e fazer o que eu pedi? Decida! Pois não tenho motivo para demorar mais um minuto se insistir com essa teimosia rabugenta!”

Bem, sr. Lockwood, eu argumentei, reclamei e recusei peremptoriamente cinquenta vezes. Mas, no final, ele me forçou a fazer um acordo. Concordei em levar uma carta sua para a patroa e, se ela consentisse, prometi avisar-lhe da próxima vez que Linton se ausentasse de casa, quando então ele poderia vir e entrar se

conseguisse. Eu não estaria lá e os outros criados também não atrapalhariam.

Foi certo ou errado? Temo que tenha sido errado, embora fosse conveniente. Achei que estaria impedindo outra explosão se aquiescesse. Achei também que aquilo poderia ter um efeito benéfico sobre a doença mental de Catherine. Mas então me lembrei como o sr. Edgar ralhara severamente comigo por contar histórias, e tentei dissipar minha inquietação com aquele assunto afirmando repetidas vezes que aquela traição, se é que merecia um nome tão duro, seria a última.

De qualquer maneira, minha volta para casa foi mais triste do que minha ida para lá, e eu senti muitos receios antes de ter coragem de colocar a missiva nas mãos da sra. Linton.

Mas vejo que Kenneth chegou. Vou descer e dizer a ele como o senhor está melhor. Minha história é uma desdita, como a gente daqui diz, e servirá para fazer passar outra semana.

Uma tristura, uma tristeza, refleti enquanto a boa mulher descia para receber o médico, e não exatamente o tipo de história que eu teria escolhido como distração. Mas não importa! Irei extrair bons remédios das ervas amargas da sra. Dean. E, em primeiro lugar, que eu tome cuidado com o fascínio que há nos olhos brilhantes de Catherine Heathcliff. Eu estaria numa situação curiosa se desse meu coração para aquela jovem e descobrisse que a filha é uma segunda edição da mãe!

---

9. Para obter uma separação legal, Isabella teria que arcar com os custos proibitivos de um processo e ser capaz de provar ou deserção ou crueldade extrema. (n. e.)

volume ii

# i

Mais uma semana se passou e eu estou sete dias mais próximo da saúde e da primavera! Agora, já ouvi a história completa dos meus vizinhos, contada em diversas ocasiões pela governanta quando ela tinha tempo livre após terminar suas tarefas mais importantes. Continuarei a relatá-la com as palavras dela, mas de forma um pouco condensada. A sra. Dean é, no geral, uma boa narradora e não creio que eu conseguiria aprimorar seu estilo.

Na tarde — disse ela — daquele mesmo dia em que eu fora visitar a Heights, tive certeza de que o sr. Heathcliff estava em algum lugar da propriedade, tanto quanto se o tivesse visto com os meus próprios olhos. Evitei sair de casa, pois ainda estava com a carta dele no bolso e não queria ser mais ameaçada ou perturbada.

Eu tinha decidido só entregar a carta quando o patrão se ausentasse, pois não podia adivinhar de que maneira o recebimento dela afetaria Catherine. A consequência é que ela só a teve nas mãos três dias depois. O quarto dia foi um domingo, e eu levei a carta para o quarto dela após o patrão e os outros criados saírem para ir à igreja.

Um dos empregados tinha ficado para cuidar da casa comigo, e nós tínhamos o hábito de trancar as portas durante as horas do culto. Mas, naquela ocasião, o tempo estava tão bom que eu as escancarei. E, para cumprir minha promessa, como sabia quem vinha, disse ao empregado que a patroa queria muito algumas laranjas e ele precisava ir até o vilarejo comprar algumas, que seriam pagas no dia seguinte. Ele foi, e eu subi.

A sra. Linton usava um vestido branco largo com um xale leve nos ombros e estava sentada no recesso diante da janela aberta, como de costume. Seus cabelos longos e fartos tinham sido parcialmente removidos no começo de sua doença e, naquele dia, estavam presos em tranças simples que caíam sobre suas têmporas e seu pescoço. Sua aparência estava alterada, como eu dissera a Heathcliff, mas, quando ela estava calma, havia uma beleza mística na mudança.

Seus olhos, que antes faiscavam, tinham agora uma suavidade sonhadora e melancólica. Não davam mais a impressão de ver os objetos ao redor. Pareciam sempre fitar algo mais distante, muito mais distante — talvez fora deste mundo. Além disso, a palidez de seu rosto, que não estava mais encovado desde que ela ganhara peso, e a expressão peculiar advinda de seu estado mental, embora fossem tristes marcas de sua doença, aumentavam o interesse comovido que ela despertava. Para mim, invariavelmente — e, acredito, para qualquer pessoa que a visse —, refutavam provas mais tangíveis de convalescença e a marcavam como alguém destinado a perecer.

Havia um livro aberto no parapeito diante de Catherine e a brisa, que mal era perceptível, brincava com as folhas de tempos em

tempos. Creio que Linton o deixara lá, pois ela nunca procurava se distrair lendo ou fazendo qualquer outra coisa, e ele passava muitas horas tentando atrair sua atenção para algum assunto que antigamente a divertia.

Catherine tinha consciência do que ele pretendia e, quando estava com o humor melhor, suportava placidamente seus esforços, demonstrando que eram inúteis apenas ao reprimir um suspiro cansado de quando em quando e, após algum tempo, impedindo-o de continuar com beijos e o mais triste dos sorrisos. Em outras ocasiões, ela lhe dava as costas, irritada, e cobria o rosto com as mãos, ou chegava mesmo a empurrá-lo, com raiva. Ele, então, tinha o cuidado de deixá-la sozinha, sabendo que naquele momento não podia lhe fazer nenhum bem.

Os sinos da capela de Gimmerton ainda tocavam, e o fluxo cheio e suave do riacho do vale acalentava os ouvidos. Era um doce substituto para o murmúrio ainda ausente da folhagem no verão, que abafava aquela melodia na Grange quando as árvores estavam verdes. Em Wuthering Heights, sempre se ouvia o riacho nos dias quietos, após um grande degelo ou uma temporada de chuva forte. E era em Wuthering Heights que Catherine pensava conforme escutava — se é que pensava em algo, ou escutava algo, pois tinha aquele aspecto vago e distante que eu mencionei antes e que não expressava nenhum reconhecimento de coisas materiais pelos ouvidos ou pelos olhos.

“Tem uma carta para a senhora, sra. Linton”, disse eu, inserindo-a delicadamente na mão que repousava sobre o joelho. “Precisa lê-la agora mesmo, pois ela requer uma resposta. Quer que eu abra o lacre?”

“Quero”, respondeu ela, sem mudar a direção do seu olhar.

Eu abri a carta. Era bastante breve.

“Agora, leia”, continuei.

Catherine afastou a mão e deixou a carta cair. Recoloquei-a em seu colo e fiquei ali, esperando até que ela decidisse olhar para baixo. Mas esse gesto demorou muito e eu, afinal, insisti.

“A senhora quer que eu leia? É do sr. Heathcliff.”

Catherine teve um sobressalto e um lampejo angustiado de lembrança, e fez um esforço para organizar suas ideias. Ela ergueu a carta e pareceu lê-la, e, quando chegou à assinatura, soltou um suspiro. Mesmo assim, eu descobri que não apreendera seu significado, pois, quando pedi para ouvir sua resposta, ela apenas apontou o nome e me fitou, ansiosa e com uma expressão melancólica e interrogativa.

“Bem, ele quer ver a senhora”, expliquei, adivinhando que Catherine tinha necessidade de uma intérprete. “Já está no jardim, impaciente para saber que resposta eu vou levar.”

Quando eu disse isso, observei um cachorro grande deitado na grama ensolarada lá embaixo erguer as orelhas como se estivesse prestes a latir e depois voltar a baixá-las, anunciando ao balançar a cauda a aproximação de alguém que ele não considerava um estranho.

A sra. Linton se debruçou e escutou, com a respiração presa. Um minuto depois, passos atravessaram o saguão: a casa aberta era tentadora demais para Heathcliff resistir e não entrar. É muito provável que, apostando que eu estava inclinada a quebrar minha promessa, tenha decidido confiar na própria audácia.

Catherine olhou ansiosamente para a porta do seu quarto. Ele não encontrou o cômodo certo de imediato. Ela fez um gesto, mandando que eu o deixasse entrar. Mas Heathcliff descobriu onde estávamos antes que eu chegasse à porta e com dois passos largos estava diante de Catherine, tomando-a nos braços.

Ele nem disse nada, nem largou-a durante cerca de cinco minutos, período no qual deu mais beijos do que dera em toda a sua vida antes, imagino. Mas foi minha patroa quem o beijara primeiro e eu vi perfeitamente que ele mal suportou a agonia de ver o rosto dela! No minuto em que a viu, Heathcliff teve a mesma certeza que eu: não havia perspectiva de recuperação; o destino de Catherine estava selado, e ela decerto ia morrer.

“Ah, Cathy! Ah, minha vida! Como vou suportar?” Essa foi a primeira frase que ele disse, num tom que não buscava disfarçar o desespero.

Então Heathcliff fitou-a tão profundamente que eu achei que a própria intensidade de seu olhar iria fazer com que surgissem lágrimas em seus olhos. Mas era a angústia que os fazia arder, e eles não transbordaram.

“O que foi agora?”, disse Catherine, recostando-se e retribuindo o olhar dele com o cenho subitamente franzido, pois seu humor variava muito, de acordo com seus caprichos. “Você e Edgar partiram meu coração, Heathcliff! E os dois vieram lamentar o fato para mim, como se fossem vocês que merecessem pena! Mas eu não vou sentir pena. Você me matou — e parece que isso lhe fez bem. Como está forte! Quantos anos pretende viver depois que eu me for?”

Heathcliff se apoiara num dos joelhos para abraçá-la. Ele tentou se erguer, mas ela agarrou seu cabelo e obrigou-o a ficar onde estava.

“Gostaria de poder segurá-lo até que estivéssemos ambos mortos!”, continuou Catherine, amarga. “Não iria me importar se você sofresse. Não me importo nem um pouco com os seus sofrimentos. Por que você não deveria sofrer? Eu sofro! Você vai me esquecer? Vai ser feliz quando eu estiver debaixo da terra? Vai dizer, daqui a vinte anos: ‘Ali é o túmulo de Catherine Earnshaw. Eu a amei há muito tempo e fiquei arrasado ao perdê-la. Mas isso passou. Já amei muitas outras desde então. Amo mais os meus filhos do que a ela. E, quando eu morrer, não ficarei feliz por estar indo ao seu encontro, mas triste por estar deixando-os!’. Vai dizer isso, Heathcliff?”

“Não me torture até eu ficar tão louco quanto você!”, exclamou ele, libertando a cabeça das mãos de Catherine e rangendo os dentes.

Os dois compunham uma cena estranha e assustadora para uma espectadora imparcial. Catherine estava certa em acreditar que o paraíso seria um exílio para ela — a não ser que, junto com seu corpo físico, se livrasse do caráter que tinha nesta terra. Naquele momento, seu rosto branco exibia um furioso desejo de vingança, lábios exangues e olhos faiscantes, e ela ainda tinha, no punho fechado, um pouco do cabelo que agarrara. Quanto a seu interlocutor, ao usar uma das mãos para se erguer, ele pegara o braço de Catherine com a outra, e a gentileza que possuía era tão pouca para as exigências da condição dela que, quando o largou, eu vi quatro manchas roxas nítidas na pele descorada.

“Você foi possuída por algum demônio, para falar desse jeito comigo enquanto está morrendo?”, disse Heathcliff, cheio de ira. “Não sabe que essas palavras ficarão marcadas a ferro na minha memória, me consumindo eternamente, depois que você me deixar? Você sabe que mente ao dizer que eu a matei. E sabe que eu seria tão incapaz de esquecê-la quanto de esquecer da minha própria existência! Não é suficiente para o seu egoísmo diabólico que, enquanto você estiver em paz, eu estarei atormentado, me contorcendo no inferno?”

“Eu não estarei em paz!”, gemeu Catherine, chamada de volta para a realidade da sua fraqueza física pelos latejos violentos e irregulares do seu coração, que batia a olhos vistos e audivelmente com essa agitação excessiva.

Ela não disse mais nada até o ataque passar. E então continuou, num tom mais gentil:

“Não desejo para você um tormento maior do que o meu, Heathcliff! Só quero que nós nunca fiquemos separados. E se alguma palavra minha o angustiar daqui em diante, pense que eu sinto a mesma angústia debaixo da terra e, por amor a mim, me perdoe! Venha aqui e se ajoelhe de novo! Você nunca me fez mal na vida. Não, se você ficar com rancor, isso vai ser uma lembrança pior do que as minhas palavras duras! Venha aqui de novo, por favor!”

Heathcliff foi até as costas da poltrona e se debruçou, mas não a ponto de deixá-la ver seu rosto, que estava lívido de emoção. Catherine se voltou para olhá-lo. Ele se recusou a permitir isso e, virando-se abruptamente, andou até a lareira, onde ficou de pé, em silêncio, com as costas voltadas para nós.

A sra. Linton seguiu-o com o olhar, desconfiada. Cada movimento dele despertava um novo sentimento nela. Após uma pausa e um longo olhar, ela voltou a falar, dirigindo-se a mim num tom de decepção indignada.

“Está vendo, Nelly? Ele não cede nem por um instante, para me afastar do túmulo! É *assim* que eu sou amada! Bem, não tem importância! Esse não é o *meu* Heathcliff. Eu continuarei a amar o meu e o levarei comigo — ele está na minha alma. E”, acrescentou ela, refletindo, “afinal de contas, o que mais me irrita é essa prisão despedaçada. Estou cansada, muito cansada de continuar trancada aqui. Tenho ânsias de fugir para aquele mundo glorioso e ficar lá para sempre, não vê-lo enevoado pelas lágrimas, ou desejá-lo por entre os muros de um coração dolorido, mas realmente estar com ele, e dentro dele. Nelly, você pensa que é melhor e mais afortunada do que eu. É saudável e forte. Sente pena de mim. Mas em breve, isso vai mudar. *Eu* vou sentir pena de *você*. Estarei incomparavelmente além e acima de todos vocês. É estranho que ele não vá estar comigo!”, continuou, de si para si. “Achei que quisesse isso. Heathcliff, meu querido! Você não devia ficar amuado agora. Venha para perto de mim, por favor, Heathcliff!”

Em sua avidez, Catherine se levantou, apoiando-se no braço da poltrona. Ouvindo esse apelo ardente, ele se virou para ela, expressando o mais absoluto desespero. Com os olhos arregalados e finalmente úmidos, fitou-a com furor, com o peito arfante, convulso. Por um segundo, eles continuaram separados — e como se encontraram, eu mal consegui ver. Catherine deu um salto, Heathcliff agarrou-a e eles ficaram presos num abraço do qual eu achei que minha patroa não sairia viva. Na verdade, para mim, ela

pareceu perder os sentidos de imediato. Ele se atirou na cadeira mais próxima e, quando eu me aproximei para ver se Catherine havia desmaiado, rangeu os dentes para mim e espumou como um cão danado, apertando-a com cupidez. Eu senti que não estava diante de uma criatura da minha própria espécie. Pareceu-me que Heathcliff não iria me entender se eu me dirigisse a ele. Por isso, me mantive afastada e não disse nada, profundamente perplexa.

Catherine fez um gesto, o que me deu um pouco de alívio: ela ergueu a mão para enlaçar o pescoço de Heathcliff e trazer o rosto dele para perto do seu, em meio àquele enlace. Ele, cobrindo-a de beijos frenéticos, disse, ensandecido:

"Você está me mostrando como foi cruel — cruel e mentirosa. *Por que* me desprezou? *Por que* traiu seu próprio coração, Cathy? Não tenho uma palavra de consolo a dizer. Você merece isso. Causou sua própria morte. Sim, pode me beijar e chorar, e arrancar meus beijos e lágrimas. Eles serão a sua ruína, a sua maldição. Você me amava. Que direito tinha de me deixar? Que direito? Responda. E por aquele capricho bobo que sentia por Linton! Como nem a miséria, nem a degradação, nem a morte, nem nada que Deus ou o demônio pudesse infligir teria nos separado, *você*, por sua própria vontade, fez isso. Eu não parti seu coração — *você* o partiu. E, ao parti-lo, partiu o meu. Pior para mim, se sou forte. Por acaso, quero viver? Que tipo de vida terei quando você… Ah, meu Deus! *Você* ia gostar de viver com sua alma num túmulo?"

"Deixe-me em paz. Deixe-me em paz", soluçou Catherine. "Se eu errei, estou morrendo por isso. Chega! Você também me deixou. Mas não vou ralhar com você! Eu o perdoo. Perdoe-me!"

“É difícil perdoar vendo esses olhos e sentindo essas mãos descarnadas”, respondeu Heathcliff. “Beije-me de novo. E não me deixe ver seus olhos! Eu perdoo o que você fez comigo. Amo quem me matou. Mas e quem matou você? Como posso amá-la?”

Eles ficaram em silêncio, com os rostos ocultos um pelo outro e banhados pelas lágrimas de ambos. Pelo menos, eu suponho que os dois tenham chorado: parecia que Heathcliff era capaz de chorar numa ocasião momentosa como aquela.

Enquanto isso acontecia, fui ficando muito nervosa, pois a tarde se esvaía depressa, o homem que eu mandara sair tinha voltado e eu podia ver, à luz do sol que se punha no vale, cada vez mais pessoas se reunindo no portão da capela de Gimmerton.

“O culto acabou”, anunciei. “O patrão vai chegar daqui a meia hora.”

Heathcliff gemeu, praguejando, e apertou mais Catherine contra si. Ela nem se mexeu.

Pouco depois, vi um grupo de criados subindo a estrada na direção da porta da cozinha. O sr. Linton não estava muito atrás. Ele mesmo abriu o portão e veio se aproximando devagar, provavelmente desfrutando da linda tarde, na qual soprava uma brisa doce como as do verão.

“Ele chegou!”, exclamei. “Pelo amor de Deus, desça depressa! Não vai encontrar ninguém na escada da frente. Corra, por favor, e fique no meio das árvores até ele entrar.”

“Preciso ir, Catherine”, disse Heathcliff, tentando se soltar dos braços dela. “Mas, se eu não estiver morto, verei você mais uma vez antes que vá dormir. Não me afastarei nem cinco jardas da sua janela.”

“Você não pode ir!”, respondeu Catherine, segurando-o com toda a força que tinha. “Não vai, eu não deixo.”

“Só durante uma hora”, implorou ele.

“Nem durante um minuto”, disse ela.

“Eu *preciso* ir. Linton vai subir agora”, insistiu o intruso, alarmado.

Heathcliff fez menção de se erguer e abrir os dedos dela à força. Mas Catherine agarrou-o, arfando. Em seu rosto, havia uma resolução louca.

“Não!”, gritou ela. “Ah, não, não vá! É a última vez! Edgar não vai nos fazer mal. Heathcliff, eu vou morrer! Eu vou morrer!”

“Para os diabos com esse idiota. Lá vem ele”, disse Heathcliff, se afundando de novo na cadeira. “Calma, meu amor! Calma, calma, Catherine! Eu fico. Se ele atirasse em mim aqui, eu morreria com uma bênção nos lábios.”

E eles se enlaçaram de novo. Ouvi o patrão subindo a escada. O suor frio escorreu da minha testa. Fiquei horrorizada.

“Você vai dar ouvidos aos delírios dela?”, perguntei, furiosa. “Ela não sabe o que diz. Vai arruiná-la, por que ela não tem juízo para se defender? Levante! Você poderia se libertar num instante. Esse é o ato mais diabólico que já cometeu. É o fim de nós todos: patrão, patroa e empregada.”

Crispei as mãos e soltei um grito, e o sr. Linton se apressou ao ouvir o barulho. No meio da minha agitação, fiquei sinceramente feliz de observar que os braços de Catherine haviam relaxado e sua cabeça, pendido.

“Ou ela desmaiou, ou morreu”, pensei. “Tanto melhor. É muito melhor morrer do que continuar sendo um fardo e uma causa de tristeza para todos ao redor.”

Edgar correu na direção do invasor, pálido de espanto e fúria. Não sei o que pretendia fazer. No entanto, o outro impediu qualquer gesto no mesmo instante ao colocar o corpo aparentemente sem vida nos braços dele.

“Olhe”, disse Heathcliff. “Se você não for um demônio, ajude-a primeiro. Depois, falará comigo!”

Ele foi andando até a sala de estar e se sentou. O sr. Linton me chamou. Com grande dificuldade e após lançar mão de muitos meios, conseguimos fazer Catherine recuperar os sentidos. Mas ela estava aturdida. Suspirou, gemeu e não reconheceu ninguém. Edgar, preocupado com a mulher, esqueceu o amigo odiado dela. Eu, não. Assim que pude, fui suplicar a ele que partisse, afirmando que Catherine estava melhor e que, na manhã seguinte, eu lhe contaria como ela havia passado a noite.

“Não me recusarei a sair da casa, mas ficarei no jardim”, respondeu Heathcliff. “Nelly, não deixe de cumprir sua promessa amanhã. Eu estarei debaixo daqueles larícios. Não esqueça! Ou eu farei outra visita, quer Linton esteja aqui ou não.”

Ele olhou de relance a porta entreaberta do quarto e, certificando-se de que o que eu dissera aparentemente era verdade, livrou a casa de sua desafortunada presença.

# ii

Lá pela meia-noite nasceu a Catherine que o senhor conheceu em Wuthering Heights, um bebê franzino de sete meses. Duas horas depois, a mãe morreu, sem nunca ter recuperado consciência o bastante para sentir falta de Heathcliff ou reconhecer o marido.

Seria doloroso demais esmiuçar o desespero de Edgar com essa perda. Os efeitos que surgiriam mais tarde mostraram que a mágoa foi muito funda.

Na minha opinião, algo que tornou tudo muito pior foi o fato de o sr. Linton ter ficado sem um herdeiro. Eu lamentei isso enquanto observava aquela frágil órfãzinha, e ralhei mentalmente com o velho Linton por, graças a uma afeição natural, ter deixado suas terras para a própria filha, e não para a filha do filho.

Ela não foi uma criança bem-vinda, pobrezinha! Durante as primeiras horas de vida, poderia ter chorado até morrer, que ninguém teria se importado. Depois, nós nos redimimos dessa negligência, mas seu começo foi tão solitário quanto seu fim provavelmente será.

A manhã seguinte — lá fora, o dia estava bonito e alegre — adentrou suavemente pela persiana do quarto silencioso, banhando

a cama e sua ocupante com uma luz amena e doce.

Edgar Linton estava com a cabeça apoiada no travesseiro e os olhos fechados. Seu rosto jovem e delicado parecia quase tão morto e quase tão imóvel quanto aquele ao seu lado. Mas a imobilidade *dele* vinha da exaustão causada pela angústia, enquanto a *dela* vinha da mais perfeita paz. Catherine estava com a testa sem rugas e as pálpebras fechadas, e tinha nos lábios um leve sorriso. Nenhum anjo no céu poderia ser mais belo do que ela naquele momento, e eu fui tomada pela calma que a envolvia. Minha mente nunca esteve tão pura quanto no instante em que fitei aquela imagem serena do descanso eterno. Mal me dando conta, me lembrei das palavras que Catherine dissera poucas horas antes: incomparavelmente além e acima de todos nós! Quer ainda esteja na terra ou quer esteja agora no paraíso, sua alma está em casa, com Deus!

Não sei se é uma peculiaridade minha, mas eu em geral fico feliz quando estou velando um morto, caso não haja ninguém nervoso ou desesperado cumprindo esse dever comigo. Vejo um repouso que nem a terra nem o inferno podem interromper, e sinto a certeza de que há uma existência após a morte sem fim e sem sombra — a eternidade onde eles penetraram, e onde a duração da vida, a grandeza do amor e a completude da alegria são infinitas. Naquela ocasião, eu notei quanto egoísmo há mesmo num amor como o do sr. Linton, já que ele lamentava tanto a libertação abençoada de Catherine!

Por certo, após a vida desregrada e impaciente que ela levara, seria possível duvidar se merecera ir para o paraíso. É possível duvidar disso em momentos de reflexão fria, mas não naquele

instante, diante de seu cadáver. Ele afirmava a própria tranquilidade e parecia prometer um sossego igual para as almas que o habitaram.[10]

O senhor acredita que pessoas assim são *mesmo* felizes no outro mundo? Eu gostaria muito de saber.

Eu me recusei a responder à pergunta da sra. Dean, que me pareceu um tanto heterodoxa. Ela continuou:

Recordando o comportamento de Catherine Linton, temo que não temos direito de acreditar que ela seja. Mas deixemo-la com seu Criador.

O patrão parecia estar dormindo e, depois que o sol nasceu, eu me atrevi a sair do quarto e sorver um pouco do ar puro e refrescante. Os criados acharam que eu fora despertar da sonolência da minha longa vigília, mas, na realidade, meu principal motivo era ver o sr. Heathcliff. Se ele houvesse permanecido entre os larícios a noite toda, não teria ouvido a agitação na Grange — a não ser que, talvez, houvesse discernido o galope do mensageiro indo para Gimmerton. Se houvesse se aproximado mais, provavelmente estaria ciente, pelas luzes bruxuleando para lá e para cá e pelas portas externas sendo abertas e fechadas, que nem tudo estava bem do lado de dentro.

Eu desejava e ao mesmo tempo temia encontrá-lo. Sentia que a notícia terrível precisava ser dada, e ansiava por fazê-lo logo. Mas *como* fazê-lo, eu não sabia.

O sr. Heathcliff estava ali, no mínimo algumas jardas mais para dentro do bosque, apoiado num velho freixo, sem chapéu e com o cabelo encharcado pelo orvalho que formara poças nos galhos cheios de brotos e que caía, tamborilando, ao seu redor. Estava

havia muito tempo nessa posição, pois eu vi dois tordos indo e voltando a menos de três pés dele, ocupados em fazer seu ninho e cientes da proximidade do homem tanto quanto estariam de um pedaço de lenha. Eles voaram quando eu me aproximei, e o sr. Heathcliff ergueu os olhos e disse:

"Ela morreu! Não esperei por você para descobrir. Guarde esse lenço. Não choramingue na minha frente. Para os diabos com todos vocês! Ela não quer as *suas* lágrimas!"

Eu estava chorando tanto por ele quanto por ela. Nós às vezes sentimos pena das criaturas que não sentem piedade nem de si mesmas, nem dos outros. Quando vi o rosto do sr. Heathcliff, percebi que tinha ficado sabendo da catástrofe, e tive a tola ideia de que seu coração se apaziguara e ele estava rezando, pois seus lábios se moviam e seu olhar estava voltado para o chão.

"Sim, ela morreu!", respondi, engolindo meus soluços e secando o rosto. "Foi para o céu, espero, onde todos nós poderemos encontrá-la se nos prevenirmos e deixarmos o caminho do mal para seguir o do bem!"

"Quer dizer que *ela* se preveniu?", perguntou Heathcliff, tentando dar um sorriso de escárnio. "Morreu como uma santa? Ande, me conte a verdade sobre o que aconteceu. Como foi que…"

Ele tentou dizer o nome, mas não conseguiu. Comprimindo os lábios, lutou em silêncio contra a agonia que sentia, ao mesmo tempo que desafiava minha piedade com um olhar resoluto e feroz.

"Como ela morreu?", completou afinal. E, apesar de sua robustez, precisou se apoiar em algo, pois, após a batalha que travara, estava tremendo até a ponta dos dedos, sem conseguir se conter.

“Infeliz!”, pensei eu. “Você tem um coração e nervos como todos os homens! Por que está tão ansioso para ocultá-los? Seu orgulho não é capaz de cegar Deus! Agindo assim, você O leva a querer torturá-los até arrancar um grito de humilhação!”

“Como um cordeirinho”, respondi em voz alta. “Deu um suspiro e se esticou como uma criança acordando e voltando a adormecer. Cinco minutos depois, eu senti a última batida de seu coração, e nada mais!”

“E… e ela mencionou meu nome alguma vez?”, perguntou Heathcliff, hesitando, como se temesse que a resposta fosse trazer detalhes que ele não suportaria ouvir.

“Ela jamais recobrou os sentidos. Não reconheceu mais ninguém desde o momento em que você a deixou. Está com um sorriso doce no rosto, e a última coisa em que pensou foi na infância feliz. Sua vida terminou num sonho manso — tomara que seu despertar no outro mundo seja assim tão tranquilo!”

“Tomara que seu despertar seja um tormento!”, exclamou ele com uma veemência temível, batendo o pé e gemendo, num súbito acesso de fúria ingovernável. “Ora, ela foi mentirosa até o fim! Onde ela está? Não *lá*… não no paraíso… não morta… onde, então? Ah! Você disse que não se importava nem um pouco com os meus sofrimentos! E eu faço apenas uma prece. Vou repeti-la até minha língua ficar paralisada: Catherine Earnshaw, que você não descanse enquanto eu viver! Você disse que eu a matei. Venha me assombrar, então! Os mortos assombram quem os matou. Eu acredito… *sei* que há fantasmas nesta terra. Fique sempre comigo, assuma qualquer forma, me leve à loucura! Mas *não* me abandone neste abismo, onde eu não consigo encontrar você! Ah, meu Deus! É inexprimível!

Eu *não posso* viver sem a minha vida! Eu *não posso* viver sem a minha alma!”

Heathcliff bateu a cabeça contra o tronco rugoso da árvore e, erguendo os olhos, uivou, não como um homem, mas como uma besta selvagem sendo espicaçada até a morte com facas e lanças.

Vi várias nódoas de sangue no tronco da árvore, e percebi que tanto a mão quanto a testa dele estavam manchadas. A cena que testemunhei provavelmente era a repetição de outras ocorridas ao longo da noite. Ela não despertou minha compaixão — me horrorizou. Ainda assim, relutei em deixá-lo ali daquela maneira. Mas, no momento em que Heathcliff recobrou suficiente controle para perceber que eu o estava observando, esbravejou, mandando-me embora — e eu obedeci. Aquietá-lo ou consolá-lo estava além das minhas capacidades!

Foi decidido que o enterro da sra. Linton seria na sexta-feira seguinte à sua morte e, até lá, seu caixão permaneceu aberto e repleto de flores e folhas perfumadas na sala de estar maior. Linton passou os dias e as noites lá, numa vigília incessante. E algo que ninguém ficou sabendo, além de mim, foi que Heathcliff passou pelo menos todas as noites do lado de fora, igualmente sem repousar.

Eu não me comuniquei com ele, mas sabia que ia tentar entrar, se pudesse. Na terça-feira, pouco após o cair da noite, quando o patrão, exausto, fora obrigado a se retirar durante algumas horas, abri uma das janelas, comovida com sua perseverança e desejando dar-lhe a chance de lançar um último adeus à imagem evanescente do seu ídolo.

Heathcliff não titubeou em se valer da oportunidade, de maneira cautelosa e breve — cautelosa demais para trair sua presença com

o menor barulho. Na verdade, eu só descobri que ele estivera lá porque o tecido ao redor do rosto do cadáver estava fora do lugar, e por ter visto no chão um cacho de cabelo claro preso com um fio de prata que, ao examinar melhor, tive certeza de que tinha sido retirado de um medalhão que ficava ao redor do pescoço de Catherine. Heathcliff abrira a joia, jogara fora seu conteúdo e o substituíra por um de seus cachos negros. Eu enrolei os dois e coloquei-os juntos.

O sr. Earnshaw, é claro, foi convidado para ir ao enterro da irmã. Ele não mandou nenhuma desculpa, mas não veio, de modo que, além do marido dela, apenas inquilinos e criados acompanharam o cortejo. Isabella não foi chamada.

Para surpresa dos habitantes do vilarejo, o local de sepultamento de Catherine não foi nem na capela, no mausoléu talhado dos Linton, nem perto dos túmulos de seus próprios parentes, do lado de fora. Ele foi cavado numa colina verde, num dos cantos do cemitério, onde o muro é tão baixo que foi coberto de ambos os lados pelas urzes e pelos mirtilos que vêm de fora, e quase soterrado pelo bolor da turfa. O marido dela, agora, está no mesmo lugar. Cada um deles tem uma simples lápide e um bloco de pedra cinza para marcar seus túmulos.

---

10. Edições modernas em língua inglesa tendem a alterar essa frase, mudando-a para “a alma que o habitara”. Mas, tanto na primeira edição de 1847 quando na edição revisada por Charlotte de 1850, a frase está no plural, sugerindo a identidade compartilhada por Catherine e Heathcliff. (n. e.)

# iii

Aquela sexta foi o último dos dias bonitos, por um mês. À noite, o tempo mudou; o vento passou de sul para nordeste e trouxe primeiro chuva e, depois, granizo e neve.

No dia seguinte, mal dava para imaginar que tínhamos tido três semanas de verão: as prímulas e os açafrões ficaram ocultos sob montes gelados, as cotovias silenciaram e as folhas novas das primeiras árvores a dar brotos foram soterradas e ficaram pretas — quão melancólico, frio e soturno foi aquele dia! O patrão ficou no quarto. Tomei posse da sala de estar vazia, transformando-a num quarto de bebê, e estava ali sentada, com aquela bonequinha gemendo no colo, embalando-a e vendo os flocos de neve ainda formando pilhas na janela sem cortinas, quando a porta se abriu e uma pessoa entrou, rindo e sem fôlego!

Por um instante, minha raiva foi maior do que a minha perplexidade. Achei que era uma das criadas e exclamei:

“Pare com isso! Como você se atreve a ser tão leviana aqui? O que o sr. Linton iria dizer se escutasse?”

“Desculpe!”, respondeu uma voz familiar. “Mas eu sei que Edgar está na cama e não consigo me conter.”

Com isso, a mulher se aproximou do fogo, arfante, com uma mão no flanco.

“Corri o caminho inteiro de Wuthering Heights até aqui!”, continuou ela, após uma pausa. “Isso, quando não estava voando. Nem consegui contar quantas vezes caí. Ah, estou toda dolorida! Não fique assustada. Darei uma explicação assim que conseguir. Mas tenha a bondade de mandar chamar a carruagem para me levar até Gimmerton e diga a uma criada que pegue algumas roupas no meu armário.”

A intrusa era a sra. Heathcliff. Estava numa situação que não parecia ser motivo para riso. Seus cabelos cascateavam até os ombros, pingando neve e água, e ela estava vestindo as roupas de menina que em geral usava e que combinavam mais com sua idade do que com sua posição: um vestido de gola aberta com mangas curtas, sem nada nem na cabeça, nem no pescoço. O vestido era de seda leve e estava encharcado. Seus pés estavam protegidos apenas por sapatilhas finas. Adicione-se a isso um corte fundo sob uma das orelhas, que apenas o frio impedia de sangrar muito, um rosto branco, arranhado e cheio de manchas roxas e um corpo quase incapaz de se sustentar de fadiga e o senhor irá imaginar que um exame mais atento de nada me valeu para diminuir meu susto.

“Minha querida senhora!”, exclamei. “Eu não irei a lugar nenhum e nem ouvirei nada até que tire cada peça de roupa e vista coisas secas. E certamente não irá a Gimmerton esta noite, por isso não há necessidade de mandar chamar a carruagem.”

“Certamente irei”, disse ela, “a pé ou a cavalo. Mas não me importo de estar vestida de maneira decente. E… ah, olhe só como

o sangue está escorrendo pelo meu pescoço agora! O fogo de fato faz o machucado arder.”

A sra. Heathcliff insistiu que eu obedecesse às suas ordens antes de me deixar tocá-la. Só depois que mandei o cocheiro se aprontar e pedi que uma criada metesse umas poucas mudas de roupa numa mala, tive permissão para cuidar do ferimento e ajudá-la a trocar de roupa.

“Agora, Ellen”, disse a sra. Heathcliff quando eu terminei e ela estava sentada numa poltrona perto da lareira, com uma xícara de chá à sua frente, “sente-se aqui diante de mim e deixe o bebê da pobre Catherine em outro lugar. Não gosto de olhar para ele! Você não deve pensar que não me importo com Catherine só porque me comportei de maneira tão tola ao entrar. Já chorei lágrimas amargas também — sim, mais do que qualquer outra pessoa tem motivo para chorar. Nós nos separamos brigadas, como você deve se lembrar, e eu jamais me perdoarei. Mas apesar de tudo isso, não tenho pena dele — aquele animal! Ah, me dê o atiçador. Esta é a última coisa dele que está comigo.” Ela tirou a aliança de ouro do terceiro dedo e jogou-a no chão. “Vou esmagá-la!”, continuou, golpeando-a com uma raiva infantil. “E depois queimá-la!” E pegou o objeto maltratado e atirou no meio dos carvões. “Pronto! Ele vai ter de comprar outra, se me alcançar de novo. Seria capaz de vir atrás de mim para aborrecer Edgar. Não me atrevo a ficar aqui, com medo de que essa ideia surja em sua cabeça perversa! Além do mais, Edgar não foi generoso comigo, não é? E eu não vou exigir a ajuda dele, nem trazer-lhe mais problemas. A necessidade me obrigou a procurar abrigo aqui, mas, se eu não tivesse ouvido dizer que ele estava trancado em seus aposentos, teria ficado na cozinha, lavado o rosto,

me esquentado, pedido que você trouxesse o que eu queria e partido para qualquer lugar fora do alcance do meu maldito… Daquele demônio encarnado! Ah, ele estava numa fúria… Se tivesse me pegado! É uma pena que Earnshaw não tenha como medir forças com ele. Se Hindley fosse capaz de destroçá-lo, eu só teria fugido depois de ver isso!”

“Não fale tão depressa!”, interrompi. “A senhora vai tirar do lugar o lenço que amarrei ao redor do seu rosto e fazer o corte sangrar de novo. Tome seu chá, recupere o fôlego e pare de rir. O riso infelizmente não tem lugar sob este teto, ainda mais na sua condição!”

“Uma verdade inegável”, respondeu ela. “Ouça só essa criança! Ela não para de chorar. Mande esse bebê para longe dos meus ouvidos, uma hora só. Não ficarei mais do que isso aqui.”

Toquei a sineta e deixei o bebê aos cuidados de uma criada. Então, perguntei o que a levara a escapar de Wuthering Heights de maneira tão intempestiva e para onde pretendia ir, já que se recusava a ficar conosco.

“Eu devia ficar, e gostaria de fazer isso”, respondeu a sra. Heathcliff, “para alegrar Edgar e tomar conta do bebê, em primeiro e segundo lugar, e também porque a Grange é meu lar de verdade. Mas garanto que ele não ia deixar! Acha que ele ia suportar me ver engordando e ficando alegre? Que ia suportar saber que nós estávamos tranquilos, sem resolver envenenar nosso conforto? Agora, tenho a satisfação de saber que ele me detesta a ponto de ficar seriamente irritado quando me ouve ou me vê. Percebo, quando chego perto do meu marido, que os músculos do seu rosto involuntariamente se distorcem numa expressão de ódio — em

parte por ele saber que tenho bons motivos para sentir o mesmo por ele, e em parte por causa da aversão que ele sempre teve por mim. Essa aversão é forte o bastante para me fazer ter quase certeza de que ele não iria me perseguir por toda a Inglaterra se eu conseguisse escapar e, por isso, preciso ir para bem longe. Recuperei-me do meu desejo antigo de ser morta por ele. Prefiro que ele se mate! Ele fez meu amor se extinguir por completo, de modo que estou descansada. Ainda consigo lembrar de como o amava, e posso imaginar vagamente que ainda seria capaz de amá-lo se… Não, não! Mesmo se ele me adorasse, aquela natureza demoníaca teria se revelado de alguma maneira. Catherine tinha um gosto terrivelmente pervertido, pois o estimava tanto, mesmo conhecendo-o tão bem. Monstro! Como seria bom se ele pudesse ser apagado da criação e da minha memória!"

"Não diga isso! Ele é um ser humano", disse eu. "Seja mais caridosa. Ainda existem homens piores do que ele!"

"Ele não é um ser humano", retrucou ela, "e não tem direito à minha caridade. Eu lhe dei meu coração e ele pegou-o, torceu-o até matá-lo e atirou-o de volta para mim. As pessoas sentem com o coração, Ellen, e como ele destruiu o meu, não tenho a capacidade de sentir nada por ele. E não sentiria nem se ele gemesse de hoje até o dia de sua morte, e chorasse lágrimas de sangue por Catherine! Não, não sentiria mesmo!" Nesse momento, Isabella começou a chorar. Mas logo enxugou as lágrimas dos cílios e recomeçou.

"Você quer saber o que afinal me levou a fugir? Fui impelida a tentar porque consegui fazer sua fúria ultrapassar sua malignidade. Arrancar os nervos de alguém com tenazes em brasa requer mais

frieza do que dar uma pancada em sua cabeça. Ele ficou com tanta raiva que se esqueceu da prudência demoníaca de que se gaba e passou à violência assassina. Eu senti prazer em conseguir exasperá-lo. Essa sensação de prazer despertou meu instinto de autopreservação. Por isso, me libertei e, se algum dia voltar a cair nas mãos do meu marido, ele terá o direito a se vingar de mim de maneira exemplar.

"O sr. Earnshaw queria ir ao enterro ontem. Ele ficou sóbrio com essa intenção — razoavelmente sóbrio, sem ir para a cama ensandecido às seis e acordar ao meio-dia. A consequência é que se levantou com um ânimo suicida, tão apto para ir à igreja quanto para ir a um baile. E, em vez de ir, sentou perto do fogo e engoliu copos e mais copos cheios de gim ou conhaque.

"Do último domingo até hoje, Heathcliff — dizer seu nome me faz estremecer! — se comportou como um estranho. Não sei se foi alimentado pelos anjos ou por seus irmãos debaixo da terra, mas não faz uma refeição conosco há quase uma semana. Chega em casa no raiar do dia, sobe para o quarto e se tranca lá dentro — como se alguém sonhasse em desejar sua companhia! E lá fica, rezando como um metodista. Mas a deidade à qual faz suas súplicas não sente nada, é feita de pó e cinzas; e Deus, quando invocado, se confunde curiosamente com o pai do suplicante, o senhor das trevas! Após concluir essas preciosas orações, que em geral duram até ele ficar rouco, com a voz estrangulada, sai de novo, sempre direto para a Grange. Não sei como Edgar não chamou um policial e mandou prendê-lo! Por mais triste que eu estivesse por Catherine, foi impossível não encarar como um feriado essa temporada de liberdade de uma opressão degradante.

“Recobrei ânimo o suficiente para ouvir os eternos sermões de Joseph sem chorar, e para me mover pela casa sem me parecer tanto com um ladrão alarmado quanto antes. Você não imaginaria que eu fosse capaz de verter lágrimas por qualquer coisa que saísse da boca de Joseph, mas ele e Hareton são companhias detestáveis. Prefiro ficar com Hindley e ouvir sua conversa horrível a permanecer com ‘o patrãozinho’ e seu defensor incansável, aquele velho odioso!

“Quando Heathcliff está em casa, eu muitas vezes sou obrigada a ir para a cozinha ficar com eles, ou a passar frio nos quartos úmidos e desertos. Quando não está, como foi o caso esta semana, coloco uma mesa e uma cadeira num dos cantos do fogo que fica aceso na sala e pouco me importa como o sr. Earnshaw se ocupa. Ele não interfere nos meus assuntos. Hoje em dia, é mais quieto do que costumava ser, se ninguém o provocar. É mais amuado e triste, e menos violento. Joseph garante que ele mudou. Que o Senhor tocou seu coração e que ele está salvo ‘como que através do fogo’. Não consigo discernir nenhum sinal de mudança favorável, mas isso não me diz respeito.

“Na noite de ontem, fiquei sentada no meu canto, lendo alguns livros antigos, até quase a meia-noite. Parecia tão lúgubre subir com os turbilhões de neve soprando lá fora e os meus pensamentos sempre voltando ao cemitério e ao túmulo recém-cavado! Eu mal me atrevia a erguer os olhos da página, pois essa cena melancólica na hora usurpava seu lugar.

“Hindley estava sentado na minha frente. Tinha a cabeça apoiada na mão e talvez estivesse refletindo sobre o mesmo assunto. Havia parado de beber a tempo de não perder o senso e havia duas ou

três horas não se movia, nem falava. Na casa, não se ouvia nem um som além do gemido do vento que sacudia as janelas de tempos em tempos, do leve crepitar dos carvões e do clique da minha espevitadeira quando eu cortava o pavio longo da vela. Hareton e Joseph provavelmente estavam na cama, dormindo um sono profundo. Foi uma ocasião muito, muito triste, e eu suspirava enquanto lia, pois parecia-me que toda a alegria se esvaecera do mundo, para nunca mais voltar.

"O silêncio melancólico afinal foi quebrado pelo som do trinco da cozinha. Heathcliff tinha voltado de sua vigília mais cedo do que o normal, devido, suponho, à tempestade súbita.

"Aquela porta estava trancada, e nós o ouvimos dando a volta para entrar pela outra. Eu me levantei e tal foi a força da expressão que me escapou dos lábios que Hindley, até então com os olhos fixos na porta, se virou e me encarou.

"'Vou deixá-lo trancado lá fora durante cinco minutos!', exclamou ele. 'Você não se incomoda, não é?'

"'Por mim, pode deixá-lo lá fora a noite toda', respondi. 'Faça isso! Coloque a chave na fechadura e feche os trincos.'

"Earnshaw conseguiu fazer isso antes que seu convidado chegasse à porta da frente. Ele então colocou sua cadeira do outro lado da mesa onde eu estava, debruçando-se sobre ela e buscando nos meus olhos simpatia com o ódio ardente que brilhava nos seus. Como tinha a aparência e os sentimentos de um assassino, não pôde encontrar completa concordância, mas descobriu o bastante para ter coragem de dizer algo.

"'Tanto a senhora quanto eu temos uma grande dívida a cobrar daquele homem que está aí fora! Se não formos covardes, talvez

possamos fazer isso. Você é mole igual a seu irmão? Está disposta a suportar até o fim sem nunca querer uma revanche?'

"'Já estou farta', respondi, 'e ficaria feliz com uma retaliação que não acabasse por me atingir. Mas a traição e a violência são lanças com duas pontas: elas ferem mais quem as utiliza do que a seus inimigos.'

"'A traição e a violência são um pagamento justo pela traição e pela violência!', exclamou Hindley. 'Sra. Heathcliff, não lhe peço que faça nada além de ficar imóvel e em silêncio. Diga-me agora se é capaz disso. Tenho certeza de que sentiria tanto prazer quanto eu em testemunhar o fim da vida desse demônio. Ele causará a *sua* morte se não for mais esperta do que ele. E será a *minha* ruína. Maldito seja esse patife dos infernos! Ele bate na porta como se já fosse o dono da casa! Prometa que vai ficar calada e, antes que aquele relógio bata… faltam só três minutos para a uma… a senhora será uma mulher livre!'

"Ele puxou do peito o objeto que descrevi para você na minha carta, e teria apagado a vela. Mas eu a afastei depressa e agarrei seu braço.

"'Eu não vou ficar calada!', exclamei. 'O senhor não pode tocar nele. Deixe a porta fechada e fique quieto!'

"'Não! Já tomei minha decisão e juro por Deus que irei cumpri-la!', disse aquele ser desesperado. 'Farei essa gentileza para a senhora, mesmo que não queira, e farei justiça em nome de Hareton. E não precisa se preocupar em me proteger. Catherine se foi. Ninguém nesta vida sentiria minha falta ou sentiria vergonha se eu cortasse minha garganta agora mesmo. E já está na hora disso chegar ao fim!'

“Teria sido mais fácil eu lutar com um urso ou argumentar com um lunático. O único recurso que me restava era correr até uma treliça e avisar sua possível vítima do destino que o aguardava.

“‘É melhor buscar abrigo em algum outro lugar esta noite!’, exclamei num tom triunfal. ‘O sr. Earnshaw pretende lhe dar um tiro, se insistir em tentar entrar.’

“‘Acho bom você abrir a porta, sua…’, respondeu ele, se dirigindo a mim com um termo elegante que não quero repetir.

“‘Não irei interferir na questão’, retruquei. ‘Entre e leve um tiro, se quiser! Já cumpri o meu dever.’

“Dizendo isso, fechei a janela e voltei ao meu lugar perto do fogo, pois não possuo hipocrisia o bastante para fingir que estava sentindo qualquer ansiedade diante do perigo que o ameaçava.

“Earnshaw soltou impropérios terríveis para mim, afirmando que eu ainda amava o patife e me xingando de toda sorte de nomes pela vileza do meu espírito. E eu, no fundo do meu coração (sem que minha consciência jamais me repreendesse), pensei que bênção seria para *ele* se Heathcliff acabasse com a sua desdita, e que bênção seria para *mim* se ele mandasse Heathcliff para o lugar ao qual ele pertence! Enquanto estava sentada, refletindo sobre isso, o caixilho atrás de mim caiu no chão após levar uma pancada de Heathcliff, cujo rosto hediondo surgiu do outro lado como um flagelo. Os painéis eram estreitos demais para permitir que seus ombros passassem, e eu sorri, exultante na minha segurança imaginária. Os cabelos e as roupas dele estavam brancos de neve e seus dentes agudos de canibal, revelados pelo frio e pela ira, brilhavam no escuro.

“‘Isabella, me deixe entrar ou eu farei você se arrepender’, esturrou ele, como diz Joseph.

“‘Não posso cometer um assassinato’, respondi. ‘O sr. Hindley está de guarda com uma faca e uma pistola carregada.’

“‘Abra a porta da cozinha para mim!’

“‘Hindley chegará lá antes de mim. E esse seu amor é muito fraco, se não consegue suportar um pouco de neve! Fomos deixados em paz nas nossas camas enquanto a lua do verão brilhava, mas assim que uma lufada de inverno retorna, você corre pedindo abrigo! Heathcliff, se eu fosse você, ia me deitar em cima do túmulo dela e morrer como um cachorro fiel… Certamente não vale mais a pena viver neste mundo, vale? Você tinha dito com todas as palavras para mim que Catherine era a única alegria da sua vida… Não imagino como pode pensar em sobreviver à perda dela.’

“‘Ele está aí, é?’, perguntou Hindley, correndo até o buraco. ‘Posso passar meu braço para fora e acertá-lo!’

“Temo, Ellen, que você vá me considerar perversa. Mas não sabe de tudo, por isso, não me julgue! Eu não teria auxiliado ninguém a tirar nem a vida *dele*, por nada no mundo. Mas não posso deixar de desejar sua morte. Assim, fiquei profundamente decepcionada, além de aterrorizada com as possíveis consequências da minha provocação, quando Heathcliff se atirou sobre a arma de Earnshaw e arrancou-a das mãos dele.

“A carga explodiu e o canivete, ao se dobrar, atingiu o pulso de seu dono. Heathcliff puxou a arma com toda a força, abrindo a carne, e guardou-a pingando no bolso. Ele então pegou uma pedra, destruiu a divisória entre dois painéis da janela e pulou para dentro.

Seu adversário perdera os sentidos devido à enorme dor e ao sangue que jorrava de uma artéria ou veia larga.

“O patife chutou-o, pisoteou-o e bateu diversas vezes sua cabeça contra as lajes, ao mesmo tempo que me segurava com uma das mãos para impedir-me de ir buscar Joseph.

“Ele exerceu um autocontrole sobre-humano ao abster-se de liquidar Hindley. Ficou sem fôlego e, afinal, desistiu e arrastou o corpo aparentemente inanimado para o banco de madeira.

“Lá, arrancou a manga do casaco de Earnshaw e atou a ferida com uma violência brutal, cuspindo e praguejando com a mesma energia com que o chutara antes.

“Livre das mãos dele, não hesitei em procurar o velho criado. Ele, quando conseguiu, de pouquinho em pouquinho, compreender o conteúdo do meu relato apressado, correu para baixo, arfante, descendo os degraus de dois em dois.

“‘O que que foi? O que que foi?’

“‘Foi isso!’, trovejou Heathcliff. ‘Seu patrão está doido e, se ele durar mais um mês, vou interná-lo num asilo. E que diabo de história é essa de me trancar do lado de fora, seu cachorro desdentado? Não fique aí resmungando. Ande logo, eu não vou cuidar dele. Lave isso. E cuidado com as faíscas da sua vela. Ele está encharcado de conhaque!’

“‘E por isso você tava matando ele?’, disse Joseph, erguendo as mãos e os olhos, horrorizado. ‘Eu nunca que vi nada igual! Que que o Senhor…’

“Heathcliff jogou-o de joelhos no chão no meio do sangue e atirou-lhe uma toalha. Mas, em vez de pôr-se a enxugar, o velho uniu as mãos e começou uma prece com uma fraseologia que me deu

vontade de rir. Eu não estava em condições de me chocar com nada. Na verdade, estava tão destemida quanto alguns malfeitores ficam ao pé da forca.

"'Ah, eu me esqueci de você', disse o tirano. 'Você é quem vai fazer isso. Para baixo. Quer dizer que conspirou com ele contra mim, é, sua víbora? Pronto, esse é um trabalho perfeito para você!'

"Ele me sacudiu até meus dentes chacoalharem e me jogou ao lado de Joseph, que continuou sua súplica sem se abalar e, então se levantou, jurando que ia imediatamente para a Grange. O sr. Linton era um magistrado e, mesmo se tivesse perdido cinquenta esposas, iria investigar isso.

"Joseph estava tão obstinado em sua resolução que Heathcliff achou conveniente me obrigar a fazer uma recapitulação do que havia acontecido. Postou-se diante de mim, transbordando malevolência, enquanto eu relutantemente fazia um relato em resposta às suas perguntas.

"Foi preciso muito esforço para persuadir o velho de que meu marido não tinha sido o agressor, principalmente com as minhas respostas forçadas. No entanto, o sr. Earnshaw logo mostrou que ainda estava vivo. Joseph correu a dar-lhe uma dose de aguardente e, com esse auxílio, seu patrão em pouco tempo recobrou os movimentos e a consciência.

"Heathcliff, sabendo que o sr. Earnshaw ignorava o tratamento que recebera quando estava desmaiado, declarou que ele estava delirante de tão bêbado e disse que não daria mais atenção à sua conduta atroz, aconselhando-o a ir para a cama. Para minha alegria, ele nos deixou após dar esse sábio parecer, e Hindley se esticou na

laje diante da lareira. Eu fui para o meu quarto, atônita por ter escapado tão fácil.

“Esta manhã, quando desci lá pelas onze e meia, o sr. Earnshaw estava sentado perto do fogo, mortalmente ferido. O espírito maligno que o persegue encontrava-se encostado na chaminé, com uma aparência quase tão esquálida e terrível quanto a dele. Nenhum dos dois parecia inclinado a almoçar e, quando tudo na mesa já estava frio, comecei a comer sozinha, cansada de esperar.

“Nada me impedia de comer com gosto, e eu tive uma certa sensação de satisfação e superioridade quando, de tempos em tempos, olhava de relance para os meus companheiros silenciosos, sentindo o consolo que era ter uma consciência tranquila.

“Ao terminar, tomei a liberdade extraordinária de me aproximar do fogo, dando a volta na cadeira de Earnshaw e me ajoelhando no canto ao seu lado.

“Heathcliff não se virou na minha direção, e eu ergui o olhar e contemplei suas feições, quase com tanta confiança quanto se elas houvessem sido transformadas em pedra. Sua fronte, que eu já achei tão máscula, e que agora considero tão diabólica, estava anuviada; seus olhos de basilisco, quase apagados pela insônia — e talvez pelas lágrimas, pois os cílios estavam molhados naquele momento. Seus lábios não tinham o sorriso sardônico e feroz de sempre, e estavam fechados numa expressão de tristeza indizível. Se fosse outra pessoa, eu teria coberto o meu rosto na presença de tamanha dor. Como era *ele*, senti-me gratificada. E por mais ignóbil que pareça insultar um inimigo caído, não pude perder a chance de cravar-lhe um dardo. Seu momento de fraqueza era o único no qual podia provar a delícia de pagar na mesma moeda.”

“Que vergonha!”, interrompi. “Até parece que a senhorita nunca abriu uma Bíblia na vida. Se Deus castiga seus inimigos, isso já devia bastar. É mesquinharia e presunção acrescentar sua tortura à Dele!”

“Em geral, eu concordaria, Ellen”, continuou Isabella. “Mas que desgraça recaída sobre Heathcliff há de me contentar, a não ser que eu tenha responsabilidade por ela? Prefiro que ele sofra *menos*, se puder causar seu sofrimento, e se ele *souber* que fui sua causa. Ah, eu devo tanto a ele. Apenas sob uma condição posso ter a esperança de perdoá-lo. Se puder arrancar olho por olho, dente por dente, se puder retribuir cada pontada de agonia e rebaixá-lo ao meu nível. Como ele foi o primeiro a ferir, que seja o primeiro a implorar perdão. Então… então, Ellen, talvez eu possa demonstrar alguma generosidade. Mas é completamente impossível que eu jamais possa me vingar e, portanto, não posso perdoá-lo. Hindley queria um pouco d’água. Dei-lhe um copo e perguntei como ele estava.

“‘Não tão doente quanto gostaria’, ele respondeu. ‘Mas, com exceção do meu braço, cada palmo do meu corpo está tão dolorido quanto se eu houvesse lutado contra uma legião de demônios!’

“‘Não me admira’, comentei. ‘Catherine costumava se gabar, afirmando proteger o senhor de danos físicos. Queria dizer com isso que certas pessoas não o machucariam, por medo de ofendê-la. Que bom que ninguém se levanta realmente do túmulo, ou, ontem à noite, ela poderia ter testemunhado uma cena repulsiva. Por acaso o senhor não está com manchas roxas e cortes no peito e nos ombros?’

“‘Não sei. Mas o que quer dizer? Ele ousou me bater quando eu estava desacordado?’

“‘Ele pisoteou, chutou e jogou o senhor contra o chão’, sussurrei. ‘E ficou com água na boca para despedaçá-lo com os dentes. Pois é apenas metade homem — metade, ou menos.’

“O sr. Earnshaw, assim como eu, ergueu os olhos para fitar o semblante do nosso inimigo comum que, absorto em sua angústia, parecia inconsciente de tudo a seu redor. Quanto mais tempo passava ali, mais evidente mostrava na expressão do rosto a vileza de suas reflexões.

“‘Ah, se Deus apenas me desse forças para estrangulá-lo em minha agonia final, eu iria para o inferno com alegria’, gemeu o impaciente homem, contorcendo-se ao tentar levantar e voltando a desabar em desespero, convencido de que era incapaz de travar aquela batalha.

“‘Não, já basta ele ter matado um de vocês’, observei em voz alta. ‘Na Grange, todos sabem que sua irmã estaria viva se não fosse pelo sr. Heathcliff. Afinal, é preferível ser odiada a ser amada por ele. Quando eu me lembro como nós éramos felizes, como Catherine era feliz antes de ele voltar, chego a amaldiçoar aquele dia.’

“É muito provável que Heathcliff tenha notado mais a verdade do que foi dito do que a intenção de quem o disse. Eu vi que aquilo despertou a sua atenção, pois lágrimas rolaram de seus olhos para as cinzas e ele soltou suspiros sufocantes.

“Eu o encarei e dei uma risada de escárnio. Seus olhos, aquelas janelas anuviadas do inferno, soltaram chispas na minha direção por um instante. Mas o demônio que em geral espreitava dali de dentro

estava tão baço e engolfado que eu não tive medo, e emiti outro som de desprezo.

“‘Levante e suma da minha frente’, disse o enlutado.

“Pelo menos eu acho que foi isso que disse, pois sua voz mal estava inteligível.

“‘Com licença’, respondi, ‘mas eu também amava Catherine, e, por ela, irei ministrar os cuidados que seu irmão requer. Agora que Catherine está morta, eu a vejo em Hindley. Ele teria exatamente os mesmos olhos, se você não houvesse tentado arrancá-los, se eles não estivessem feridos e vermelhos, e a mesma…’

“‘Levante, sua idiota desgraçada, antes que eu a espanque até a morte!’, gritou ele, fazendo um gesto que me levou a me mover também.

“‘Mas’, continuei, pronta para fugir, ‘se a pobre Catherine houvesse confiado em você e assumido o nome ridículo, desprezível e degradante de sra. Heathcliff, logo estaria com uma aparência parecida! *Ela* não teria suportado seu comportamento abominável em silêncio; sem dúvida, teria manifestado seu ódio e sua repugnância.’

“O espaldar alto do banco e o corpo de Earnshaw estavam entre mim e Heathcliff. Por isso, em vez de tentar me alcançar, ele agarrou uma faca da mesa e atirou-a na direção da minha cabeça. Ela me atingiu atrás da orelha e interrompeu a frase que eu estava dizendo; mas, arrancando-a dali, corri para a porta e disse outra que espero ter penetrado mais fundo do que seu petardo.

“A última coisa que vislumbrei foi o assomo furioso de Heathcliff, impedido pelos braços de seu anfitrião. Os dois caíram, engalfinhados, diante da lareira.

“Ao escapar pela cozinha, pedi que Joseph fosse correndo ajudar seu patrão, derrubei Hareton, que estava enforcando uma ninhada de cachorrinhos numa cadeira perto da porta, e radiante como uma alma fugida do purgatório, vim aos pulos e saltos pela estrada íngreme. Então deixei as curvas do caminho e corri em disparada pelos urzais, rolando nas encostas, passando pelos pântanos com água pela cintura, e, em suma, me precipitando na direção da Grange, que brilhava ao longe como um farol. E prefiro mil vezes ser condenada a uma existência perpétua nas regiões infernais a voltar a passar uma única noite sob o teto de Wuthering Heights.”

Isabella parou de falar e tomou um gole de chá. Então ela se levantou e, pedindo-me que a vestisse com um chapéu e um enorme xale que eu trouxera, e ignorando minhas súplicas para que esperasse mais uma hora, subiu numa cadeira, beijou os retratos de Edgar e Catherine, cumprimentou-me da mesma forma e desceu para tomar a carruagem acompanhada de Fanny, que latia de alegria por ter a dona de volta. Ela foi levada embora e nunca mais voltou para esta região, mas passou a se corresponder regularmente com o meu patrão quando as coisas estavam mais calmas.

Acredito que tenha ido viver no sul, perto de Londres. Lá, teve um filho, alguns meses após sua fuga. Ele foi batizado de Linton e, desde o começo, Isabella contou que era uma criatura doentia e irritadiça.

O sr. Heathcliff, encontrando-me certo dia na aldeia, perguntou onde ela morava. Eu me recusei a dizer. Ele comentou que não tinha importância, mas que Isabella deveria tomar o cuidado de não

visitar o irmão. Disse que não permitiria uma reunião dos dois, nem que precisasse impedi-la pessoalmente.

Embora eu não tenha dado nenhuma informação, o sr. Heathcliff descobriu, através de alguns dos outros criados, tanto onde Isabella residia quanto a existência do menino. Mesmo assim, não a incomodou. Suponho que ela deva agradecer à aversão dele por essa tolerância.

Heathcliff muitas vezes perguntava pelo menino quando me encontrava e, ao saber seu nome, deu um sorriso mau e observou:

“Eles querem que eu o odeie também, é?”

“Acho que querem que o senhor mantenha distância dele”, respondi.

“Mas eu o terei, quando o quiser. Eles podem ter certeza!”

Felizmente, a mãe morreu antes que isso acontecesse, cerca de treze anos após o falecimento de Catherine, quando Linton tinha doze anos ou um pouco mais.

No dia seguinte à visita inesperada de Isabella, eu não tive oportunidade de falar com o meu patrão: ele se recusou a conversar, e não era capaz de discutir nada. Quando consegui fazê-lo escutar, vi que ficou satisfeito com o fato de a irmã ter abandonado o marido, a quem detestava com uma intensidade que mal parecia possível em alguém de natureza tão mansa. Sua aversão era tão profunda e surgia tão depressa que ele não ia a nenhum lugar onde pudesse ver Heathcliff ou ouvir falar dele. A dor, somada a isso, o transformou num ermitão consumado. O sr. Linton abriu mão de sua posição de magistrado, deixou até mesmo de frequentar a igreja, evitava a aldeia em todas as ocasiões e levava uma vida de completo isolamento dentro dos limites de sua

propriedade, deixando-a apenas para dar passeios solitários nos urzais e ir ao túmulo da esposa, em geral de noite ou de manhã cedo, antes que os outros saíssem.

Mas o patrão era bom demais para ser completamente infeliz durante muito tempo. *Ele* não rezava para que a alma de Catherine o assombrasse: o tempo trouxe a resignação e uma melancolia mais doce do que a alegria comum. O sr. Linton lembrava de Catherine com um amor ardoroso e tenro, e com a esperança de ir para um mundo melhor, onde não duvidava que ela estivesse.

E também tinha consolos nesta terra. Como eu disse, durante alguns dias, pareceu indiferente à franzina sucessora da falecida. Mas essa frieza derreteu tão depressa quanto a neve em abril e, antes que a pequena balbuciasse uma palavra ou arriscasse um passo, já ocupava o lugar de um déspota em seu coração.

Ela foi batizada de Catherine, mas o sr. Linton nunca a chamou pelo nome inteiro, assim como nunca chamara a primeira Catherine pelo diminutivo, provavelmente porque Heathcliff tinha o hábito de fazê-lo. A menina sempre foi Cathy. Isso, para Linton, a diferenciava da mãe e, por outro lado, criava um elo entre as duas; e sua afeição nasceu muito mais da ligação da criança com a mãe do que do fato de ela ser sua própria filha.

Eu costumava comparar o sr. Linton a Hindley Earnshaw, sem nunca conseguir explicar de maneira satisfatória por que sua conduta foi tão oposta em circunstâncias semelhantes. Ambos tinham sido maridos apaixonados e ambos amavam os filhos, e eu não era capaz de compreender por que não tinham enveredado pelo mesmo caminho, para o bem ou para o mal. Mas, refletia eu, Hindley, que aparentemente tinha a cabeça mais forte, provara ser

um homem muito pior e muito mais fraco. Quando sua nau foi atingida, o capitão abandonou o posto, e a tripulação, em vez de tentar salvá-la, se revoltou, causando tumulto e deixando sem esperança a pobre e desafortunada embarcação. Linton, ao contrário, demonstrou a coragem verdadeira de uma alma leal e fiel: ele confiou em Deus, e Deus o consolou. Um teve esperança, o outro entrou em desespero: eles escolheram seus próprios destinos e foram condenados a suportá-los, como era o correto.

Mas o senhor não quer ouvir meus sermões, sr. Lockwood. Saberá julgar tudo isso tão bem quanto eu. Pelo menos, irá acreditar que sabe, o que dá no mesmo.

O fim de Earnshaw foi mais ou menos o esperado: aconteceu logo depois do falecimento de sua irmã. Foram menos de seis meses entre uma morte e outra. Nós, na Grange, nunca ouvimos um relato muito preciso sobre o estado dele antes de morrer. Tudo o que eu soube, descobri quando fui ajudar nos preparativos para o funeral. O sr. Kenneth veio contar o ocorrido ao patrão.

“Muito bem, Nelly”, disse ele, entrando a cavalo no pátio certa manhã, cedo demais para não me fazer pressentir de imediato as más notícias. “Nós é que vamos ficar de luto agora. Quem você acha que desencarnou?”

“Quem?”, perguntei, nervosa.

“Ora, adivinhe!”, respondeu ele, apeando e passando a rédea no gancho perto da porta. “E puxe a ponta do avental, pois tenho certeza de que vai precisar.”

“Não pode ter sido o sr. Heathcliff!”, exclamei.

“O quê! Você choraria por ele?”, disse o médico. “Não, Heathcliff é um rapaz forte. Ele está corado hoje. Acabei de vê-lo. Está

engordando depressa depois que perdeu a amada.”

“Então quem foi, sr. Kenneth?”, repeti, impaciente.

“Hindley Earnshaw! Seu velho amigo Hindley, meu falastrão malvado. Apesar de que andava doido demais para o meu gosto nos últimos tempos. Pronto! Eu disse que suas lágrimas iam rolar. Mas anime-se! Ele morreu como sempre vivia, caindo de bêbado. Coitado. Eu também lamento. Não se pode deixar de sentir falta de um velho companheiro, embora ele fizesse umas coisas tão horríveis que mal dava para acreditar, e já tenha sido um grande canalha comigo. Parece que mal tinha completado vinte e sete anos. É a sua idade. Quem imaginaria que vocês dois nasceram no mesmo ano?”

Confesso que esse golpe foi mais pesado para mim do que o choque da morte da sra. Linton. Ainda havia associações muito antigas no meu coração. Eu me sentei sob o pórtico e chorei como se tivesse perdido um parente de sangue, pedindo que Kenneth chamasse outro criado para anunciar sua presença para o patrão.

Não podia deixar de pensar numa pergunta: tinha sido tudo nos conformes? Por mais que eu tentasse esquecer essa questão, ela continuou a me incomodar. Foi tão cansativamente pertinaz que resolvi pedir permissão para ir a Wuthering Heights ajudar a cumprir o último dever com o morto. O sr. Linton relutou muito em consentir, mas eu descrevi com eloquência a solidão em que Hindley se encontrava e disse que meu antigo patrão e irmão de criação tinha tanto direito aos meus serviços quanto ele próprio. Além do mais, lembrei-lhe que o menino, Hareton, era sobrinho de sua esposa e que, como não havia parente mais próximo, ele devia agir como seu

responsável, exigindo saber qual era o estado da propriedade e examinando os negócios do cunhado.

O sr. Linton não tinha condições de cuidar daquelas questões naquela época, mas me mandou falar com seu advogado e, após algum tempo, me permitiu ir. O advogado dele era o mesmo de Earnshaw. Fui até a aldeia e pedi-lhe que me acompanhasse. Ele balançou a cabeça e me disse que devia deixar Heathcliff em paz, afirmando que, se descobrissem a verdade, saberiam que Hareton era pouco mais do que um mendigo.

"O pai dele morreu com dívidas. A propriedade toda foi hipotecada, e a única chance do herdeiro é que lhe permitam a oportunidade de fazer nascer algum interesse no coração do credor, para que este fique inclinado a ser leniente com ele."

Quando cheguei à Heights, expliquei que viera ter certeza de que tudo seria feito de maneira decente, e Joseph, que parecia suficientemente abalado, expressou satisfação com a minha presença. O sr. Heathcliff disse que não via por que eu era necessária, mas que poderia ficar e organizar o funeral, se quisesse.

"O correto seria que o corpo daquele imbecil fosse enterrado na encruzilhada,[11] sem nenhuma cerimônia", comentou ele. "Eu por acaso o deixei dez minutos sozinho na tarde de ontem e, enquanto estava do lado de fora, ele trancou as duas portas da casa e passou a noite bebendo até morrer, de caso pensado! Nós derrubamos a porta esta manhã, pois o ouvimos roncando como um cavalo. E lá estava ele, no banco de madeira. Não ia acordar nem se eu o esfolasse e o escalpelasse. Mandei chamar Kenneth, e ele veio,

mas só quando a besta já tinha virado carniça. Estava morto, frio e duro, e você há de admitir que era inútil se preocupar mais com ele!”

O velho criado confirmou essa afirmação, mas resmungou:

“Eu preferia que ele que tivesse ido atrás do médico! Eu ia ter cuidado do patrão melhor do que ele. Ele não tava morto quando eu saí, não tava mesmo!”

Eu insisti que o funeral fosse respeitável. O sr. Heathcliff disse que eu podia fazer o que quisesse nessa questão também, mas me mandou lembrar que o dinheiro para tudo aquilo ia sair do bolso dele.

O sr. Heathcliff se comportou o tempo todo de maneira gélida e indiferente, não indicando nem alegria, nem tristeza. Se expressou alguma coisa, foi uma satisfação impiedosa em ter conseguido realizar um trabalho difícil. Na verdade, em dado momento eu observei algo em sua aparência que me pareceu ser exultação: foi quando as pessoas estavam tirando o caixão da casa. Ele teve a hipocrisia de se meter entre os que choravam o morto e, antes de sair no cortejo com Hareton, colocou o infeliz menino em cima da mesa e murmurou, com um contentamento extraordinário:

“Agora, meu belo rapaz, você é *meu*! E vamos ver se uma árvore não fica tão torta quanto a outra, com o mesmo vento para retorcê-la!”

O inocente ficou feliz ao ouvir isso: brincou com as suíças de Heathcliff e acariciou a face dele. Mas eu adivinhei o significado daquela frase e observei, num tom mordaz:

“Esse menino precisa ir comigo para Thrushcross Grange. Nada no mundo pertence menos ao senhor do que ele!”

“É isso que Linton diz?”, exigiu saber ele.

“Claro. Ele deu ordens para que eu o levasse”, respondi.

“Bem, não vamos discutir esse assunto agora”, disse o patife. “Mas estou com vontade de tentar criar um menino tão próximo do seu patrão que terei de substituir este pelo meu próprio, se alguém tentar tirá-lo daqui. Não prometo deixar Hareton ir sem brigar, mas garanto que obrigarei o outro a vir! Lembre-se de dizer isso a ele.”

Essa insinuação foi suficiente para nos deixar de mãos atadas. Ao voltar, repeti seu conteúdo para Edgar Linton e ele, que já estava pouco interessado desde o princípio, não falou mais em interferir. Não tenho certeza se teria conseguido, mesmo se estivesse disposto.

O hóspede agora era o dono de Wuthering Heights. Ele tomou posse e provou para o advogado, e este, por sua vez, para o sr. Linton, que Earnshaw havia hipotecado cada palmo de suas terras por dinheiro vivo para bancar sua mania de jogo. Ele, Heathcliff, era o hipotecário.

Dessa forma, Hareton, que agora deveria ser o homem mais rico da região, foi reduzido a um estado de completa dependência do inimigo inveterado do pai. Vive em sua própria casa como se fosse um criado, sem ter a vantagem de ganhar um salário, e não tem possibilidade de se acertar, pois não possui nenhum amigo e ignora por completo a injustiça cometida contra ele.

---

11. Local onde se enterravam aqueles que haviam cometido suicídio. (n. e.)

# iv

Os doze anos que se seguiram a esse período funesto foram os mais felizes da minha vida, continuou a sra. Dean. Os maiores problemas que tive nessa época foram as doenças bobas da nossa mocinha, que ela precisou ter — assim como precisam tê-las todas as crianças, ricas ou pobres.

De resto, após os primeiros seis meses, Catherine cresceu como um pinheiro, e já conseguia andar e falar, do seu jeitinho, antes de as urzes florescerem pela segunda vez sobre o pó da sra. Linton.

A menina era a coisa mais cativante que já trouxe a luz do sol para uma casa desolada. Uma beleza de rosto, com os lindos olhos escuros dos Earnshaw, mas a pele branca e as feições delicadas dos Linton, e cabelos louros e cacheados. Era altiva, mas não áspera, e também possuía um coração sensível no qual as afeições deixavam impressões vívidas. Essa capacidade de amar com intensidade me lembrava a mãe dela: mas as duas não eram parecidas, pois a menina podia ser doce como uma pomba e tinha uma voz gentil e uma expressão pensativa. Sua raiva nunca era furiosa e seu amor nunca era desvairado, mas profundo e terno.

No entanto, eu preciso reconhecer que Catherine possuía defeitos que contrastavam com suas qualidades. Um deles era uma propensão a ser atrevida, além de uma teimosia enorme que as crianças mimadas invariavelmente adquirem, quer tenham temperamentos bons ou ruins. Se um criado a aborrecia, ela sempre dizia: “Vou contar ao papai!”. E se o sr. Linton a repreendia, mesmo que apenas com o olhar, parecia que tinha feito algo de cortar o coração. Acredito que jamais tenha dito uma palavra ríspida para ela.

Ele tomou para si a educação da menina e fez dessa incumbência uma diversão. Por sorte, a curiosidade e uma inteligência rápida a levaram a ser uma estudante hábil. Catherine aprendeu depressa e com avidez, mostrando-se digna das lições do pai.

Até ela completar treze anos, não tinha passado dos limites do bosque sozinha nem uma vez. O sr. Linton, em raras ocasiões, a levava consigo numa caminhada de uma ou duas milhas fora da propriedade, mas não a confiava a mais ninguém. Gimmerton, para ela, era um lugar irreal. Com exceção de sua casa, a capela era o único edifício do qual se aproximava ou no qual entrava. Wuthering Heights e o sr. Heathcliff, para ela, não existiam. Era uma perfeita reclusa, e parecia completamente satisfeita. Mas, às vezes, enquanto examinava a vista da janela do seu quarto, observava:

“Ellen, quanto falta para eu poder caminhar até o topo daquelas colinas? Gostaria de saber o que há do outro lado. É o mar?”

“Não, srta. Cathy”, respondia eu. “São mais colinas, iguaizinhas a essas aqui.”

“E como ficam aquelas pedras douradas quando se está debaixo delas?”, perguntou ela certa vez.

O declive abrupto de Penistone Crags atraía particularmente a sua atenção, em especial quando o sol poente iluminava o rochedo e a Heights lá em cima, enquanto todo o resto da paisagem continuava mergulhado nas sombras.

Expliquei que aquelas eram rochas nuas, em cujas fendas mal havia terra suficiente para nutrir uma árvore atrofiada.

“Mas por que elas continuam iluminadas tanto tempo depois de já ser noite aqui?”, ela insistiu.

“Porque ficam num lugar muito mais alto. Você não iria conseguir escalá-las, pois são altas e íngremes demais. No inverno, a geada sempre chega lá antes de chegar aqui, e eu já achei neve naquela fissura preta do lado nordeste no meio do verão!”

“Ah, você já esteve lá!”, exclamou Catherine, cheia de júbilo. “Então eu posso ir também, quando for adulta. O papai já esteve lá, Ellen?”

“O papai diria à senhorita que a visita não vale o esforço”, respondi depressa. “Os urzais, onde você passeia com ele, são muito mais bonitos, e o bosque da Grange é o lugar mais lindo do mundo.”

“Mas eu já conheço o bosque, e não conheço aquelas rochas”, murmurou ela para si. “E adoraria olhar em volta do ponto mais alto. Meu pônei Minny vai me levar um dia desses.”

Quando uma das criadas mencionou a caverna das fadas, Catherine ficou de cabeça virada de tanto querer realizar esse desejo. Apoquentou tanto o sr. Linton que ele prometeu que faria o passeio quando ela fosse mais velha. Mas a srta. Linton media a idade em meses.

“E agora, já tenho idade para ir a Penistone Crags?”, perguntava a toda hora.

A estrada que levava até lá passava perto de Wuthering Heights. Edgar não tinha ânimo de subir por ela, por isso sempre dava a mesma resposta:

“Por enquanto não, meu amor. Por enquanto, não.”

Eu já disse que a sra. Heathcliff viveu mais de uma dúzia de anos depois que abandonou o marido. Sua família tinha a constituição delicada: nem ela, nem Edgar possuíam a saúde forte que em geral se encontra nesta região. Não sei bem qual foi a doença que a liquidou, mas acredito que eles morreram da mesma coisa: uma espécie de febre, baixa no começo, mas incurável e que, no final, consome a vida depressa.

Isabella escreveu para informar o irmão da provável conclusão de uma indisposição da qual já vinha sofrendo havia quatro meses, pedindo-lhe que viesse vê-la se possível, pois tinha muito a resolver e desejava lhe dar adeus e deixar Linton a salvo em suas mãos. Sua esperança era de que Linton pudesse ficar com ele, assim como pudera ficar com ela. Queria se convencer de que o pai do menino não tinha vontade de assumir o fardo de cuidar dele e educá-lo.

O patrão não hesitou nem um instante em aquiescer ao pedido de Isabella. Apesar de relutar muito em deixar sua casa para fazer visitas normais, foi correndo atender a esse chamado, mandando que eu tomasse um cuidado especial com Catherine em sua ausência e reiterando que ela não devia passar do bosque, nem mesmo em minha companhia. Ele não imaginava que ela faria isso desacompanhada.

O sr. Linton passou três semanas fora. Nos primeiros dois ou três dias, minha menina ficou sentada num dos cantos da biblioteca, triste demais para ler ou brincar. Quietinha daquele jeito, ela me dava pouco trabalho, mas logo depois lhe veio uma onda de impaciência e irritação. E como eu, na época, já estava ocupada demais e velha demais para correr para cima e para baixo divertindo-a, tinha pensado numa maneira de ela se distrair sozinha.

Costumava mandá-la fazer jornadas pela propriedade, ora a pé, ora no pônei, ouvindo com paciência todas as suas aventuras reais ou imaginárias quando voltava.

O verão estava no auge, e Catherine pegou tanto gosto por aqueles passeios solitários que muitas vezes eles se estendiam da hora do café até a hora do chá. Então, à noite, ela relatava suas histórias fantasiosas. Eu não temia que passasse das divisas da propriedade, porque os portões em geral ficavam trancados, e eu achava que ela não teria se aventurado a atravessá-los sozinha nem que estivessem escancarados.

Por infelicidade, descobri que essa confiança foi um equívoco. Certa manhã, às oito, Catherine veio me dizer que naquele dia era uma mercadora árabe que ia atravessar o deserto com sua caravana, e que eu precisava dar muitas provisões para ela e seus animais — um pônei e três camelos, papéis desempenhados por um sabujo e dois pointers.

Juntei uma boa quantidade de guloseimas e coloquei-as num cesto de um dos lados da sela. Catherine montou, feliz como uma fada, protegida do sol de julho por seu chapéu de abas largas e seu véu de gaze, e saiu trotando com uma risada alegre, fazendo troça dos meus conselhos para que evitasse galopar e voltasse cedo.

Aquela danada não apareceu na hora do chá. Um dos viajantes, o sabujo, por ser um cachorro velho que gostava de descansar, voltou. Mas nem Cathy, nem o pônei, nem os dois pointers estavam visíveis em nenhuma direção, e eu despachei emissários por esse e aquele caminho, até que afinal parti eu própria em busca dela.

Havia um camponês trabalhando numa cerca que ficava numa plantação na divisa da propriedade. Perguntei se ele tinha visto a nossa mocinha.

"Vi de manhã", respondeu o homem. "Ela quis que eu cortasse um galho do pé de avelã para usar de chicote, pulou com o galloway[12] dela por aquela sebe mais ali adiante, na parte mais baixa, e saiu a galope até perder de vista."

O senhor pode imaginar como me senti ao ouvir isso. Imediatamente, imaginei que Catherine devia ter ido na direção de Penistone Crags.

"O que vai ser dela?", gemi, passando por uma fenda que o homem estava consertando e indo direto para a estrada principal.

Andei como se fosse para ganhar uma aposta, milha após milha, até que, após uma curva, vi-me diante de Wuthering Heights, mas sem conseguir discernir Catherine nem longe, nem perto.

As Crags ficam mais ou menos a uma milha e meia da casa do sr. Heathcliff, e a quatro milhas da Grange, de modo que comecei a temer que a noite fosse cair antes de eu conseguir chegar lá.

"E se ela tiver escorregado quando tentou subir lá", refleti, "e morrido, ou quebrado alguns ossos?"

O suspense foi realmente doloroso e, a princípio, senti um alívio enorme quando, ao passar depressa pela casa, percebi Charlie, o

mais feroz dos pointers, deitado debaixo de uma janela com a cabeça inchada e uma orelha sangrando.

Abri o postigo e corri para a casa, batendo com veemência para que me deixassem entrar. Uma conhecida minha, que antes morava em Gimmerton, abriu a porta. Ela estava trabalhando lá desde a morte do sr. Earnshaw.

“Ah! Você veio atrás da sua patroazinha! Não precisa ter medo. Ela está aqui, sã e salva. Mas que bom que não é o patrão que chegou.”

“Quer dizer que ele não está em casa?”, arfei, sem fôlego de tanto susto e de tanto andar rápido.

“Não, não. Tanto ele quanto Joseph saíram, e acho que vão demorar mais de uma hora para voltar. Entre e descanse um pouco.”

Entrei e vi minha ovelhazinha desgarrada sentada diante da lareira, balançando numa cadeirinha que tinha sido de sua mãe quando esta era criança. Seu chapéu estava pendurado na parede e ela parecia perfeitamente à vontade, rindo e tagarelando da maneira mais animada possível com Hareton, que agora era um rapaz grande e forte de dezoito anos e estava fitando-a com uma curiosidade e um espanto consideráveis, sem compreender quase nada da torrente de comentários e perguntas que nunca deixava de jorrar da boca de Cathy.

“Muito bem, mocinha!”, exclamei, ocultando minha felicidade sob uma careta de raiva. “Este vai ser o último passeio até o papai voltar. Não vou mais deixar você passar da porta, sua menina travessa!”

“Ah, Ellen!”, disse ela, ficando de pé num pulo e correndo para perto de mim. “Eu vou ter uma história bonita para contar esta noite. Quer dizer que você me achou! Já esteve aqui alguma vez na vida antes?”

“Ponha esse chapéu e vamos para casa agora mesmo. Estou muito zangada, srta. Cathy. Foi muito errado o que você fez! Não adianta fazer bico e chorar: não vai compensar a agonia que eu passei, procurando-a por toda a parte. E pensar que o sr. Linton me mandou não deixá-la sair da propriedade, e você escapole assim. Isso mostra que é uma raposinha, e ninguém mais vai confiar em você.”

“O que foi que eu fiz?”, soluçou Catherine, já sem entusiasmo. “O papai não me deu ordem nenhuma. Ele não vai brigar comigo, Ellen. Nunca fica irritado que nem você!”

“Ande logo!”, repeti. “Eu amarro o laço. Nada de birra. Ah, que vergonha! Uma mocinha de treze anos se comportando como um bebê!”

Soltei essa exclamação porque Cathy tinha arrancado o chapéu da cabeça e se postado diante da chaminé, fora do meu alcance.

“Ah, não se zangue com ela, sra. Dean”, disse a criada. “A gente insistiu para a moça parar. Ela queria seguir em frente sozinha, achando que a senhora já devia estar nervosa. Mas o Hareton se ofereceu para ir com ela e eu achei melhor. A estrada que sobe as colinas é muito deserta.”

Durante essa discussão, Hareton ficou de pé com as mãos nos bolsos, constrangido demais para dizer qualquer coisa, embora, pela sua aparência, não estivesse muito satisfeito com a minha intrusão.

“Quanto tempo vou precisar esperar?”, continuei, ignorando a interferência da mulher. “Vai ficar escuro daqui a dez minutos. Onde está o pônei, srta. Cathy? E onde está Phenix? Se você não andar depressa, vou deixá-la aí. Faça como quiser.”

“O pônei está no pátio”, respondeu ela, “e Phenix está trancado ali. Ele foi mordido, e Charlie também. Eu ia lhe contar tudo, mas você está sendo malvada e não merece saber.”

Peguei o chapéu de Catherine e me aproximei para recolocá-lo. Mas, percebendo que os habitantes da casa estavam do seu lado, ela começou a pular pela sala e, quando eu fui atrás, correu que nem um camundongo, passando por cima, por baixo e por trás dos móveis e fazendo com que se tornasse ridículo persegui-la.

Hareton e a mulher riram. Catherine fez o mesmo e ficou ainda mais impertinente, até que eu exclamei, com grande irritação:

“Srta. Cathy, se você soubesse de quem é esta casa, ficaria bastante feliz de sair daqui!”

“É a casa do seu pai, não é?”, disse ela, voltando-se para Hareton.

“Não”, respondeu ele, olhando para baixo e corando timidamente.

Não conseguia suportar uma mirada fixa dos olhos de Catherine, embora eles fossem iguaizinhos aos seus.

“De quem é, então? Do seu patrão?”, perguntou ela.

Hareton ficou ainda mais rubro, dessa vez com um sentimento diferente. Ele murmurou uma praga e deu-lhe as costas.

“Quem é o patrão dele?”, continuou aquela menina cansativa, virando-se para mim. “Ele falou em ‘nossa casa’ e ‘nossa gente’. Achei que era filho do dono. E nunca me chamou de senhorita. Deveria ter feito isso, não é? Já que é um criado?”

Algo em Hareton se escureceu como uma nuvem de trovoada com essas palavras infantis. Sacudi minha interlocutora em silêncio e, afinal, consegui equipá-la para partir.

“Vá pegar o meu cavalo”, disse Catherine, dirigindo-se a seu parente desconhecido como se ele fosse um dos meninos que trabalhavam no estábulo da Grange. “E pode vir comigo. Quero ver o lugar do pântano onde o caçador de trasgos aparece e ouvir os ‘causo das fada’, como você diz. Mas ande logo! Qual é o problema? Vá pegar meu cavalo, já disse.”

“Eu não sou seu empregado, vá se danar!”, rugiu o rapaz.

“Vá *o quê*?”, perguntou Catherine, surpresa.

“Vá se danar, sua bruxa atrevida!”, respondeu ele.

“Pronto, srta. Cathy! Veja como você foi se meter com uma bela companhia”, interrompi eu. “Ótimas palavras para se usar com uma mocinha! Por favor, não comece a discutir com ele. Venha, vamos procurar Minny nós mesmas e ir embora daqui.”

“Mas, Ellen”, disse ela, com os olhos arregalados de espanto, “como ele ousa falar assim comigo? Ele não tem de fazer o que eu mando? Sua criatura malvada, eu vou contar ao papai o que você disse. E agora?”

Hareton não pareceu assustado com essa ameaça, e lágrimas de indignação surgiram nos olhos de Catherine. “Traga você o pônei e solte meu cachorro neste minuto!”, exclamou ela, voltando-se para a mulher.

“Devagar, moça”, respondeu esta. “Não se perde nada com cortesia. Apesar de o sr. Hareton não ser filho do patrão, ele é seu primo, e ninguém me contratou para servi-la.”

“*Ele*, meu primo!”, exclamou Catherine com uma risada de desdém.

“É, sim”, respondeu a admoestadora.

“Ah, Ellen! Não deixe que eles digam essas coisas!”, insistiu ela, muito perturbada. “Papai foi buscar meu primo em Londres. Meu primo é filho de um cavalheiro. Esse daí, meu primo…” Ela parou de falar e caiu em prantos, aborrecida com a mera noção de um parentesco com alguém tão rústico.

“Fique quieta”, sussurrei eu. “As pessoas podem ter vários primos, e primos de vários tipos, srta. Cathy, sem serem piores por causa disso. Só não precisam ficar perto deles, se forem pessoas desagradáveis e ruins.”

“Mas ele não é meu primo! Não é, Ellen!”, continuou Catherine, com a tristeza renovada após refletir, e se atirando nos meus braços para se refugiar daquela ideia.

Fiquei muito aborrecida com ela e com a criada por suas revelações mútuas, pois não tinha dúvida de que a chegada iminente de Linton, comunicada pela primeira, seria relatada ao sr. Heathcliff, e também estava certa de que a primeira coisa que Catherine faria quando seu pai voltasse seria pedir uma explicação acerca da afirmação da segunda sobre aquele parente rude.

Hareton, se recuperando da raiva por ter sido confundido com um criado, pareceu comovido com a angústia de Catherine. E, após ter trazido o pônei até a porta, pegou, para consolá-la, um belo filhote de terrier do canil e colocou-o em sua mão, mandando-a parar com aquilo, pois ele tinha falado sem querer.

Parando com suas lamúrias, Catherine examinou-o com uma expressão de perplexidade e horror, e então desatou a chorar de

novo.

Eu mal pude deixar de sorrir dessa aversão ao pobre rapaz. Ele era um jovem bem-feito e atlético, tinha o rosto bonito e era robusto e saudável, mas usava roupas apropriadas para suas tarefas diárias na fazenda e para caminhadas nos urzais atrás de coelhos e outra caça. Mesmo assim, pensei discernir em sua fisionomia uma mente com melhores qualidades do que seu pai jamais possuíra. Coisas boas perdidas em meio a uma selva de ervas daninhas, por certo; a exuberância destas últimas cobria fácil o cultivo negligenciado do que era bom. Mas, ainda assim, havia ali provas de um solo rico que poderia render uma colheita luxuriante em circunstâncias diferentes e mais favoráveis. Acredito que o sr. Heathcliff não o tenha tratado fisicamente mal graças a sua natureza destemida, que fazia com que esse tipo de opressão não fosse uma tentação. Hareton não tinha nada daquela suscetibilidade tímida que, na opinião de Heathcliff, teria dado sabor aos maus-tratos. Heathcliff parecia ter usado sua malevolência para transformar Hareton num selvagem. Ele nunca aprendeu a ler e a escrever; nunca foi repreendido por nenhum mau hábito que não irritasse seu guardião; nunca foi guiado em nenhum passo na direção da virtude, ou protegido do vício por um único preceito. E, pelo que ouvi dizer, Joseph contribuiu muito para a deterioração do rapaz devido a uma parcialidade estúpida que o levou a lisonjeá-lo e mimá-lo na infância, por ele ser o chefe da família ancestral. E assim como tinha o hábito de acusar Catherine Earnshaw e Heathcliff, quando eles eram crianças, de acabar com a paciência do patrão e obrigá-lo a buscar consolo na bebida por serem “imprestáveis”, como ele dizia, atualmente

colocava todo o fardo dos defeitos de Hareton sobre os ombros daquele que usurpara sua propriedade.

Se o rapaz praguejava, Joseph não o corrigia. Não fazia isso nunca, por mais condenável que fosse seu comportamento. Aparentemente, sentia satisfação em vê-lo agir da pior maneira possível. Admitia que Hareton estava arruinado e que sua alma estava perdida, mas refletia que Heathcliff teria de pagar por isso. O sangue de Hareton estava em suas mãos, e havia uma imensa consolação nessa ideia.

Joseph incutira em Hareton um orgulho de seu sobrenome e de sua linhagem. Se tivesse coragem, teria instigado o ódio entre ele e o atual dono da Heights, mas seu medo deste chegava às raias da superstição, e ele expressava seus sentimentos apenas com insinuações murmuradas e maquinações privadas.

Eu não finjo conhecer intimamente a maneira como se vivia em Wuthering Heights naquela época. Relato apenas o que ouvi dizer, pois vi pouca coisa. O povo da aldeia dizia que o sr. Heathcliff era *miserável* e era um senhorio cruel com seus inquilinos. Mas a casa, por dentro, recobrara seu antigo aspecto de conforto sob a direção de uma mulher, e os tumultos comuns na época de Hindley não mais aconteciam entre suas paredes. O patrão era melancólico demais para querer a companhia de qualquer pessoa, fosse boa ou ruim. E ainda é.

Mas, assim, eu não continuo a minha história. A srta. Cathy rejeitou a oferenda de paz do filhote de terrier e exigiu seus próprios cães, Charlie e Phenix. Eles vieram, mancando e de cabeça baixa, e nós partimos para casa, todos bastante aborrecidos.

Eu não consegui arrancar da mocinha como ela havia passado o dia. Catherine me disse apenas que, como eu supunha, o objetivo de sua peregrinação fora Penistone Crags, e ela chegara sem sobressaltos até o portão de Wuthering Heights, quando Hareton por acaso saiu com alguns acompanhantes caninos que atacaram seu séquito.

Eles travaram uma bela batalha antes que seus donos pudessem separá-los, o que serviu de apresentação. Catherine disse a Hareton quem era e aonde ia, primeiro pedindo que lhe mostrasse o caminho e, logo, convencendo-o a acompanhá-la.

Ele revelou para Catherine os mistérios da caverna das fadas e de vinte outros lugares curiosos. Mas, como eu caíra em desgraça, não tive direito a uma descrição dos objetos interessantes que ela vira.

No entanto, pude deduzir que Catherine gostara muito de seu guia, até magoá-lo tratando-o como um criado e até a governanta de Heathcliff magoá-la, dizendo que ele era seu primo.

Além disso, o linguajar que Hareton usara com ela calara fundo em seu coração. Catherine, que sempre era chamada de “amor”, “querida”, “rainha” e “meu anjo” por todo mundo na Grange, ser insultada de maneira tão espantosa por um estranho! Ela não conseguiu compreender isso, e eu tive de trabalhar duro para fazê-la prometer que não faria uma reclamação para o pai.

Expliquei que o sr. Linton não gostava de nenhum dos habitantes da Heights e como lamentaria saber que a filha estivera lá, mas insisti mais no fato de que, se ela revelasse que eu permitira o descumprimento de suas ordens, ele talvez ficasse com tanta raiva que eu teria de ir embora. Cathy não suportou pensar nisso. Deu

sua palavra e cumpriu-a, por mim. Era uma menina boazinha, afinal de contas.

---

12. Raça de pônei típica da Escócia e do norte da Inglaterra. (n. t.)

# V

Recebemos uma carta com as bordas pretas, anunciando o dia em que o patrão voltaria. Isabella tinha morrido, e ele me escreveu pedindo que providenciasse trajes de luto para a filha e um quarto e outras acomodações para seu jovem sobrinho.

Catherine ficou louca de alegria com a ideia de receber o pai e deu-se ao luxo de criar altíssimas expectativas das inúmeras qualidades de seu primo “de verdade”.

Veio a noite em que a chegada deles era esperada. Desde cedo, Catherine estivera ocupada, organizando suas coisinhas. E então, usando seu vestido preto novo — coitadinha, a morte da tia não lhe causara nenhuma tristeza real —, ela, de tanto insistir, me obrigou a acompanhá-la até o portão, para encontrá-los no caminho.

“Linton é só seis meses mais novo do que eu”, tagarelou Catherine conforme caminhávamos devagar pelas subidas e descidas cobertas de turfa musgosa, sob as sombras das árvores. “Como será maravilhoso poder brincar com ele! A tia Isabella mandou um lindo cacho de cabelo dele para o papai. Era mais louro do que o meu — mais perto da cor do linho, e tão fino quanto o meu. Eu o guardei com cuidado numa caixinha de vidro, e já pensei

muitas vezes no prazer que seria ver o dono dele. Ah, como estou feliz! E o papai, meu querido, adorado papai! Venha, Ellen, vamos correr! Corra comigo!”

Ela saiu correndo, voltou e saiu correndo de novo muitas vezes antes que meus passos lentos chegassem ao portão. Então, sentou-se na encosta coberta de grama que há na beira do caminho e tentou esperar pacientemente. Mas foi impossível: não conseguia parar quieta um minuto.

“Como eles estão demorando!”, exclamou. “Ah, estou vendo poeira na estrada! Estão chegando! Não. Quando será que vão chegar? Não podemos seguir um pouquinho? Meia milha, Ellen, só meia milha? Por favor, diga que sim! Até aquele monte de bétulas na curva!”

Recusei, categórica, e, afinal, o suspense de Catherine chegou ao fim: a carruagem surgiu rolando no horizonte.

A srta. Cathy soltou um gritinho e esticou os braços assim que viu o rosto do pai olhando pela janela. Ele saltou, quase tão ansioso quanto ela, e passou-se um tempo considerável antes que os dois conseguissem pensar em qualquer outra pessoa além de si próprios.

Enquanto eles trocavam carinhos, eu espiei lá dentro para ver Linton. Ele estava dormindo num canto, embrulhado num capote pesado com orla de pele, como se fosse inverno. Era um menino pálido, delicado e efeminado, que poderia ter sido confundido com o irmão mais novo do patrão, tamanha era a semelhança. Mas tinha um aspecto doentio e mal-humorado que Edgar Linton jamais possuíra.

Este último me viu observando e, após apertar a minha mão, aconselhou-me a fechar a porta e deixá-lo quieto, pois a viagem o cansara.

Cathy quis olhar também, mas o pai chamou-a e eles atravessaram o bosque juntos, enquanto eu corria na frente para preparar a criadagem.

“Preste atenção, minha querida”, disse o sr. Linton, dirigindo-se à filha, quando eles estacaram diante dos degraus da frente. “Seu primo não é tão forte, nem tão alegre quanto você. E lembre-se que ele perdeu a mãe há muito pouco tempo. Por isso, não espere que comece a brincar e a correr com você imediatamente. E não fale demais, para não perturbá-lo. Deixe-o quieto esta noite, pelo menos. Fará isso?”

“Sim, sim, papai”, respondeu Catherine. “Mas eu quero vê-lo, e ele não olhou para fora nem uma vez.”

A carruagem parou. O adormecido despertou e foi levado para o chão nos braços do tio.

“Essa é sua prima Cathy, Linton”, disse ele, fazendo a mãozinha de um apertar a do outro. “Ela já tem afeição por você, por isso não a magoe chorando esta noite. Tente ficar alegre. A viagem acabou, e agora você só tem de descansar e se distrair como quiser.”

“Deixem-me ir para a cama, então”, disse o menino, encolhendo-se diante do cumprimento de Catherine e levando os dedos aos olhos para remover lágrimas incipientes.

“Vamos, seja bonzinho”, sussurrei, levando-o para dentro da casa. “Vai fazê-la chorar também. Veja como ela sente pena de você!”

Não sei se era por pena, mas a prima fez uma cara tão triste quanto a dele e voltou-se para o pai. Os três entraram e subiram

para a biblioteca, onde o chá estava servido.

Tirei o capote e o boné de Linton e coloquei-o em uma cadeira perto da mesa. Mas, assim que ele estava sentado, começou a chorar de novo. O patrão perguntou qual era o problema.

“Eu não consigo sentar numa cadeira”, soluçou o menino.

“Vá para o sofá, então, e Ellen levará uma xícara de chá para você”, respondeu o tio pacientemente.

Tive certeza de que o sr. Edgar tinha se cansado muito na viagem por causa daquele menino birrento e frágil.

Linton foi se arrastando devagar e se deitou. Cathy levou um banquinho e a xícara dela e sentou-se ao seu lado.

No início, ficou em silêncio. Mas isso não podia durar. Catherine tinha resolvido mimar o priminho e era o que iria fazer de qualquer jeito. Começou a acariciar seus cachos, beijar seu rosto e oferecer-lhe chá no pires, como se Linton fosse um bebê. Isso o agradou, pois ele não era muito mais do que um bebê mesmo. Enxugou os olhos e abriu um leve sorriso.

“Ah, ele vai se dar muito bem aqui”, disse o patrão para mim, após observá-los por um minuto. “Muito bem, se conseguirmos mantê-lo conosco, Ellen. A companhia de uma criança da sua idade logo lhe dará mais ânimo. E, se desejar ficar mais forte, de fato ficará.”

“Sim, se conseguirmos mantê-lo conosco!”, murmurei para mim mesma, com um mau pressentimento de que havia pouca esperança. E então, pensei, como aquele fracote vai conseguir ficar vivo em Wuthering Heights, com o pai de um lado e Hareton do outro? Que companheiros de brincadeiras, que instrutores eles serão!

Nossas dúvidas foram dissipadas logo: ainda mais cedo do que eu esperava. Tinha acabado de levar as crianças lá para cima, depois que elas terminaram de tomar o chá, e esperado até que Linton adormecesse — ele não permitiu que eu me retirasse antes disso. Desci e estava postada diante da mesa no saguão, acendendo uma vela para o sr. Edgar levar para o quarto, quando uma criada veio da cozinha e me informou que o empregado do sr. Heathcliff, Joseph, estava na porta querendo falar com o patrão.

"Vou perguntar o que ele quer antes", disse eu, bastante perturbada. "É uma hora muito estranha para incomodar as pessoas, ainda mais logo depois de voltarem de uma viagem longa. Acho que o patrão não vai querer vê-lo."

Joseph entrara pela cozinha enquanto eu dizia essas palavras, e então apareceu no saguão. Usava sua roupa de domingo e tinha no rosto sua expressão mais santarrona e azeda. Com o chapéu numa das mãos e o cajado na outra, pôs-se a limpar os sapatos no capacho.

"Boa noite, Joseph", disse eu friamente. "O que veio fazer aqui?"

"Eu tenho que falar é com o seu Linton", respondeu ele, fazendo um gesto de desdém para mim.

"O sr. Linton está indo se deitar. Se você não tiver algo de importante para falar, tenho certeza de que não vai recebê-lo agora. É melhor se sentar aí e me dizer qual é seu recado."

"Qual é o quarto dele?", insistiu o homem, examinando as diversas portas fechadas.

Percebi que ele estava decidido a recusar minha mediação. Assim, com grande relutância, fui até a biblioteca e anunciei o

visitante inoportuno, aconselhando ao patrão que o mandasse voltar no dia seguinte.

O sr. Linton não teve tempo de me dar poderes de fazer isso, pois Joseph já estava nos meus calcanhares e, forçando a entrada no aposento, plantou-se do lado oposto da mesa com os dois punhos sobre a ponta do cajado e começou a dizer bem alto, como se esperasse encontrar resistência:

“Heathcliff me mandou pegar o menino dele e eu só posso voltar com ele.”

Edgar Linton ficou em silêncio um minuto. Seu rosto se anuviou com uma expressão de profunda tristeza. O patrão teria sentido pena da criança por motivos próprios, mas, ao se lembrar da esperança e do medo de Isabella, daquilo que ela desejara com ardor para o filho e das recomendações que lhe fizera, lamentou amargamente a ideia de abrir mão dele e procurou em seu íntimo uma maneira de evitar isso. Não surgiu nenhum plano: a mera demonstração de qualquer desejo de ficar com Linton tornaria o requerente mais peremptório. Não havia nada a fazer além de deixar o menino ir. Mas ele não ia acordá-lo.

“Diga ao sr. Heathcliff”, respondeu o patrão calmamente, “que o filho dele irá para Wuthering Heights amanhã. Ele está na cama e encontra-se cansado demais para percorrer essa distância agora. Você também pode dizer a ele que a mãe de Linton desejava que ele ficasse sob minha tutela e que, no momento, sua saúde é muito precária.”

“Não!”, disse Joseph, batendo no chão com seu apoio e assumindo um ar autoritário. “Não! Isso não quer dizer nadinha de

nada! Heathcliff não quer saber da mãe e nem do sinhô! Ele quer é o menino e eu preciso levar ele! E pronto!”

“Mas não vai levar esta noite!”, respondeu o sr. Linton, decidido. “Desça agora mesmo e dê o meu recado ao seu patrão. Ellen, leve-o à porta. Vá.”

E, içando o indignado ancião por um braço à guisa de ajuda, livrou o quarto da presença dele e fechou a porta.

“Muito bem!”, gritou Joseph conforme se afastava devagar. “De manhã ele mesmo é que vem. Quero ver o sinhô jogar *ele* porta afora!”

# vi

Para impedir que essa ameaça fosse cumprida, o sr. Linton me mandou levar o menino para casa de manhã cedo, no pônei de Catherine. E disse:

“Como agora não teremos nenhuma influência sobre o destino de Linton, seja esse destino bom ou mau, você não deve contar à minha filha para onde ele foi. Daqui em diante ela não vai poder conviver com o primo, e é melhor que ignore sua proximidade para não ficar inquieta e ansiosa para visitar a Heights. Diga-lhe apenas que o pai de Linton mandou buscá-lo de repente e ele foi obrigado a nos deixar.”

Linton relutou muito em sair da cama às cinco da manhã e ficou atônito ao ser informado de que teria de se preparar para mais uma viagem. Mas eu suavizei a notícia, afirmando que ele ia passar algum tempo com o pai, o sr. Heathcliff, que queria tanto vê-lo que não conseguiu esperar que ele se recuperasse de sua jornada recente.

“Meu pai?”, disse Linton, com intensa perplexidade. “A mamãe nunca me contou que eu tinha um pai. Onde ele mora? Prefiro ficar com o meu tio.”

“Ele mora a uma curta distância da Grange”, respondi. “Logo atrás daqueles montes. É tão perto que você vai poder vir andando até aqui quando ficar saudável. E devia ficar feliz de ir para casa vê-lo. Deve tentar amá-lo como amou sua mãe. Assim, ele vai amar você.”

“Mas por que eu nunca ouvi falar dele antes?”, perguntou Linton. “Por que ele e a mamãe não moravam juntos, como todo mundo faz?”

“Ele precisava cuidar de seus negócios no norte, e a saúde de sua mãe exigia que ela morasse no sul.”

“E por que a mamãe não falou dele para mim?”, insistiu a criança. “Ela falava com frequência do meu tio, e eu já aprendi a amá-lo há muito tempo. Como vou amar o papai? Não o conheço.”

“Ah, todas as crianças amam seus pais. Talvez sua mãe tenha achado que você fosse querer ficar com ele se ela o mencionasse muito. Vamos logo. Uma cavalgada bem cedinho numa manhã tão linda é muito melhor do que mais uma hora de sono.”

“*Ela* vem conosco?”, exigiu saber ele. “A menininha que eu vi ontem?”

“Agora, não.”

“E meu tio?”

“Não, eu vou acompanhar você até lá.”

Linton afundou de novo no travesseiro e pôs-se a refletir com um ar sombrio.

“Não vou sem o meu tio!”, exclamou, afinal. “Não entendi para onde você quer me levar.”

Tentei persuadi-lo de que era feio demonstrar relutância em conhecer o próprio pai. Mesmo assim, ele continuou a se recusar

obstinadamente a começar a se vestir, e eu tive de pedir a ajuda do patrão para tirá-lo da cama.

O pobrezinho enfim partiu, após diversas afirmações ilusórias de que sua ausência seria curta, de que o sr. Edgar e Cathy iriam visitá-lo, e outras promessas igualmente sem fundamento que eu inventei e reiterei de tempos em tempos ao longo do caminho.

O ar puro com aroma de urze, o sol forte e os passos suaves de Minny aliviaram a melancolia de Linton após algum tempo. Ele começou a fazer perguntas sobre sua nova casa e sobre seus habitantes com mais interesse e animação.

“Wuthering Heights é um lugar tão agradável quanto Thrushcross Grange?”, indagou, virando-se para olhar pela última vez para o vale, onde uma leve brisa subia, formando uma nuvem de lã nas bordas do azul.

“Não é tão cercada por árvores”, eu respondi, “e nem tão grande. Mas tem-se uma vista linda de toda a região, e a atmosfera é mais saudável: mais fresca e mais seca. Talvez você ache a casa velha e escura no começo, mas é uma residência respeitável, a segunda melhor da vizinhança. E você vai fazer passeios tão bons nos urzais! Hareton Earnshaw, que é o outro primo de Cathy e, portanto, seu primo também, de certa maneira, vai lhe mostrar todos os melhores lugares. Você pode levar um livro quando o tempo estiver bom e fingir que um dos vales verdes é seu gabinete. E, de vez em quando, seu tio pode dar uma caminhada com você. Ele caminha com frequência pelos montes.”

“E como é o meu pai? É tão jovem e bonito quanto o meu tio?”

“É tão jovem quanto ele, mas tem os cabelos e os olhos negros, tem o ar mais severo e é mais alto e mais robusto. Talvez seu pai

não lhe pareça tão gentil e bondoso a princípio, pois esse não é o jeito dele, mas, mesmo assim, não deixe de ser franco e cordial com ele. E, naturalmente, ele irá gostar mais de você do que qualquer tio, pois é filho dele."

"Cabelos e olhos negros!", repetiu Linton, cismado. "Não consigo imaginá-lo. Quer dizer que eu não me pareço com ele, pareço?"

"Não muito", respondi. Mas pensei "Nem um pouquinho", examinando com pesar a pele branca, o corpo franzino e os grandes olhos lânguidos do meu acompanhante. Eram os olhos da mãe, mas sem nenhum vestígio deles e de sua vivacidade, a não ser quando, por um instante, uma irritabilidade mórbida os fazia faiscar.

"Que estranho que ele nunca tenha ido visitar a mim e à mamãe", murmurou Linton. "Ele já me viu alguma vez? Se viu, eu devia ser um bebê. Não tenho nenhuma lembrança dele!"

"Ora, seu Linton, trezentas milhas é uma distância enorme, e dez anos parece um período de tempo muito diferente para uma pessoa adulta em comparação com o que parece para você. É provável que o sr. Heathcliff tenha pretendido ir todo verão, mas nunca tenha encontrado uma oportunidade conveniente. Agora, é tarde demais. Não o incomode com perguntas sobre esse assunto. Isso irá perturbá-lo sem motivo."

O menino se abstraiu nas próprias cogitações durante o resto do trajeto, e nós enfim paramos diante do portão que dava no jardim da casa. Observei o rosto de Linton para ver quais eram suas impressões. Ele examinou a frente de madeira trabalhada, as treliças cerradas, as groselheiras esparsas e os pinheiros tortos com uma atenção solene, e então balançou a cabeça. Em seu íntimo, desaprovou inteiramente o exterior de seu novo lar. Mas teve o bom

senso de esperar antes de reclamar: podia haver compensações lá dentro.

Antes que Linton apeasse, fui abrir a porta. Já eram seis e meia. Os habitantes da casa tinham acabado de tomar café, a criada estava tirando e limpando a mesa, Joseph encontrava-se ao lado da cadeira do patrão falando de um cavalo manco e Hareton se preparava para ir para o campo de feno.

“Olá, Nelly!”, exclamou o sr. Heathcliff quando me viu. “Estava com medo de ter de ir lá em pessoa buscar a minha propriedade. Você o trouxe, é? Vamos ver se ele presta para alguma coisa.”

Ele se levantou e se aproximou da porta a passos largos. Hareton e Joseph vieram atrás, com as bocas abertas de curiosidade. O pobre Linton olhou amedrontado para os rostos dos três.

“Não é possível”, disse Joseph, após inspecioná-lo seriamente. “Ele trocou com o sinhô, patrão, e essa aí é a menina dele!”

Heathcliff, após fitar o filho até deixá-lo num constrangimento febril, soltou uma risada de desdém.

“Meu Deus! Que beldade! Que coisa linda e encantadora!”, exclamou. “Ele por acaso foi criado comendo caracóis e tomando leite azedo, Nelly? Ah, maldição! É pior do que eu esperava, e o diabo sabe que eu não estava muito entusiasmado!”

Pedi que a criança trêmula e atarantada descesse e entrasse. Linton não compreendeu inteiramente o significado do que o pai dissera, e nem se este se referira a ele. Para falar a verdade, ainda não tinha certeza se aquele estranho cruel e sardônico era seu pai. Mas se agarrou a mim com um receio crescente e, quando o sr. Heathcliff se sentou e disse “venha aqui”, enfiou o rosto no meu ombro e chorou.

“Nada disso!”, disse Heathcliff, esticando o braço, arrastando-o bruscamente, colocando-o entre os joelhos e erguendo sua cabeça pelo queixo. “Não quero saber dessa bobagem! Nós não vamos te machucar, Linton. É este o teu nome? Tu és inteirinho filho da tua mãe! Onde está a *minha* parte em ti, frangote?”

Ele tirou o boné do menino, puxou para trás sua vasta cabeleira loura e apalpou seus braços finos e seus dedinhos. Durante esse exame, Linton parou de chorar e ergueu os enormes olhos azuis para inspecionar o inspetor.

“Você me reconhece?”, perguntou Heathcliff, após se certificar de que todos os membros eram igualmente frágeis e fracos.

“Não”, disse Linton, com um medo vago no olhar.

“Já ouviu falar de mim, imagino?”

“Não”, respondeu o menino de novo.

“Não? Que vergonha para a sua mãe, nunca ter despertado seu amor filial por mim! Bem, então eu vou lhe dizer: você é meu filho, e sua mãe era uma vagabunda perversa por permitir que ignorasse o tipo de pai que tinha. Não se encolha nem fique vermelho! Embora seja alguma coisa ver que o seu sangue não é branco. Seja um bom menino, que eu tomarei conta de você. Nelly, se você estiver cansada, pode se sentar. Se não, volte para casa. Imagino que vá relatar o que viu e ouviu para aquele inútil na Grange, e essa coisinha aqui não vai sossegar enquanto você estiver por perto.”

“Bem”, respondi, “espero que o senhor seja bom com o menino, sr. Heathcliff, ou ele não vai durar muito, e é o único parente que tem no mundo inteiro, pelo que sabe. Lembre-se disso.”

“Eu serei *muito* bom com ele, não precisa ter medo!”, disse ele, rindo. “Só que mais ninguém deve ser bom com ele. Sou ciumento,

e quero monopolizar sua afeição. Vou começar a bondade agora. Joseph! Traga algo para o menino comer. Hareton, seu bezerro dos infernos, vá trabalhar. E Nell", acrescentou depois que eles partiram, "meu filho provavelmente se tornará dono da propriedade onde você mora, e eu não quero que ele morra até eu ter certeza de que sou o herdeiro. Além do mais, ele é *meu*, e eu desejo o triunfo de ver o *meu* descendente senhor das terras deles. Meu filho, pagando os filhos deles para trabalhar nas terras dos antepassados deles. É apenas por esse motivo que serei capaz de suportar o moleque. Eu o desprezo por si só e o detesto pelas lembranças que traz! Mas esse motivo basta. Ele está a salvo comigo e será tratado com o mesmo cuidado com que seu patrão trata a filha. Tem um quarto lá em cima para ele, lindamente mobiliado. Também contratei um preceptor, que virá aqui três vezes por semana de uma distância de vinte milhas para ensinar o que ele quiser aprender. Mandei Hareton obedecê-lo. Na verdade, tomei todas as providências com a intenção de preservar tudo nele que há de superior e de cavalheiresco, e de mantê-lo acima dos outros. Mas lamento que mereça tão pouco todo esse trabalho. Se eu desejasse alguma bênção no mundo, seria descobrir que ele é digno de orgulho. Estou profundamente desapontado com esse desgraçado chorão e branquelo!"

Enquanto ele falava, Joseph voltou trazendo uma tigela de mingau feito com leite e colocou-a diante de Linton. Ele mexeu o líquido grosseiro com uma expressão de nojo e afirmou que não ia conseguir comer aquilo.

Vi que o velho empregado sentia quase o mesmo desprezo que o patrão pelo menino, embora fosse obrigado a disfarçar o

sentimento, pois Heathcliff claramente queria que seus subordinados o tratassem com deferência.

“Não vai conseguir comer?”, repetiu ele, olhando o rosto de Linton e passando a falar num sussurro, por medo de ser ouvido. “Mas o seu Hareton nunca que comeu outra coisa quando era menino. E o que era bom pra ele é bom pra você, ora essa!”

“Eu *não vou* comer!”, respondeu Linton, irritado. “Leve isso embora!”

Joseph pegou o mingau, indignado, e veio mostrá-lo para nós.

“Tem algum problema com essa comida?”, disse, enfiando a bandeja sob o nariz de Heathcliff.

“Qual seria o problema?”

“Ora! Aquele menino delambido disse que não vai conseguir comer. Mas é isso mesmo! A mãe dele era igualzinha. A gente não valia nem pra plantar o milho pra fazer o pão dela.”

“Não mencione a mãe dele para mim”, disse o patrão com raiva. “Dê-lhe algo que ele queira comer, só isso. O que ele come normalmente, Nelly?”

Sugeri leite quente ou chá, e a governanta recebeu ordens para preparar um pouco.

Bem, refleti, o egoísmo do pai talvez contribua para o conforto do menino. Ele percebeu que o filho tem a constituição delicada e que é necessário tratá-lo razoavelmente bem. Vou consolar o sr. Edgar contando essa mudança no comportamento dele.

Como eu não tinha mais nenhuma desculpa para continuar ali, saí de mansinho, enquanto Linton estava ocupado se defendendo timidamente das investidas de um sheepdog amistoso. Mas ele

estava alerta demais para ser enganado. Quando eu fechei a porta, ouvi um grito e essas palavras, repetidas em desespero:

“Não me abandone! Não vou ficar aqui! Não vou ficar aqui!”

Então, a tranca foi erguida e abaixada. Eles não permitiram que Linton saísse. Montei Minny e a fiz ir trotando. E assim dei por terminada minha breve incumbência.

# vii

A srta. Cathy deu uma trabalheira no dia seguinte. Ela acordou felicíssima, louca para encontrar o primo, e quando soube de sua partida, chorou e se lamentou com tanta violência que Edgar teve de vir em pessoa consolá-la, afirmando que Linton iria voltar em breve. Ele, no entanto, acrescentou “se eu conseguir trazê-lo”, e não havia esperanças disso.

Essa promessa não a apaziguou muito. Mas a passagem do tempo foi mais potente e, embora, de vez em quando, Cathy ainda perguntasse ao pai quando Linton iria retornar, antes de ela enfim vê-lo de novo, as feições dele tinham ficado tão esmaecidas em sua memória que ela não o reconheceu.

Se eu por acaso encontrasse a governanta de Wuthering Heights em Gimmerton, aonde eu ia às vezes tratar de algum assunto, perguntava como o menino andava, pois ele vivia quase tão isolado quanto a própria Catherine e jamais era visto por ninguém. Soube pela mulher que Linton continuava com a saúde fraca e era uma pessoa cansativa de ter dentro de casa. Ela disse que o sr. Heathcliff parecia gostar cada vez menos do filho, embora fizesse algum esforço para disfarçar. Ele não suportava o som da voz de

Linton e simplesmente não conseguia ficar muitos minutos no mesmo cômodo que o menino.

Os dois quase nunca conversavam. Linton aprendia as lições e passava a noitinha num aposento pequeno que eles chamavam de salinha, ou então ficava o dia todo na cama, pois vivia tendo tosses, resfriados, cólicas ou algum tipo de dor.

“Eu nunca vi uma criatura tão medrosa”, acrescentou a mulher, “nem tão cheia de não-me-toque. Se eu deixo a janela aberta mais para o final da tarde, ele reclama até não poder mais. Parece até que uma brisa é uma coisa que mata! E precisa ter um fogo aceso no meio do verão; e o tabaco que o Joseph fuma no cachimbo é um veneno; e ele vive querendo comer doces e guloseimas, e vive pedindo leite e mais leite, sem nem querer saber como o povo daqui passa mal no inverno. Fica sentado, embrulhado no capote de pele na poltrona perto do fogo, com uma torrada e um pouco d’água, ou alguma outra coisa dentro de uma panela pendurada na lareira, para beliscar. E se Hareton sente pena e vem distrair o menino, porque o Hareton não tem o gênio ruim, apesar de ser ríspido, um acaba sempre praguejando e o outro, chorando. Se Linton não fosse filho dele, acho que o patrão ia gostar se Earnshaw matasse o moleque de pancada; e tenho certeza de que ia jogar ele na rua se soubesse de metade das manhas que ele tem. Mas ele foge da tentação. Nunca entra na salinha e, se Linton se comporta desse jeito quando ele está por perto, manda ele lá pra cima na mesma hora.”

Por esse relato, adivinhei que a mais completa falta de afeição transformara o jovem sr. Linton Heathcliff numa pessoa egoísta e desagradável, se é que ele já não era assim antes. Consequentemente, meu interesse por ele diminuiu, embora eu

ainda ficasse triste com seu destino e lamentasse que ele não houvesse sido deixado conosco.

O sr. Edgar me encorajou a obter informações. Acho que pensava muito em Linton e teria corrido alguns riscos para vê-lo. Certa vez, me pediu para perguntar à governanta se ele ia de vez em quando ao vilarejo.

Ela disse que Linton só estivera lá duas vezes, a cavalo, acompanhando o pai; e que em ambas as ocasiões tinha passado os três ou quatro dias seguintes fingindo que estava esgotado.

Se eu bem me lembro, aquela governanta deixou o posto dois anos depois de Linton chegar, e sua sucessora foi outra que eu não conhecia. Ela ainda mora lá.

O tempo seguiu na Grange do jeito manso de antigamente, até a srta. Cathy completar dezesseis anos. No seu aniversário, nós não demonstrávamos nenhuma alegria, pois também era o aniversário de morte da minha falecida patroa. O pai de Cathy invariavelmente passava o dia sozinho na biblioteca e, na hora do crepúsculo, caminhava até o cemitério de Gimmerton, onde com frequência permanecia até depois da meia-noite. Assim, Cathy precisava dar um jeito de se distrair sozinha.

Em 20 de março fez um lindo dia de primavera e, depois que seu pai já havia se retirado, a patroazinha desceu vestida para sair. Disse que tinha pedido para fazer um passeio no limiar dos urzais comigo e que o sr. Linton consentira, contanto que nós percorrêssemos uma distância curta e voltássemos em menos de uma hora.

“Por isso ande logo, Ellen!”, exclamou ela. “Sei aonde quero ir: num lugar onde tem uma ninhada de tetrazes. Quero ver se elas já

fizeram seus ninhos.”

“Deve ser bem lá para cima”, respondi. “As tetrazes não fazem ninho no limiar dos urzais.”

“Não é, não. Já cheguei bem perto do lugar com o papai.”

Pus o chapéu e parti, sem desconfiar de nada. Cathy saía correndo na minha frente, voltava para perto de mim e disparava de novo, como um filhote de galgo. A princípio, eu me entretive bastante ouvindo as cotovias que cantavam perto e longe, desfrutando do delicioso calor do sol e observando minha adorada menina, que era minha alegria, com seus cachos dourados esvoaçando, suas faces coradas que tinham a maciez e a perfeição de uma rosa silvestre e seus olhos que irradiavam um prazer sem jaça. Naquela época, ela era uma criatura feliz, um anjo. Que pena que não conseguiu se contentar com isso.

“Mas onde estão essas tetrazes, srta. Cathy?”, perguntei. “Já devíamos ter chegado ao lugar. A cerca do bosque da Grange já ficou muito para trás.”

“Ah, é um pouco mais para a frente. Só um pouco mais para a frente, Ellen”, respondeu ela, diversas vezes. “Suba até aquele outeiro, passe por aquela encosta e, quando chegar ao outro lado, eu já terei acordado as aves.”

Mas eu tive de subir tantos outeiros e passar por tantas encostas que afinal comecei a me cansar e disse-lhe que tínhamos de parar e voltar pelo mesmo caminho.

Gritei isso para Cathy, que havia me ultrapassado muito. Ela ou não me ouviu, ou não me deu atenção, pois continuava a seguir aos pulos, e eu fui obrigada a ir atrás. Logo, mergulhou num vale e, antes que eu voltasse a discerni-la, estava duas milhas mais perto

de Wuthering Heights do que de sua própria casa. Vi quando foi abordada por duas pessoas, uma das quais tive certeza de que era o sr. Heathcliff.

Cathy fora flagrada roubando os ninhos de tetrazes, ou, pelo menos, procurando por eles.

A Heights pertencia ao sr. Heathcliff e ele estava ralhando com a ladra de aves.

“Eu nem peguei, nem encontrei nenhuma”, disse Cathy, abrindo as mãos para corroborar a afirmação enquanto eu corria para perto deles com dificuldade. “Não tinha intenção de levá-las, mas o papai me contou que havia muitas aqui em cima e eu queria ver os ovos.”

Heathcliff me fitou com um sorriso mal-intencionado, sugestivo de que sabia com quem estava falando e, consequentemente, de que não queria bem à pessoinha. Ele exigiu saber quem era “o papai”.

“O sr. Linton, de Thrushcross Grange”, respondeu Cathy. “Eu imaginei que o senhor não devia saber quem eu era, ou não teria falado comigo dessa maneira.”

“Você supõe, então, que o papai é altamente estimado e respeitado?”, disse ele, com sarcasmo.

“E quem é o senhor?”, perguntou Catherine, olhando com curiosidade para seu interlocutor. “Aquele homem, eu conheço. Ele é seu filho?”

Ela apontou para Hareton, o outro indivíduo. Este, com a passagem de dois anos, não ganhara nada além de tamanho e força: parecia tão tímido e tão rústico quanto antes.

“Srta. Cathy”, interrompi eu, “daqui a pouco, já vamos estar longe de casa há três horas, não uma. Realmente, precisamos voltar.”

“Não, aquele homem não é meu filho”, disse Heathcliff, empurrando-me para o lado. “Mas eu tenho um filho, que você também conhece. E embora sua babá esteja com pressa, acho que tanto você quanto ela se sentiriam melhor se parassem um pouco. Não quer dar a volta neste monte coberto de urze e entrar na minha casa? Vai voltar mais depressa se estiver descansada, e será recebida com muita gentileza.”

Sussurrei para Catherine que ela não podia aceitar aquela proposta de jeito nenhum: estava completamente fora de questão.

“Por quê?”, perguntou ela em voz alta. “Estou cansada de correr, e o chão está coberto de sereno. Não posso me sentar aqui. Vamos, Ellen! Além do mais, ele disse que eu conheço o filho dele. Acho que está enganado. Mas aposto que sei onde mora: na casa que eu visitei quando estava voltando de Penistone Crags. Não é?”

“Isso. Venha, Ellen, e não diga nada. Vai ser um gosto para ela nos ver. Hareton, vá na frente com a moça. Você vem comigo, Nelly.”

“Não, ela não vai para aquele lugar!”, exclamei, tentando soltar o meu braço, que ele havia agarrado. Mas Catherine já estava quase na laje da porta, pois correra a toda ao redor do monte. Aquele que fora designado seu acompanhante nem fingiu cumprir o papel: se embrenhou pela margem da estrada e desapareceu.

“Sr. Heathcliff, isso é muito errado”, continuei. “O senhor sabe muito bem que suas intenções são más. Ela vai ver Linton lá e contar tudo assim que chegarmos em casa, e eu vou levar a culpa.”

“Eu quero que ela veja Linton”, respondeu Heathcliff. “Ele anda com a aparência melhor nesses últimos dias. Não é sempre que

está digno de ser visto. E nós logo iremos convencê-la a guardar segredo sobre a visita. Qual o problema?”

“O problema é que o sr. Edgar me odiaria se descobrisse que eu permiti que ela entrasse na sua casa. E estou convencida de que tem más intenções em encorajá-la a fazer isso”, respondi.

“Minha intenção é a mais honesta possível. Explicarei tudo para você: que os dois primos se apaixonem e se casem. Estou sendo generoso com seu patrão. A lambisgoiazinha dele não tem dote nenhum e, se fizer o que eu desejo, imediatamente se tornará herdeira junto com Linton.”

“Se Linton morresse, e não há certeza de que ele vá viver muito tempo, Catherine seria a herdeira”, respondi.

“Não seria, não. Não há nenhuma cláusula no testamento que garanta isso. A propriedade de Edgar Linton passaria para mim. Mas, para prevenir brigas, desejo a união dos primos e estou decidido a fazê-la acontecer.”

“E eu estou decidida a nunca mais voltar a deixá-la se aproximar da sua casa comigo”, retruquei quando chegamos ao portão, onde a srta. Cathy nos esperava.

Heathcliff me mandou ficar quieta e, atravessando o passadiço antes de nós, apressou-se em abrir a porta. A mocinha olhou-o diversas vezes, como se não conseguisse decidir exatamente o que pensar dele. Mas, naquela ocasião, Heathcliff sorriu ao fitá-la, usou um tom mais suave ao se dirigir a ela, e eu fui tola o suficiente para imaginar que a lembrança da mãe pudesse desarmá-lo e fazer com que não desejasse o mal de Cathy.

Linton estava de pé diante da lareira. Tinha saído para dar uma caminhada pelos campos, pois estava de boné, pedindo que Joseph

lhe trouxesse sapatos secos.

Ele tinha ficado alto para a idade. Ainda não completara dezesseis anos. Suas feições continuavam bonitas, e seus olhos e sua tez estavam mais luminosos do que eu me lembrava, embora aquele fosse apenas o brilho emprestado do ar saudável e do sol benfazejo.

“E então, quem é esse?”, perguntou o sr. Heathcliff, voltando-se para Cathy. “Você sabe?”

“Seu filho?”, disse ela após ter examinado com ar de dúvida primeiro um, depois o outro.

“É, é”, respondeu ele. “Mas esta é a primeira vez que você o vê? Pense! Ah! Você tem a memória curta. Linton, não se lembra da sua prima, que você queria tanto ver que não parava de nos azucrinar?”

“O quê! Linton!”, exclamou Cathy, iluminando-se de surpresa ao ouvir o nome. “Esse é o Lintonzinho? Ele está mais alto do que eu! Você é o Linton?”

O jovem se aproximou e disse que era. Ela o beijou com ardor, e ambos observaram, maravilhados, a mudança que o tempo causara em suas aparências.

Catherine já estava da altura que é hoje. Era esbelta sem ser magra demais, ágil e firme, transbordando saúde e alegria. O aspecto e os gestos de Linton eram muito lânguidos, e ele tinha o corpo extremamente franzino. Mas seus modos tinham uma elegância que mitigava esses defeitos e fazia com que ele não parecesse desagradável.

Após trocar diversas provas de afeição com o primo, Cathy se aproximou do sr. Heathcliff, que se detivera junto à porta, dividindo sua atenção entre os objetos que estavam do lado de dentro e

aqueles que estavam do lado de fora: ou seja, fingindo observar esses últimos enquanto se concentrava apenas nos primeiros.

“Quer dizer que o senhor é meu tio!”, exclamou ela, erguendo os braços para cumprimentá-lo. “Achei que gostava do senhor, embora estivesse mal-humorado a princípio. Por que não visita a Grange com Linton? É estranho que tenha vivido tão perto de nós todos esses anos, sem nunca ir nos ver. Por que fez isso?”

“Eu fui lá uma ou duas vezes e já bastou, antes de você nascer”, respondeu ele. “Chega. Diabo! Se tem beijos de sobra, dê-os a Linton. Não os desperdice comigo.”

“Ellen, sua malvada!”, exclamou Cathy, vindo então me atacar com suas abundantes carícias. “Malcriada! Tentou me impedir de entrar! Mas eu vou caminhar para cá todas as manhãs agora. Posso, tio? E, às vezes, trazer o papai? O senhor não ficará feliz em nos ver?”

“Claro!”, respondeu o tio, mal conseguindo reprimir uma careta devido à sua profunda aversão aos dois visitantes propostos. “Mas, espere”, continuou ele, voltando-se para a moça. “Ocorre-me que é melhor eu lhe contar. O sr. Linton tem um preconceito contra mim. Nós brigamos certa vez com uma fúria nada cristã e, se você contar que veio aqui, ele vai proibir suas visitas para sempre. Por isso, não deve contar, a não ser que não se importe de não ver mais seu primo. Pode vir, se quiser, mas não deve contar.”

“Por que vocês brigaram?”, perguntou Catherine, consideravelmente desapontada.

“Ele me achava pobre demais para me casar com a irmã dele”, respondeu Heathcliff, “e ficou zangado por eu ter obtido a mão dela. Seu orgulho ficou ferido, e ele nunca vai me perdoar.”

“Isso é errado!”, disse a moça. “Um dia, eu direi isso a ele. Mas Linton e eu não temos nada a ver com essa briga. Eu não virei aqui, então: ele vai à Grange.”

“É longe demais para mim”, murmurou o primo. “Andar quatro milhas me mataria. Não, venha aqui, srta. Catherine, de vez em quando. Não todas as manhãs, mas uma ou duas vezes por semana.”

O pai olhou para o filho com um amargo desprezo.

“Temo, Nelly, que meus esforços serão em vão”, murmurou ele para mim. “A srta. Catherine, como o palerma a chama, irá descobrir seu valor e mandá-lo para o diabo. Agora, se fosse Hareton… sabia que eu cobiço Hareton vinte vezes por dia, com toda sua degradação? Eu amaria aquele rapaz se ele fosse outra pessoa. Mas acho que Hareton está a salvo do amor *dela*. Vou jogá-lo contra esse ser desprezível, a não ser que ele resolva acordar logo. Acho que ele não dura nem até os dezoito anos. Ah, diabos levem esse desenxabido! Está absorto em secar os pés, e nem olha para ela. Linton!”

“Pois não, pai”, respondeu o menino.

“Não tem nada aqui por perto que você queira mostrar à sua prima? Nem um ninho de coelho ou de doninha? Leve-a ao jardim antes de trocar de sapatos, e ao estábulo para ver seu cavalo.”

“Não prefere ficar sentada aqui?”, perguntou Linton, dirigindo-se a Cathy num tom que expressava relutância em sair do lugar.

“Não sei”, respondeu ela, olhando desejosa para a porta, com uma evidente vontade de se mexer.

Ele continuou sentado e se encolheu mais para perto do fogo.

Heathcliff se levantou e foi para a cozinha, passando de lá para o quintal enquanto chamava por Hareton.

Hareton respondeu e logo os dois voltaram a entrar. O rapaz estava se lavando, o que era visível pelo brilho de suas faces e por seu cabelo molhado.

“Ah, eu vou perguntar ao *senhor*, tio”, exclamou a srta. Cathy, lembrando da afirmação da governanta. “Ele não é meu primo, é?”

“É”, respondeu Heathcliff, “é sobrinho da sua mãe. Você não gosta dele?”

Catherine fez uma expressão estranha.

“Ele não é um rapaz bonito?”, insistiu Heathcliff.

Aquela coisinha mal-educada pôs-se na ponta dos pés e sussurrou algo no ouvido do tio.

Ele riu. O rosto de Hareton se anuviou. Percebi que ele era muito sensível a supostos menosprezos, e que obviamente tinha uma vaga noção de sua inferioridade. Mas seu patrão, ou seu tutor, dissipou sua careta, exclamando:

“Você vai ser o preferido da casa, Hareton! Ela disse que é um… o que foi mesmo? Bem, foi um grande elogio. Pronto! Passeie você pela fazenda com ela. Mas tome o cuidado de se comportar como um cavalheiro! Não use nenhuma palavra feia. E não fique examinando a moça quando ela não estiver olhando para você; e, quando estiver, esteja preparado para esconder o rosto. Quando for dizer algo, fale devagar. E não meta as mãos nos bolsos. Ande logo, e distraia-a o melhor que puder.”

Quando o par passou andando, Heathcliff observou-o pela janela. Earnshaw estava com o rosto virado para o lado oposto ao da

acompanhante. Parecia estar estudando a paisagem familiar com o interesse de um artista que nunca a vira antes.

Catherine olhou-o de soslaio, expressando pouca admiração. Ela então voltou sua atenção para a busca de objetos que a distraíssem, saltitando alegremente e cantarolando uma melodia para compensar a falta de conversa.

“Eu fechei a boca dele”, observou Heathcliff. “Ele não vai se atrever a dizer uma sílaba durante esse tempo todo! Nelly, você se lembra de como eu era nessa idade? Não, alguns anos mais novo? Por acaso eu parecia tão obtuso, tão ‘atoleimado’, como diz Joseph?”

“Pior”, respondi, “porque era mais rabugento.”

“Ele me dá um prazer!”, continuou Heathcliff, refletindo em voz alta. “Realizou minhas expectativas. Se fosse um bobo de nascença, não me daria metade da satisfação que dá. Mas não é bobo, e eu consigo me solidarizar com tudo o que sente, pois já senti o mesmo. Por exemplo, sei exatamente o que está sofrendo agora. Mas é só o começo do que vai sofrer. E jamais será capaz de sair de seu ridículo estado de vulgaridade e ignorância. Eu o tenho em minhas mãos com mais firmeza do que o patife do pai dele me tinha nas dele, e o coloquei ainda mais baixo, pois ele se orgulha de ser um brutamontes. Ensinei-o a desprezar, a considerar tolice ou fraqueza, tudo o que não diz respeito apenas ao físico. Não acha que Hindley teria orgulho do filho dele, se pudesse vê-lo? Quase tanto orgulho quanto eu tenho do meu. Mas essa é a diferença: um é ouro usado nas pedras do calçamento, e o outro é lata polida para imitar um serviço de prata. O *meu* não tem nada de valioso, mas eu terei o mérito de fazê-lo ir tão longe quanto algo tão pobre pode ir. O

*dele* tinha qualidades de primeira linha, e elas foram perdidas. Ficaram piores do que inúteis. Não tenho nada do que me arrepender — e Hindley teria mais arrependimentos do que qualquer pessoa imagina, além de mim. E o melhor é que Hareton tem um carinho dos diabos por mim! Você há de admitir que, nesse ponto, eu venci Hindley. Se aquele canalha pudesse se erguer do túmulo para me xingar pelas injustiças que cometi contra seu herdeiro, eu teria a diversão de ver esse próprio herdeiro protestar, indignado ao ver o pai ralhar com o único amigo que tem no mundo!"

Heathcliff casquinou uma risada malévola. Não dei resposta, pois vi que ele não queria nenhuma.

Enquanto isso, o jovem que se encontrava na sala conosco, sentado longe demais para ouvir o que era dito, começou a demonstrar sintomas de inquietação. Provavelmente tinha se arrependido de ter se negado a alegria da companhia de Catherine por medo de se cansar um pouco.

O pai dele reparou em seus olhares constantes para a janela e na mão estendida para o boné num gesto irresoluto.

"Levante-se, menino preguiçoso!", exclamou, com um entusiasmo fingido. "Vá atrás deles. Estão ali na curva, perto das colmeias."

Linton reuniu suas energias e deixou a lareira. A treliça foi aberta e, quando ele saiu, ouvi Cathy perguntando a seu insociável acompanhante o que estava escrito acima da porta.

Hareton olhou para cima e coçou a cabeça como um verdadeiro bronco.

"É um diabo de escrita", respondeu ele. "Não consigo ler."

"Não consegue ler?", disse Catherine. "Eu consigo. Está em inglês… Mas quero saber por que está ali."

Linton deu uma risadinha — o primeiro sinal de alegria que demonstrara.

“Ele não sabe ler”, disse para a prima. “Você acredita na existência de um imbecil tão colossal?”

“Ele é normal?”, perguntou a srta. Cathy, num tom sério. “Ou é bobo… assim, meio devagar? Já lhe fiz duas perguntas e, nas duas ocasiões, ele fez uma expressão tão estúpida que acho que não compreendeu o que eu disse. *Eu* com certeza mal entendo o que ele fala!”

Linton riu de novo e lançou um olhar provocador para Hareton, que decerto não parecia estar entendendo muito bem o que estava sendo dito naquele momento.

“Não há nada de errado com ele, só preguiça. Não é, Earnshaw?”, disse ele. “Minha prima acha que você é um idiota. Está sentindo as consequências de desprezar ‘as leitura’, como você diz… Já reparou, Catherine, na pronúncia medonha de Yorkshire que ele tem?”

“Ora, de que diabo adianta?”, grunhiu Hareton, com mais facilidade para responder alguém que via todos os dias. Estava prestes a discursar mais sobre o assunto, mas os dois jovens tiveram um barulhento ataque de risos, com minha mocinha tonta achando uma delícia descobrir que a fala estranha de Hareton podia ser transformada em motivo de chacota.

“E por que usar diabo nessa frase?”, perguntou Linton, com uma risota. “Meu pai disse que era para você não usar nenhuma palavra feia, mas não consegue abrir a boca sem dizer uma… Tente se comportar como um cavalheiro, vamos!”

“Se você não fosse mais menininha que homem, eu acabava com você aqui mesmo, seu fracote de nada!”, retrucou o grosseirão, afastando-se com o rosto em brasas numa mistura de fúria e constrangimento. Tinha consciência de que fora insultado, mas não sabia bem como reagir.

O sr. Heathcliff, que, assim como eu, ouvira a conversa, sorriu ao vê-lo ir embora, mas, logo depois, lançou um olhar de aversão singular para a dupla atrevida que continuara a conversar diante da porta, com o menino ganhando alguma vivacidade ao discutir as falhas e deficiências de Hareton e ao contar histórias sobre a maneira como ele se comportava, e a moça se deleitando com os ditinhos frívolos e maliciosos dele, sem se dar conta de que eram sinal de má índole. Já eu, comecei a sentir mais antipatia do que compaixão por Linton e a entender, até certo ponto, por que seu pai lhe dava tão pouco valor.

Ficamos em Wuthering Heights até a tarde: não consegui arrancar a srta. Cathy de lá antes disso. Mas, felizmente, o patrão não tinha deixado seus aposentos e ignorava nossa longa ausência.

Quando estávamos caminhando para casa, eu quis revelar para a minha menina o caráter das pessoas que tínhamos deixado para trás, mas a srta. Cathy enfiara na cabeça que eu tinha preconceito contra elas.

“Aha!”, exclamou. “Você está do lado do papai, Ellen. É parcial… Tenho certeza de que é, senão, não teria me enganado durante tantos anos, dizendo que Linton vivia bem longe daqui. Eu na verdade estou muito zangada com você, mas estou tão feliz que não consigo demonstrar! Mas dobre a língua para falar do meu tio…

Lembre-se que é *meu* tio, e eu vou ralhar com o papai por ter brigado com ele.”

E assim continuou ela, até eu desistir de tentar convencê-la de seu engano.

Cathy não mencionou a visita naquela noite, pois não viu o sr. Edgar. No dia seguinte, tudo veio à tona, para minha grande consternação. No entanto, não lamentei de todo, pois achei que o fardo de comandar e alertar a menina seria carregado por ele com mais eficiência. Mas o sr. Edgar foi vacilante demais ao explicar por que desejava que a filha evitasse todos os habitantes da Heights, e Catherine gostava de ter boas razões para qualquer restrição que contrariasse sua vontade de criança mimada.

“Papai!”, exclamou ela, após os cumprimentos matinais. “Adivinhe quem eu vi ontem durante meu passeio pelos urzais?… Ah, papai, o senhor começou! Não foi certo, foi? Eu vi… Mas ouça, e vai saber como descobri tudo o que fez com a ajuda da Ellen, que está em conluio com o senhor, apesar de ter fingido que sentia tanta pena de mim quando eu vivia torcendo para o Linton voltar e sempre me decepcionava!”

Cathy fez um relato fiel de sua excursão e das consequências dela, e o patrão, apesar de ter me lançado mais de um olhar de reprovação, não disse nada até ela terminar. Então a trouxe para junto de si e perguntou se ela sabia por que ele escondera que Linton morava tão perto. Será que ela pensava que ele iria lhe negar um prazer inofensivo?

“Foi porque o senhor não gosta do sr. Heathcliff.”

“Então você acha que eu me importo mais com os meus sentimentos do que com os seus, Cathy?”, disse ele. “Não, não foi

porque eu não gosto do sr. Heathcliff, mas porque o sr. Heathcliff não gosta de mim, e ele é um homem diabólico que adora prejudicar e arruinar as pessoas que detesta, se elas lhe derem a menor oportunidade. Eu sabia que você não iria conseguir ter intimidade com seu primo sem ter contato com ele, e sabia que ele iria detestá-la por minha causa. De modo que, para o seu próprio bem, e por nenhum outro motivo, tomei precauções para que não voltasse a ver Linton. Pretendia explicar isso quando você ficasse mais velha e lamento ter demorado tanto a fazê-lo!"

"Mas o sr. Heathcliff foi bastante cordial, papai", observou Catherine, nem um pouco convencida. "*Ele* não foi contra nós nos vermos. Disse que eu posso ir à casa dele sempre que quiser, mas que não podia lhe contar, pois o senhor brigara com ele e não o perdoara por se casar com a tia Isabella. E não perdoou mesmo. A culpa é *sua*. Ele, pelo menos, está disposto a deixar que *nós* sejamos amigos — Linton e eu. Já o senhor, não está."

O patrão, percebendo que Cathy se recusava a aceitar sua afirmação sobre a índole maligna do marido da tia Isabella, explicou por alto a conduta de Heathcliff para com a mulher que desposara e a maneira como Wuthering Heights se tornara propriedade dele. Não suportou discutir o assunto por muito tempo, pois, embora falasse pouco nele, o horror e o ódio do antigo inimigo ocupavam seu coração com a mesma intensidade desde a morte da sra. Linton. "Ela poderia estar viva, se não fosse por ele!", era a reflexão amarga que fazia constantemente. A seus olhos, Heathcliff era um assassino.

A srta. Cathy, que de más ações só sabia dos pequenos gestos de desobediência, injustiça ou raiva nascidos de impaciência ou

insensatez, dos quais se arrependia no mesmo dia, ficou estarrecida diante daquela alma perversa, capaz de planejar sua vingança durante anos e seguir à risca o plano traçado, sem uma ponta de remorso. Ela pareceu tão profundamente impressionada e assustada com essa nova visão da natureza humana, excluída de todos os seus estudos e de todos os seus pensamentos até então, que o sr. Edgar achou desnecessário dizer mais. Ele acrescentou apenas:

"Agora, minha querida, você sabe por que eu quero que evite a casa e a família do sr. Heathcliff. Volte para suas antigas tarefas e distrações e não pense mais neles!"

Catherine deu um beijo no pai e ficou sentada quietinha fazendo as lições durante algumas horas, como de costume. Depois, acompanhou-o num passeio pela propriedade e o dia todo se passou como sempre. Mas, à noite, quando ela se retirou para o seu quarto e eu fui ajudá-la a se despir, encontrei-a chorando, de joelhos do lado da cama.

"Que feio, menina!", exclamei. "Se você tivesse alguma tristeza de verdade, sentiria vergonha de desperdiçar uma lágrima nesse pequeno contratempo. Você nunca teve nem a sombra de um sofrimento substancial, srta. Catherine. Suponha, por um minuto, que o patrão e eu estivéssemos mortos e que você estivesse sozinha no mundo. Como se sentiria então? Compare a ocasião atual com um desgosto como esse e agradeça pelos entes queridos que tem, em vez de cobiçar outros."

"Não estou chorando por mim, Ellen", respondeu ela. "É por Linton. Ele estava esperando me ver de novo amanhã, e vai ficar tão

decepcionado... Vai ficar esperando por mim, e eu não vou aparecer!"

"Tolice! Imagina que Linton pensou tanto em você, quanto você nele? Ele não tem Hareton para lhe fazer companhia? Nem uma pessoa em cem choraria por perder de vista um parente que só viu duas vezes, durante duas tardes. Linton vai imaginar o que aconteceu e depois nem vai se incomodar mais com você."

"Mas eu posso escrever para explicar por que não posso ir?", perguntou ela, pondo-se de pé. "E só mandar os livros que prometi emprestar para ele? Os livros de Linton não são tão bonitos quanto os meus, e ele quis demais vê-los quando eu disse como eram interessantes... Posso, Ellen?"

"De jeito nenhum, de jeito nenhum!", respondi com firmeza. "Então, ele iria escrever para você e a coisa não terminava nunca. Não, srta. Catherine, você não pode ter nenhum contato com ele. É isso que seu pai espera e eu hei de garantir que aconteça!"

"Mas como pode um bilhetinho...", continuou Catherine, fazendo uma expressão de súplica.

"Silêncio!", interrompi. "Não quero nem saber dos seus bilhetinhos. Para a cama!"

Ela me lançou um olhar muito rebelde — tão rebelde que, a princípio, recusei-me a dar-lhe um beijo de boa-noite. Cobri-a e fechei sua porta, muito zangada. Mas, me arrependendo no meio do caminho, voltei de mansinho e... pronto! Lá estava a mocinha de pé diante da mesa, com um pedaço de papel em branco na frente e um lápis na mão, que escondeu com um ar culpado quando entrei de novo no quarto.

“Se você escrever esse bilhete, Catherine, não vai encontrar quem o leve”, disse eu. “Mas, por enquanto, vou apagar sua vela.”

Coloquei o abafador sobre a chama e, quando fiz isso, recebi um tapa na mão e ouvi a exclamação irritada: “Sua malvada!”. Saí do quarto de novo e ela passou o trinco, num de seus piores ataques de mau humor.

A carta foi escrita e levada a seu destinatário por um menino que vinha do vilarejo pegar leite na fazenda, mas eu só descobri isso algum tempo depois. Passaram-se semanas e o bom humor de Cathy voltou, mas passou a gostar demais de se esgueirar até um canto sozinha e, muitas vezes, se eu me aproximava de repente quando estava lendo, tinha um sobressalto e se debruçava sobre o livro, evidentemente querendo ocultá-lo; e eu detectei pontas de folhas soltas aparecendo por entre as páginas.

Também passou a ter a mania de descer de manhã cedo e ficar pela cozinha, como se estivesse esperando a chegada de algo. E tinha uma gavetinha num armário da biblioteca que passava horas remexendo, e cuja chave tomava um especial cuidado de tirar ao se afastar.

Um dia, quando Cathy estava examinando essa gaveta, observei que os brinquedos e as bugigangas que um dia houvera ali tinham se transformado em pedaços de papel dobrado.

Minha curiosidade e minha desconfiança foram despertadas. Decidi que ia espiar aquele tesouro misterioso. Por isso, à noite, assim que tive certeza de que ela e o patrão estavam no andar de cima, procurei e logo encontrei entre as minhas chaves uma que cabia na fechadura. Abri a gaveta, joguei todo o seu conteúdo no

avental e levei-o comigo para examiná-lo com calma no meu próprio quarto.

Embora tivesse sido impossível não desconfiar, fiquei surpresa quando descobri que ali havia uma vasta correspondência, provavelmente quase diária, com Linton Heathcliff: eram respostas a cartas enviadas por ela. As mais antigas eram breves e escritas num tom constrangido. Aos poucos, no entanto, elas foram se expandindo e se transformando em copiosas cartas de amor; tolas, como era natural devido à idade do autor, mas aqui e ali com toques emprestados de uma fonte mais experiente, pensei.

Algumas soavam como uma mistura singular de ardor e insipidez, começando com sentimentos fortes e terminando daquela maneira afetada e palavrosa que um menino de colégio poderia usar com a namorada imaginária e incorpórea.

Não sei se satisfizeram Cathy, mas, para mim, não pareceram nada além de lixo.

Após passar os olhos por tantas quantas achei necessário, coloquei-as dentro de um lenço amarrado e guardei-as, trancando a gaveta vazia.

Como de hábito, a mocinha desceu cedo e passou na cozinha. Eu a observei ir até a porta quando certo menino chegou e, enquanto a moça que ordenha as vacas enchia a lata dele, Cathy enfiou algo no bolso do seu casaco e retirou outro objeto lá de dentro.

Dei a volta no jardim e fiquei esperando o mensageiro, que lutou bravamente para defender o que lhe fora confiado. Nós dois acabamos derramando o leite, mas eu consegui extrair-lhe a epístola e, ameaçando sérias consequências se ele não corresse logo para casa, fiquei encostada no muro, lendo a afetuosa obra da

srta. Cathy. Era mais simples e mais eloquente que as cartas de seu primo, muito bonita e muito boba. Balancei a cabeça e entrei em casa, refletindo.

Como estava chovendo, ela não podia se distrair passeando no parque. Assim, quando terminou seus estudos matinais, buscou o consolo da gaveta. Seu pai estava sentado à mesa, lendo, e eu, de propósito, tinha procurado algo para fazer separando algumas das franjas das cortinas da janela, enquanto mantinha os olhos fixos nos movimentos dela.

Nenhum passarinho, ao chegar voando num ninho roubado que deixara transbordando de filhotes chilreantes, jamais expressou um desespero tão completo em seus gritos de angústia e seu bater de asas quanto a srta. Cathy, com apenas um “ah!” e a mudança que transfigurou seu rosto, antes tão alegre. O sr. Linton ergueu os olhos.

“O que foi, meu amor? Você se machucou?”, perguntou ele.

Seu tom e sua expressão asseguraram a Cathy que não fora *ele* quem descobrira o tesouro.

“Não, papai”, disse ela, ofegante. “Ellen! Ellen! Suba comigo. Estou me sentindo mal!”

Obedeci à ordem de Cathy e acompanhei-a, deixando a biblioteca também.

“Ah, Ellen! Você pegou”, disse ela imediatamente, pondo-se de joelhos quando estávamos trancadas juntas. “Ah, dê as cartas para mim e eu nunca mais faço isso! Não conte ao papai. Você não contou ao papai, contou? Diga que não! Sei que fiz muito feio, mas não faço mais!”

Com um ar severo, eu pedi-lhe que se levantasse.

“Quer dizer, srta. Cathy, que você já está bem metida nisso!”, exclamei. “É bom mesmo que tenha vergonha dessas cartas. Que bela pilha de lixo você examina em seus momentos de ócio. Ah, elas são tão boas que deviam ser publicadas! E o que você acha que o patrão vai pensar, quando eu exibi-las para ele? Não mostrei ainda, mas não imagine que vou guardar seus segredos ridículos. Que vergonha! E você é quem deve ter dado início a esses absurdos. Ele não teria coragem de começar, tenho certeza.”

“Não fui eu! Não fui eu!”, soluçou Cathy, chorando a não poder mais. “Eu nem pensei que o amava até…”

“*Amava!*”, gritei, pronunciando a palavra com todo o desdém possível. “*Amava!* Onde já se viu? Era mais fácil eu dizer que amo o dono do moinho que vem aqui uma vez por ano comprar o nosso milho. Que belo amor, realmente, quando as duas vezes em que você viu Linton na vida não somam nem quatro horas! Aqui está esse lixo bobo. Vou levá-lo à biblioteca, e nós vamos ver o que seu pai diz desse *amor*.”

Cathy deu um pulo, tentando pegar suas preciosas missivas, mas eu as ergui bem alto. Então, ela continuou a suplicar freneticamente que eu as queimasse — que fizesse qualquer coisa, menos mostrá-las ao pai. E como estava tão inclinada a rir quanto a ralhar, pois acreditava que aquilo era tudo vaidade de menina, eu afinal cedi, até certo ponto, perguntando:

“Se eu consentir em queimá-las, você jura que nunca mais vai mandar nem receber nenhuma carta e nenhum livro? Pois, pelo que entendi, mandou livros para ele. E nem cachos de cabelo, ou anéis, ou brinquedos?”

“Nós não mandamos brinquedos!”, exclamou Catherine, com o orgulho vencendo a vergonha.

“Nem coisa nenhuma então, mocinha! Se não jurar, eu mostro.”

“Eu juro, Ellen!”, exclamou Catherine, agarrando meu vestido. “Ah, jogue-as no fogo! Jogue, jogue!”

Mas quando eu comecei a abrir um lugar com o atiçador, o sacrifício foi doloroso demais para ser suportado. Ela implorou que eu poupasse uma ou duas.

“Uma ou duas, Ellen! Para eu guardar, pelo Linton!”

Desfiz o nó do lenço e, junto a um dos cantos da lareira, comecei a jogá-las lá dentro. A chama foi subindo pela chaminé.

“Eu vou ficar com uma, sua desgraçada cruel!”, gritou Catherine, enfiando a mão no fogo e pegando alguns fragmentos meio queimados, às custas dos próprios dedos.

“Muito bem. E eu ficarei com algumas para exibir ao papai!”, respondi, sacudindo o resto para dentro da trouxa e indo de novo na direção da porta.

Catherine jogou os pedaços de papel enegrecidos nas chamas e fez um gesto indicando que eu deveria terminar a imolação. Assim foi feito. Remexi as cinzas e enterrei-as sob uma pá de carvão. Catherine, sem dizer nada e sentindo-se profundamente maltratada, retirou-se para seu aposento privado. Desci para dizer ao patrão que o mal-estar da moça já tinha quase passado, mas que eu achava melhor que ela ficasse deitada por um tempo.

Ela se recusou a almoçar, mas reapareceu na hora do chá, pálida, com os olhos vermelhos e com uma aparência incrivelmente pesarosa.

Na manhã seguinte, respondi a carta com um pedaço de papel onde escrevi: “Pede-se que o sr. Linton Heathcliff não envie mais bilhetes para a srta. Linton, pois ela não irá recebê-los”. E, dali em diante, o menino do leite apareceu na casa com os bolsos vazios.

# viii

O verão chegou ao fim e já era o início do outono. Tinha passado o dia da Festa de São Miguel Arcanjo, mas a colheita foi tardia naquele ano, e alguns dos nossos campos ainda estavam plantados.

O sr. Linton e a filha com frequência caminhavam em meio aos ceifeiros. Quando os últimos feixes foram carregados, eles ficaram até o crepúsculo e, como a tarde estava fria e úmida, o patrão pegou um resfriado forte que, ao se alojar obstinadamente em seus pulmões, o obrigou a ficar confinado dentro de casa durante todo o inverno, quase sem interrupção.

A pobre Cathy, arrancada do seu pequeno romance, ficara consideravelmente mais triste e calada desde o desfecho, e o pai insistiu que lesse menos e se exercitasse mais. Ela não tinha mais a companhia dele, e eu considerei um dever compensar sua falta com a minha, na medida do possível. Não era uma substituta eficiente, pois, devido às minhas numerosas tarefas diurnas, só tinha duas ou três horas livres para seguir seus passos; e, além disso, minha presença obviamente era menos agradável que a do sr. Linton.

Certa tarde em outubro, ou no início de novembro, uma tarde fresca e chuvosa, na qual a turfa e as trilhas farfalhavam, repletas de folhas úmidas e secas, e o frio céu azul estava metade coberto por nuvens cinza-escuras que vinham do oeste e se avolumavam depressa, prometendo chuva abundante, eu pedi que a patroazinha abrisse mão de seu passeio, pois tinha certeza de que ia cair um pé d'água. Cathy se recusou e eu, contrariada, vesti um capote e peguei meu guarda-chuva para acompanhá-la numa caminhada até o outro lado do bosque, seguindo uma aleia que ela em geral gostava de trilhar quando estava desanimada — e invariavelmente ficava desanimada quando o sr. Edgar encontrava-se pior que de costume, algo que ele jamais confessava, mas que nós duas adivinhávamos pelo seu silêncio e pela melancolia de sua expressão.

Cathy seguiu em frente, triste. Não corria nem pulava mais, embora o vento frio bem que poderia tê-la feito sentir vontade de apostar corrida. E com frequência, pelo canto do olho, eu a via erguer a mão e passá-la na bochecha.

Olhei em volta, buscando uma maneira de distraí-la. Num dos lados da aleia havia uma encosta íngreme e alta que aveleiras e carvalhos atrofiados, com metade das raízes para fora, ocupavam de maneira incerta: a terra era solta demais para os segundos, e ventos fortes haviam deixado alguns quase horizontais. No verão, a srta. Cathy adorava subir nessas árvores e ficar sentada nos galhos, balançando a quase vinte pés do chão; e eu, feliz com sua agilidade e seu coração leve e infantil, mesmo assim achava que devia ralhar sempre que a encontrava lá no alto, mas num tom que a fazia ter certeza de que não havia necessidade de descer. Da hora do

almoço até a hora do chá, ela ficava nesse berço embalado pela brisa, sem fazer nada, apenas cantando velhas canções — o meu repertório de acalantos — de si para si, ou observando os pássaros, inquilinos do mesmo lugar, enquanto estes alimentavam ou incentivavam seus filhotes a voar, ou ainda descansando com as pálpebras fechadas, meio pensando, meio sonhando, mais feliz do que as palavras são capazes de expressar.

“Olhe, srta. Catherine!”, exclamei, apontando para um recesso sob as raízes de uma das árvores retorcidas. “O inverno ainda não chegou aqui. Tem uma florzinha lá em cima, o último botão da multidão de jacintos que em julho cobriu aqueles montes de turfa com uma névoa lilás. Não quer subir ali e colhê-la para mostrar ao papai?”

Cathy passou um longo tempo olhando a flor solitária que tremia em seu abrigo de terra e, afinal, respondeu:

“Não, não vou mexer nela. Mas ela tem um ar melancólico, não tem, Ellen?”

“Tem”, observei, “está tão gelada e murcha quanto você. Seu rosto está descorado. Vamos dar as mãos e correr. Você está tão desanimada que acho que vou conseguir manter o seu ritmo.”

“Não”, repetiu Cathy. Ela continuou a andar devagar, parando de tempos em tempos para cismar diante de um pedaço de musgo, ou de um pouco de grama seca, ou de um fungo que espalhava seu laranja vivo sobre as pilhas de folhas marrons; e, amiúde, passava a mão no rosto virado.

“Catherine, por que está chorando, meu amor?”, perguntei, me aproximando e enlaçando-a pelos ombros. “Não deve chorar porque o papai tem um resfriado. Agradeça por não ser nada pior.”

Ela então não segurou mais as lágrimas e ficou arfante de tanto soluçar.

“Ah, *vai ser* pior”, disse. “E o que farei quando o papai e você me deixarem, e eu ficar sozinha? Não consigo esquecer suas palavras, Ellen: elas vivem nos meus ouvidos. Como a vida vai ser diferente, como o mundo vai ser triste quando o papai e você morrerem!”

“Ninguém sabe se você não vai morrer antes de nós”, respondi. “É errado antecipar as coisas ruins. Esperemos que passem-se anos e anos antes de qualquer um de nós partir. O patrão é jovem, e eu sou forte, e mal acabei de fazer quarenta e cinco anos. Minha mãe viveu até os oitenta, e foi lépida e fagueira até o final. Suponha que o sr. Linton fosse poupado até completar sessenta: seriam mais anos do que você já teve de vida, mocinha. E não seria tolice chorar por uma calamidade com mais de vinte anos de antecedência?”

“Mas a tia Isabella era mais jovem do que o papai quando morreu”, disse Catherine, erguendo os olhos com uma esperança tímida, em busca de mais consolo.

“A tia Isabella não tinha a mim e a você para cuidar dela”, respondi. “Ela não era tão feliz quanto o patrão. Não tinha tantos motivos para viver. Tudo o que você precisa fazer é cuidar do seu pai e deixá-lo alegre com sua alegria. E evite deixá-lo nervoso por qualquer motivo. Não se esqueça, Cathy! Não vou disfarçar: você pode matá-lo se agir de maneira imprudente e acalentar uma afeição tola e imaginária pelo filho de uma pessoa que ficaria feliz em vê-lo morto, ou se permitir que ele descubra que se angustiou com uma separação que ele achou conveniente manter.”

“Eu não me angustio com nada no mundo além da doença do papai”, afirmou ela. “Não ligo para nada, em comparação com o

papai. E nunca, nunca, nunca, enquanto estiver sã, irei fazer um gesto ou dizer uma palavra que o aborreça. Eu o amo mais do que a mim mesma, Ellen, e sei disso assim: todas as noites, rezo para viver mais do que ele, pois prefiro ficar triste a vê-lo triste. Isso prova que o amo mais do que a mim mesma."

"Belas palavras", respondi. "Mas você deve prová-las com suas ações. E depois que ele melhorar, não se esqueça das resoluções que tomou na hora do medo."

Enquanto conversávamos, fomos nos aproximando de um portão que se abria para a estrada e a mocinha, iluminando-se novamente, escalou o muro e se sentou no topo, estendendo a mão para colher algumas bagas que tinham brotado, escarlates, nos galhos mais altos das roseiras silvestres, cuja sombra flanqueava a estrada. As frutas mais baixas tinham desaparecido, mas apenas os pássaros conseguiam tocar nas mais altas, ou então quem estivesse no atual posto de Cathy.

Quando a patroazinha se esticou para arrancá-las, seu chapéu caiu e, como o portão estava trancado, ela se prontificou a pular o muro para recuperá-lo. Eu mandei-a tomar cuidado para não cair e, com um movimento ágil, ela desapareceu.

Mas a volta não foi tão fácil: as pedras eram lisas e bem cimentadas, e as poucas roseiras e amoreiras que restavam não podiam auxiliá-la a subir. Eu, idiota, só me lembrei disso quando a ouvi rir e exclamar:

"Ellen! Você vai ter de pegar a chave, ou eu vou precisar dar a volta até a cabana do porteiro. Não consigo escalar o muro desse lado!"

“Fique onde está”, respondi. “Estou com o meu molho de chaves no bolso. Talvez consiga abrir o portão. Se não conseguir, eu vou.”

Catherine se distraiu dançando para lá e para cá diante do portão enquanto eu experimentava todas as chaves grandes, uma depois da outra. Tentei a última e vi que nenhuma servia; assim, repetindo meu pedido para que ela ficasse ali, estava prestes a correr para casa o mais depressa possível quando um som que se aproximava me fez estacar. Era o trote de um cavalo. Cathy parou de dançar e, um minuto depois, o cavalo parou também.

“Quem é?”, sussurrei.

“Ellen, eu queria que você tivesse conseguido abrir o portão”, sussurrou de volta, ansiosamente, a patroazinha.

“Olá, srta. Linton!”, exclamou uma voz grave (a do cavaleiro). “Fico feliz de encontrá-la. Não se apresse em entrar, pois eu tenho uma explicação a pedir e obter.”

“Eu não vou falar com o senhor, sr. Heathcliff!”, respondeu Catherine. “O papai disse que o senhor é um homem mau e que odeia tanto a ele quanto a mim. E Ellen disse a mesma coisa.”

“Isso não vem ao caso”, disse Heathcliff. (Era ele mesmo.) “A senhorita, imagino, não deve achar que eu odeio o meu filho, e é por causa dele que exijo sua atenção. Isso mesmo! De fato, tem motivo para enrubescer. Dois ou três meses atrás, não estava mantendo o hábito de escrever para Linton? Estavam brincando de namorar, hein? Merecem apanhar de chicote por isso, os dois! Principalmente a senhorita, que é mais velha e menos sensível, como ficou provado. Estou com as suas cartas e, se me der alguma resposta malcriada, vou mandá-las para o seu pai. Presumo que tenha se cansado da distração e a largado, não foi? Bem, pois junto com ela,

largou Linton no Pântano do Desânimo.[13] Ele estava falando sério. Estava apaixonado — de verdade. E está realmente morrendo por você. Por causa da sua leviandade, está com o coração partido, e isso não é só maneira de dizer, é realidade. Embora Hareton esteja caçoando dele sem parar há seis semanas e eu tenha tomado medidas mais sérias, e dito que ele vai sofrer consequências se não deixar de ser idiota, Linton piora a cada dia. E vai estar debaixo da terra antes da chegada do verão se a senhorita não o ajudar a se recuperar!"

"Como pode mentir de maneira tão descarada para a pobre criança?", eu gritei lá de dentro. "Por favor, siga seu caminho! Como pode contar inverdades tão desprezíveis? Srta. Cathy, eu vou arrebentar o trinco com uma pedra. Não acredite nessas bobagens vis. A senhorita deve saber em seu íntimo que é impossível alguém morrer de amor por uma estranha."

"Não sabia que tinha alguém escutando", murmurou o patife, pego no flagra. "Estimada sra. Dean, eu gosto de você, mas não gosto do seu jogo duplo", acrescentou ele em voz alta. "Como *você* pôde mentir de maneira tão descarada e afirmar que eu odeio 'a pobre criança'? E inventar histórias de bicho-papão para aterrorizá-la e impedi-la de ir à minha casa? Catherine Linton (o nome já me aquece o coração), minha bela menina, eu vou passar a semana toda fora. Vá ver se não falei a verdade. Por favor, seja boazinha! Imagine se o seu pai estivesse no meu lugar e Linton, no seu. Então, pense no valor que daria ao seu namorado indiferente se ele se recusasse a dar um passo para confortá-la após o seu pai, em pessoa, ter lhe pedido isso. Não cometa o mesmo erro por pura

estupidez. Juro pela minha alma que ele está à beira do túmulo, e que você é a única que pode salvá-lo!”

O trinco cedeu e eu saí.

“Juro que Linton está morrendo”, repetiu Heathcliff, me olhando com firmeza. “E a tristeza e a decepção estão apressando sua morte. Nelly, se não quiser deixar que ela vá, então vá você. Mas eu só vou voltar daqui a uma semana, e acho que nem o seu patrão se oporia à ideia de ela visitar o primo!”

“Entre”, disse eu, pegando Cathy pelo braço e praticamente forçando-a a entrar, pois ela continuou ali, observando, com uma expressão perturbada, as feições de seu interlocutor, tão graníticas que não revelavam a falsidade dele.

Heathcliff empurrou seu cavalo para perto e, se debruçando, observou:

“Srta. Catherine, eu admito que tenho pouca paciência com Linton — e Hareton e Joseph têm menos ainda. Admito que ele mora com uma gente rude. Está definhando por falta de gentileza, além de falta de amor, e uma palavra doce vinda da senhorita seria o melhor remédio. Não ouça os avisos cruéis da sra. Dean. Seja generosa, e dê um jeito de vê-lo. Ele sonha com a senhorita dia e noite e não se convence de que não o odeia, já que não escreve, nem o visita.”

Fechei o portão e rolei uma pedra para ajudar o trinco quebrado a segurá-lo; e abrindo meu guarda-chuva, puxei a menina para debaixo dele, pois a chuva estava começando a passar pelos galhos murmurantes das árvores, mandando-nos não demorar.

Nossa pressa nos impediu de discutir o encontro com Heathcliff enquanto corríamos para casa, mas eu adivinhei que, agora, o coração de Catherine estava encoberto por uma dupla escuridão.

Suas feições estavam tão tristes que ela parecia outra pessoa. Era evidente que considerava verdadeira cada palavra que ouvira.

O patrão havia se retirado para descansar antes de nós chegarmos. Cathy foi pé ante pé até seu quarto para saber como ele estava. Ele tinha adormecido. Ela voltou e me pediu que lhe fizesse companhia na biblioteca. Tomamos chá juntas e, depois, Cathy se deitou no tapete e me pediu que não falasse, pois estava cansada.

Peguei um livro e fingi ler. Assim que Catherine achou que eu estava absorta nessa tarefa, voltou a chorar baixinho: aquela parecia ser sua distração preferida naquele momento. Permiti que desfrutasse dela durante algum tempo, mas então protestei, ridicularizando e desdenhando de todas as afirmações do sr. Heathcliff sobre o filho, como se tivesse certeza de que ela ia concordar comigo. Ai de mim! Não tive habilidade para desfazer o efeito que o relato dele causara. Essa tinha sido a intenção do sr. Heathcliff.

“Pode ser que você tenha razão, Ellen”, respondeu Catherine, “mas eu só vou me tranquilizar quando tiver certeza, e preciso dizer a Linton que não é culpa minha se não posso escrever, e convencê-lo de que não irei mudar.”

De que adiantavam a raiva e os protestos diante daquela credulidade tola? Naquela noite, nós nos separamos zangadas uma com a outra — mas, no dia seguinte, lá estava eu na estrada, a caminho de Wuthering Heights, ao lado do pônei da minha jovem patroa teimosa. Não consegui suportar ver sua tristeza, ver seu rosto pálido e abatido e seus olhos inchados; e cedi, com a vaga esperança de que o próprio Linton pudesse provar, por sua maneira de nos receber, quão pouco daquela história era baseada em fatos.

13. Estado de medo e apreensão no qual cai Cristão em *O peregrino*, de John Bunyan. (n. e.)

# ix

A noite chuvosa trouxera uma manhã nevoenta. Nevava um pouco e chovia um pouco, e riachos temporários cruzavam nosso caminho, gorgolejando desde as terras altas acima dos montes. Meus pés ficaram completamente molhados e eu estava irritada e abatida, o humor perfeito para exagerar essas coisas desagradáveis.

Entramos na casa pela cozinha, para ter certeza de que o sr. Heathcliff realmente estava ausente, pois eu não dava muita fé nas afirmações dele.

Joseph parecia estar sozinho numa espécie de elísio, sentado diante de um enorme fogo, com um quartilho de cerveja e diversos pedaços grandes de bolo de aveia na mesa, e seu cachimbo preto curto na boca.

Catherine correu para perto da lareira para se aquecer. Eu perguntei se o patrão estava em casa.

Minha pergunta ficou sem resposta durante tanto tempo que eu achei que o velho tinha ficado surdo, e a repeti num tom mais alto.

“Nãão!”, rugiu ele, ou melhor, gritou pelo nariz. “Nãão! E vocês têm que voltar de uma vez pra casa.”

“Joseph!”, exclamou uma voz rabugenta ao mesmo tempo que eu, vinda da sala interna. “Quantas vezes eu preciso chamar você? Só sobraram algumas brasas. Joseph! Venha neste minuto.”

Joseph, através de baforadas vigorosas e um olhar resoluto na direção da grade da lareira, declarou que não ia dar ouvidos a esse apelo. Não se via nem a governanta, nem Hareton em lugar nenhum: provavelmente, uma tinha ido resolver alguma coisa qualquer e o outro estava trabalhando. Reconhecemos a voz de Linton e entramos.

“Ah, espero que você morra abandonado, de fome!”, disse o menino, achando que quem se aproximava era o empregado negligente.

Linton parou de falar ao perceber seu erro. A prima correu para perto dele.

“É a srta. Linton?”, disse ele, erguendo a cabeça do braço da poltrona grande, onde estava reclinado. “Não, não me beije. Isso me deixa ofegante. Puxa! O papai disse que a senhorita ia vir me visitar”, continuou, depois de se recuperar um pouco do afago de Catherine, enquanto ela fazia uma expressão muito contrita. “Pode fechar a porta, por favor? A senhorita a deixou aberta. E aquelas… aquelas criaturas *detestáveis* não trazem carvão para o fogo. Está tão frio!”

Avivei as brasas e trouxe uma pá cheia de carvão. O doente reclamou que tinha ficado todo sujo de cinzas, mas ele estava com uma tosse renitente e parecia febril e doentio, de modo que não critiquei seu mau humor.

“Muito bem, Linton”, murmurou Catherine, depois que ele deixou de franzir o cenho. “Está feliz de me ver? Posso fazer alguma coisa

por você?”

“Por que não veio antes?”, perguntou Linton. “Devia ter vindo, em vez de ter escrito. Eu ficava terrivelmente cansado escrevendo aquelas cartas enormes. Teria gostado muito mais de conversar com a senhorita. Agora, não suporto falar, nem fazer mais nada. Onde será que está Zillah? Você pode ir até a cozinha ver?”, pediu ele, dirigindo-se a mim.

Eu não tinha recebido nenhum agradecimento pelo outro serviço que prestara e, como não estava disposta a ficar correndo para lá e para cá por aquele menino, respondi:

“Não há ninguém lá dentro além de Joseph.”

“Eu quero beber alguma coisa!”, exclamou Linton, virando o rosto, irritado. “Zillah vive escapulindo para Gimmerton desde que o papai viajou. É horrível! E eu sou obrigado a vir aqui para baixo. Eles resolveram que não me escutam quando estou lá em cima.”

“O seu pai é atencioso com o senhor, seu Heathcliff?”, eu perguntei, percebendo que Catherine tinha desistido de suas demonstrações de amizade.

“Atencioso? Ele faz com que *eles* sejam um pouco mais atenciosos, pelo menos!”, exclamou ele. “Desgraçados! Sabia, srta. Linton, que aquele brutamontes do Hareton ri de mim? Eu o odeio. Para falar a verdade, odeio todos eles. São seres detestáveis.”

Cathy começou a procurar um pouco de água. Encontrou um jarro em cima da cômoda, encheu um copo e trouxe. Linton pediu que ela acrescentasse uma colherada de vinho de uma garrafa sobre a mesa e, depois de beber um gole, pareceu mais tranquilo, e declarou que ela era muito gentil.

“E você está feliz de me ver?”, perguntou ela, repetindo a indagação de antes e contente de ver a leve sombra de um sorriso.

“Estou, sim! É diferente ouvir uma voz como a sua!”, respondeu ele. “Mas eu estava aborrecido porque não vinha me visitar. E o papai jurou que era minha culpa. Disse que eu era uma coisa lamentável, desajeitada e inútil, que a senhorita me desprezava e que, se ele estivesse no meu lugar, seria mais dono da Grange do que o seu pai a essa altura. Mas a senhorita não me despreza. Despreza, senhorita…”

“Gostaria que você me chamasse de Catherine ou de Cathy!”, interrompeu minha menina. “Se eu o desprezo? Não! Junto com o papai e Ellen, amo você mais do que qualquer outra pessoa no mundo. Mas não amo o sr. Heathcliff, e não tenho coragem de vir aqui quando ele voltar. Ele vai passar muitos dias longe?”

“Não muitos. Mas sai para os urzais com frequência desde que começou a temporada de caça, e você pode passar uma ou duas horas comigo, quando ele não estiver em casa. Aceite! Por favor! Acho que não devo ficar zangado com você. Você não iria me irritar, e sempre estaria disposta a me ajudar, não é?”

“Sim”, disse Catherine, fazendo um carinho nos longos cabelos macios dele. “Se papai consentisse, eu passaria metade do meu tempo com você. Meu belo Linton! Eu queria que você fosse meu irmão!”

“E então, gostaria tanto de mim quanto do seu pai?”, perguntou o menino, num tom mais alegre. “Mas o papai disse que você gostaria mais de mim do que dele, e de todo o mundo, se fosse minha esposa. Então, prefiro isso!”

“Não! Eu jamais amaria alguém mais do que amo o papai”, respondeu ela, gravemente. “E as pessoas, às vezes, detestam suas esposas. Mas nunca seus irmãos e irmãs. Se você fosse meu irmão, ia viver conosco, e o papai ia gostar tanto de você quanto gosta de mim.”

Linton garantiu que as pessoas nunca detestavam suas esposas, mas Cathy afirmou que sim, e, com ar de grande sabedoria, citou a aversão do próprio pai dele à tia Isabella.

Eu tentei impedi-la de dizer essa frase impensada, mas nada consegui até que tudo o que ela sabia foi revelado. O jovem Heathcliff, muito irritado, garantiu que o relato dela era mentira.

“Foi o papai que me contou, e ele não conta mentiras!”, respondeu Catherine, desaforada.

“O *meu* pai despreza o seu!”, gritou Linton. “Diz que ele é um idiota covarde!”

“O *seu* é um homem malvado”, retrucou Catherine, “e é muito errado você repetir o que ele diz. Ele deve ser malvado, se a tia Isabella o abandonou!”

“Ela não o abandonou!”, disse o menino. “Você não vai me contradizer!”

“Abandonou, sim!”, bradou a mocinha.

“Bem, eu vou contar uma coisa para *você*”, disse Linton. “Sua mãe detestava o seu pai. Sabia?”

“Ah!”, exclamou Catherine, tão furiosa que não pôde dizer mais nada.

“E amava o meu!”, acrescentou ele.

“Seu mentiroso! Eu odeio você!”, disse ela, arfante, com o rosto vermelho de fúria.

“Amava! Amava!”, cantarolou Linton, afundando na poltrona e virando a cabeça para desfrutar da agitação de sua oponente, que estava atrás dele.

“Chega, seu Heathcliff!”, eu disse. “Isso também são histórias do seu pai, aposto.”

“Não são nada. Cale a boca!”, respondeu ele. “Amava, amava sim, Catherine! Amava, amava!”

Cathy, fora de si, deu um violento empurrão na cadeira, fazendo-o cair em cima de um dos braços. Linton imediatamente teve um acesso de tosse sufocante que logo pôs um ponto-final em seu triunfo.

O acesso durou tanto tempo que até eu fiquei assustada. Quanto à prima dele, ela caiu em prantos, aterrada com o mal que causara, mas sem dizer nada.

Segurei Linton até o acesso terminar. Então, ele me empurrou para longe e baixou a cabeça, em silêncio. Catherine conteve o choro também, sentou-se diante do primo e olhou para o fogo.

“Como está se sentindo agora, seu Heathcliff?”, perguntei, depois de esperar dez minutos.

“Queria que *ela* estivesse sentindo a mesma coisa que eu”, respondeu ele. “Sua coisinha maligna e cruel! Hareton nunca encostou um dedo em mim. Nunca bateu em mim na vida. E eu estava melhor hoje e… e só.” A voz dele morreu num gemido.

“Eu *não* bati em você!”, murmurou Cathy, mordendo o lábio para não desatar a chorar de novo.

Linton suspirou e gemeu como quem estivesse num profundo sofrimento. Continuou durante um quarto de hora, aparentemente de propósito para angustiar a prima, pois, sempre que a flagrava

dando um soluço sufocado, assumia um tom ainda mais doloroso e patético.

“Desculpe se eu machuquei você, Linton!”, disse ela, afinal, sem aguentar mais aquela tortura. “Mas *eu* não teria me machucado com aquele empurrãozinho, e não sabia que isso ia acontecer. Você não é grande coisa, é, Linton? Não deixe que eu vá para casa achando que lhe causei mal! Responda. Fale comigo.”

“Não consigo falar com você”, murmurou ele. “Você me machucou tanto que eu vou ficar acordado a noite inteira, sufocando com essa tosse. Se sofresse disso, ia saber como é… Mas *você* vai dormir confortável, enquanto eu vou estar na maior agonia. E sem ninguém do meu lado! Queria saber se você ia gostar de passar essas noites horríveis!” E Linton abriu o maior berreiro de tanta pena de si mesmo.

“Já que o senhor tem o hábito de passar noites horríveis, não vai ser a srta. Linton que vai estragar seu conforto”, disse eu. “Se ela não tivesse vindo, teria sido a mesma coisa. Mas ela não vai perturbá-lo de novo. E talvez o senhor fique mais tranquilo depois que formos embora.”

“Eu preciso mesmo ir?”, perguntou Catherine desconsoladamente. “Quer que eu vá, Linton?”

“Você não pode alterar o que fez”, respondeu ele, rabugento, encolhendo-se para longe dela. “A não ser que altere para pior, me azucrinando até eu ter uma febre!”

“Quer dizer que preciso ir?”, repetiu ela.

“Deixe-me em paz, pelo menos”, disse Linton. “Não aguento você falando!”

Catherine continuou ali, e resistiu tanto às minhas sugestões de partir que me deixou cansada. Mas, como ele nem erguia a cabeça, nem dizia nada, ela finalmente se encaminhou para a porta, e eu fui atrás.

Ao ouvir um grito, nós voltamos. Linton tinha escorregado da poltrona e caído na laje diante da lareira. Estava se contorcendo só de teimosia, como fazem as desgraças das crianças mimadas que querem ser tão aflitivas e desagradáveis quanto possível.

Compreendi perfeitamente o temperamento dele ao ver como se comportava, e percebi na hora que seria loucura tentar fazer suas vontades. Mas minha acompanhante correu para perto do primo, aterrorizada: ela se ajoelhou, chorou, consolou e suplicou, até ele ficar quieto por falta de fôlego — não por ter escrúpulos em atormentá-la.

“Vou colocá-lo no banco de madeira”, disse eu, “e ele vai poder rolar o quanto quiser. Não podemos ficar aqui, olhando. Espero que tenha entendido, srta. Cathy, que não é você que vai ajudá-lo a melhorar, e que seu estado não foi causado por alguma afeição por você. Pronto, coloquei! Vamos embora. Assim que ele perceber que não há ninguém aqui para prestar atenção em suas bobagens, vai se conformar e parar quieto!”

Catherine pôs uma almofada debaixo da cabeça de Linton e ofereceu-lhe um pouco de água. Ele rejeitou esta última e se revirou, inquieto, na primeira, como se estivesse recostado numa pedra ou num pedaço de madeira.

Ela tentou ajeitar a almofada para que ficasse mais confortável.

“Esta não presta”, disse Linton. “Não é alta o suficiente!”

Catherine trouxe outra para colocar em cima.

“Agora está alto *demais*!”, murmurou aquela coisinha irritante.

“Como você quer, então?”, perguntou ela, desistindo.

Ele se arrastou para perto de Catherine, que estava com um joelho no chão ao lado do banco, e usou seu ombro de apoio.

“Não, assim não é possível!”, disse eu. “Vai ter de se contentar com a almofada, seu Heathcliff! A srta. Linton já perdeu tempo demais com o senhor. Nós não podemos ficar nem mais cinco minutos.”

“Podemos, podemos sim!”, respondeu Cathy. “Linton agora está bonzinho e paciente. Está começando a acreditar que eu ficarei muito mais agoniada do que ele esta noite, se achar que ele piorou com a minha visita. E, se isso acontecer, não vou me atrever a vir de novo. Diga a verdade, Linton, pois se eu tiver machucado você, não devo vir.”

“Você precisa vir, para me curar”, respondeu ele. “Deve vir, porque me machucou. E machucou mesmo, muito! Eu não estava tão doente quando você chegou. Estava?”

“Mas você passou mal de tanto chorar e de tanta raiva. Eu não fui culpada de tudo”, disse sua prima. “De qualquer maneira, nós vamos ser amigos de agora em diante. E você quer que eu venha. Quer me ver de vez em quando, de verdade?”

“Já disse que sim!”, respondeu Linton, impaciente. “Sente no banco e deixe que eu me deite nos seus joelhos. Era isso que a mamãe costumava fazer durante tardes inteiras. Fique bem parada e não diga nada. Mas pode cantar, se souber, ou dizer uma balada longa e interessante — uma daquelas que prometeu me ensinar. Ou uma história. Mas eu prefiro uma balada. Pode começar.”

Catherine repetiu a balada mais longa de que conseguia se lembrar. Essa distração agradou enormemente os dois. Linton fez questão de escutar outra e, depois, mais outra, não obstante os meus insistentes protestos. De modo que eles continuaram até o relógio bater doze horas e nós ouvirmos Hareton no pátio, voltando para almoçar.

“E amanhã, Catherine? Você vem amanhã?”, perguntou o jovem Heathcliff, agarrando seu vestido quando ela se levantou com relutância.

“Não!”, respondi eu. “E nem no outro dia.” Catherine, no entanto, evidentemente deu uma resposta diferente, pois Linton deixou de franzir o cenho quando ela se abaixou e sussurrou em seu ouvido.

“A senhorita não vai amanhã, lembre-se!”, disse eu, depois que tínhamos saído da casa. “Não está sonhando com isso, está?”

Catherine sorriu.

“Ah, eu vou prestar bastante atenção!”, continuei. “Vou mandar consertar aquele trinco, e a senhorita não vai conseguir escapar por nenhuma outra saída.”

“Eu consigo pular o muro”, disse ela, rindo. “A Grange não é uma prisão, Ellen, e você não é minha carcereira. Além do mais, já tenho quase dezessete anos. Já sou mulher. E tenho certeza de que Linton se recuperaria depressa se eu estivesse cuidando dele. Sou mais velha do que ele, como você sabe, e mais sábia, e menos infantil, não sou? E Linton logo vai começar a fazer o que eu mando com um pouco de persuasão. Ele é um amorzinho lindo quando é bonzinho. Eu o mimaria tanto, se ele fosse meu. Nós nunca iríamos brigar, iríamos, depois de nos acostumar um com o outro? Você não gosta dele, Ellen?”

“Se eu gosto dele? É o fracalhão mais birrento que já se arrastou até a adolescência!”, exclamei. “Felizmente, como o sr. Heathcliff adivinhou, ele não vai chegar aos vinte anos! Na verdade, duvido que chegue à primavera. Não vai ser grande perda para a família, quando desencarnar. E que sorte nossa que o pai quis ficar com ele. Quanto mais gentilezas lhe fizessem, mais enfadonho e egoísta iria se tornar! Que bom que não há chance de ele virar seu marido, srta. Catherine!”

Minha acompanhante ficou muito séria diante dessas palavras. Ouvir alguém falar da morte de seu primo com tanta indiferença a magoou.

“Linton é mais novo do que eu”, disse ela, após uma longa pausa para reflexão, “e deveria viver mais do que eu. Vai viver. Precisa viver, enquanto eu for viva. Não está mais fraco agora do que era quando veio para o norte, disso tenho certeza! Só está com um resfriado, assim como o papai. Você disse que o papai vai melhorar. Por que não Linton?”

“Ora, ora!”, exclamei. “De qualquer maneira, nós não precisamos nos preocupar com esse assunto. Pois ouça, mocinha, e saiba que vou cumprir o que prometi: se você tentar ir a Wuthering Heights de novo, comigo, ou sem mim, vou contar tudo ao sr. Edgar. E, a não ser que ele permita, sua intimidade com seu primo não deve recomeçar.”

“Já recomeçou!”, murmurou Catherine, amuada.

“Então, não deve continuar!”

“Veremos!”, respondeu ela, e saiu a galope, me largando para trás.

Nós duas chegamos em casa antes da hora do almoço. O patrão supôs que tínhamos passeado pelo bosque da propriedade e, portanto, não exigiu que explicássemos nossa ausência. Assim que entrei em casa, fui correndo trocar meus sapatos encharcados e minhas meias, mas todo aquele tempo passado na Heights teve suas consequências. Na manhã seguinte eu estava de cama e, durante três semanas, continuei incapaz de cumprir meus deveres — uma calamidade que nunca se abatera sobre mim antes e que, graças a Deus, não me aconteceu desde então.

Minha patroazinha se comportou como um anjo, vindo cuidar de mim e alegrar minha solidão. O confinamento me deixou muito aborrecida — é cansativo, para uma pessoa ativa — mas quase ninguém tem tão poucos motivos para reclamar quanto eu tive. No instante em que deixava o quarto do sr. Linton, Catherine aparecia no meu. Passava metade do dia com cada um. Nenhuma diversão usurpava um minuto sequer de seu tempo. Ela deixava de comer, de estudar e de brincar, e foi a enfermeira mais carinhosa que já existiu. Devia ter um coração muito bom, pois, amando tanto o pai, dedicou-se tanto a mim!

Eu disse que Catherine passava metade do dia com cada um. Mas o patrão ia se deitar cedo e eu, em geral, não precisava de nada depois das seis da tarde. Por isso, à noite, ela podia se ocupar como quisesse.

Pobrezinha, nunca parei para pensar no que ficava fazendo depois do chá. E embora, com frequência, quando ela vinha me dar boa-noite, reparasse que estava com as faces coradas e os dedos finos rosados, em vez de imaginar que o rubor era resultado de uma

cavalgada gelada pelos urzais, punha a culpa no fogo quente da lareira da biblioteca.

# X

Depois de três semanas, consegui deixar o meu quarto e andar pela casa. Na primeira vez em que pude passar a tardinha sentada, pedi que Catherine lesse para mim, já que a minha vista estava fraca. Nós estávamos na biblioteca, pois o patrão tinha ido para a cama. Ela consentiu com bastante má vontade, pelo que me pareceu, e imaginando que meus livros não lhe agradavam, pedi-lhe que escolhesse o que quisesse para a leitura.

Catherine escolheu um de seus livros preferidos e leu sem parar durante cerca de uma hora. Então, começou a fazer perguntas frequentes:

“Ellen, você não está cansada? Não é melhor se deitar agora? Vai piorar se ficar tanto tempo fora da cama, Ellen.”

“Não, não, meu bem. Não estou cansada”, respondi a cada vez.

Vendo que eu não ia me mover, ela tentou demonstrar seu desgosto por aquela tarefa usando outro método. Começou a bocejar, se espreguiçar e dizer:

“Estou cansada, Ellen.”

“Então pare de ler e vamos conversar.”

Isso foi pior. Ela se remexeu, suspirou e olhou o relógio até as oito da noite. Até que afinal foi para o quarto, completamente exausta de sono, a julgar por sua expressão rabugenta e abatida e a quantidade de vezes em que esfregou os olhos.

Na noite seguinte, pareceu ainda mais impaciente. E na terceira após recuperar minha companhia, reclamou que estava com dor de cabeça e foi embora.

Achei seu comportamento estranho e, depois de ficar sozinha um longo tempo, resolvi perguntar se ela estava melhor e pedir-lhe que viesse se deitar no sofá, em vez de lá em cima no escuro.

Não encontrei Catherine nem no andar de cima, nem no de baixo. Os criados afirmaram que não a tinham visto. Colei o ouvido à porta do sr. Edgar: silêncio absoluto. Voltei para os aposentos dela, apaguei minha vela e me sentei na janela.

A lua brilhava forte, uma leve camada de neve cobria o chão e eu refleti que Catherine poderia, talvez, ter enfiado na cabeça que queria dar uma volta no jardim para se revigorar um pouco. De fato, discerni um vulto se esgueirando ao longo da cerca interna do bosque. Mas não era a patroazinha: quando a luz caiu sobre ele, reconheci um dos cavalariços.

Ele ficou um período considerável observando a estrada por onde as carruagens entravam na propriedade. Então, pôs-se a andar depressa, como se houvesse discernido algo, e logo reapareceu, trazendo o pônei da patroazinha. Lá estava ela andando ao lado do animal, do qual acabara de apear.

O homem levou o pônei furtivamente pelo gramado até o estábulo. Cathy entrou pela janela de caixilho da sala de estar e

subiu sem fazer nenhum ruído até o andar de cima, onde eu a aguardava.

Ela fechou a porta devagar, tirou os sapatos sujos de neve, desatou o chapéu e estava começando a tirar a manta, ignorando que era observada, quando eu me levantei e revelei minha presença. A surpresa a petrificou: ela soltou uma exclamação incoerente e estacou.

“Minha querida srta. Catherine”, disse eu, com uma impressão vívida demais de sua gentileza recente para começar a ralhar, “para onde foi a cavalo a esta hora? E por que quis me enganar, me contando histórias? Onde estava? Diga!”

“Fui até o outro lado do bosque”, gaguejou ela. “Não contei histórias.”

“E não foi a nenhum outro lugar?”, insisti.

“Não”, murmurou Catherine em resposta.

“Ah, Catherine!”, exclamei, triste. “Você sabe que estava fazendo algo errado. Se não soubesse, não teria me contado uma inverdade. Isso me entristece muito. Prefiro passar três meses doente a ouvir você contando uma mentira deliberada.”

Ela deu um salto à frente e, desatando a chorar, se pendurou no meu pescoço.

“Ah, Ellen, eu tenho tanto medo de você ficar zangada. Prometa que não vai ficar, que eu conto toda a verdade. Odeio ter de escondê-la.”

Nós nos sentamos no assento da janela. Eu garanti que não iria ralhar, não importava qual fosse o segredo. E adivinhei-o, é claro. Catherine começou seu relato:

“Eu estava em Wuthering Heights, Ellen, e não deixei de ir nem um dia desde que você ficou doente, exceto em três ocasiões durante o período em que estava confinada no quarto, e duas depois disso. Dei livros e gravuras a Michael para que ele preparasse Minny todas as noites e a colocasse de volta no estábulo. Mas atenção, você também não pode ralhar com ele. Eu chegava na Heights às seis e meia e em geral ficava lá até oito e meia, e então galopava para casa. Não ia para me distrair: com frequência, o tempo todo que eu passava lá era horrível. Só de vez em quando era bom: uma vez por semana, mais ou menos. A princípio, achei que seria uma dificuldade convencer você a me deixar cumprir minha promessa para Linton, pois, quando nós nos despedimos, eu tinha jurado que ia visitá-lo no dia seguinte. Mas, como você ficou presa no andar de cima, não precisei convencê-la de nada e, à tarde, quando Michael estava consertando o trinco do portão do bosque, peguei a chave e contei a ele que meu primo desejava que eu o visitasse, porque estava doente e não podia ir à Grange, mas que o papai não queria que eu fosse. E então, negociei com ele a questão do pônei. Michael gosta de ler, e está pensando em deixar de trabalhar aqui em breve para ir se casar. Por isso concordou em fazer o que eu queria se lhe emprestasse livros da biblioteca. Mas eu dei os meus próprios, e ele gostou mais ainda.

“Na minha segunda visita, Linton parecia estar bastante animado. Zillah, a governanta deles, limpou a sala para nós e fez um belo fogo, dizendo que, como Joseph fora a um encontro de oração e Hareton Earnshaw tinha saído com seus cachorros — para caçar os faisões da nossa propriedade, pelo que eu soube mais tarde — nós podíamos fazer o que quiséssemos.

“Ela me trouxe vinho quente e pão de mel, e pareceu ser muito boazinha. Linton ficou sentado na poltrona e eu na cadeirinha de balanço diante da lareira, e nós rimos e conversamos muito alegremente, e descobrimos muitas coisas para dizer um ao outro. Planejamos aonde iríamos e o que faríamos no verão. Não vou contar essa parte, pois você iria dizer que é bobagem.

“Em dado momento, no entanto, nós quase brigamos. Linton disse que a maneira mais agradável de passar um dia quente de julho era ficar deitado num monte de urze no meio dos urzais, com as abelhas zumbindo sonolentas por entre as flores, as cotovias cantando lá em cima, o céu azul sem nuvens e o sol forte brilhando sem parar. Essa era a ideia que ele tinha da perfeição celestial. A minha era ficar deitada num galho de uma árvore cheia de folhas verdes e farfalhantes, com um vento oeste soprando e nuvens brancas e brilhantes passando depressa no céu; e tendo não apenas cotovias, mas tordos, melros, pintarroxos e cucos transbordando música por todos os lados, e os urzais ao longe, divididos em valezinhos escuros e frescos; e, perto, imensas vagas de mato comprido ondulando ao sabor da brisa; e o bosque, e o som da água, e o mundo todo desperto e louco de alegria. Ele queria que tudo permanecesse num êxtase de paz; eu queria que tudo brilhasse e dançasse num júbilo glorioso.

“Eu disse que o paraíso dele seria apenas meio vivo, e ele disse que o meu seria ensandecido; eu disse que o dele me faria cair no sono, e ele disse que não iria conseguir respirar no meu, e foi ficando muito irritado. Afinal, nós concordamos em experimentar os dois assim que fizesse o tempo certo, e então nos beijamos e fizemos as pazes. Depois de passar uma hora sem fazer nada, eu

olhei aquela sala enorme com seu chão liso, sem tapetes, e pensei em como seria bom brincar ali, se removêssemos a mesa. Pedi que Linton chamasse Zillah para ajudar, e então nós íamos poder brincar de cabra-cega. Ela ia tentar nos pegar, que nem você costumava fazer, Ellen. Ele se recusou. Disse que não queria. Mas consentiu em jogar bola comigo. Nós encontramos duas num armário, no meio de uma pilha de brinquedos velhos: piões, aros, raquetes e volantes. Numa delas havia a letra C. e, na outra, H.; eu quis ficar com a que tinha C., pois era C. de Catherine, e o H. podia ser de Heathcliff, que é o sobrenome dele. Mas a que tinha H. estava descascada e Linton não gostou.

"Eu ganhei dele todas as vezes. Ele ficou irritado de novo, começou a tossir e voltou para a poltrona. Mas, naquela noite, o humor dele melhorou fácil: ficou encantado com duas ou três cantigas bonitas — as *suas* cantigas, Ellen. Quando chegou a hora de ir embora, ele me implorou que eu fosse visitá-lo na noite seguinte, e eu prometi.

"Minny e eu voamos para casa, leves como o ar, e eu sonhei com Wuthering Heights e com o meu lindo e adorado primo até de manhã.

"No dia seguinte, fiquei triste, em parte porque você não estava bem, e em parte porque queria que meu pai soubesse das minhas excursões e as aprovasse. Mas o luar estava lindo depois do chá e, conforme eu galopava, minha melancolia foi passando.

"Eu vou passar outra noite alegre, pensei. E o melhor é que meu belo Linton também vai.

"Eu entrei trotando no jardim deles e estava prestes a dar a volta até os fundos quando aquele tal de Earnshaw veio ao meu encontro,

pegou a minha rédea e me mandou entrar pela frente. Ele deu tapinhas no pescoço de Minny, disse que era um bicho bonito e pareceu querer que eu lhe respondesse. Eu só lhe disse para deixar minha égua em paz, ou ela iria lhe dar um coice.

“Ele respondeu com aquele seu sotaque vulgar:

“‘Se desse, num ia machucar muito.’ E observou as patas dela com um sorriso.

“Eu senti vontade de mandar Minny tentar. Earnshaw, no entanto, se afastou para abrir o portão e, enquanto erguia o trinco, olhou para as palavras inscritas acima, com uma mistura estúpida de constrangimento e entusiasmo:

“‘Srta. Catherine! Eu agora sei ler aquilo.’

“‘Que maravilha!’, exclamei. ‘Vamos ouvir, por favor. Você realmente está ficando esperto!’

“Ele soletrou e, escandindo as sílabas, disse o nome:

“‘Hareton Earnshaw.’

“‘E os números?’, perguntei num tom encorajador, percebendo que ele tinha empacado.

“‘Isso eu ainda num sei’, respondeu ele.

“‘Ah, seu tonto!’, disse eu, rindo com gosto do fracasso dele.

“O bobo ficou parado com um sorriso incerto nos lábios e o cenho começando a franzir, como se não soubesse se devia ou não achar graça também — se estava diante do gracejo de uma amiga ou do que realmente eu estava demonstrando: desprezo.

“Eu tirei sua dúvida, reassumindo de repente o meu ar grave e mandando-o ir embora, pois estava ali para ver Linton, não ele.

“Ele ficou vermelho — eu vi, à luz da lua —, tirou a mão do trinco e saiu de mansinho, a imagem da vaidade ferida. Imagino que

estava se achando tão culto quanto Linton por saber soletrar o próprio nome, e ficou incrivelmente desconcertado quando eu não achei o mesmo."

"Pare, minha querida srta. Catherine!", interrompi eu. "Não vou ralhar, mas não gostei da sua conduta. Se tivesse se lembrado de que Hareton é seu primo, assim como o seu Heathcliff, teria sentido quão errado era se comportar assim. Ao menos foi uma ambição louvável da parte dele querer ser tão culto quanto Linton. E é provável que não tenha aprendido apenas para se exibir. Não tenho dúvidas de que você já o deixara envergonhado da própria ignorância, e ele quis remediá-la e agradar você. Desdenhar de sua tentativa imperfeita foi uma grande falta de educação. Se *você* tivesse sido criada nas mesmas circunstâncias que ele, seria menos bronca? Hareton, na infância, era tão rápido e inteligente quanto você, e me magoa que ele seja desprezado agora porque aquele patife do Heathcliff o tratou de maneira tão injusta."

"Ora, Ellen, você não vai chorar por causa disso, vai?", perguntou Catherine, surpresa com a minha aflição. "Mas espere e verá se ele aprendeu o alfabeto para me agradar, e se teria valido a pena ser cortês com o brutamontes. Eu entrei. Linton estava deitado no banco de madeira e ergueu o corpo para me receber.

"'Estou doente esta noite, Catherine, meu amor', disse ele. 'Você vai precisar falar sozinha, enquanto eu só ouço. Venha se sentar ao meu lado. Tinha certeza de que você ia cumprir sua palavra, e vou fazê-la prometer a mesma coisa de novo antes de ir embora.'

"Eu agora sabia que não podia provocá-lo, pois ele estava doente. Falei baixinho, não fiz nenhuma pergunta e evitei irritá-lo de todas as maneiras. Tinha levado alguns dos meus livros mais bonitos. Ele

me pediu para ler um deles, e eu estava prestes a aquiescer quando Earnshaw escancarou a porta, cheio de bile depois de ter tido tempo para pensar. Ele avançou em nossa direção, agarrou Linton pelo braço e arrancou-o do banco.

“‘Vai pro teu quarto!’, disse, quase incoerente de tanta ira, com o rosto inchado e furioso. ‘Já que ela veio te ver, leva ela para lá, mas tu não vais me expulsar daqui. Sumam, os dois!’

“Ele praguejou contra nós e não deu a Linton oportunidade de responder, praticamente atirando-o na cozinha. Eu fui atrás e Earnshaw cerrou os punhos, parecendo querer me derrubar a socos. Senti medo por um instante e deixei cair um dos livros. Ele chutou-o na minha direção e bateu a porta na nossa cara.

“Uma risada seca maligna soou perto do fogo e, virando-me, dei com aquele odioso Joseph, de pé, esfregando as mãos ossudas e tremendo.

“‘Eu tinha certeza que ele ia ensinar uma lição procês! Que rapaz! Tá aprendendo a ter orgulho! Ele sabe. É, ele sabe tão bem quanto eu quem devia ser o patrão aqui. He, he, he! Ele deu um susto danado em vocês! He, he, he!’

“‘Para onde podemos ir?’, perguntei para o meu primo, ignorando a zombaria daquele velho desgraçado.

“Linton tremia, pálido. Não estava bonito naquele momento, Ellen. Ah, não! Estava pavoroso! Pois seu rosto magro e seus olhos grandes tinham sido tomados por uma fúria convulsa e impotente. Ele agarrou a maçaneta da porta e sacudiu-a. Estava trancada por dentro.

“‘Se não me deixar entrar, eu mato você! Se não me deixar entrar, eu mato você!’, disse Linton, gritando histericamente. ‘Seu demônio!

Seu demônio! Eu mato você, eu mato você!’

“Joseph deu sua risada seca de novo.

“‘Pronto, taí o pai!’, exclamou ele. ‘Taí o pai! Esse sempre mostra o lado da outra. Não se incomode, Hareton, meu filho. Não tenha medo. Ele não consegue entrar aí!’

“Eu agarrei as mãos de Linton e tentei puxá-lo para longe dali, mas ele soltou um grito tão apavorante que não me atrevi a insistir. Afinal, seus gritos foram sufocados por um terrível acesso de tosse; sangue jorrou da sua boca, e ele caiu no chão.

“Corri para o pátio, passando mal de medo, e chamei o mais alto que pude por Zillah. Ela logo me ouviu. Estava ordenhando as vacas num galpão atrás do celeiro e veio correndo, perguntando o que tinha acontecido.

“Eu estava tão sem fôlego que não consegui explicar. Arrastando-a para dentro, procurei por Linton. Earnshaw saíra para averiguar o mal que tinha causado e estava levando o pobrezinho para o andar de cima. Zillah e eu subimos atrás, mas ele me impediu no topo da escada e disse que eu não podia entrar, e que tinha de ir para casa.

“Eu exclamei que ele tinha matado Linton, e que eu ia entrar de qualquer jeito.

“Joseph trancou a porta, declarou que eu não ia ‘fazer nada daquilo’ e me perguntou se eu era ‘tão doida quanto o menino’.

“Eu fiquei chorando até a governanta aparecer de novo. Ela afirmou que Linton logo estaria melhor, mas que não aguentava aqueles gritos e aquele barulho. E me pegou e quase me carregou até a sala.

“Ellen, eu queria arrancar meus cabelos! Solucei e chorei até quase ficar cega. E o patife por quem você sente tanta simpatia

ficou na minha frente, tendo a presunção de fazer ‘psiu’ para mim de tempos em tempos e negando que aquilo fora culpa dele. Finalmente, depois de eu afirmar várias vezes que ia contar ao papai e que ele iria para a prisão e para a forca, ele ficou assustado, começou a choramingar também e correu para se esconder, o medroso.

“Nem assim consegui me livrar dele. Quando eles afinal me convenceram a ir embora, e eu estava a cerca de cem jardas da propriedade, Earnshaw subitamente saiu das sombras à beira da estrada, fez Minny parar e me segurou.

“‘Srta. Catherine, eu tô chateado’, disse ele, ‘mas é que não teve…’

“Eu fiz um corte nele com o chicote, com medo de que fosse me assassinar. Ele me soltou, vociferando uma daquelas pragas horríveis, e eu galopei para casa, quase fora de mim.

“Não lhe desejei boa-noite nesse dia, e não fui para Wuthering Heights no dia seguinte. Quis muito ir, mas estava estranhamente agitada. Ora temia ficar sabendo da morte de Linton, ora estremecia diante da ideia de encontrar Hareton.

“No terceiro dia, tomei coragem. Quer dizer, não aguentei mais o suspense e saí às escondidas de novo. Parti às cinco da tarde e fui andando, achando que talvez pudesse me esgueirar na casa até o quarto de Linton, sem ninguém perceber. No entanto, os cães deram o alerta da minha chegada. Zillah me recebeu e, dizendo que ‘o menino estava ficando bom depressa’, me levou até um pequeno aposento bem-arrumado e coberto por tapetes onde, para minha alegria inexprimível, Linton estava deitado num sofazinho, lendo um dos meus livros. Mas ele nem falou comigo, nem olhou para mim

durante uma hora inteira, Ellen. Ele tem o gênio tão ruim! E o que me deixou mais perplexa foi que, quando finalmente abriu a boca, mentiu, dizendo que eu tinha causado aquela confusão e que a culpa não era de Hareton!

"Sem conseguir responder com calma, eu me levantei e saí do aposento. Linton então disse 'Catherine!' debilmente. Não esperava aquela minha reação. Mas eu não me virei e o dia seguinte foi o segundo em que fiquei em casa, quase resolvida a não visitá-lo nunca mais.

"Mas foi tão horrível ir para a cama e me levantar sem nunca ter notícias dele que minha resolução evaporou antes mesmo de ganhar forma. No começo, me parecera errado ir até lá; mas então me pareceu errado deixar de ir. Michael veio me perguntar se devia arrear Minny. Eu disse que sim e considerei que estava cumprindo um dever enquanto atravessava as colinas com ela.

"Fui forçada a passar pelas janelas da frente para chegar ao pátio: era inútil tentar ocultar minha presença.

"'O patrãozinho está em casa', disse Zillah ao me ver a caminho da sala de estar.

"Eu entrei. Earnshaw estava lá também, mas deixou o cômodo imediatamente. Linton estava sentado na poltrona grande, meio dormindo. Aproximando-me do fogo, eu disse, num tom sério, e, em parte, acreditando nas minhas palavras:

"'Como você não gosta de mim, Linton, e como acha que eu venho aqui de propósito para machucá-lo, e que o machuco todas as vezes, este vai ser o nosso último encontro. Vamos dizer adeus. Diga ao sr. Heathcliff que você não deseja me ver e que ele não deve mais inventar histórias sobre esse assunto.'

“‘Sente-se e tire o chapéu, Catherine’, respondeu ele. ‘Você é tão mais feliz do que eu que não é de espantar que seja uma pessoa melhor. O papai fala tanto dos meus defeitos e demonstra tanto desprezo por mim que é natural que eu duvide de mim mesmo. Com frequência, me pergunto se sou mesmo tão inútil quanto ele diz. E então fico tão zangado e amargo que odeio todo mundo! Eu *sou* inútil, e tenho mau gênio, e sinto desânimo, quase sempre. Se você quiser, pode dizer adeus — vai se livrar de uma irritação. Mas, Catherine, faça-me essa justiça: acredite que, se eu pudesse ser tão doce, tão gentil e tão bom quanto você, eu seria. Gostaria tanto, ou até mais, de ser assim tão feliz e tão saudável quanto você. E acredite que sua gentileza me fez amá-la mais profundamente do que se eu merecesse seu amor. E embora eu não tenha podido, e não possa deixar de mostrar minha verdadeira natureza para você, eu lamento e me arrependo, e lamentarei e me arrependerei até morrer!’

“Eu senti que ele estava falando a verdade, e senti que precisava perdoá-lo. E mesmo se nós brigássemos no instante seguinte, teria de perdoá-lo de novo. Nós nos reconciliamos, mas passamos o tempo todo que eu fiquei lá chorando. Não só por tristeza — embora me deixasse triste o fato de Linton ter aquela natureza distorcida. Linton nunca deixará quem o ama tranquilo, e também nunca ficará tranquilo ele próprio!

“Desde aquela noite, eu sempre fico na salinha dele, pois seu pai voltou no dia seguinte. Em cerca de três ocasiões, creio, nós ficamos tão alegres e cheios de esperança quanto naquela primeira noite. Minhas outras visitas foram melancólicas e tumultuadas, por causa ou do egoísmo e do rancor dele, ou dos seus sofrimentos:

mas eu aprendi a suportar os primeiros com quase tão pouco ressentimento quanto os segundos.

“O sr. Heathcliff me evita de propósito. Eu quase não o vi. Mas, no domingo passado, como cheguei mais cedo do que o normal, ouvi-o ralhando cruelmente com o pobre Linton por sua conduta na noite anterior. Não sei como soube dela, só se ficou escutando na porta. Linton de fato tinha se comportado de maneira irritante, mas isso não dizia respeito a ninguém, a não ser a mim, e eu interrompi o sermão do sr. Heathcliff, entrando e dizendo-lhe isso. Ele caiu na gargalhada e foi embora, dizendo que ficava feliz por eu ver a questão daquela maneira. Desde então, eu digo para o Linton que ele deve se queixar aos sussurros.

“Agora, Ellen, você já ouviu tudo, e ninguém vai me impedir de ir a Wuthering Heights, e se isso acontecer duas pessoas vão ficar muito infelizes. Por outro lado, se não contar ao papai, minhas idas não perturbarão a tranquilidade de ninguém. Não vai contar, vai? Só vai contar se não tiver coração.”

“Vou tomar minha decisão até amanhã, srta. Catherine”, respondi. “Ela requer alguma reflexão. Por isso, vá descansar que tenho de pensar no assunto.”

Pensei no assunto em voz alta, na presença do patrão. Fui direto do quarto de Catherine para o dele e relatei a história toda, com a exceção das conversas dela com o primo e de qualquer menção a Hareton.

O sr. Linton ficou mais alarmado e perturbado do que quis demonstrar para mim. De manhã, Catherine ficou sabendo que eu traíra sua confiança, e ficou sabendo também que suas visitas secretas tinham chegado ao fim.

Em vão, ela chorou e se debateu diante da proibição, e implorou ao pai que tivesse pena de Linton. Seu único conforto foi que o sr. Edgar prometeu escrever para Linton e conceder-lhe permissão para ir à Grange sempre que quisesse, mas explicando que não devia mais esperar Catherine em Wuthering Heights. Talvez, se ele conhecesse o temperamento e o estado de saúde do sobrinho, tivesse decidido não dar a Catherine nem esse pequeno consolo.

# xi

“Essas coisas aconteceram no inverno passado, senhor”, disse a sra. Dean. “Pouco mais de um ano atrás. No inverno passado, eu não achava que ao cabo de doze meses estaria distraindo um estranho com relatos sobre a família! Mas quem sabe se o senhor continuará a ser um estranho por muito tempo? É jovem demais para se contentar em viver sempre sozinho, e eu tenho a impressão de que ninguém seria capaz de ver Catherine Linton sem se apaixonar por ela. O senhor sorri. Mas por que fica tão animado e interessado quando eu falo nela? E por que pediu que eu pendurasse seu retrato sobre a lareira? E por que…”

“Pare, minha boa amiga!”, exclamei. “Talvez seja bem possível que *eu* me apaixone por ela — mas e ela, se apaixonaria por mim? Duvido demais disso para arriscar minha tranquilidade indo atrás da tentação. Além do mais, meu lar não é aqui. Eu pertenço ao mundo agitado e devo voltar para os seus braços. Continue. Catherine obedeceu às ordens do pai?”

“Obedeceu”, continuou a governanta. “Sua afeição por ele ainda era o sentimento mais forte em seu coração. E ele falou sem raiva. Falou com a profunda ternura de alguém que estava prestes a

deixar seu tesouro em meio a perigos e inimigos, num lugar onde a lembrança de suas palavras seria a única coisa que poderia norteá-la.”

“Ele disse para mim, alguns dias depois:

“‘Gostaria que meu sobrinho escrevesse ou viesse nos visitar, Ellen. Diga-me com sinceridade o que você acha dele. Ele mudou para melhor? Ou há perspectiva de que evolua conforme se tornar homem?’”

“Ele é muito delicado, senhor, e não é provável que chegue à idade adulta”, respondi. “Mas isso eu posso dizer: Linton não lembra o pai e, se a srta. Catherine tivesse o infortúnio de se casar com ele, não seria impossível controlá-lo, a não ser que ela cometesse a bobagem de ser indulgente ao extremo. No entanto, patrão, o senhor terá bastante tempo para conhecê-lo melhor e ver se ele serve para ela. Linton só chegará à maioridade daqui a mais de quatro anos.”

Edgar suspirou e, andando até a janela, olhou para o cemitério de Gimmerton. Havia bruma naquela tarde, mas também um pouco de sol fraco, e nós conseguíamos, mal e mal, discernir os dois abetos e as lápides esparsas do lugar.

“Eu já rezei muito por aquilo que se aproxima”, disse ele, quase num solilóquio. “Mas, agora, começo a me retrair e a temê-lo. Achei que a lembrança do momento em que atravessei o vale após ter me casado seria menos doce do que a expectativa de logo — em poucos meses, ou, quem sabe, semanas — ser carregado e enterrado naquela cova erma! Ellen, eu fui muito feliz com a minha pequena Cathy. Nas noites de inverno e dias de verão, ela foi uma esperança viva ao meu lado. Mas eu fui feliz na mesma medida

cismando sozinho em meio àquelas lápides, sob o teto da velha igreja, ou deitado, durante as longas noites de junho, no monte verde do túmulo da mãe dela, e desejando, ansiando, pelo momento em que estaria debaixo dele. O que posso fazer por Cathy? De que modo devo deixá-la? Não me importaria nem um pouco por Linton ser filho de Heathcliff, nem por ele tomá-la de mim, se pudesse consolá-la pela minha perda. Não me importaria de Heathcliff obter o que deseja e conseguir roubar de mim o único consolo que me resta! Mas se Linton não for digno de Cathy, se ele for apenas uma ferramenta frágil nas mãos do pai, não posso abandoná-la com ele! E, por mais duro que seja sufocar seu espírito leve, preciso insistir em causar-lhe tristeza enquanto estiver vivo e deixá-la sozinha quando morrer. Minha adorada! Prefiro entregá-la a Deus e enterrá-la antes."

"Entregue-a a Deus de qualquer maneira", respondi eu. "E, se nós perdermos o senhor — que Ele não permita que isso aconteça —, com a graça Dele, eu continuarei a ser amiga e conselheira dela até o fim. A srta. Catherine é uma boa menina. Eu não receio que ela vá escolher o caminho errado de propósito. E quem cumpre o seu dever sempre é recompensado no final."

A primavera avançou, mas o patrão não se fortaleceu muito, embora tenha retomado os passeios pela propriedade com a filha. Catherine, com sua inexperiência, achou que isso por si só era um sinal de convalescença; e, como ele com frequência corava e ficava com os olhos brilhando, ela teve certeza de que iria se recuperar.

No dia do aniversário de dezessete anos de Catherine, o sr. Edgar não foi ao cemitério. Estava chovendo, e eu observei:

"O senhor não vai sair esta noite, vai?"

Ele respondeu:

“Não, este ano eu vou adiar um pouco.”

O sr. Edgar escreveu de novo para Linton, expressando seu enorme desejo de vê-lo e, se o doente estivesse apresentável, não tenho dúvidas de que o pai dele teria permitido que viesse. Linton, no entanto, fez o que lhe mandaram e respondeu declarando que o sr. Heathcliff não desejava que ele visitasse a Grange, mas que ele ficara encantado com a gentil lembrança do tio. Esperava encontrá-lo de vez em quando em seus passeios e pedir-lhe em pessoa que sua separação da prima não fosse total.

Essa parte de sua carta foi escrita numa linguagem simples e, provavelmente, por ele próprio. Heathcliff sabia que Linton conseguia pedir com bastante eloquência pela companhia de Catherine. Ele disse:

“Não peço que o senhor permita que ela me visite aqui. Mas será que não poderei nunca vê-la, porque o meu pai me proíbe de ir à sua casa e o senhor a proíbe de vir à minha? Por favor, venha com ela a cavalo na direção da Heights de vez em quando, e consinta que nós troquemos algumas palavras na sua presença! Nós não fizemos nada para merecer essa separação. E o senhor não sente raiva de mim. Não tem nenhum motivo para não gostar de mim. Meu querido tio, envie-me uma carta amanhã com uma mensagem gentil permitindo que eu encontre vocês em qualquer lugar, exceto Thrushcross Grange. Acredito que, se me visse em pessoa, o senhor se convenceria de que não tenho o temperamento do meu pai. Ele afirma que sou mais seu sobrinho do que filho dele e, embora eu tenha defeitos que me tornam indigno de Catherine, ela os perdoou e, por ela, o senhor deveria perdoá-los também. O

senhor perguntou sobre a minha saúde. Ela está melhor — mas, enquanto eu estiver privado de toda esperança e condenado à solidão, ou à companhia daqueles que jamais gostaram, e jamais gostarão de mim, como posso ficar alegre e saudável?”

Edgar, apesar de sentir pena do menino, não pôde atender ao seu pedido, porque não podia acompanhar Catherine.

Ele disse a Linton que eles talvez pudessem se encontrar no verão. Por enquanto, queria que ele continuasse a escrever de tempos em tempos, e prometeu lhe dar todos os conselhos e consolos possíveis por carta, sabendo bem da posição difícil em que se encontrava.

Linton aquiesceu e, se ninguém o tivesse impedido, provavelmente teria estragado tudo enchendo suas epístolas com reclamações e lamúrias. Mas seu pai o vigiava de perto e, é claro, insistia que todas as linhas que ele mandava ao patrão lhe fossem mostradas. Assim, em vez de escrever sobre seus sofrimentos e angústias pessoais, os temas que sempre lhe dominavam os pensamentos, Linton repisava a cruel obrigação de se manter longe da amada amiga, e fez uma leve insinuação de que, se o sr. Linton não permitisse um encontro em breve, ele iria desconfiar de que estava sendo enganado de propósito com promessas falsas.

Cathy era uma poderosa aliada em casa e em parceria os dois enfim convenceram o patrão a permitir que passeassem a pé ou a cavalo juntos cerca de uma vez por semana, sob a minha supervisão e nos urzais mais próximos à Grange. Pois junho chegou e o sr. Linton ainda piorava e, embora guardasse todos os anos um pouco de sua renda para deixar para a filha, sentia um desejo natural de saber que ela permaneceria na casa de seus ancestrais,

ou, pelo menos, retornaria para lá dentro de pouco tempo — e considerava que Cathy só teria essa perspectiva se se casasse com o herdeiro da propriedade. Não fazia ideia de que este último se aproximava da morte quase tão depressa quanto ele. Acredito que ninguém sabia. Nenhum médico ia à Heights, e ninguém que frequentava a nossa casa via o jovem Heathcliff para poder nos contar em que condições ele se encontrava.

Eu, de minha parte, comecei a achar que meus temores eram infundados e que Linton devia estar melhorando quando mencionou cavalgar ou caminhar pelos urzais e pareceu tão ansioso para realizar esse projeto.

Não conseguia imaginar um pai tratando um filho moribundo de maneira tão tirânica e perversa quanto depois soube que Heathcliff o tratara, obrigando-o a demonstrar aquele anseio e redobrando seus esforços quanto mais sua cupidez insensível era ameaçada de ser frustrada pela morte.

# xii

O verão já não estava mais no auge quando Edgar, com relutância, aquiesceu aos pedidos deles, e Catherine e eu saímos em nossa primeira cavalgada para encontrar Linton.

Fazia um dia abafado e escaldante — sem sol, mas com um céu claro e enevoado demais para haver qualquer ameaça de chuva. O local combinado do encontro era o marco da estrada, na encruzilhada. Mas, quando chegamos lá, um pastorzinho a quem tinham mandado nos dar um recado disse:

“O seu Linton tá logo ali do lado da Heights, e quer muito que vocês andem mais um tiquinho.”

“Então o seu Linton se esqueceu da primeira ordem do tio”, observei. “Ele nos mandou ficar dentro do terreno da Grange, e nós vamos embora agora.”

“Bem, daremos meia-volta com os cavalos quando o encontrarmos”, respondeu minha acompanhante. “Podemos fazer o passeio enquanto voltamos para casa.”

Mas, quando chegamos ao lugar onde Linton estava, a menos de um quarto de milha de distância de sua própria porta, vimos que ele

não viera a cavalo e fomos forçadas a apear e deixar os nossos pastando.

Linton estava deitado sobre as urzes, esperando que nós nos aproximássemos, e só se levantou quando estávamos a poucas jardas dele. Quando o fez, caminhou com passos tão débeis e estava tão pálido que eu imediatamente exclamei:

“Ora, seu Heathcliff, o senhor não está bem o suficiente para dar um passeio esta manhã. Parece tão doente!”

Catherine observou-o com pesar e espanto, mudou a exclamação de alegria que ia soltar para uma de preocupação e trocou os parabéns por eles terem conseguido se encontrar depois de tanto tempo por uma pergunta ansiosa: ele estava pior do que o normal?

“Não, estou melhor, estou melhor!”, garantiu Linton, arfante. Ele tremeu e segurou a mão de Catherine como se precisasse do seu apoio, enquanto seus grandes olhos azuis a examinavam timidamente. Estavam tão encovados que a expressão lânguida que costumavam ter fora substituída por um olhar desvairado e intenso.

“Mas esteve pior”, insistiu sua prima. “Pior do que quando o vi da última vez. Está mais magro e…”

“Estou cansado”, interrompeu ele depressa. “Está quente demais para caminhar, vamos ficar descansando aqui. E eu com frequência não me sinto bem de manhã. Papai diz que cresço depressa demais.”

Não muito satisfeita, Catherine se sentou e Linton se reclinou ao seu lado.

“Isso aqui se parece com o seu paraíso”, disse ela, fazendo um esforço para parecer alegre. “Lembra que combinamos passar dois dias no lugar e da maneira que cada um achava mais agradável?

Este é praticamente igual ao seu, só que com nuvens. Mas elas são tão finas e brandas que são mais gostosas do que a luz do sol. Na semana que vem, se você puder, nós vamos cavalgar até o bosque da Grange e experimentar o meu."

Linton não pareceu se lembrar do que Catherine estava falando, e era evidente que estava com muita dificuldade para manter qualquer tipo de conversa. Sua falta de interesse pelos assuntos que ela introduziu e sua completa incapacidade de ajudar a distrair a prima foram tão óbvias que ela não conseguiu disfarçar a decepção. Tanto o corpo quanto o comportamento do menino tinham passado por uma alteração indefinida. Aquela irritabilidade que podia, com carícias, ser transformada em ternura, dera lugar a uma apatia melancólica. Ele demonstrava menos o gênio ruim de uma criança que faz birra de propósito para ser consolada e mais o ar soturno e a autocontemplação de um inválido convicto que repele os confortos e está sempre disposto a ver a alegria e o bom humor dos outros como um insulto.

Catherine, assim como eu, percebeu que, para Linton, era mais uma punição do que uma satisfação ter de suportar a nossa companhia; e, dentro de pouco tempo, não se acanhou e propôs que partíssemos.

Essa sugestão inesperadamente fez Linton acordar de sua letargia e ser tomado por uma estranha agitação. Ele olhou com temor para a Heights, implorando que ela ficasse pelo menos mais meia hora.

"Mas eu acho que você se sentiria mais confortável em casa do que sentado aqui", disse Cathy. "E estou vendo que hoje não consigo diverti-lo com minhas histórias, minhas canções e minha

tagarelice. Você ficou mais maduro do que eu nesses últimos seis meses. Não gosta mais das minhas distrações. Se eu pudesse entretê-lo, continuaria aqui de bom grado."

"Continue então, e descanse um pouco", respondeu ele. "E, Catherine, não pense ou diga que eu estou *muito* mal. É este tempo pesado e esse calor que me deixam aborrecido. Além disso, antes de você chegar, eu andei bastante, para os meus padrões. Diga ao meu tio que minha saúde está razoável, sim?"

"Direi que você *disse* isso, Linton. Não poderia garantir que está", observou a mocinha, espantada com o fato de o primo insistir em afirmar aquilo que, evidentemente, não era verdade.

"E venha de novo na quinta-feira que vem", continuou ele, sem sustentar o olhar intrigado dela. "E agradeça ao meu tio por permitir que você venha. Agradeça muito, Catherine. E… e se por acaso encontrar o meu pai e ele perguntar por mim, não o leve a supor que passei o tempo todo calado e amuado. Não fique triste e desanimada como está agora. Ele vai ficar com raiva."

"Eu não me importo com a raiva dele!", exclamou Catherine, imaginando que seria o seu alvo.

"Mas eu, sim", respondeu seu primo, estremecendo. "*Não* o faça se irritar comigo, Catherine, pois ele é muito duro."

"Ele é severo com o senhor, seu Heathcliff?", perguntei. "Se cansou de mimá-lo e passou do ódio passivo ao ativo?"

Linton me fitou, mas não respondeu. E depois de permanecer sentada ao seu lado por mais dez minutos, durante os quais a cabeça dele pendeu, sonolenta, sobre o peito, e ele soltou apenas gemidos abafados de exaustão ou dor, Cathy foi se consolar procurando mirtilos e compartilhando o resultado de suas buscas

comigo. Não ofereceu nenhum a Linton, pois viu que exigir mais atenção dele iria apenas cansá-lo e irritá-lo.

“Já passou meia hora, Ellen!”, sussurrou ela no meu ouvido após algum tempo. “Não vejo por que deveríamos ficar aqui. Ele está dormindo, e o papai já deve estar ansioso pela nossa volta.”

“Bem, não podemos deixá-lo dormindo”, respondi. “Espere que ele acorde e seja paciente. Estava doida para vir, mas aquela vontade toda de ver o pobre Linton logo evaporou!”

“Por que *Linton* queria me ver?”, retrucou Catherine. “Antes, por pior que estivesse o seu humor, eu gostava mais dele do que agora, que está agindo desse modo curioso. Parece que é uma tarefa que ele se obriga a fazer, esse encontro, por medo de o pai ralhar com ele. Mas eu não virei aqui para dar prazer ao sr. Heathcliff, qualquer que seja o motivo que ele tenha para obrigar Linton a sofrer essa penitência. E embora fique feliz por Linton estar com a saúde melhor, lamento que esteja tão menos divertido e tão menos afetuoso comigo.”

“Acha que ele está *mesmo* com a saúde melhor, então?”, perguntei.

“Sim, porque ele sempre reclamou tanto do que sofria. Não está com a saúde razoável, como me mandou dizer ao papai, mas é muito provável que esteja melhor.”

“Nesse ponto, nossa opinião é diferente, srta. Cathy”, observei. “Eu acredito que ele está muito pior.”

Nesse momento, Linton despertou de seu cochilo num terror confuso e perguntou se alguém dissera seu nome.

“Não”, disse Catherine, “a não ser que tenha sido em sonho. Não entendo como você consegue cochilar fora de casa, de manhã.”

“Achei que tinha ouvido o meu pai” disse ele, ofegante, olhando o monte carrancudo que se erguia atrás de nós. “Tem certeza de que ninguém disse nada?”

“Certeza absoluta”, respondeu a prima. “Só eu e Ellen, que estávamos discutindo a sua saúde. Linton, você está mesmo mais forte do que da última vez em que nos vimos, no inverno passado? Se estiver, estou certa de que algo não está mais forte: sua afeição por mim. Está mesmo? Fale.”

As lágrimas jorraram dos olhos de Linton quando ele respondeu:

“Estou, estou sim!”

E ele, ainda sob o feitiço da voz imaginária, continuou a olhar para cima e para baixo, buscando o dono da voz.

Cathy se levantou.

“Precisamos nos separar por hoje. E não vou disfarçar o fato de que fiquei muito decepcionada com o nosso encontro, embora não vá mencionar isso para ninguém, além de você. Não que o sr. Heathcliff me amedronte!”

“Fale baixo”, murmurou Linton. “Fale baixo, pelo amor de Deus! Ele está vindo.” Ele agarrou o braço de Catherine, tentando impedi-la de ir embora; mas, ao ouvir isso, ela se soltou depressa e assobiou para Minny, que a obedecia como um cão.

“Estarei aqui na quinta que vem!”, exclamou, pulando para a sela. “Adeus. Depressa, Ellen!”

E assim deixamos Linton, que mal notou a nossa partida, de tão absorto que estava em detectar a aproximação do pai.

Quando chegamos em casa, o descontentamento de Catherine se abrandara e se transformara em perplexidade, compaixão e pesar, misturados a dúvidas vagas acerca das verdadeiras circunstâncias

físicas e sociais de Linton. Eu tinha as mesmas dúvidas, mas aconselhei-a a não falar muito sobre o assunto, pois um segundo passeio faria com que fôssemos mais capazes de julgar.

O patrão pediu um relato da excursão. As expressões de gratidão do sobrinho foram devidamente comunicadas, e a srta. Cathy disse uma ou outra palavra sobre o resto. Eu também respondi com parcimônia às perguntas de Edgar, pois não sabia bem o que esconder e o que revelar.

# xiii

Sete dias se passaram, e cada um deles teve seu transcurso marcado pela alteração rápida no estado de Edgar Linton. A destruição antes causada por meses então surgia com o avanço de meras horas.

Preferiríamos ter continuado a iludir Catherine, mas sua sagacidade tornou isso impossível. Ela, em segredo, adivinhou tudo e refletiu sobre a terrível probabilidade que aos poucos ia se transformando numa certeza.

Quando a quinta-feira chegou, Catherine não teve coragem de mencionar o passeio. Eu mencionei-o por ela e obtive permissão para ordenar que saísse de casa; pois a biblioteca, onde seu pai passava um pouco de tempo por dia — o curto período em que suportava manter-se sentado —, e o quarto dele haviam se tornado todo o mundo de Cathy. Ela relutava em ficar um só instante sem estar debruçada sobre o travesseiro do sr. Edgar ou sentada ao seu lado. Seu rosto ficou magro de tanta vigília e tristeza, e o patrão, de bom grado, a fez trocar de companhia e de cenário, acreditando que a mudança seria para melhor e consolando-se com a esperança de que a filha não iria ficar inteiramente só após sua morte.

O sr. Edgar tinha uma ideia fixa, e eu pude adivinhá-la graças a diversas observações que fez: a de que, como o sobrinho se parecia com ele fisicamente, também se pareceria mentalmente, pois as cartas de Linton continham pouca, ou nenhuma indicação de seu caráter defeituoso. E eu, devido a uma fraqueza perdoável, não corrigi essa impressão, perguntando-me que bem faria perturbar os últimos momentos do patrão com informações que ele não teria nem poder, nem oportunidade para utilizar.

Nós adiamos nosso passeio até de tarde. Era uma tarde dourada de agosto, e cada sopro que vinha das colinas estava tão cheio de vida que parecia que qualquer pessoa que o aspirasse, mesmo moribunda, iria reviver.

O rosto de Catherine estava como a paisagem: as sombras e o sol se alternavam nele em rápida sucessão. Mas as sombras duravam mais tempo, e o sol era mais efêmero — e seu pobre coraçãozinho se recriminava mesmo daquele esquecimento passageiro de seu pesar.

Discernimos Linton esperando por nós no mesmo local que escolhera antes. Minha jovem patroa apeou e disse que, como estava decidida a ficar muito pouco tempo, era melhor que eu segurasse o pônei e continuasse montada no cavalo. Mas eu discordei. Não iria me arriscar a perder de vista nem por um minuto aquela que me fora confiada. Assim, subimos o monte de urzais juntas.

O seu Heathcliff nos recebeu com mais animação nessa ocasião, mas não foi a animação de alguém agitado ou alegre. Parecia-se mais com medo.

“Está tarde!”, disse ele, ofegando e falando com dificuldade. “Seu pai não está muito doente? Achei que você não ia vir.”

“*Por que* você não é sincero?”, exclamou Catherine, engolindo a saudação que estava prestes a fazer. “Por que não diz logo que não quer que eu venha? É estranho, Linton, que pela segunda vez você tenha me trazido até aqui, aparentemente para deixar nós dois aflitos, e por nenhum outro motivo!”

Linton estremeceu e olhou-a de soslaio, com um misto de súplica e vergonha. Mas sua prima não tinha paciência suficiente para suportar aquele comportamento enigmático.

“Meu pai está *mesmo* muito doente”, disse ela. “E por que me arrancaram de perto dele? Por que você não mandou dizer que me liberava da minha promessa, se desejava que eu não a cumprisse? Ande! Eu quero uma explicação. Não consigo nem pensar em brincadeiras e bobagens, e não posso me desdobrar para satisfazer suas afetações agora!”

“Minhas afetações!”, murmurou ele. “Quais são elas? Pelo amor de Deus, Catherine, não faça essa cara tão zangada! Despreze-me o quanto quiser. Eu sou um desgraçado inútil e covarde. Seu escárnio por mim pode ser infinito! Mas sou medíocre demais para a sua raiva. Odeie meu pai e me poupe, reservando para mim só o seu desdém.”

“Tolice!”, exclamou Catherine, num acesso de fúria. “Seu menino bobo, imbecil! Pronto! Começou a tremer, como se eu fosse mesmo encostar um dedo nele! Não precisa pedir pelo desdém, Linton. É o que qualquer pessoa sente espontaneamente por você. Saia daqui! Eu vou voltar para casa. É maluquice arrastar você para longe da lareira e fingir… o que estamos fingindo? Largue o meu vestido. Se

eu senti compaixão por você por chorar e parecer tão assustado, você deveria repelir essa compaixão! Ellen, diga a ele como essa conduta é vergonhosa. Levante-se, e não se rebaixe como se fosse um réptil nojento. *Não faça isso*."

Com uma enxurrada de lágrimas escorrendo pelo rosto e uma expressão de agonia, Linton jogara seu corpo pusilânime no chão. Parecia estar tendo convulsões do mais puro terror.

"Ah!", soluçou. "Não posso suportar! Catherine, Catherine, eu também sou um traidor, e não me atrevo a lhe contar! Mas, se você me deixar, vão me matar! Querida Catherine, minha vida está em suas mãos. Você já disse que me amava — e se amar, isso não será algo ruim. Não vai embora, vai? Minha boa Catherine, tão gentil, tão doce! Talvez você consinta… e ele me deixe morrer ao seu lado!"

A mocinha, ao ver a agonia intensa de Linton, se debruçou para erguê-lo. A ternura indulgente que costumava sentir foi mais forte do que sua irritação, e ela ficou inteiramente comovida e alarmada.

"Consentir no quê?", perguntou ela. "Em ficar aqui? Explique para mim o significado desse discurso estranho, que eu fico. Você contradiz suas próprias palavras e me deixa louca! Seja calmo e franco e confesse de uma vez tudo o que está pesando no seu coração. Você não me causaria nenhum mal, causaria, Linton? Não permitiria que nenhum inimigo me machucasse, se pudesse prevenir isso, certo? Posso acreditar que você seja um covarde, mas não que vá trair covardemente sua melhor amiga."

"Mas meu pai me ameaçou", arfou o menino, crispando os dedos afinados. "E eu tenho pavor dele. Pavor! Não *me atrevo* a lhe contar!"

“Tanto pior!”, disse Catherine, com pena e desprezo. “Guarde seu segredo. *Eu* não sou covarde. Salve a própria pele, eu não tenho medo!”

A magnanimidade dela o fez cair em lágrimas. Ele chorou desesperadamente, beijando as mãos que o amparavam, mas não conseguiu ter coragem para revelar nada.

Eu estava cogitando qual seria aquele mistério, e resolvendo que jamais permitiria de bom grado que Catherine sofresse para ajudar Linton ou qualquer outra pessoa, quando, ao ouvir um farfalhar entre as urzes, ergui os olhos e vi o sr. Heathcliff quase ao nosso lado, descendo da Heights. Ele não olhou para os meus acompanhantes, embora eles estivessem suficientemente próximos para que os soluços de Linton fossem audíveis. Cumprimentando-me com o tom quase entusiasmado que não usava com mais ninguém, e de cuja sinceridade eu não podia deixar de duvidar, ele disse:

“Que coisa ver você tão perto da minha casa, Nelly! Como estamos na Grange? Conte-me! Dizem”, acrescentou ele, falando mais baixo, “que Edgar Linton está em seu leito de morte. Não estão exagerando a seriedade da doença, estão?”

“Não, o patrão está morrendo”, respondi. “É verdade mesmo. Vai ser triste para todos nós, mas uma bênção para ele!”

“Você acha que ele vai durar quanto tempo?”

“Não sei.”

“Porque…”, continuou ele, fixando o olhar nos dois jovens. Linton parecia não conseguir se mexer ou erguer a cabeça, e Catherine não podia se mover por causa dele. “Porque aquele rapaz ali parece decidido a me derrotar, e eu agradeceria se o tio dele se apressasse e fosse embora antes. Ora essa! O moleque está fazendo essa

brincadeira há muito tempo? Eu já lhe dei algumas lições para que aprendesse a não choramingar. Como é com a srta. Linton, em geral ele fica animado?"

"Animado? Não. Tem se mostrado muito agoniado. Após vê-lo, eu diria que, em vez de ficar passeando com a namorada pelas colinas, devia estar na cama, aos cuidados de um médico."

"Estará, daqui a um ou dois dias", murmurou Heathcliff. "Mas, primeiro… Levante, Linton! Levante!", gritou ele. "Não fique rastejando aí no chão. Levante agora mesmo!"

Linton tinha caído prostrado em outro paroxismo de medo paralisante, causado, suponho, pelo olhar que o pai lhe lançou — não acontecera mais nada que pudesse produzir tamanha humilhação. O rapaz fez diversas tentativas de obedecer, mas sua pouca força tinha sido aniquilada por algum tempo e ele tombou de novo, com um gemido.

O sr. Heathcliff avançou e ergueu-o, colocando-o apoiado contra um monte de turfa.

"Muito bem", disse ele, com uma fúria contida. "Estou ficando zangado e, se você não dominar essa sua covardia… Maldito! Levante neste minuto!"

"Vou levantar, pai!", arfou Linton. "Mas me deixe em paz, ou eu desmaio! Fiz o que o senhor mandou… tenho certeza. Catherine lhe dirá que… que eu… estava alegre. Ah! Fique do meu lado, Catherine. Dê-me sua mão."

"Pegue a minha", disse o pai dele. "Fique de pé! Pronto… pegue o braço dela… isso, olhe para *ela*. Seria de imaginar que eu sou o demônio em pessoa, srta. Linton, para causar tamanho horror.

Tenha a bondade de caminhar com ele até a casa, sim? Ele estremece se eu o toco."

"Meu querido Linton!", sussurrou Catherine. "Não posso ir até Wuthering Heights… o papai proibiu… Ele não vai machucar você. Por que está com tanto medo?"

"Eu não posso mais voltar para aquela casa", respondeu ele. "Estou *proibido* de voltar para lá sem você!"

"Pare!", exclamou o pai. "Vamos respeitar os escrúpulos filiais de Catherine. Nelly, leve-o lá para dentro, que eu vou seguir seu conselho e chamar um médico sem demora."

"Faz muito bem", respondi, "mas eu preciso ficar com a patroa. Não é tarefa minha cuidar do seu filho."

"Você não se dobra!", disse Heathcliff. "Eu já sabia disso. Mas vai me forçar a beliscar o bebê e fazê-lo chorar antes de sentir compaixão por ele. Venha, meu herói. Está disposto a voltar levado por mim?"

Ele se aproximou mais uma vez e fez menção de pegar aquele ser tão frágil. Mas, encolhendo-se, Linton se agarrou à prima e implorou que ela o acompanhasse, com uma insistência histérica que não admitia recusas.

Por mais que eu desaprovasse, não pude impedi-la. Ela própria não teria conseguido dizer não para Linton. Nós não tínhamos como discernir o que o estava deixando tão apavorado. Mas lá estava ele, paralisado de terror e, aparentemente, um choque mais o deixaria insano.

Chegamos à soleira. Catherine entrou e eu fiquei esperando que levasse o doente até uma poltrona, imaginando que sairia de

imediato. Mas o sr. Heathcliff me empurrou porta adentro e exclamou:

“Minha casa não está tomada pela peste, Nelly, e eu estou com vontade de ser hospitaleiro hoje. Sente-se e permita que eu feche a porta.”

Ele fechou e trancou. Eu tive um sobressalto.

“Você vai tomar um chá antes de voltar para casa”, acrescentou. “Estou sozinho. Hareton levou algumas cabeças de gado até Lees, e Zillah e Joseph saíram para passear. E embora esteja acostumado a ficar sozinho, prefiro uma companhia interessante, quando é possível. Srta. Linton, sente-se perto *dele*. Dou-lhe o que tenho. Não vale muito a pena aceitar o presente, mas não tenho mais nada a oferecer. Estou falando de Linton. Que cara ela faz! É estranho o ódio que tenho de qualquer coisa que parece ter medo de mim! Se tivesse nascido num lugar onde as leis são menos severas e os gostos, menos delicados, me daria o prazer de fazer uma lenta vivissecção desses dois, para me distrair uma tarde qualquer.”

O sr. Heathcliff respirou fundo, bateu na mesa e praguejou consigo mesmo.

“Que inferno! Eu detesto os dois!”

“Eu não tenho medo do senhor!”, exclamou Catherine, que não conseguiu ouvir as últimas duas frases dele.

Ela se aproximou, com os olhos negros faiscando de fúria e resolução.

“Dê-me essa chave. Agora!”, disse ela. “Eu não comeria, nem beberia nada aqui, mesmo se estivesse passando fome.”

Heathcliff estava com a chave na mão que continuava sobre a mesa. Ele ergueu os olhos, tomado por uma espécie de surpresa

diante da coragem de Catherine, ou, possivelmente, lembrando-se, pela voz e pelo olhar, da pessoa de quem ela a herdara.

Catherine tentou agarrar a chave e quase conseguiu tirá-la dos dedos frouxos de Heathcliff, mas seu gesto o fez voltar para o presente e ele a recuperou depressa.

“Escute, Catherine Linton. Fique longe de mim, ou eu a derrubo no chão, e isso vai deixar a sra. Dean zangada.”

Indiferente a esse aviso, ela pegou mais uma vez a mão fechada dele e o conteúdo desta.

“Nós vamos embora *agora*!”, repetiu, fazendo o máximo esforço para vencer aqueles músculos de ferro. Ao descobrir que suas unhas não adiantavam de nada, usou os dentes, e com força.

Heathcliff me lançou um olhar que me impediu de interferir por um instante. Catherine estava prestando tanta atenção nos dedos dele que não viu a expressão do seu rosto. Ele os abriu de repente e ofereceu o objeto disputado. Mas, antes que ela conseguisse pegá-lo, agarrou-a com a mão livre e, puxando-a para o colo, deu, com a outra, uma saraivada de tapas terríveis dos dois lados da sua cabeça, cada um suficiente, por si só, para cumprir a ameaça, se Catherine pudesse cair.

Diante dessa violência diabólica, eu corri para cima de Heathcliff, furiosa.

“Seu patife!”, gritei. “Seu patife!”

Um toque no peito me silenciou. Eu sou robusta e logo fico sem fôlego. Com isso e a raiva, cambaleei, tonta, para trás, achando que ia sufocar ou romper um vaso sanguíneo.

A cena chegou ao fim em dois minutos. Catherine, ao ser solta, levou as duas mãos às têmporas e fez uma cara de quem não sabia

se suas orelhas estavam ou não presas à cabeça. Ela tremia como vara verde, pobrezinha, e se apoiou na mesa, completamente perplexa.

“Como você viu, eu sei castigar crianças”, disse o canalha, impiedoso, enquanto se abaixava para voltar a tomar posse da chave, que caíra no chão. “Vá para perto de Linton agora, como eu mandei, e pode chorar à vontade! Eu serei seu pai amanhã… o único pai que terá, daqui a alguns dias… e você vai levar muitos tapas como esses… você aguenta muitos… não é nenhuma fracote… vai levar todos os dias, se eu algum dia vir esse gênio dos demônios nos seus olhos de novo!”

Cathy correu para mim e não para Linton, se ajoelhou e mergulhou as faces ardentes no meu colo, chorando alto. Seu primo tinha se encolhido num canto do banco de madeira e estava quieto que nem carneiro, se parabenizando, imagino, porque o corretivo fora aplicado em outra pessoa, não nele.

O sr. Heathcliff, percebendo que estávamos todos confusos, se levantou e fez depressa ele mesmo o chá. As xícaras e os pires estavam na mesa. Ele serviu e me passou uma xícara.

“Engula esse rancor junto com isso”, disse ele. “E sirva também sua bonequinha travessa e o meu boneco. Não está envenenado, apesar de ter sido preparado por mim. Vou buscar os cavalos de vocês.”

Quando ele partiu, a primeira coisa que pensamos foi em forçar nossa saída por algum lugar. Tentamos pela porta da cozinha, mas o trinco tinha sido fechado pelo lado de fora. Examinamos as janelas, mas elas eram estreitas demais até para o corpinho de Cathy.

“Sr. Linton!”, exclamei, vendo que estávamos simplesmente aprisionadas. “Você sabe o que seu diabólico pai deseja, e vai nos contar ou eu vou lhe dar tapas nas orelhas como ele fez com a sua prima!”

“Sim, Linton, você precisa nos dizer”, disse Catherine. “Foi por sua causa que eu vim, e será uma ingratidão perversa se se recusar.”

“Dê-me um pouco de chá, pois estou com sede. Então, vou lhe dizer”, respondeu Linton. “Vá embora, sra. Dean. Não gosto que fique me vigiando. Cuidado, Catherine, você deixou suas lágrimas caírem dentro da minha xícara! Não vou beber essa. Dê-me outra.”

Catherine empurrou outra xícara para ele e enxugou o rosto. Fiquei enojada com a tranquilidade do desgraçado, agora que não temia mais por si próprio. A angústia que tinha exibido nos urzais desaparecera assim que ele entrara em Wuthering Heights; por isso, adivinhei que fora ameaçado com um terrível acesso de ira se não conseguisse nos enganar e nos fazer entrar. Com isso resolvido, Linton não tinha mais nenhum medo por enquanto.

“O papai quer que nós nos casemos”, continuou ele, depois de bebericar um pouco do líquido. “E ele sabe que seu pai não vai deixar que façamos isso agora. Mas tem medo que eu morra, se esperarmos. Por isso, vamos nos casar de manhã e você vai passar a noite aqui. E se fizer o que ele quer, vai voltar para casa no dia seguinte e me levar junto.”

“Levar você junto, seu miserável, filho de um demônio?”, exclamei. “*Vocês dois*, se casarem? Ora, o homem ou é louco ou acha que somos todos estúpidos. E você imagina que essa mocinha linda, essa menina saudável e corajosa, vai se amarrar a um

macaquinho moribundo que nem você? Está se iludindo com a ideia de que *qualquer pessoa*, para não falar da srta. Linton, quer você como marido? Você merece apanhar de chicote por nos fazer entrar aqui com seus truques vis e covardes. E… não faça essa cara de idiota agora! Estou com muita vontade de lhe dar uma severa sacudidela por sua traição desprezível e sua pretensão imbecil!"

Eu de fato dei-lhe uma leve sacudidela, mas isso fez surgir a tosse, e ele, como sempre, começou a gemer e a chorar. Catherine ralhou comigo.

"Passar a noite aqui? Não!", disse ela, olhando em volta devagar. "Ellen, eu queimo aquela porta, mas saio daqui."

E Catherine teria começado a executar essa ameaça imediatamente, se Linton não tivesse se mexido, voltando a temer pelo ser que mais amava: si próprio. Ele agarrou-a com os braços fracos, soluçando:

"Você não quer me aceitar, e me salvar? E me deixar ir para a Grange? Ah, minha adorada Catherine! Não pode ir embora e me abandonar. *Precisa* obedecer meu pai, *por favor*!"

"Preciso obedecer ao meu próprio", respondeu ela, "e tirá-lo dessa incerteza cruel. Passar a noite toda aqui! O que ele ia pensar? Já deve estar nervoso. Ou eu quebro alguma coisa, ou queimo alguma coisa para sair desta casa. Fique quieto! Você não está correndo perigo nenhum. Mas, se tentar me impedir… Linton, eu amo mais o papai do que você!"

O terror mortal que sentia da raiva do sr. Heathcliff fez com que o menino recobrasse sua eloquência de covarde. Catherine ficou muito perturbada, mas ainda assim insistiu que precisava ir para

casa. Tentou implorar também, e persuadi-lo a controlar sua ansiedade egoísta.

Enquanto eles estavam nisso, nosso carcereiro voltou.

“Os cavalos de vocês saíram trotando”, disse ele. “Bem… Mas, Linton! Está choramingando de novo? O que ela andou fazendo com você? Ora, ora. Pare com isso e vá para a cama. Daqui a um ou dois meses, meu rapaz, você vai poder retribuir a tirania atual dela com a força da sua mão. Está definhando de puro amor, não é? Por mais nada no mundo. E ela vai ter você! Pronto, para a cama! Zillah não estará aqui esta noite. Você mesmo vai ter de se trocar. Silêncio! Pare com essa barulheira! Quando você estiver no seu quarto, não vou mais chegar perto. Não precisa ter medo. Por acaso, você se saiu razoavelmente bem. O resto, eu faço.”

O sr. Heathcliff disse essas palavras segurando a porta aberta para que o filho passasse, e este saiu exatamente como um cachorro que suspeita que quem está ao seu lado vai lhe dar um chute traiçoeiro.

O trinco foi passado novamente. Heathcliff se aproximou do fogo, perto do qual eu e a patroa estávamos postadas, em silêncio. Catherine ergueu o olhar e instintivamente tocou a face: o fato de ele estar ali do lado a fez reviver a sensação dolorosa. Mais ninguém teria sido capaz de encarar esse gesto infantil com severidade, mas Heathcliff franziu o cenho e murmurou:

“Ah, quer dizer que não tem medo de mim? Disfarça bem sua coragem. *Parece* que tem um medo dos diabos!”

“Estou com medo *agora*”, disse ela. “Pois, se permanecer aqui, papai ficará muito triste. E como posso suportar deixá-lo triste quando ele… quando ele… Sr. Heathcliff, por favor, me deixe ir para

casa! Eu prometo me casar com Linton… papai deseja isso, e eu o amo… Por que o senhor ia querer me forçar a fazer aquilo que estou disposta a fazer de qualquer maneira?”

“Ele que se atreva a tentar forçar você!”, exclamei eu. “Existem leis nesta terra, graças a Deus: elas existem, mesmo para quem, como nós, está num fim de mundo. Se fosse meu próprio filho, eu o denunciaria e isso é um crime em que não cabe nem privilégio de clero!”[14]

“Silêncio!”, disse o bandido. “Para os diabos com esses seus brados! Não quero que *você* fale. Srta. Linton, eu me divertirei imensamente pensando na tristeza do seu pai. Nem vou dormir, de tanta satisfação. A senhorita não teria sido capaz de encontrar um método mais seguro para fixar residência sob o meu teto pelas próximas vinte e quatro horas do que me informar de tal consequência. Quanto à sua promessa de se casar com Linton, eu me certificarei de que será cumprida, pois a senhorita não sairá daqui até que seja.”

“Mande Ellen, então, para que o papai saiba que estou a salvo!”, exclamou Catherine, chorando amargamente. “Ou case-me agora. Pobre papai! Ellen, ele vai achar que estamos perdidas. O que vamos fazer?”

“Ele, não! Vai achar que a senhorita se cansou de cuidar dele e fugiu para se divertir um pouco”, respondeu Heathcliff. “Não pode negar que entrou na minha casa por vontade própria, desrespeitando as ordens dele. E é muito natural que deseje se divertir na sua idade… e que considere enfadonho cuidar de um homem doente, sendo ele *apenas* seu pai. Catherine, os dias mais felizes da vida dele acabaram quando os seus dias começaram.

Imagino que seu pai tenha amaldiçoado você por ter vindo ao mundo (eu, pelo menos, amaldiçoei). E seria perfeito se a amaldiçoasse quando *ele* está deixando este mundo. Eu faria o mesmo. Não gosto de você! Como poderia? Chore o quanto quiser. Acredito que essa será sua principal distração daqui em diante. A não ser que Linton a compense por outras perdas, e seu prudente pai parece imaginar que isso talvez aconteça. Eu achei uma graça enorme das cartas que ele escreveu, com seus conselhos e consolos. Na última, recomendou que meu tesouro seja cuidadoso com o tesouro dele, e que seja gentil quando o tiver a seu lado. Cuidadoso e gentil! Que coisa mais paternal! Mas Linton faz questão de reservar todo o estoque de cuidados e gentilezas para ele próprio. Sabe bem como ser um pequeno tirano. Dispõe-se a torturar todos os gatos do mundo, se eles estiverem com os dentes arrancados e as garras cortadas. Você vai poder contar ao tio dele lindas histórias sobre sua *gentileza* quando voltar para casa, garanto."

"Nisso, você tem razão!", disse eu. "Revele o caráter do seu filho. Mostre como ele é parecido com você. Então, espero que a srta. Cathy pense duas vezes antes de se casar com essa serpente!"

"Eu não me importo muito em falar das qualidades adoráveis de Linton agora", respondeu Heathcliff, "pois ela terá de ou aceitar se casar com ele ou continuar presa aqui junto com você até que seu patrão morra. Posso manter vocês duas aqui bem escondidas. Se duvidar disso, convença-a a voltar atrás no que disse e terá oportunidade de julgar!"

"Não vou voltar atrás no que disse", afirmou Catherine. "Caso-me com ele agora mesmo se puder ir para Thrushcross Grange depois.

Sr. Heathcliff, o senhor é um homem cruel, mas não é um demônio; e não vai, por mera maldade, destruir irrevogavelmente toda a minha felicidade. Se o papai achasse que o abandonei de propósito, e se morresse antes da minha volta, por acaso eu suportaria viver? Já desisti de chorar. Mas vou me ajoelhar aqui, diante dos seus joelhos, e não vou me levantar nem tirar meus olhos do seu rosto até que o senhor me encare! Não, não vire o rosto! Olhe, por favor! Não verá nada que possa irritá-lo. Eu não odeio o senhor. Não estou com raiva por ter me batido. O senhor nunca amou *ninguém* na vida, tio? *Nunca?* Ah! Por favor, me olhe só uma vez. Estou tão arrasada que não é possível que não lamente e sinta pena de mim."

"Tire esses dedos de lagarta de cima de mim. E afaste-se, ou vou chutá-la!", gritou Heathcliff, repelindo-a brutalmente. "Prefiro ser abraçado por uma cobra. Como demônios pôde sonhar em me bajular? Eu *detesto* você!"

Ele deu de ombros. Na verdade, se sacudiu, como se estivesse arrepiado de aversão, e arrastou a cadeira para trás. Eu me levantei e abri a boca para dar início a uma enxurrada de insultos, mas me calei no meio da primeira frase após Heathcliff ameaçar me trancar num quarto sozinha se dissesse mais uma sílaba.

Estava ficando escuro. Ouvimos vozes no portão do jardim. Nosso anfitrião saiu às pressas no mesmo instante. *Ele* estava com a cabeça no lugar — *nós*, não. Ouviu-se uma conversa de dois ou três minutos e Heathcliff voltou sozinho.

"Achei que pudesse ser seu primo Hareton", observei para Catherine. "Gostaria que ele chegasse! Quem sabe se não ficaria do nosso lado?"

“Eram três criados que vieram da Grange procurar vocês”, disse Heathcliff, que tinha escutado o que eu dissera. “Você devia ter aberto uma treliça e gritado. Mas juro que essa lambisgoia ficou feliz por não ter feito isso. Ela está feliz por ser obrigada a ficar, tenho certeza.”

Ao saber da oportunidade que tínhamos perdido, nós duas desabafamos nossa tristeza sem nos conter, e ele permitiu que chorássemos até as nove da noite. Então, mandou que subíssemos pela cozinha e fôssemos para o quarto de Zillah. Eu sussurrei para Catherine que devíamos obedecer. Talvez conseguíssemos passar pela janela de lá ou pudéssemos ir até uma das águas-furtadas e sair pela claraboia.

A janela, no entanto, era estreita como as de baixo, e o alçapão que dava na água-furtada tinha sido protegido de nós: estávamos trancadas pelo lado de fora, como antes.

Nem eu, nem ela nos deitamos. Catherine ficou olhando pela treliça e esperando ansiosamente a manhã, dando apenas um suspiro fundo a cada uma das muitas vezes em que lhe pedi que tentasse descansar.

Eu me sentei numa cadeira e fiquei me balançando e me julgando severamente por todas as vezes em que não havia cumprido meu dever, pois pareceu-me então que fora daí que tinham surgido todos os infortúnios de todos os meus empregadores. Sei que, na verdade, não foi isso que aconteceu. Mas imaginei-o durante aquela noite terrível, e achei que nem o próprio Heathcliff era mais culpado do que eu.

Às sete da manhã ele apareceu, perguntando se a srta. Linton já havia se levantado.

Ela correu para a porta imediatamente e respondeu:

“Já.”

“Muito bem”, disse Heathcliff, abrindo a porta e puxando-a para fora.

Eu me ergui para ir atrás, mas ele voltou a trancar a porta. Exigi que me soltasse.

“Tenha paciência”, respondeu Heathcliff. “Vou mandar seu café da manhã daqui a pouco.”

Bati nos vidros e sacudi a treliça com raiva, enquanto Catherine perguntava por que eu ainda estava trancada. Heathcliff respondeu que eu ia precisar suportar aquilo por mais uma hora, e eles partiram.

Suportei duas ou três horas. Afinal, ouvi os passos de alguém. Não era Heathcliff.

“Eu trouxe uma coisa pra você comer”, disse uma voz. “Abre a porta!”

Obedecendo na mesma hora, dei com Hareton, carregando comida suficiente para durar um dia inteiro.

“Pega!”, acrescentou ele, enfiando a bandeja na minha mão.

“Fique aqui um minuto”, pedi.

“Não!”, exclamou ele, e se retirou, sem se importar com nenhuma das súplicas que jorraram da minha boca para tentar impedi-lo.

E eu fiquei trancada ali durante o dia inteiro e a noite inteira. E mais um dia, e mais outro. Passei cinco noites e quatro dias naquele quarto, sem ver ninguém, com exceção de Hareton uma vez a cada manhã. Ele foi um carcereiro exemplar: rabugento, mudo e surdo para qualquer tentativa de apelar para seu senso de justiça ou sua compaixão.

14. Privilégio de clero se refere a leis que ditavam que os membros da Igreja não podiam ser processados em tribunais seculares. Nelly quer dizer que o crime é tão grave que não haverá exceções nem possibilidade de não haver punição. (n. e.)

# xiv

No quinto dia à tarde, passos diferentes se aproximaram. Eram mais leves e curtos e, dessa vez, a pessoa entrou no quarto. Era Zillah, com seu xale escarlate, um chapéu de seda preta na cabeça e um cesto de vime no braço.

"Minha nossa, sra. Dean!", exclamou ela. "Ora, ora! O povo todo tá falando da senhora em Gimmerton. Eu jurava que tinha afundado no pântano Blackhorse junto com a menina. Até o patrão contar que encontraram vocês e ele mandou a senhora pra cá! Mas então vocês com certeza devem ter subido numa ilhota, não foi? E quanto tempo ficaram no buraco? O patrão salvou a senhora, sra. Dean? Mas até que não está tão magra. Não andou passando tão mal assim, andou?"

"Seu patrão é um verdadeiro patife!", respondi. "Mas ele vai pagar por isso. Não precisava ter contado essa história. A verdade vai aparecer!"

"Como assim?", perguntou Zillah. "Não foi ele quem contou essa história… estão falando no vilarejo que vocês se perderam no brejo. Quando eu entrei, chamei o Earnshaw e disse:

“‘Ah, sr. Hareton, quanta coisa aconteceu desde que eu viajei. Que pena para aquela moça bonita e para a taluda da Nelly Dean.’

“Ele ficou me olhando. Achei que num tinha me escutado, então contei o que o povo tava espalhando.

“O patrão ouviu. Ele só deu um sorriso e disse:

“‘Se elas estavam no brejo, agora já saíram, Zillah. Nelly Dean está no seu quarto. Quando você subir, pode dizer a ela para tomar seu rumo. Aqui está a chave. A água do pântano entrou na cabeça da sra. Dean e ela quis porque quis ir para casa, mesmo zonza. Mas eu dei um jeito até que ela recobrasse o juízo. Pode dizer-lhe que vá para a Grange imediatamente, se for capaz, levando um recado meu: a mocinha estará lá a tempo de ir ao enterro do dono da casa.’”

“O sr. Edgar morreu?”, arquejei. “Ah, Zillah, Zillah!”

“Não, não. Sente de novo, a senhora ainda está mal”, respondeu ela. “Ele não morreu. O dr. Kenneth acha que ainda pode durar mais um dia. Eu encontrei o doutor na estrada e perguntei.”

Em vez de me sentar, peguei o chapéu e o capote e corri lá para baixo, pois o caminho estava livre.

Quando entrei na sala de estar, olhei ao redor para ver se encontrava alguém que pudesse me dar informações sobre Catherine.

O lugar estava banhado pelo sol e a porta, escancarada, mas não parecia haver ninguém por perto.

Enquanto eu hesitava, sem saber se ia embora imediatamente ou se voltava e procurava a patroa, uma leve tosse atraiu minha atenção para a lareira.

Linton estava deitado no banco de madeira, do qual era o único ocupante; estava chupando um palito de açúcar-cande e acompanhando meus movimentos com um olhar apático.

“Onde está a srta. Catherine?”, perguntei num tom severo, acreditando que poderia arrancar alguma coisa dele ao flagrá-lo sozinho daquele jeito.

Ele continuou a sugar como se fosse um bebê.

“Ela foi embora?”

“Não”, respondeu Linton. “Está lá em cima. Está proibida de ir. Nós não vamos deixar.”

“Você não vai deixar, seu imbecil!”, exclamei. “Diga em que quarto ela está agora mesmo, ou farei com que abra o berreiro.”

“Meu pai faria você abrir o berreiro se tentasse entrar lá. Ele disse que eu não posso ser brando com Catherine. Ela é minha esposa, e é uma vergonha que queira me abandonar! Ele disse que ela me odeia e quer que eu morra, para poder ficar com o meu dinheiro. Mas não vai ficar. E não vai para casa! Nunca! Pode chorar e passar mal o quanto quiser!”

Ele retornou à ocupação anterior, fechando as pálpebras como se pretendesse dormir.

“Sr. Heathcliff, já esqueceu de como Catherine foi boa com o senhor no inverno passado, quando afirmou que a amava e ela lhe trouxe livros, cantou músicas e, muitas vezes, atravessou vento e neve para vir vê-lo? Catherine chorou quando não pôde vir uma noite, porque o senhor ia ficar desapontado. E, na época, o senhor a considerava cem vezes melhor do que o senhor. Mas agora acredita nas mentiras que seu pai conta, embora saiba que ele detesta vocês dois! E você fica do lado dele, contra ela. Que bela gratidão, não é?”

Linton fez uma careta e tirou o palito da boca.

“Por acaso Catherine veio a Wuthering Heights porque odiava o senhor?”, continuei. “Pense por conta própria! Quanto ao seu dinheiro, ela nem sabe que vai herdar nada. Disse que ela está passando mal, mas, mesmo assim, a deixa sozinha lá em cima, numa casa estranha! O *senhor*, que sabe o que é sofrer essa negligência! Lamentava os próprios sofrimentos, e Catherine sentia pena também — mas *dela*, o senhor não sente pena! Eu me debulhei em lágrimas, sr. Heathcliff, como pode ver, mesmo sendo uma mulher velha, e só uma empregada. Mas o senhor, depois de fingir que sentia tanto amor… o senhor, que quase tem motivos para idolatrá-la, guarda todas as suas lágrimas para si mesmo e fica aí, sem se preocupar. Ah! Que menino egoísta e sem coração!”

“Não posso ficar com Catherine”, respondeu ele, irritado. “Não vou ficar com ela sozinho. Ela chora tanto que não consigo suportar. E não para, mesmo quando falo que vou chamar meu pai. Chamei mesmo, uma vez. Ele ameaçou estrangulá-la se ela não ficasse quieta, mas ela voltou a chorar no minuto em que ele saiu do quarto. Ficou gemendo e se lamentando a noite inteira, apesar de eu ter gritado de nervoso porque não podia dormir.”

“O sr. Heathcliff saiu?”, perguntei, percebendo que aquela criatura desgraçada não era capaz de sentir compaixão pela tortura mental da prima.

“Ele está no pátio conversando com o sr. Kenneth, que disse que meu tio está mesmo morrendo de verdade, finalmente. Fico feliz, pois serei dono da Grange agora, e Catherine sempre falou de lá como sendo a casa *dela*. Não é dela! É minha. Meu pai disse que tudo que é dela é meu. Todos os seus belos livros são meus.

Catherine se ofereceu para dá-los para mim — eles, seus pássaros bonitos, seu pônei, a Minny — tudo, se eu pegasse a chave do quarto e a soltasse. Mas eu lhe disse que ela não tinha nada para dar, pois era tudo, tudo meu.[15] Então Catherine chorou, tirou um retratinho do pescoço e disse que eu podia ficar com ele. Eram dois retratos num camafeu de ouro: de um lado, estava a mãe dela e, do outro, o meu tio, quando eles eram jovens. Isso foi ontem. Eu disse que eles eram meus também, e tentei arrancá-los dela. Mas Catherine foi malvada e não deixou; ela me empurrou e me machucou. Eu dei um grito… isso a deixa assustada… Quando ela ouviu o papai chegando, quebrou as dobradiças do camafeu e me deu o retrato da mãe. O outro, ela tentou esconder, mas o papai perguntou qual era o problema e eu expliquei. Ele pegou o retrato que estava comigo e mandou Catherine me dar o dela. Catherine se recusou e ele… ele a derrubou com um tapa, arrancou o retrato da corrente e esmagou-o com o pé."

"E o senhor gostou quando viu Catherine levar um tapa?", perguntei, pois tinha um motivo para incentivá-lo a falar.

"Eu tremi. Tremo quando vejo meu pai bater num cachorro ou num cavalo, pois ele bate com tanta força… mas fiquei feliz a princípio… ela merecia ser punida por me empurrar. Mas, depois que o papai foi embora, Catherine me fez ir até a janela e me mostrou que sua bochecha tinha um corte do lado de dentro, pertinho dos dentes, e sua boca estava se enchendo de sangue. Então, ela pegou os pedaços do retrato, se sentou com o rosto virado para a parede e não falou mais comigo. Às vezes, acho que não consegue falar, de tanta dor. Não gosto de pensar nisso! Mas é

feio ela ficar chorando sem parar. E ela está tão pálida e desgrenhada que me dá medo!”

“E o senhor pode pegar a chave, se quiser?”

“Posso, quando estou lá em cima. Mas não consigo subir agora.”

“Em que quarto está a chave?”

“Ah! Eu não vou contar para *você*! É nosso segredo. Ninguém, nem Hareton, nem Zillah, pode saber. Pronto! Você me cansou. Vá embora, vá embora!” Linton apoiou o rosto no braço e fechou os olhos de novo.

Achei melhor partir sem ver o sr. Heathcliff; na Grange eu conseguiria alguém para resgatar minha mocinha.

Quando cheguei, o espanto e a alegria dos outros criados ao me ver foram intensos. E quando eles souberam que a patroazinha estava a salvo, dois ou três fizeram menção de correr para cima e gritar a notícia para o sr. Edgar. Mas eu disse que eu mesma a daria.

Como ele estava alterado, mesmo depois de tão poucos dias! Era a imagem da tristeza e da resignação, aguardando a própria morte. Parecia muito jovem: embora, na verdade, estivesse com trinta e nove anos, quem o visse diria que tinha no mínimo dez a menos do que isso. Estava pensando em Catherine, pois murmurava seu nome. Eu toquei sua mão e dirigi-me a ele.

“Catherine está chegando, meu querido patrão!”, sussurrei. “Está viva e bem. E, espero, estará aqui esta noite.”

Estremeci diante dos primeiros efeitos dessa informação. O sr. Edgar se ergueu, olhou ansiosamente em torno e então voltou a afundar na cama, desmaiado.

Assim que ele recuperou a consciência, eu relatei nossa visita compulsória e o fato de termos ficado presas na Heights. Disse que Heathcliff tinha me forçado a entrar na casa, o que não era bem verdade. Falei o mínimo possível de coisas ruins sobre Linton e tampouco descrevi a conduta brutal do pai dele. Minha intenção era não acrescentar ainda mais amargura a seu cálice, que já transbordava.

O sr. Edgar adivinhou que um dos propósitos de seu inimigo era obter o dinheiro que ele guardara, assim como sua propriedade, para o filho, ou melhor, para si mesmo; mas não compreendeu por que Heathcliff não esperou sua morte, pois ignorava quão próximo seu sobrinho também estava de deixar este mundo.

No entanto, o patrão achou melhor mudar seu testamento. Em vez de deixar a fortuna de Catherine à disposição dela, decidiu nomear curadores, para que ela pudesse usufruir dos bens em vida e deixá-los para seus filhos, caso os tivesse. Assim, a fortuna não poderia passar para o sr. Heathcliff se Linton falecesse.

Após receber essas ordens, mandei um empregado ir buscar o advogado e quatro outros, munidos de armas em bom estado, reclamar minha mocinha de seu carcereiro. Tanto o primeiro quanto os segundos demoraram muito. O empregado que saíra sozinho voltou antes.

O homem disse que o sr. Green, o advogado, tinha saído quando ele chegou à sua casa, e que precisou esperar duas horas até que retornasse. Então, o sr. Green lhe disse que tinha algo urgente a resolver no vilarejo, mas que iria a Thrushcross Grange durante a noite.

Os quatro homens também voltaram sem a pessoa que tinham ido buscar. Relataram que Catherine estava doente — doente demais para sair de seu quarto — e que Heathcliff não permitiu que eles a vissem.

Ralhei bastante com os imbecis por acreditarem naquela história, que me recusei a contar ao patrão, e resolvi que levaria um bando inteiro para a Heights quando raiasse o dia e invadiria literalmente a casa se a prisioneira não fosse entregue a nós sem resistência.

O pai dela *irá* vê-la, jurei, e jurei de novo, mesmo se aquele demônio tiver de ser morto na própria soleira tentando impedir!

Por felicidade, fui poupada da viagem e do aborrecimento.

Tinha descido para pegar um jarro d'água às três da manhã, e estava passando pelo saguão com ele na mão, quando batidas fortes na porta da frente me fizeram dar um pulo.

"Ah! É o Green", disse eu, me lembrando. "É só o Green." E segui adiante, com a intenção de mandar outra pessoa abri-la. Mas as batidas soaram de novo, não altas, mas insistentes.

Coloquei o jarro sobre o balaústre e corri para deixá-lo entrar eu mesma.

A lua cheia da época da colheita brilhava lá fora. Não era o advogado. Minha querida patroazinha pulou no meu pescoço, aos soluços.

"Ellen! Ellen! O papai está vivo?"

"Está! Está, meu anjo! Deus seja louvado, você está a salvo conosco de novo!"

Apesar de estar sem fôlego, ela queria correr para o quarto do sr. Linton, no andar de cima. Mas eu a obriguei a sentar numa cadeira e beber um pouco d'água; depois lavei seu rosto pálido, esfregando-

o com o avental e fazendo surgir nele um leve rubor. Então disse a ela que eu precisava entrar primeiro e anunciar sua chegada, implorando-lhe que dissesse que seria feliz com o jovem Heathcliff. Catherine arregalou os olhos, mas logo compreendeu por que eu a aconselhara a contar essa mentira e assegurou-me que não ia reclamar.

Eu não suportei a ideia de estar presente durante o encontro deles. Passei quinze minutos diante da porta do quarto e, mesmo depois, quase não tive coragem de me aproximar da cama.

No entanto, estava tudo tranquilo. O desespero de Cathy foi tão mudo quanto a alegria de seu pai. Ela o segurou nos braços, aparentemente calma; e ele fixou em seu rosto os olhos erguidos, que pareciam dilatados de êxtase.

O sr. Linton morreu de maneira muito serena, sr. Lockwood. Foi assim. Beijando o rosto de Catherine, ele murmurou:

“Eu vou me encontrar com ela. E você, minha filha querida, virá se encontrar conosco.” Ele não voltou a se mover ou a falar. Continuou com aquele olhar enlevado e radiante até que seu pulso parou imperceptivelmente e sua alma se foi. Ninguém teria sido capaz de precisar o minuto exato de sua morte, pois ele se manteve sereno o tempo todo.

Não sei se Catherine não tinha mais lágrimas para chorar, ou se sua tristeza era grande demais para que jorrassem, mas ela ficou ali, de olhos secos, até o sol nascer. Ficou até o meio-dia, e teria continuado a cismar diante daquele leito de morte se eu não houvesse insistido em lhe pedir que saísse do quarto e fosse repousar um pouco.

Foi uma sorte eu ter conseguido tirá-la dali, pois na hora do almoço apareceu o advogado, após passar em Wuthering Heights para receber instruções sobre como devia se comportar. Ele tinha se vendido para o sr. Heathcliff, e fora por isso que demorara a vir quando o patrão o chamara. Felizmente, nenhuma questão material passou pela cabeça dele para perturbá-lo depois da chegada da filha.

O sr. Green assumiu a incumbência de dar ordens acerca de tudo e todos da casa. Dispensou todos os empregados, a não ser eu. Teria usado a autoridade que lhe haviam delegado para insistir que Edgar Linton não fosse enterrado ao lado da esposa, mas na igreja, com a família. Mas isso foi impedido pelo testamento e pelos meus clamorosos protestos contra o descumprimento de suas cláusulas.

O enterro foi feito às pressas. Catherine, que agora era a sra. Linton Heathcliff, teve permissão para permanecer na Grange até o corpo do pai deixar a casa.

Catherine me contou que sua angústia finalmente levara Linton a correr o risco de libertá-la. Ela ouvira os homens que eu tinha mandado discutindo na porta, e deduzira qual tinha sido a resposta de Heathcliff. Isso a fizera cair em desespero e Linton, que tinha sido levado à salinha depois que eu fora embora, ficara tão apavorado que pegara a chave antes que o pai voltasse a subir.

Linton teve a astúcia de destrancar e voltar a trancar a porta, sem fechá-la. E quando estava na hora de ir para a cama, implorou que o deixassem dormir com Hareton, e seu pedido foi atendido, o que era uma raridade.

Catherine deixou a casa furtivamente antes do raiar do dia. Não ousou sair por nenhuma das portas, com medo de que os cães

dessem o alarme. Entrou nos quartos vazios, examinou as janelas e, por sorte, ao chegar no aposento da mãe, conseguiu passar com facilidade pela treliça e descer pelo abeto que fica ali do lado. Seu cúmplice pagou por sua parte no plano de fuga, ainda que suas artimanhas tenham sido tímidas.

---

15. Além de herdar a propriedade de Edgar Linton, ao se casar com Cathy, Linton Heathcliff de fato se torna dono de tudo o que o pai deixou para ela, pois, de acordo com as leis inglesas da época, tudo que era da mulher passava a pertencer ao marido após o casamento. (n. t.)

# XV

Na tarde após o enterro, a patroazinha e eu estávamos sentadas na biblioteca, ora pensando com tristeza — uma de nós, com desespero — na nossa perda; ora nos atrevendo a conjecturar como seria o sombrio futuro.

Tínhamos acabado de concordar que a melhor hipótese para Catherine seria receber permissão para continuar a morar na Grange, pelo menos enquanto Linton fosse vivo, com ele indo para lá também e eu podendo permanecer no meu posto de governanta. Isso parecia uma situação favorável demais para que tivéssemos esperança de vê-la se realizar. Mesmo assim, eu tive esperança, e comecei a me alegrar com a perspectiva de manter minha casa, meu emprego e, acima de tudo, minha adorada patroazinha, quando um criado — um dos que tinham sido demitidos, mas que ainda não tinham ido embora — entrou correndo e disse que “aquele demônio do Heathcliff” estava atravessando o pátio. O que ele devia fazer, trancar a porta na cara do homem?

Mesmo que fôssemos loucas o suficiente para dar aquela ordem, não teríamos tido tempo. Heathcliff não teve a cerimônia de bater na

porta, nem de mandar que o anunciassem: era o patrão, e fez uso de seu privilégio de patrão de entrar direto, mudo.

O som da voz do nosso informante o fez dirigir-se para a biblioteca. Ele entrou e, fazendo um gesto para que o empregado saísse, fechou a porta.

Era o mesmo cômodo onde fora recebido como convidado, dezoito anos antes. O mesmo luar entrava pela janela e, lá fora, havia a mesma paisagem de outono. Ainda não havíamos acendido uma vela, mas a sala inteira estava visível, incluindo os retratos na parede: a figura esplêndida da sra. Linton e a figura graciosa de seu marido.

Heathcliff avançou até a lareira. O tempo também alterara pouco a sua aparência. Quem estava ali era o mesmo homem. Seu rosto moreno estava mais amarelado e mais tranquilo e seu corpo, uma ou duas *stones*[16] mais pesado, talvez. Não havia outra diferença.

Ao vê-lo, Catherine se levantara com o impulso de sair correndo.

"Pare!", disse ele, segurando-a pelo braço. "Chega de fugir! Para onde você iria? Vim levá-la para casa. Espero que seja uma nora fiel e não encoraje meu filho a desobedecer-me mais. Não soube como puni-lo quando descobri o papel dele na história. Linton é frágil como uma teia de aranha, e um beliscão o aniquilaria. Mas você verá, pelo aspecto dele, que recebeu o que merecia! Eu o trouxe para o andar de baixo na tarde de anteontem, coloquei-o sentado numa poltrona e não encostei mais nele. Mandei Hareton sair e nós ficamos sozinhos na sala. Desde então, minha presença tem um efeito tão potente quanto a de um fantasma sobre os seus nervos — e acho que ele me vê com frequência, mesmo quando não estou por perto. Hareton disse que Linton acorda de hora em hora gritando no

meio da noite e pedindo que você o proteja de mim. Não sei se gosta do seu precioso marido ou não, mas precisa vir. Linton, agora, é problema seu. Eu cedo-lhe todos os meus direitos sobre ele."

"Por que o senhor não deixa que Catherine fique onde está e manda o seu Linton para cá?", implorei. "Como detesta os dois, não sentiria falta deles. Seriam apenas uma praga diária para o seu coração desnaturado."

"Estou procurando alguém para alugar a Grange", respondeu Heathcliff. "E quero ter meu filho e minha nora por perto, claro. Além do mais, essa moça precisa trabalhar para ganhar seu pão. Não vou mantê-la no luxo e na preguiça depois que Linton morrer. Vá logo se aprontar. Não me obrigue a levá-la à força."

"Eu vou", disse Catherine. "Linton é a única pessoa que eu tenho para amar neste mundo e, embora o senhor tenha feito todo o possível para torná-lo odioso para mim, e tornar-me odiosa para ele, *não vai* conseguir fazer com que nos odiemos! E eu o desafio a machucá-lo quando eu estiver por perto, e o desafio a me assustar."

"Que defensora cheia de bravatas! Mas eu não gosto o suficiente de você para machucar Linton. Você vai sofrer o tormento completo, enquanto ele durar. Não serei eu quem o tornará odioso para você, será a própria doçura dele. Ele está amargo como o fel com a sua deserção e as consequências dela. Não espere agradecimentos por essa nobre devoção. Eu o ouvi fazer uma linda descrição para Zillah do que faria se fosse tão forte quanto eu. Linton tem a inclinação, e justamente a fraqueza irá deixá-lo esperto o suficiente para encontrar um substituto para a força."

"Eu sei que Linton tem má índole", disse Catherine. "É seu filho. Mas fico feliz de ter a índole melhor, para poder perdoar a dele. E

sei que ele me ama e, por isso, o amo também. Sr. Heathcliff, é *o senhor* que não tem ninguém que o ame. E, por mais que nos faça infelizes, nossa vingança será saber que sua crueldade vem de uma infelicidade ainda maior! O senhor é infeliz, não é? Solitário como o demônio, e invejoso como ele. *Ninguém* ama o senhor. *Ninguém* vai chorar pelo senhor quando morrer! Eu não queria estar no seu lugar!"

Catherine disse isso com um sombrio tom de triunfo. Parecia ter se decidido a entrar no espírito de sua futura família e extrair prazer da tristeza de seus inimigos.

"Você não vai querer estar no *seu* lugar se ficar mais um minuto parada aí", disse seu sogro. "Saia daqui, sua bruxa, e vá pegar suas coisas."

Ela se retirou com um ar de desdém.

Durante sua ausência, comecei a implorar pelo posto de Zillah na Heights, oferecendo-me para trocar de lugar com ela. Mas Heathcliff não quis nem ouvir falar no assunto. Mandou-me ficar em silêncio e, então, pela primeira vez, permitiu-se olhar em torno e mirar os retratos. Após examinar o da sra. Linton, disse:

"Vou levar esse para casa. Não porque preciso dele, mas…"

Ele se virou abruptamente para o fogo e, dando aquilo que preciso chamar de um sorriso, por falta de palavra melhor, continuou:

"Vou lhe contar o que fiz ontem! Pedi ao coveiro que estava cavando o túmulo de Linton para tirar a terra de cima da tampa do caixão dela, e o abri. Antigamente, eu achava que ficaria lá dentro, quando visse o rosto dela de novo… ainda é o rosto dela… o coveiro teve muito trabalho para me tirar dali. Mas disse que o rosto

ia mudar se o ar soprasse em cima dele, então eu soltei uma das laterais do caixão… e cobri… não a que fica do lado de Linton! Ele que vá para o diabo! Queria que o tivessem enterrado num caixão de chumbo e soldado a tampa. E subornei o coveiro para abrir a lateral quando eu for enterrado ali, e tirar a lateral do meu também. Vou mandar fazer meu caixão com a lateral solta e então, quando Linton chegar perto de nós, não vai saber quem é quem!"

"Fez muito mal, sr. Heathcliff!", exclamei. "Não sentiu vergonha de perturbar os mortos?"

"Não perturbei ninguém, Nelly", respondeu ele, "e dei algum alívio a mim mesmo. Ficarei bem mais consolado agora, e vocês terão mais chance de me manter debaixo da terra quando eu for para lá. Se eu a perturbei? Não! Ela me perturbou noite e dia durante dezoito anos… sem cessar… sem remorso… até ontem à noite… e ontem à noite, eu fiquei tranquilo. Sonhei que estava fazendo meu descanso eterno ao lado de Catherine, com o coração parado e o rosto congelado junto ao dela."

"E se ela tivesse se dissolvido na terra, ou coisa pior? Com o que teria sonhado, então?"

"Teria sonhado que estava me dissolvendo junto com ela, e seria mais feliz ainda! Você imagina que eu tema uma mudança assim? Já esperava por tal transformação quando tirei a tampa, mas fico mais feliz que ela não vá começar até que a minha comece também. Além do mais, se eu não tivesse discernido nitidamente os contornos de seu rosto impassível, aquela singular sensação não teria desaparecido. Começou de maneira estranha. Você sabe que eu fiquei ensandecido depois que ela morreu, e que, de alvorada a alvorada, rezava para que voltasse para mim… para que sua alma

voltasse. Tenho uma grande fé nos fantasmas. Estou convencido de que existem e de que podem ficar em meio aos vivos!

“No dia em que ela foi enterrada, caiu uma nevasca. À noite, eu fui ao cemitério. O vento estava tão gelado que parecia inverno. Tudo ao redor estava deserto. Eu não temia que o idiota do marido dela fosse caminhar até o vale tão tarde, e mais ninguém teria motivos para ir ali.

“Como eu estava sozinho e ciente de que duas jardas de terra solta eram tudo o que nos separava, disse comigo mesmo:

“‘Eu a terei em meus braços de novo! Se ela estiver gelada, imaginarei que é esse vento norte que me esfria; e se estiver imóvel, será porque dorme.’

“Peguei uma pá do galpão de ferramentas e comecei a cavar com toda a minha força. A pá raspou no caixão. Passei a usar as mãos. Os pregos da madeira começaram a se soltar. Eu estava prestes a alcançar meu objetivo quando tive a impressão de ouvir um suspiro de alguém acima, perto da borda do túmulo, debruçado para baixo. ‘Ah, como eu queria conseguir abrir isso’, murmurei. ‘Gostaria que jogassem a terra sobre nós dois.’ E puxei com mais desespero ainda. Ouvi outro suspiro, perto do meu ouvido. Achei que tinha sentido um hálito quente deslocando os flocos de neve que sopravam. Sabia que nenhum ser vivo de carne e osso estava ali perto — mas, com a mesma certeza com que percebemos a aproximação de um vulto real no escuro, ainda que ele não possa ser discernido, eu senti que Cathy estava ali, não debaixo de mim, mas sobre a terra.

“Um alívio súbito se espalhou do meu coração para o meu corpo inteiro. Eu desisti daquela tarefa angustiante e me ergui, sentindo

imediatamente um consolo inexprimível. A presença dela estava comigo. Continuou comigo enquanto eu devolvia a terra ao túmulo, e me guiou até em casa. Você pode rir, se quiser, mas eu tinha certeza de que a veria lá. Tinha certeza de que Cathy estava ao meu lado e não pude deixar de falar com ela.

"Ao chegar na Heights, corri depressa para a porta. Estava trancada, e eu me lembro que aquele maldito Earnshaw e minha esposa tentaram me impedir de entrar. Lembro que parei para chutá-lo até deixá-lo sem fôlego e que então corri lá para cima, para o meu quarto, e para o quarto de Cathy. Olhei em torno, impaciente… senti que ela estava ao meu lado… quase podia *vê-la*, mas na verdade, não podia! Devia ter suado sangue naquele momento, de tão intenso que foi o meu anseio, de tão fervorosas que foram as minhas súplicas para ter apenas um vislumbre! Não tive nenhum. Ela foi um demônio comigo, como tinha sido muitas vezes em vida! E, desde então, às vezes mais, às vezes menos, tenho sido o joguete dessa tortura insuportável! É infernal. Deixa meus nervos tão tensos que, se eles não tivessem a consistência de categute, já estariam tão frágeis quanto os de Linton.

"Quando eu ficava na casa com Hareton, tinha a impressão de que ia encontrá-la, se saísse. Quando caminhava pelos urzais, de que ia encontrá-la se voltasse. Quando saía de casa, voltava às pressas, na certeza de que Cathy *tinha* de estar na Heights! E quando dormia no quarto dela… isso, não consigo mais fazer… não podia ficar deitado, pois, no instante em que fechava os olhos, ela ou estava do outro lado da janela, ou abrindo os painéis de carvalho, ou entrando no quarto, ou mesmo apoiando sua adorada cabeça no mesmo travesseiro que eu, como fazia quando era

criança. E eu precisava abrir os olhos para ver. Por isso, abria-os e fechava-os cem vezes por noite — e sempre sofria uma decepção! Isso me destroçava! Muitas vezes, cheguei a gemer alto até aquele velho patife do Joseph sem dúvida acreditar que minha consciência estava me atormentando.

“Agora, desde que a vi, estou pacificado — um pouco. Foi uma maneira estranha de matar: não de polegada em polegada, mas em frações mais finas do que um fio de cabelo, me enfeitiçando com o espectro da esperança durante dezoito anos!”

O sr. Heathcliff fez uma pausa e enxugou a testa. Seus cabelos tinham grudado na pele úmida de suor; seus olhos estavam fixos nas brasas vermelhas do fogo; e suas sobrancelhas, não contraídas, mas erguidas até a altura das têmporas, o que suavizava a expressão cruel do rosto, mas estampava nele uma angústia peculiar, a aparência de alguém que sentia uma dolorosa tensão mental acionada por uma questão absorvente. Ele só estava se dirigindo a mim em parte, e eu permaneci em silêncio — não gostei do que dizia!

Após um breve intervalo, o sr. Heathcliff voltou a observar o retrato, tirou-o da parede e apoiou-o no sofá para contemplá-lo melhor. Enquanto fazia isso, Catherine entrou na sala, anunciando que estava pronta e que bastava que selassem seu pônei.

“Mande isso para lá amanhã”, disse Heathcliff para mim. E então, voltando-se para ela, acrescentou: “Você pode ficar sem seu pônei. A noite está bonita, e você não vai precisar de nenhum pônei em Wuthering Heights, pois seus pés bastarão para as viagens que vai fazer. Venha”.

“Adeus, Ellen!”, sussurrou minha querida patroazinha. Quando ela me beijou, seus lábios pareciam gelo. “Venha me visitar, Ellen. Não se esqueça.”

“Tome o cuidado de não fazer isso, sra. Dean!”, disse seu novo pai. “Quando eu quiser falar com você, virei aqui. Não quero que vá bisbilhotar a minha casa!”

Ele fez um gesto, indicando que Cathy devia ir na frente; e olhando para trás com uma expressão que me cortou o coração, ela obedeceu.

Pela janela, vi os dois atravessando o jardim. Heathcliff prendeu o braço de Catherine no seu, embora ela, evidentemente, tenha tentado impedi-lo a princípio. Com passos largos, levou-a depressa para a aleia, cujas árvores os ocultaram.

---

16. Unidade de massa usada no Reino Unido. Cada *stone* equivale a 6,35 quilos. (n. t.)

# xvi

Visitei a Heights numa ocasião, mas não vejo Catherine desde que ela foi embora. Joseph ficou segurando a porta quando fui perguntar por ela e não me deixou passar. Disse que a sra. Linton estava “azafamada” e o patrão não estava. Zillah me contou um pouco sobre a rotina da casa. Se não fosse por ela, eu não saberia nem quem estava vivo e quem estava morto.

Zillah considera Catherine arrogante e não gosta dela: eu percebo, pelo modo como ela fala. A patroazinha pediu-lhe alguma ajuda quando chegou na casa, mas o sr. Heathcliff mandou-a cuidar de suas tarefas e deixar que a nora se ajeitasse sozinha, e Zillah aquiesceu de bom grado, pois é uma mulher mesquinha e egoísta. Catherine demonstrou uma irritação infantil diante dessa negligência, retribuiu-a com desprezo e, assim, arrolou minha informante entre seus inimigos, peremptória como se a mulher tivesse cometido uma grande injustiça contra ela.

Tive uma longa conversa com Zillah cerca de seis semanas atrás, um pouco antes de o senhor chegar, num dia em que nos encontramos nos urzais. Isso foi o que ela me disse:

“A primeira coisa que a sra. Linton fez quando chegou à Heights foi correr para o andar de cima, sem nem dar boa-noite para mim e para Joseph. Ela se trancou no quarto de Linton e ficou lá dentro até de manhã. Então, quando o patrão e Earnshaw estavam tomando café, apareceu na sala e perguntou com a voz trêmula se alguém podia chamar um médico, pois seu primo estava muito doente.

“‘Nós sabemos disso!’, respondeu Heathcliff. ‘Mas a vida dele não vale um tostão, e eu não vou gastar um tostão com ele.’

“‘Mas eu não sei o que fazer’, disse ela, ‘e se ninguém me ajudar, ele vai morrer!’

“‘Saia da sala!’, gritou o patrão. ‘Não quero ouvir nem mais uma palavra sobre Linton. Ninguém aqui se importa com o que vai acontecer com ele. Se você se importa, faça as vezes de enfermeira; se não, tranque a porta e deixe-o.’

“Então ela começou a me incomodar e eu disse que aquele menino já tinha me azucrinado demais. Cada pessoa tinha as suas ocupações, e a dela era cuidar de Linton. O sr. Heathcliff tinha me mandado deixar esse trabalho para ela.

“Não sei que jeito eles deram. Acho que ele deve ter agastado demais a menina, gemendo dia e noite. Ela quase que não descansava: dava para ver, pelo rosto branco e os olhos inchados. Às vezes, entrava na cozinha quase doida e parecia que estava querendo pedir ajuda. Mas eu não ia desobedecer ao patrão. Não me atrevo a desobedecer ao sr. Heathcliff, sra. Dean, e apesar de achar errado ninguém ter mandado chamar Kenneth, não é minha obrigação aconselhar ou reclamar, e eu sempre me recusei a me meter.

“Uma ou duas vezes, depois que a gente tinha ido pra cama, eu por acaso abri minha porta de novo e vi Catherine sentada chorando no topo da escada. Então me tranquei de novo depressa, com medo de não aguentar e acabar indo ajudar. Eu senti mesmo pena dela, mas não quis perder o emprego, a senhora sabe!

“Finalmente teve uma noite em que ela entrou toda valente no meu quarto e quase me matou de medo, dizendo:

“‘Diga ao sr. Heathcliff que o filho dele está morrendo. Tenho certeza de que está, desta vez. Levante-se neste minuto e vá lhe contar!’

“Depois de dizer isso, ela sumiu de novo. Eu fiquei um quarto de hora tremendo e prestando atenção. Ninguém se mexeu. Não se ouvia um som na casa toda.

“‘Ela está enganada’, eu pensei. ‘Passou o acesso dele. Não preciso ir incomodar os outros.’ E já ia voltando a dormir. Mas meu sono foi perturbado uma segunda vez pelo som agudo da sineta — a única sineta que tem na casa e que foi instalada justamente para Linton. O patrão me chamou para perguntar qual era o problema e para me mandar dizer a eles que não queria mais ouvir aquele barulho.

“Eu dei o recado de Catherine. O patrão praguejou e, alguns minutos depois, apareceu com uma vela acesa e foi até o quarto deles. Eu fui atrás. A sra. Heathcliff estava sentada ao lado da cama, com as mãos dobradas sobre os joelhos. Seu sogro se aproximou, iluminou o rosto de Linton com a vela, olhou-o, tocou-o e depois se virou para ela.

“‘Então, Catherine, como você está se sentindo?’

“Ela ficou muda.

“‘Como você está se sentindo, Catherine?’, ele repetiu.

“‘Ele está a salvo e eu estou livre’, ela respondeu. ‘Devia estar me sentindo bem, mas…’, continuou, com uma amargura que não conseguiu esconder, ‘você me deixou aqui tanto tempo lutando sozinha contra a morte que eu só sinto e só vejo a morte! Sinto que sou a própria morte!’

“E ela parecia mesmo a própria morte! Eu lhe dei um pouco de vinho. Hareton e Joseph, que tinham acordado com a sineta e o som dos passos e ouvido nossa conversa do lado de fora, entraram no quarto. Acho que Joseph ficou feliz de se ver livre do menino. Hareton pareceu um pouco perturbado, mas estava mais ocupado em olhar para Catherine do que em pensar em Linton. Mas o patrão mandou que ele voltasse para a cama, dizendo que a gente não precisava da sua ajuda. Depois, fez Joseph levar o corpo para o quarto dele e me disse para voltar para o meu. A sra. Heathcliff ficou sozinha.

“De manhã, o patrão me mandou dizer a ela que descesse para tomar café. A sra. Heathcliff tinha trocado de roupa e parecia que estava indo dormir. Ela disse que estava se sentindo mal, o que não me espantou nem um pouco. Eu informei ao sr. Heathcliff, e ele respondeu:

“‘Bem, deixe-a em paz até depois do enterro. Suba de vez em quando para ver se ela precisa de alguma coisa e, assim que parecer melhor, me diga.’”

Cathy passou duas semanas no andar de cima, segundo Zillah, que a visitava duas vezes por dia e teria sido muito mais amistosa, se suas demonstrações de bondade não tivessem sido imediatamente repelidas com altivez.

Heathcliff subiu uma vez, para mostrar a Cathy o testamento de Linton. Ele tinha deixado tudo o que lhe pertencia, inclusive todos os bens móveis dela, para o pai. O pobrezinho, diante de ameaças ou adulações, fora convencido a fazer isso durante a semana em que Cathy se ausentara, quando seu tio morrera. Como Linton era menor de idade, não podia dispor das terras. No entanto, o sr. Heathcliff alegou que elas tinham passado para Isabella e, por isso, agora pertencem a ele. Suponho que tenha feito tudo dentro da lei. De qualquer forma Catherine, que não tem dinheiro, nem amigos, não tem como questionar a posse dele.

“A não ser nessa ocasião, ninguém além de mim chegou perto do quarto da sra. Heathcliff”, disse Zillah, “nem perguntou por ela. A primeira vez que ela desceu para a sala foi no domingo à tarde.

“Quando eu fui levar seu almoço, ela gritou que não aguentava mais ficar no frio. Então, eu lhe disse que o patrão ia para Thrushcross Grange, e que ela não precisava deixar de descer só por minha causa e por causa de Earnshaw. Assim que ouviu o cavalo de Heathcliff se afastando, ela apareceu, vestida de preto e com os cachos louros presos atrás das orelhas. Parecia uma quacre de tão simples, mas não conseguiu achatar aqueles cachos.

“Joseph e eu em geral vamos à capela nos domingos.” (A igreja está sem pastor agora, explicou a sra. Dean, e eles chamam a igreja metodista ou batista, não me lembro qual, que fica em Gimmerton, de capela.) “Joseph tinha ido”, continuou Zillah, “mas eu achei que o certo era ficar em casa. Os jovens sempre ficam melhor quando tem uma pessoa mais velha por perto, e Hareton, com toda aquela timidez, não é um modelo de bom comportamento. Eu disse a ele que era muito provável que sua prima viesse ficar conosco, e ela

estava acostumada a ver respeitarem o dia do descanso, de modo que era melhor ele deixar suas armas e as tarefas que fazia dentro de casa para lá enquanto ela estivesse por perto.

“Hareton ficou vermelho ao ouvir isso e olhou para suas mãos e suas roupas. O óleo de baleia e a pólvora foram guardados no mesmo minuto. Eu vi que ele pretendia fazer companhia à sra. Heathcliff e adivinhei, pelo jeito dele, que queria estar apresentável. Então, rindo como não me atrevo a rir na presença do patrão, me ofereci para ajudar se ele quisesse, e fiz troça da sua vergonha. Hareton ficou amuado e começou a praguejar.

“Ora, sra. Dean”, continuou ela, vendo que eu não estava feliz com o que tinha dito. “Pode ser que a senhora ache sua patroazinha fina demais para o sr. Hareton, e pode ser que esteja certa. Mas eu confesso que ia gostar de cortar as asinhas dela. E de que vão lhe adiantar toda sua sabedoria e toda sua delicadeza agora? Ela é tão pobre quanto a senhora ou quanto eu… mais pobre, aposto… a senhora economiza… e eu faço o que posso na vida.”

Hareton permitiu que Zillah o ajudasse, e ela tanto o elogiou, que o deixou de bom humor. Assim, quando Catherine chegou, ele praticamente se esqueceu dos velhos insultos dela e, de acordo com a governanta, tentou ser simpático.

“A mocinha entrou”, disse ela, “fria que nem um pedaço de gelo e pernóstica que nem uma princesa. Eu me levantei e ofereci a poltrona para ela. Mas ela desdenhou da minha boa educação. Earnshaw se levantou também e pediu que ela viesse para o banco de madeira e se sentasse perto do fogo. Disse que tinha certeza de que ela devia estar morrendo de frio.

“‘Estou morrendo de frio há mais de um mês’, respondeu a sra. Heathcliff, escandindo as palavras com o maior desprezo possível.

“E ela pegou uma cadeira para si própria e colocou bem longe de nós.

“Ficou sentada até se esquentar e depois começou a olhar em volta e descobriu alguns livros na cômoda. No mesmo instante, ficou de pé e se esticou para pegar, mas eles estavam altos demais.

“O primo, após observar seu esforço durante algum tempo, finalmente teve coragem de ir ajudar. Ela estendeu o vestido e ele jogou no colo de Cathy os primeiros que conseguiu alcançar.

“Isso foi um grande avanço para o rapaz. A moça não agradeceu, mas, mesmo assim, ele ficou feliz por ela ter aceitado a ajuda, e se atreveu a ficar postado atrás da cadeira enquanto ela examinava os livros, e até mesmo a se debruçar e apontar o que chamava sua atenção em certas gravuras antigas que eles continham. Não desanimou nem com o atrevimento com que ela afastou a página de seu dedo; se contentou em dar um passo para trás e olhar para ela, em vez de para o livro.

“A sra. Heathcliff continuou a ler, ou a procurar algo para ler. Aos poucos, Hareton fixou sua atenção em examinar seus cachos espessos e sedosos — ele não podia ver seu rosto, e ela não conseguia vê-lo ali. E, talvez, sem perceber bem o que fazia, mas atraído como uma criança a uma vela, ele finalmente passou de olhar a tocar: esticou o braço e acariciou um dos cachos, tão de leve quanto se fosse um passarinho. Parecia que lhe tinha enfiado uma faca no pescoço, tamanho foi o escândalo que ela fez quando se virou.

“‘Afaste-se de mim agora! Como ousa me tocar? Por que está parado aí?’, exclamou ela, em tom de nojo. ‘Eu não suporto você! Vou subir de novo, se chegar perto de mim.’

“O sr. Hareton se encolheu, com a cara mais boba deste mundo. Ele se sentou no banco de madeira, bem quietinho, e ela continuou a virar as páginas dos livros por mais meia hora. Finalmente, Earnshaw veio e sussurrou para mim:

“‘Você pede para ela ler para nós, Zillah? Não aguento mais ficar sem fazer nada. E eu bem queria… seria bom ouvir ela lendo! Não diz que sou eu que quero, pede você.’

“‘O sr. Hareton gostaria que a senhora lesse para nós’, eu disse na mesma hora. “Ele ia gostar muito. Ia ficar muito agradecido.’

“Ela franziu as sobrancelhas e, erguendo o rosto, respondeu:

“‘Que o sr. Hareton e todos vocês tenham a bondade de entender que eu rejeito qualquer gentileza fingida que tenham a hipocrisia de tentar fazer! Eu desprezo vocês e não tenho nada para dizer a nenhum! Quando eu teria dado minha vida por uma palavra de bondade, ou até para ver o rosto de um de vocês, todos se mantiveram à distância. Mas não vou reclamar para vocês! Fui obrigada a descer por causa do frio, não vim distrair vocês ou desfrutar da sua companhia!’

“‘O que eu podia fazer?”, disse Earnshaw. ‘Que culpa eu tive?’

“‘Ah! Você é uma exceção’”, respondeu a sra. Heathcliff. ‘As suas gentilezas não me fizeram falta.’

“‘Mas eu mais de uma vez ofereci e pedi’, disse ele, se inflamando com o atrevimento dela. ‘Pedi para o sr. Heathcliff me deixar ficar com você…’

“‘Silêncio! Eu saio de casa, ou vou para qualquer lugar para não ter de ouvir sua voz desagradável!’, disse a grande dama.

“Hareton murmurou que, por ele, ela podia ir para o diabo! E tirando a arma do coldre, não se absteve mais de suas ocupações de domingo.

“Ele então começou a falar tudo o que queria, e ela logo achou melhor voltar para sua solidão. Mas a geada tinha chegado e, apesar de todo o seu orgulho, ela foi forçada a suportar cada vez mais a nossa companhia. Eu, no entanto, não quis mais saber de ver minha bondade desprezada… desde então, estou dura igual a ela… ninguém na casa ama nem gosta da sra. Heathcliff… ela não merece… pois, se alguém lhe diz a menor palavrinha, ela se encolhe, sem respeitar ninguém. Ela é respondona até com o patrão, em tempo de ele dar umas pancadas nela. Quanto mais machucada, mais venenosa ela fica.”

A princípio, ao ouvir esse relato de Zillah, eu decidi que ia deixar meu serviço na Grange, alugar uma casinha e chamar Catherine para vir morar comigo. Mas o sr. Heathcliff irá permitir isso no mesmo dia em que deixar Hareton morar sozinho. Por enquanto, eu não vejo nenhum remédio, a não ser que ela volte a se casar: isso, não cabe a mim providenciar.

Assim acabou a história da sra. Dean. Apesar das previsões do médico, estou recobrando as minhas forças rapidamente e, embora estejamos apenas na segunda semana de janeiro, pretendo, daqui a um ou dois dias, ir a cavalo até Wuthering Heights informar meu senhorio de que irei passar os próximos seis meses em Londres e que, se ele quiser, pode procurar outro inquilino para a casa, depois

do mês de outubro — quase nada me convenceria a ficar outro inverno aqui.

# xvii

Ontem fez um dia bonito, tranquilo e gelado. Fui à Heights, como pretendia. Minha governanta implorou-me que levasse um bilhete seu para a patroazinha e eu não me recusei, pois a boa senhora não atinava com nada de estranho no seu pedido.

A porta da frente estava aberta, mas o trinco tinha sido passado no zeloso portão, como na minha última visita. Bati e chamei Earnshaw, que estava em meio aos canteiros do jardim. Ele tirou a corrente e eu entrei. O camarada é o rústico mais bonito que já se viu. Reparei bem nisso dessa vez. Mas ele parece que faz o melhor que pode para não realçar suas qualidades.

Perguntei se o sr. Heathcliff estava em casa. Hareton disse que não, mas que ia chegar na hora do almoço. Eram onze horas e eu anunciei minha intenção de entrar e esperar por ele, no que o rapaz imediatamente largou as ferramentas e me acompanhou, na função de cão de guarda, não como substituto do anfitrião.

Entramos juntos. Catherine estava ali, ocupada em preparar alguns legumes para a refeição que seria servida em breve. Parecia mais amuada e menos vivaz do que da primeira vez em que a vira. Mal ergueu os olhos para mim e continuou sua tarefa com a mesma

indiferença de antes pela mínima educação, sem retribuir minha mesura e meu bom-dia com o menor gesto.

“Ela não parece tão amável quanto a sra. Dean quer que eu acredite”, pensei. “É uma beldade, sem dúvida, mas não é nenhum anjo.”

Earnshaw, num tom mal-humorado, pediu-lhe que levasse suas coisas para a cozinha.

“Leve-as você”, respondeu Catherine, empurrando-as para longe assim que terminou e indo sentar num banquinho perto da janela, onde começou a esculpir pássaros e outros animais nas cascas de nabo que tinha no colo.

Eu me aproximei dela, fingindo que queria ver o jardim — e com certa habilidade, acredito, deixei cair sobre seu joelho o bilhete da sra. Dean sem que Hareton notasse. Mas ela perguntou, em voz alta:

“O que é isso?” E jogou o bilhete longe.

“Uma carta da sua velha conhecida, a governanta da Grange”, respondi, irritado por Catherine ter exposto a minha gentileza e com receio de que imaginassem que a missiva era de minha autoria.

Ao ouvir isso, ela teria apanhado o bilhete de bom grado, mas Hareton foi mais rápido. Pegou-o e o meteu no colete, dizendo que o sr. Heathcliff iria lê-lo antes.

Com isso, Catherine virou o rosto na outra direção em silêncio e, de maneira muito furtiva, pegou o lenço de bolso e enxugou os olhos. Seu primo, depois de lutar algum tempo contra seus sentimentos mais ternos, tirou o bilhete do colete e jogou-o no chão ao lado dela, da maneira mais antipática possível.

Catherine pegou-o e leu-o ansiosamente. Depois, fez algumas perguntas sobre os habitantes de sua velha casa, tanto os humanos quanto os animais e, olhando para as colinas, murmurou, num solilóquio:

“Como eu queria estar lá cavalgando a Minny morro abaixo! Como queria estar lá subindo morro acima. Ah, como estou cansada… Estou *enjaulada*, Hareton!”

E Catherine apoiou a bela cabeça no parapeito da janela, meio bocejando, meio suspirando, e mergulhou numa tristeza distraída, sem nem saber, nem se importar se estávamos reparando nela.

“Sra. Heathcliff”, disse eu, após passar alguns minutos mudo, “sabia que eu a conheço? Sou tão íntimo da senhora que acho estranho que não venha falar comigo. Minha governanta nunca se cansa de falar da senhora e elogiá-la, e ficará muito decepcionada se eu voltar sem nenhuma notícia sua, exceto que você recebeu a carta dela e não disse nada!”

Ela pareceu espantada ao ouvir isso, e perguntou:

“Ellen gosta do senhor?”

“Sim, muito”, respondi, sem hesitar.

“Diga a ela que eu gostaria de responder a carta, mas não tenho material para escrever. Nem mesmo um livro do qual pudesse arrancar uma folha.”

“Nenhum livro!”, exclamei. “Como consegue viver aqui sem eles? Se é que posso tomar a liberdade de fazer essa pergunta. Embora eu tenha uma grande biblioteca, muitas vezes fico muito aborrecido na Grange. Se alguém tomasse meus livros de mim, entraria em desespero!”

“Quando eu tinha livros, vivia lendo”, disse Catherine. “Mas o sr. Heathcliff nunca lê, por isso meteu na cabeça que ia destruir os meus. Não vejo um livro há semanas. Uma vez, examinei a seleção de teologia de Joseph, para grande irritação dele. E uma outra vez, Hareton, encontrei um depósito secreto no seu quarto… Alguns livros em grego e latim, outros de fábulas e outros de poesia. Todos, velhos amigos… Trouxe esses últimos aqui para a sala… e você roubou-os, assim como uma pega rouba colheres de prata: pelo prazer de roubar! Eles não lhe servem de nada… Ou então você os escondeu por mesquinharia, pensando que, já que não pode tirar proveito deles, ninguém mais o fará. Talvez tenha sido a *sua* inveja que persuadiu o sr. Heathcliff a roubar os meus tesouros. Foi? Mas a maioria está escrita no meu cérebro e impressa no meu coração, e esses, vocês não podem arrancar de mim!”

Earnshaw ficou escarlate quando sua prima revelou seu butim literário privado e gaguejou, negando indignadamente as acusações.

“O sr. Hareton deseja aumentar seu conhecimento”, disse eu, indo ao resgate dele. “Ele não *inveja*, ele *almeja* os seus predicados. Será um grande sábio daqui a alguns anos!”

“E, enquanto isso, quer que eu vire uma imbecil”, respondeu Catherine. “Sim, eu o ouço tentando soletrar e ler sozinho, e que erros comete! Gostaria que você lesse Chevy Chase[17] como fez ontem. Foi extremamente engraçado! Eu ouvi… e ouvi você procurando as palavras difíceis no dicionário e praguejando, porque não conseguia entender as definições!”

O rapaz evidentemente achou muito injusto que rissem dele por sua ignorância e depois rissem dele por tentar acabar com ela. Eu

senti algo parecido e, lembrando da história que a sra. Dean contara sobre a primeira tentativa de Hareton de iluminar a escuridão na qual fora criado, observei:

“Mas, sra. Heathcliff, nós todos começamos em algum momento, e todos tropeçamos e vacilamos na soleira da porta. E, se nossos professores houvessem caçoado de nós, em vez de nos ajudar, ainda estaríamos tropeçando e vacilando.”

“Ah! Eu não desejo limitar o saber de Hareton…”, respondeu ela. “Mas, mesmo assim, ele não tem direito de se apropriar do que é meu e torná-lo ridículo para mim com seus erros ignóbeis e sua pronúncia terrível! Esses livros, tanto aqueles em prosa quanto aqueles em verso, tornaram-se sagrados para mim porque estão associados a muitas coisas, e eu detesto vê-los rebaixados e profanados na boca dele! Além do mais, de todos, Hareton escolheu os meus textos preferidos, que eu adoro repetir, como que por maldade deliberada!”

O peito de Hareton arfou em silêncio durante um minuto: ele estava lutando contra uma profunda sensação de vergonha e ira, que não foi fácil de reprimir.

Eu me levantei, e com a gentil vontade de aliviar seu constrangimento, postei-me à porta, examinando a vista.

Hareton seguiu meu exemplo e deixou a sala, mas logo voltou trazendo meia dúzia de livros nas mãos e atirou-os no colo de Catherine, exclamando:

“Tome! Nunca mais quero ouvi-los, lê-los ou pensar neles de novo!”

“Eu me recuso a ficar com eles agora!”, respondeu ela. “Irei associá-los a você, e odiá-los!”

Catherine abriu um livro que obviamente tinha sido folheado várias vezes e leu um pouco com a voz arrastada de um iniciante. Então riu e atirou-o longe.

“E ouça isso!”, continuou ela, em tom de troça, começando a ler um verso de uma velha balada do mesmo jeito.

Mas o amor-próprio de Hareton não suportou mais aquele tormento. Ouvi quando usou uma das mãos para calar aquela língua atrevida, e não desaprovei inteiramente. A desgraçadinha fizera de tudo para magoar o primo, que era rude, porém sensível, e o único modo que ele tinha de retribuir aquela dor a quem a infligira era com uma reação física.

Depois, Hareton pegou os livros e atirou-os no fogo. Pude ler no rosto dele a angústia daquele sacrifício ao rancor. Tive a impressão de que, conforme os livros eram consumidos pelas chamas, o rapaz se lembrou do prazer que já lhe tinham proporcionado, e de como esperara deles algumas vitórias e ainda mais prazer. E também acho que adivinhei qual tinha sido o incentivo para seus estudos secretos. Hareton se contentara com o trabalho diário e as diversões rudes até Catherine atravessar seu caminho. A vergonha de seu desdém e a esperança de ganhar sua aprovação levaram-no a buscar atividades mais nobres. Mas, em vez de protegê-lo do primeiro e ajudá-lo a obter a segunda, suas tentativas de se refinar tinham produzido o efeito contrário.

“Isso, esse é todo o bem que um brutamontes como você pode obter deles!”, exclamou Catherine, sugando o lábio ferido e observando a conflagração com uma expressão indignada.

“Acho bom você dobrar a língua!”, respondeu Hareton, furioso.

Sua agitação o impediu de falar mais e ele avançou depressa para a porta da frente, onde eu, que ali me encontrava, deixei-o passar. Mas, antes que atravessasse a soleira, o sr. Heathcliff, subindo o passadiço, encontrou-o e, pousando a mão em seu ombro, perguntou:

"O que houve, meu rapaz?"

"Nada, nada!", respondeu Hareton, e foi desfrutar de sua tristeza e de sua raiva sozinho.

Heathcliff ficou observando-o se afastar e suspirou.

"Será estranho se eu mesmo estragar meus planos!", murmurou, sem perceber que eu estava atrás dele. "Mas, quando procuro o pai no rosto dele, é *ela* que encontro, cada dia mais! Como demônios ele ficou tão parecido? Mal suporto vê-lo."

Heathcliff voltou os olhos para o chão e entrou na casa, cismado. Havia uma expressão inquieta e ansiosa em seu rosto que eu nunca tinha visto antes, e ele parecia mais magro.

A nora, ao vê-lo pela janela, imediatamente escapou para a cozinha, e eu fiquei sozinho.

"Fico feliz de ver que já está podendo sair, sr. Lockwood", disse Heathcliff após eu tê-lo cumprimentado. "Em parte, por motivos egoístas. Acho que, se o perdesse, não conseguiria encontrar um substituto com facilidade neste isolamento. Já me perguntei mais de uma vez por que o senhor veio para cá."

"Temo que tenha sido um capricho", respondi. "Pelo menos, será um capricho que me levará para longe. Parto para Londres na semana que vem, e devo avisar ao senhor que não me sinto inclinado a renovar o aluguel de Thrushcross Grange após os doze

meses que já foram acordados entre nós. Acredito que não morarei mais lá."

"É mesmo? Está cansado de ficar exilado do mundo, é? Mas se veio pedir para não pagar por um lugar que não vai ocupar, perdeu a viagem. Eu nunca deixo de exigir o que me é devido de ninguém."

"Não vim pedir nada disso!", exclamei, consideravelmente irritado. "Se o senhor quiser, posso quitar tudo agora." E peguei a carteira do bolso.

"Não, não", disse ele com frieza. "O senhor deixará o suficiente para trás para cobrir suas dívidas, caso não volte… Não estou com tanta pressa assim. Sente-se e almoce conosco. Um convidado que não corre o risco de aparecer de novo em geral pode ser bem recebido. Catherine! Traga as coisas. Onde você está?"

Catherine reapareceu, trazendo uma bandeja cheia de facas e garfos.

"Almoce com Joseph", murmurou Heathcliff para ela, "e fique na cozinha até ele ir embora."

Ela obedeceu às ordens com exatidão. Talvez não tenha se sentido tentada a descumpri-las. Como vive em meio a grosseirões e misantropos, provavelmente não consegue apreciar pessoas de melhor classe quando as encontra.

Com o sr. Heathcliff, sombrio e macambúzio, de um lado, e Hareton, completamente mudo, do outro, fiz uma refeição não muito alegre e me despedi cedo. Teria saído pelos fundos para ter um último vislumbre de Catherine e irritar Joseph, mas Hareton recebeu ordens para trazer meu cavalo e meu anfitrião me levou em pessoa até a porta, de modo que não pude realizar meu desejo.

“Que vida melancólica leva-se naquela casa!”, refleti, conforme trotava estrada abaixo. “Teria sido algo mais romântico do que um conto de fadas para a sra. Linton Heathcliff se eu e ela houvéssemos nos apaixonado, como queria sua boa babá, e migrado juntos para a atmosfera instigante da cidade!”

---

17. Balada britânica que tem sua origem na tradição oral e data do século xiv ou xv. Fala de uma batalha entre ingleses e escoceses. (n. t.)

# xviii

1802. Neste setembro, fui convidado a destruir os pássaros dos urzais de um amigo que mora no norte e, quando estava a caminho de sua residência, vi-me inesperadamente a quinze milhas de Gimmerton. O cavalariço de uma estalagem de beira de estrada estava segurando um balde d'água para refrescar meus cavalos quando passou uma carroça cheia de uma aveia muito verde que tinha acabado de ser colhida, e ele comentou:

"Isso daí é de Gimmerton! A colheita de lá chega treis semana dispois das otra!"

"Gimmerton?", repeti, pois o período em que morara ali já se tornara vago na minha memória. "Ah! Já me lembrei! A que distância fica daqui?"

"Mais ou menos umas catorze mia pelos monte, e a estrada é cheia de buraco", respondeu o homem.

Fui tomado por uma vontade súbita de visitar Thrushcross Grange. Ainda não passara do meio-dia e eu achei que seria melhor pernoitar sob meu próprio teto do que numa estalagem. Além do mais, não haveria problema se eu ficasse um dia a mais para

acertar as contas com meu senhorio e, assim, não precisaria me dar ao trabalho de invadir a região de novo.

Após ter descansado um pouco, mandei meu criado perguntar qual era o caminho até o vilarejo, e nós conseguimos vencer a distância em cerca de três horas, cansando muito os nossos cavalos.

Eu o deixei lá e pus-me a atravessar o vale sozinho. A igreja cinza estava ainda mais cinza e o cemitério deserto, ainda mais deserto. Discerni um carneiro pastando a turfa curta sobre as sepulturas. O tempo estava gostoso e quente. Quente demais para viajar, mas o calor não me impedia de desfrutar da linda paisagem acima e abaixo. Se eu a tivesse visto mais perto do mês de agosto, tenho certeza de que teria me sentido tentado a passar um mês naquela solidão. Não há nada mais lúgubre no inverno, nem nada mais divino no verão, do que aqueles vales ocultos pelas colinas, e aquelas enormes vagas de urzes.

Cheguei à Grange antes do pôr do sol e bati na porta, pedindo para entrar. Mas a julgar por uma fina fumaça azulada que subia pela chaminé da cozinha, os criados tinham se escondido nos fundos da casa, e não ouviram.

Montei no cavalo e atravessei o pátio. Uma menina de nove ou dez anos estava sentada debaixo do pórtico tricotando e uma velha estava reclinada nos degraus, fumando um cachimbo com um ar meditativo.

“A sra. Dean está?”, perguntei à velha.

“A dona Dean? Não!”, respondeu ela. “Ela não fica mais aqui, agora fica na Heights.”

“Quer dizer que a senhora é a governanta?”

“Sou eu que cuido da casa, sim.”

“Bem, eu sou o sr. Lockwood, o patrão. Será que tem algum quarto preparado onde eu possa ficar? Gostaria de passar a noite aqui.”

“O patrão!”, exclamou a velha, atônita. “Ara, mas quem sabia que o sinhô vinha? O sinhô devia ter mandado avisar! Não tem nada seco, nem decente por aqui… tem, não!”

Ela soltou o cachimbo e correu para dentro. A menina foi atrás e eu entrei também, percebendo logo que o que a velha tinha dito era verdade e que, ainda por cima, eu quase a deixara doida com minha aparição inoportuna.

Pedi-lhe que ficasse calma. Disse que ia sair para dar uma caminhada e, enquanto isso, ela devia tentar preparar um canto de uma das salas onde eu pudesse jantar, e um quarto onde pudesse dormir. Não era necessário varrer, nem tirar o pó de nada: bastava acender bons fogos e obter lençóis secos.

A velha parecia disposta a fazer o melhor possível, embora tenha enfiado a escova da lareira dentro da grade, confundindo-a com o atiçador, e se atrapalhado com vários utensílios de sua profissão. Mas eu me retirei, confiante em que, graças à sua energia, teria um lugar para descansar quando voltasse.

O passeio que planejara fazer era até Wuthering Heights. Mas, depois que atravessei o pátio, algo me ocorreu e me fez voltar.

“Está tudo bem na Heights?”, perguntei à mulher.

“Tá, pelo que se sabe!”, respondeu ela, saindo depressa com um balde cheio de brasas vermelhas.

Quis perguntar por que a sra. Dean tinha deixado a Grange, mas era impossível detê-la no meio daquela urgência. Por isso, virei e

saí, trotando devagar, banhado pelos raios do sol que se punha atrás e pela luminosidade suave da lua que nascia à frente. Um morria, e a outra ganhava brilho conforme eu deixava o bosque e subia a estradinha pedregosa que ia dar na residência do sr. Heathcliff.

Antes que eu pudesse discernir a casa, tudo o que restara do dia era uma luz fraca cor de âmbar a oeste; mas eu conseguia enxergar cada pedregulho e cada folha de grama à luz daquela lua esplêndida.

Não precisei nem saltar o portão, nem bater — ele cedeu ao meu toque.

“Que melhora!”, pensei. E percebi outra, com a ajuda das minhas narinas: um aroma de brotos e trepadeiras perfumava o ar por entre as árvores comuns do pomar.

Tanto as portas quanto as treliças estavam abertas; no entanto, como em geral acontece nas regiões do norte que produzem carvão, um belo fogo vermelho iluminava a lareira. O conforto que ele dá aos olhos faz com que o calor extra seja suportável, mas a casa em Wuthering Heights é tão grande que seus habitantes têm bastante espaço para evitar sua potência. De fato, os habitantes que ali estavam haviam se postado num lugar não muito distante de uma das janelas. Pude tanto vê-los quanto ouvi-los conversar antes de entrar, e em consequência espiei e escutei, levado por curiosidade e por uma inveja que foi crescendo conforme me demorei.

“Con-*trá*-rio!”, disse uma voz, límpida como um cristal. “Já é a terceira vez, seu bobo! Não vou explicar de novo. Lembre-se, ou eu puxo seu cabelo!”

“Contrário, pronto”, respondeu outra, grave, porém branda. “E agora me beije, já que eu fiz como você mandou.”

“Não, primeiro leia tudo do jeito certo, sem nem um errinho.”

A voz masculina começou a ler. Era de um rapaz que estava vestido de maneira respeitável e sentado à mesa com um livro diante de si. Seu belo rosto estava iluminado de felicidade, e seus olhos, impacientes, a todo momento vagavam da página para a mãozinha branca pousada sobre seu ombro. Esta lhe dava um tapinha no rosto sempre que sua dona percebia esse sinal de desatenção.

A dona da mãozinha estava postada atrás do rapaz, e os cachinhos louros e brilhantes dela se misturavam com as madeixas castanhas dele de tempos em tempos, quando ela se debruçava para supervisionar os estudos do primo. E o rosto dela… sorte dele que não podia ver o rosto dela, ou nunca teria conseguido se manter tão aplicado. Eu podia, e mordi o lábio de inveja por ter jogado fora a chance que poderia ter tido, de fazer algo além de apenas fitar sua beleza avassaladora.

A tarefa chegou ao fim depois de mais alguns errinhos, mas o pupilo reclamou uma recompensa e recebeu pelo menos cinco beijos, que generosamente retribuiu. Então, eles foram até a porta e, pelo que diziam, entendi que estavam prestes a sair e caminhar pelos urzais. Imaginei que, se eu mostrasse minha infeliz pessoa naquele momento, o coração de Hareton Earnshaw me amaldiçoaria e desejaria que eu fosse para o mais fundo poço do inferno, ainda que sua boca não expressasse isso. Assim, sentindo-me muito mesquinho e maligno, fui, amuado, buscar refúgio na cozinha.

A passagem para aquela parte da casa estava livre, do mesmo modo, e à porta estava minha velha amiga, Ellen Dean, costurando e cantarolando uma canção, de quando em quando interrompida lá dentro por palavras ríspidas de desprezo e intolerância, pronunciadas num registro bem pouco musical.

“Era muito melhor quando eles ficavam se xingando nos meus ouvido o dia todo do que ter que ouvir você!”, disse o ocupante da cozinha, respondendo a uma fala de Nelly que eu não escutara. “É uma vergonha eu não poder abrir o livro sagrado, mas você poder ficar cantando essas glória ao demônio e a tudo de mais pecaminoso que já nasceu neste mundo! Ah! Você não presta pra nada. E ela é igualzinha. E o pobre do menino vai se perder no meio das duas. Pobrezinho!”, acrescentou ele, com um gemido. “Tá enfeitiçado. Eu tenho certeza! Ah, Senhor, julgai-os, pois não tem lei nem justiça nesta terra!”

“Não! Se tivesse, nós estaríamos sentados em cima de uma fogueira, imagino”, retrucou a cantora. “Mas cale a boca, velho: vá ler sua Bíblia como um bom cristão e me deixe em paz. Essa canção se chama ‘Fairy Annie’s Wedding’.[18] É bonita. Tem uma dança que a acompanha.”

A sra. Dean estava prestes a recomeçar quando eu me aproximei. Reconhecendo-me na hora, ela ficou de pé num pulo e exclamou:

“Deus nos acuda, sr. Lockwood! Que ideia foi essa de voltar desse jeito? Thrushcross Grange está toda trancada. O senhor devia ter avisado!”

“Eu já consegui acomodações lá que servirão durante a minha estada”, respondi. “Partirei de novo amanhã. Mas como veio parar aqui, sra. Dean? Conte-me.”

“Zillah foi embora e, logo depois de o senhor ir para Londres, o sr. Heathcliff quis que eu viesse para ficar até que o senhor voltasse. Mas entre, por favor! Veio de Gimmerton esta tarde?”

“Vim da Grange. E enquanto eles estão preparando meus aposentos lá, vim acertar minhas contas com seu patrão, pois creio que só terei outra oportunidade daqui a muito tempo.”

“Que contas, senhor?”, perguntou Nelly, me levando até a sala. “Ele saiu e vai demorar para voltar.”

“Preciso pagar o aluguel”, expliquei.

“Ah! Então o senhor tem de acertar com a sra. Heathcliff, ou melhor, comigo. Ela ainda não aprendeu a cuidar dos negócios, e eu faço isso em nome dela. Não há mais ninguém para fazer.”

Fiz uma expressão de surpresa.

“Ah! Estou vendo que o senhor não soube da morte de Heathcliff.”

“Heathcliff morreu?”, exclamei, perplexo. “Há quanto tempo?”

“Três meses. Mas sente-se e dê-me seu chapéu, que eu lhe conto tudo. Espere: o senhor ainda não comeu nada, comeu?”

“Não quero nada. Pedi que preparassem um jantar para mim lá em casa. Sente-se a senhora também. Nunca sonhei que ele ia morrer! Conte-me como foi que aconteceu. Disse que eles vão demorar a voltar. Estava se referindo aos dois jovens?”

“Isso. Eu ralho com eles todas as noites, porque ficam passeando até tarde… mas eles não querem saber de mim. Pelo menos, beba um pouco da nossa cerveja. Vai lhe fazer bem. O senhor parece cansado.”

A sra. Dean correu para buscar a cerveja antes que eu pudesse recusar, e eu ouvi Joseph dizendo que “era um escândalo ela se dar

ao desfrute com aquela idade! E ainda por cima pegar a cerveja da adega do patrão! Ele ia só esperar pra ver".

Ela não parou para retrucar. Em menos de um minuto, voltou trazendo uma caneca de prata brilhante, cujo conteúdo elogiei com um entusiasmo generoso. Depois, permitiu que eu ouvisse o resto da história de Heathcliff. O fim dele tinha sido "esdrúxulo", como ela disse.

Fui chamada a Wuthering Heights duas semanas depois de o senhor nos deixar, disse a sra. Dean. E obedeci com grande alegria, por causa de Catherine.

Meu primeiro encontro com a patroazinha me deixou triste e estupefata, de tanto que ela havia mudado desde a nossa separação! O sr. Heathcliff não se incomodou em explicar seus motivos para mudar de ideia sobre a minha vinda para cá. Disse apenas que desejava a minha presença e estava cansado de ver Catherine. Eu podia me apropriar da salinha e mantê-la ali comigo. Para ele, bastava vê-la uma ou duas vezes por dia.

Catherine pareceu satisfeita com esse arranjo e, aos poucos, contrabandeei diversos livros e outros objetos que costumavam distraí-la na Grange. Com isso, acreditei que conseguiríamos ficar razoavelmente confortáveis.

A ilusão não durou muito tempo. Catherine, que a princípio estava contente, após um curto período ficou irritadiça e inquieta. Em primeiro lugar, ela estava proibida de passar do jardim, e com a chegada da primavera, ter de manter-se dentro daqueles limites estreitos a aborrecia horrivelmente. Em segundo lugar, meus afazeres me obrigavam a deixá-la com frequência, e ela reclamava

da solidão: preferia estar na cozinha brigando com Joseph a ficar em paz, sozinha.

Eu não me incomodava com as escaramuças deles. Mas Hareton muitas vezes era obrigado a ir para a cozinha também, quando o patrão queria ficar sozinho na sala; e, embora Catherine, no começo, ou fosse embora quando ele chegava ou começasse a me ajudar com as minhas tarefas sem dizer nada, recusando-se a dar atenção ao rapaz ou a dirigir-se a ele; e embora o próprio Hareton continuasse a ser o mais amuado e silencioso possível, ela, após algum tempo, mudou de comportamento e tornou-se incapaz de deixá-lo sossegado. Catherine começou a conversar com Hareton, a fazer comentários sobre sua estupidez e preguiça e a expressar espanto por ele conseguir levar aquela vida. Como podia passar a noite inteira sentado, olhando para o fogo e dormitando?

"Ele é igualzinho a um cachorro, não é, Ellen?", observou certa vez. "Ou um cavalo de carroça? Trabalha, come, dorme e só, todos os dias! Que mente vazia e sombria deve ter! Você sonha, Hareton? E quando sonha, é com o quê? Mas você não consegue falar comigo!"

Catherine fitou-o, mas ele se recusou a abrir a boca ou a sustentar o olhar dela.

"Talvez esteja sonhando agora", continuou a patroazinha. "Ele mexeu o ombro que nem a Juno mexe o dela. Pergunte a ele, Ellen."

"O sr. Hareton vai pedir ao patrão para mandar a senhorita lá para cima, se não se comportar!", disse eu. Ele não só mexera o ombro, mas também cerrara o punho, como se estivesse tentado a usá-lo.

“Eu sei por que Hareton nunca fala nada quando eu estou na cozinha!”, exclamou Catherine, em outra ocasião. “Tem medo de que eu ria dele. O que você acha, Ellen? Hareton começou a tentar aprender a ler sozinho certa vez e, como eu achei graça, queimou os livros e desistiu. Foi um bobo, não foi?”

“E a senhorita foi má, não foi?”, perguntei. “Responda.”

“Talvez sim, mas não esperava que ele fosse cometer tamanha tolice. Hareton, se eu lhe der um livro agora, você aceita? Vou tentar!”

Catherine colocou um livro que vinha folheando na mão dele. Hareton jogou-o longe e disse que se ela não parasse com aquilo, ia lhe quebrar o pescoço.

“Bem, vou colocá-lo aqui, na gaveta da mesa, e vou para a cama”, disse ela.

Então, num sussurro, pediu que eu ficasse olhando para ver se ele pegava o livro, e foi embora. Mas Hareton nem chegou perto dele, e quando eu contei isso a Catherine de manhã, ela ficou muito decepcionada. Vi que lamentava o fato de ele insistir em ser indolente e rabugento. Sua consciência a reprovava por tê-lo deixado com medo de se aprimorar — o que fizera de maneira eficiente.

Mas Catherine usou sua engenhosidade para remediar o malfeito. Enquanto eu passava roupa, ou realizava alguma outra tarefa que me obrigava a ficar parada, mas que eu não podia fazer na sala de estar, ela trazia um bom livro e lia em voz alta para mim. Quando Hareton estava na cozinha, Catherine em geral parava numa parte interessante e deixava o livro por ali. Fez isso diversas vezes. Mas ele era teimoso como uma mula e, em vez de morder a isca, passou

a fumar com Joseph quando o tempo estava chuvoso. Os dois ficavam ali, sentados como autômatos, um de cada lado do fogo, o mais velho, felizmente, surdo demais para compreender aquelas bobagens pecaminosas, como ele teria dito, e o mais novo fazendo o possível para ignorá-las. Nas noites de tempo bom, o segundo saía para caçar, enquanto Catherine suspirava, bocejava e me obrigava a conversar com ela, correndo para o pátio ou para o jardim no instante em que eu obedecia — ou, quando não suportava mais, punha-se a chorar e dizia que estava cansada de viver, pois sua vida era inútil.

O sr. Heathcliff, que cada vez gostava menos de companhia, praticamente banira Hareton de seus aposentos. Devido a um acidente ocorrido no começo de março, ele passou alguns dias sem poder sair da cozinha. Sua arma rebentou quando estava sozinho nas colinas. Um estilhaço cortou seu braço e ele perdeu bastante sangue antes de conseguir chegar em casa. A consequência é que ficou condenado a permanecer tranquilo diante do fogo até ficar bom de novo.

Catherine gostou de tê-lo ali. Ou, pelo menos, passou a odiar mais do que nunca seu quarto no andar de cima. Ela me obrigava a arrumar o que fazer lá embaixo, para poder me acompanhar.

Na segunda de Páscoa, Joseph foi levar algumas cabeças de gado para vender na feira de Gimmerton. À tarde, eu estava passando lençóis na cozinha e Earnshaw estava ali, sorumbático como sempre, sentado num dos cantos da chaminé, enquanto a patroazinha passava o tempo fazendo desenhos no vidro da janela e, de vez em quando, para variar, cantando baixinho, reclamando

aos sussurros e olhando de soslaio com irritação e impaciência para o primo, que não parava de fumar com os olhos fixos na grade.

Quando eu avisei que não podia mais tê-la ali na frente da luz, Catherine foi para diante da lareira. Não fiquei prestando muita atenção no que estava fazendo, mas logo a ouvi dizer:

“Hareton, eu agora descobri que quero… que fico feliz… que iria gostar de você ser meu primo agora, se não tivesse passado a ser tão malvado comigo, e tão rude.”

Hareton não respondeu.

“Hareton, Hareton, Hareton! Você ouviu?”, insistiu ela.

“Sai pra lá!”, rugiu ele, irredutível na aspereza.

“Dê-me este cachimbo”, disse Catherine, estendendo a mão cautelosamente e tirando-o da boca de Hareton.

Antes que ele pudesse tentar reavê-lo, o cachimbo já tinha sido quebrado e jogado no fogo. Hareton praguejou e pegou outro.

“Pare!”, exclamou ela. “Precisa me ouvir primeiro, e não consigo falar com essas nuvens de fumaça no rosto.”

“Vá pro diabo e me deixe quieto!”, gritou Hareton, furioso.

“Não”, persistiu Catherine. “Eu me recuso. Não sei o que fazer para obrigá-lo a falar comigo, e você decidiu que não vai me entender. Quando digo que você é estúpido, não quero dizer… não quero dizer que o desprezo. Eu vou obrigá-lo a prestar atenção em mim, Hareton. Você é meu primo, e vai reconhecer isso.”

“Não quero ter nada que ver com você, com seu orguio nojento e com o diabo da sua troça!”, respondeu ele. “Prefiro ir pro inferno, de corpo e alma, antes de olhar pra sua cara de novo! Sai de perto agora!”

Catherine franziu o cenho e voltou para o assento da janela, mordendo o lábio e cantarolando uma melodia estranha para esconder os soluços que queriam lhe subir pela garganta.

“O senhor devia ser amigo da sua prima, sr. Hareton”, interrompi eu, “já que ela se arrependeu de seu atrevimento! Isso lhe faria muito bem. Se aceitasse a companhia dela, o senhor ia virar outro homem.”

“Companhia?”, exclamou ele. “Quando ela me detesta, e acha que eu não presto nem pra limpar os sapatos dela! Não, eu não ia querer o desprezo que ganhei quando quis agradar ela, nem que isso fosse me transformar num rei!”

“Não sou eu que detesto você, é você que me detesta!”, disse Cathy por entre as lágrimas, sem conseguir mais disfarçar sua tristeza. “Você me detesta tanto quanto o sr. Heathcliff, ou mais.”

“Você é uma maldita de uma mentirosa. Então, por que foi que eu deixei ele zangado defendendo você mais de cem vezes? E isso quando você troçava de mim, desdenhava de mim, e… Continua a me azucrinar que eu entro lá e digo que você me expulsou da cozinha!”

“Eu não sabia que você tinha me defendido”, respondeu ela, enxugando os olhos, “e estava destroçada, e amarga com todo mundo. Mas agora agradeço, e imploro que me perdoe. O que mais posso fazer?”

Cathy voltou para perto da lareira e estendeu a mão candidamente.

Hareton franziu as sobrancelhas, anuviou-se como se fosse soltar trovões, e manteve os punhos resolutamente cerrados e os olhos fixos no chão.

Catherine, por instinto, deve ter adivinhado que Hareton persistia em se comportar daquele jeito devido a uma teimosia intratável, e não a uma antipatia por ela; pois, após ficar um instante indecisa, debruçou-se e deu-lhe um leve beijo na bochecha.

A danadinha achou que eu não tinha visto e, afastando-se, voltou a se sentar perto da janela, muito recatada.

Eu balancei a cabeça, desaprovando. Ela então corou e sussurrou:

“Bem, o que eu devia ter feito, Ellen? Ele se recusou a apertar a minha mão, e se recusou a me olhar… Precisava mostrar-lhe de alguma maneira que gosto dele e quero ser sua amiga.”

Não sei dizer se aquele beijo convenceu Hareton. Durante alguns minutos, ele tomou muito cuidado para não deixar ninguém ver seu rosto e, quando afinal o ergueu, ficou sem saber para onde olhar.

Catherine ocupou-se em embrulhar muito bem um belo livro em papel branco e, após amarrar o embrulho com um pedaço de fita e escrever “Para o sr. Hareton Earnshaw”, pediu-me que fosse sua embaixadora e levasse o presente ao destinatário.

“E diga-lhe que, se ele aceitar, eu o ensino a lê-lo direito”, disse ela. “E que, se recusar, vou lá para cima e nunca mais o incomodo.”

Levei o livro e repassei a mensagem, enquanto a patroazinha me observava, ansiosa. Hareton recusou-se a abrir a mão e, por isso, coloquei-o em seu colo. Mas ele tampouco jogou-o no chão. Voltei para o meu trabalho. Catherine ficou com a cabeça e os braços apoiados na mesa até ouvir o leve farfalhar do embrulho sendo desfeito. Então, saiu pé ante pé e, sem dizer nada, sentou-se ao lado do primo. Ele estava tremendo, com o rosto em brasa. Toda a sua rudeza e toda a sua aspereza o abandonaram. A princípio, não

teve coragem de dizer uma sílaba em resposta ao olhar interrogativo de Catherine e ao pedido que ela murmurou.

“Diga que me perdoa, Hareton, por favor! Vai me deixar tão feliz se disser só essa palavrinha.”

Hareton tartamudeou algo inaudível.

“E vai ser meu amigo?”, perguntou Catherine.

“Não! Você vai passar a vida com vergonha de mim”, respondeu ele. “E quanto mais me conhecer, mais vergonha vai sentir. Eu não vou aguentar.”

“Quer dizer que não vai ser meu amigo?”, disse Catherine, dando um sorriso doce como o mel e se aproximando mais um pouquinho.

Não consegui discernir mais nada do que eles disseram, mas, quando olhei de novo, encontrei dois rostos tão radiantes debruçados sobre as páginas do livro aceito que não duvidei que um tratado fora ratificado por ambos os lados e que os inimigos, dali em diante, seriam grandes aliados.

A obra que estavam examinando era repleta de ilustrações caras. Estas, e a posição em que se encontravam, eram tão encantadoras que eles permaneceram imóveis até Joseph chegar em casa. Ele, coitado, ficou completamente horrorizado ao ver Catherine sentada no mesmo banco que Hareton Earnshaw, com a cabeça apoiada no ombro dele, sem compreender como seu queridinho suportava aquela proximidade. A cena afetou Joseph de maneira tão profunda que ele não conseguiu fazer nenhuma observação sobre o assunto naquela noite. Sua emoção só foi revelada pelo imenso suspiro que deu ao abrir solenemente sua grande Bíblia sobre a mesa e cobri-la com notas sujas retiradas da sua carteira, o resultado das

transações do dia. Após algum tempo, ele chamou Hareton, fazendo-o levantar-se do banco.

“Leva estas notas pro patrão, menino”, disse. “Eu vou subir pro meu quarto. Este lugar não é decente, não serve pra nós. A gente tem é que ir embora, procurar outro canto!”

“Vamos, Catherine”, disse eu. “Nós também ‘temos que ir embora’. Já acabei de passar a roupa, você já pegou suas coisas?”

“Ainda não são nem oito horas!”, respondeu ela, levantando-se de má vontade. “Hareton, eu vou deixar este livro em cima do consolo da chaminé, e vou trazer outros amanhã.”

“Qualquer livro que você deixar aqui, eu levo pra dentro da sala”, disse Joseph, “e duvido que você veja eles de novo. Então traz, se quiser!”

Cathy disse que a biblioteca dele ia pagar pela dela e, sorrindo ao passar por Hareton, foi cantando lá para cima, com um coração mais leve, acredito, do que jamais tivera antes sob aquele teto, com exceção, talvez, de suas primeiras visitas a Linton.

A intimidade começada dessa forma cresceu depressa, embora tenha sofrido interrupções temporárias. Earnshaw não ia se civilizar com um passe de mágica, e a patroazinha não era muito racional, nem tampouco um modelo de paciência. Mas como as mentes de ambos queriam chegar ao mesmo ponto — pois uma era amorosa, e desejava amar, e a outra era amorosa, e desejava ser amada —, eles, afinal, conseguiram alcançá-lo.

Como o senhor vê, sr. Lockwood, não foi difícil ganhar o coração da sra. Heathcliff. Mas, agora, fico feliz de o senhor não ter tentado. A união desses dois será a maior alegria da minha vida. No dia do

casamento deles, eu não vou sentir inveja de ninguém. Vou ser a mulher mais feliz da Inglaterra!

---

18. Algumas edições corrigem o título para “Fair Annie’s Wedding” [O casamento da bela Annie]. (n. t.)

# xix

No dia seguinte àquela segunda, como Hareton ainda não podia fazer suas tarefas normais, e, portanto, tinha de ficar pela casa, eu logo descobri que seria impraticável manter a patroazinha ao meu lado como antes.

Catherine desceu antes de mim e foi para o jardim, onde vira o primo realizando algum trabalho mais leve. E, quando eu saí para chamá-los para tomar café da manhã, vi que ela o persuadira a arrancar diversos pés de cassis e groselha, e que eles estavam planejando trazer plantas da Grange para colocar no lugar.

Fiquei horrorizada com a devastação que tinha acontecido numa breve meia hora: os pés de cassis eram a menina dos olhos de Joseph e Catherine tinha decidido que ia fazer um canteiro de flores bem no meio deles!

“Pronto! Tudo isso vai ser mostrado ao patrão no minuto em que for descoberto!”, exclamei. “E que desculpa vocês têm para tomar essa liberdade com o jardim? Isso vai ser motivo de uma bela explosão, vocês vão ver só! Sr. Hareton, eu fico espantada de o senhor não ter mais juízo e de ter feito essa bagunça a mando dela!”

“Tinha esquecido que os pés de cassis eram de Joseph”, respondeu ele, atrapalhado. “Mas direi a ele que fui eu que fiz isso.”

Nós sempre comíamos com o sr. Heathcliff. Eu fazia as vezes de dona da casa e preparava o chá e cortava a carne, de modo que era indispensável à mesa. Catherine, em geral, se sentava ao meu lado, mas naquele dia se aproximou furtivamente de Hareton, e eu logo vi que sua amizade não seria mais discreta do que sua hostilidade.

“Tome o cuidado de não conversar demais com o seu primo, nem dar atenção demais a ele”, sussurrei quando entramos na sala. “Isso decerto vai irritar o sr. Heathcliff e ele vai ficar zangado com vocês dois.”

“Pode deixar”, respondeu Catherine.

Um minuto depois ela estava do lado dele, espetando prímulas no seu prato de mingau.

Ali, Hareton não se atreveu a falar com Catherine — mal se atreveu a olhar para ela. No entanto, ela continuou a provocá-lo e, duas vezes, quase o fez rir. Eu franzi as sobrancelhas e então Catherine olhou para o patrão, cuja mente estava ocupada com outras questões que não seus acompanhantes, como mostrava sua expressão. Ela ficou séria por um instante, examinando-o com profunda gravidade. Depois se virou e recomeçou com aquelas bobagens. Hareton, afinal, deu uma risada abafada.

O sr. Heathcliff teve um sobressalto. Rapidamente inspecionou nossos rostos. Catherine sustentou seu olhar com o misto de nervoso e rebeldia que sempre exprimia, e que ele detestava.

“Que bom que você está fora do meu alcance!”, exclamou o sr. Heathcliff. “Que demônio a possui e a leva a viver me encarando com esses olhos infernais? Olhe para baixo! E não volte a me

lembrar da sua existência. Achei que já tinha aprendido a não rir mais!”

“Fui eu”, murmurou Hareton.

“O que você disse?”, perguntou o patrão.

Hareton olhou para o prato e não repetiu a confissão.

O sr. Heathcliff pôs-se a fitá-lo durante algum tempo e depois, sem dizer nada, voltou para o seu café e suas reflexões interrompidas.

Já tínhamos quase terminado e os dois jovens, prudentemente, tinham se afastado um pouco: por isso, eu não esperava mais nenhum distúrbio durante aquela refeição. Foi então que Joseph apareceu na porta, revelando, pelo lábio trêmulo e pelo olhar furioso, que a atrocidade cometida contra seus preciosos arbustos tinha sido detectada.

Ele deve ter visto Cathy e o primo naquela parte do jardim antes de ir examiná-la, pois, movendo as mandíbulas como uma vaca pastando, o que o tornava difícil de entender, declarou:

“Eu quero meu dinhero, porque eu vou embora daqui! Achei que ia morrer no lugar onde trabalhei sessenta ano. Eu até levei meus livro e minhas coisinha pro meu quarto, pra deixar a cozinha pra eles e pra gente ter paz. Não foi fácil sair de perto do fogo quente, mas eu saí! Mas não, ela me tirou meu jardim, arrancou o coração dele! Patrão, eu não aguento! O sinhô pode se sujeitar a isso se quiser… *Eu* não tô acostumado, e os velhos não aguenta carregar mais peso! Prefiro ganhar meu pão trabalhando na rua!”

“Faça um resumo, seu idiota!”, interrompeu Heathcliff. “Está reclamando de quê? Não quero saber das suas brigas com a Nelly. Por mim, ela pode atirar você no depósito de carvão, se quiser.”

“Não foi a Nelly!”, respondeu Joseph. “Eu nem ia me mexer por causa da Nelly, por mais que ela seja uma horrorosa imprestável. Pois, graças a Deus, ela não ia poder roubar a alma de ninguém. Ela nunca foi formosa e quem olha pra ela tem que piscar os olho. É aquela desgraçada terrível que enfeitiçou nosso rapaz, porque é uma descarada… e agora… Não! Meu coração quase que arrebenta! Ele esqueceu tudo o que fiz por ele, e ensinei ele, e arrancou uma fileira inteira dos pé de cassis do jardim!” Nesse momento, Joseph desatou a chorar, desalentado diante daquelas terríveis injustiças, da ingratidão de Hareton e do perigo que ele estava correndo.

“Esse imbecil está bêbado?”, perguntou o sr. Heathcliff. “Hareton, é com você que ele está implicando?”

“Eu arranquei dois ou três arbustos”, respondeu o rapaz, “mas vou plantar de volta.”

“E por que arrancou?”, perguntou o patrão.

Catherine teve a temeridade de se meter.

“Nós queríamos plantar algumas flores no lugar. Sou a única culpada, porque fui eu quem pedi.”

“E quem diabos deu permissão a *você* para tocar num galho daqui?”, exigiu saber seu sogro, muito surpreso. “E quem mandou *você* obedecê-la?”, acrescentou, voltando-se para Hareton.

O rapaz ficou mudo. Sua prima respondeu:

“O senhor não devia me negar alguns palmos de jardim para enfeitar, já que roubou todas as minhas terras!”

“Suas terras, sua vagabunda insolente? Você nunca teve nenhuma!”, exclamou Heathcliff.

“E o meu dinheiro”, continuou ela, retribuindo o olhar furioso dele e, ao mesmo tempo, mordendo uma casca de pão, que era o que restara do seu desjejum.

“Silêncio!”, exclamou Heathcliff. “Acabe logo e suma daqui!”

“E as terras do Hareton, e o dinheiro dele”, continuou aquela menina imprudente. “O Hareton e eu somos amigos agora e eu vou contar para ele tudo o que o senhor fez!”

O patrão pareceu perplexo durante um instante. Ficou pálido e se levantou sem tirar os olhos de Catherine, com uma expressão de ódio mortal.

“Se me bater, Hareton vai bater no senhor!”, disse ela. “Por isso, é melhor voltar a se sentar.”

“Se Hareton não expulsar você da sala, eu vou bater nele até mandá-lo para o inferno!”, trovejou Heathcliff. “Maldita bruxa! Você tem a pretensão de jogá-lo contra mim? Tire-a daqui! Está me ouvindo? Jogue-a na cozinha! Eu a mato, Ellen Dean, se você permitir que ela apareça na minha frente de novo!”

Hareton, aos sussurros, tentou convencer Catherine a sair dali.

“Arraste-a daqui!”, gritou Heathcliff, ensandecido. “Vai ficar parado conversando?” E ele se aproximou para cumprir a própria ordem.

“Hareton não vai mais obedecer ao senhor, seu homem perverso!”, disse Catherine. “E logo vai detestá-lo tanto quanto eu!”

“Psiu! Psiu!”, murmurou o rapaz, em tom de reprovação. “Não vou deixar você falar assim com ele. Chega!”

“Mas não vai deixar que ele me bata, vai?”, exclamou Catherine.

“Então, vem!”, sussurrou Hareton, ansioso.

Era tarde — Heathcliff já a agarrara.

“Agora, vá *você*!”, disse ele para Hareton. “Bruxa desgraçada! Desta vez, ela me irritou quando eu não podia suportar. Vou fazê-la se arrepender disso para o resto da vida!”

Heathcliff estava segurando Catherine pelos cabelos. Hareton tentou soltar as madeixas, implorando que ele não a machucasse só daquela vez. Seus olhos negros faiscaram e ele parecia prestes a partir os ossos da menina. Eu tinha acabado de ganhar coragem para ir resgatá-la quando, de repente, os dedos de Heathcliff relaxaram e ele soltou a cabeça dela e pegou-lhe o braço, fitando-a intensamente. Então, passou a mão sobre os olhos, ficou um tempo se recompondo, ao que parecia, e voltando-se de novo para Catherine, disse, contendo a raiva:

“Você precisa aprender a não me deixar furioso ou, um dia desses, eu realmente vou assassiná-la! Vá com a sra. Dean, não saia do seu lado e reserve sua insolência para os ouvidos dela. Quanto a Hareton Earnshaw, se eu o vir dando-lhe atenção, vou mandá-lo ganhar o pão em outro lugar! O seu amor vai transformá-lo num pária e num mendigo. Leve-a, Nelly, e saiam daqui, todos vocês! Saiam daqui!”

Tirei a patroazinha dali. Ela estava tão feliz de ter escapado, que não resistiu. O outro veio atrás e o sr. Heathcliff ficou sozinho na sala até a hora do almoço.

Eu aconselhara Catherine a almoçar no andar de cima, mas, assim que o sr. Heathcliff viu o lugar dela vazio, me mandou chamá-la. Ele não falou com nenhum de nós, comeu muito pouco e saiu imediatamente após a refeição, declarando que só iria voltar à noite.

Os dois novos amigos se estabeleceram na sala de estar durante sua ausência, e eu ouvi Hareton pedindo com firmeza que a prima

parasse de falar quando ela pôs-se a revelar a maneira como o sogro se comportara com o pai dele.

Hareton disse que não iria permitir que ninguém dissesse uma palavra contra o sr. Heathcliff em sua presença. Não lhe importava nem se ele fosse o próprio demônio. Ia continuar do lado do sr. Heathcliff, e preferia que ela falasse mal dele próprio, como costumava fazer, a falar mal do sr. Heathcliff.

Catherine começou a protestar contra isso, mas Hareton encontrou uma maneira de fazê-la dobrar a língua, perguntando se ela ia gostar se ele falasse mal do *seu* pai. Então, ela compreendeu que para Hareton a reputação do patrão tinha muito valor, e que o primo estava ligado a Heathcliff por elos tão fortes que a razão não era capaz de parti-los — correntes forjadas pelo hábito, que seria uma crueldade tentar arrancar.

Dali em diante Catherine mostrou que tinha bom coração, evitando tanto reclamar quanto expressar sua aversão, e confessou para mim que lamentava ter tentado jogar Hareton contra Heathcliff. Realmente, acho que ela nunca mais disse uma palavra contra seu opressor diante do primo.

Quando esse pequeno desentendimento foi superado, eles retomaram sua intimidade e começaram a se ocupar com diversas tarefas, na qualidade de pupilo e professora. Fui me sentar com eles depois que terminei meu trabalho, e observá-los me confortou e me consolou tanto que não vi o tempo passar. Os dois eram como meus filhos, de certa maneira: havia tempos tinha orgulho de uma, e agora tinha certeza de que o outro seria uma fonte de satisfação igual. Sua natureza honesta, carinhosa e inteligente dissipou depressa as nuvens da ignorância e da degradação em meio às quais ele fora

criado, e os elogios sinceros de Catherine impeliram seus esforços. A mente dele, ao se iluminar, iluminou seu rosto, fazendo-o ganhar vivacidade e nobreza. Eu mal reconheci ali o indivíduo que encontrara no dia em que descobrira a patroazinha em Wuthering Heights, após sua expedição a Penistone Crags.

Enquanto eu admirava Hareton e Catherine em seus estudos, o crepúsculo caiu e o patrão voltou. Ele apareceu de maneira completamente inesperada, entrando pela porta da frente, e deparou-se com nós três antes que pudéssemos erguer a cabeça para fitá-lo.

Bem, eu refleti, nunca se viu uma cena mais agradável ou inofensiva e, se o sr. Heathcliff ralhar com eles, vai ser uma enorme vergonha. A luz vermelha do fogo iluminava as duas cabeças bonitas e mostrava os rostos, em cuja expressão via-se o profundo interesse das crianças: pois, embora o rapaz tivesse vinte e três anos e a moça, dezoito, ambos tinham tantas coisas novas a sentir e aprender que nenhum dos dois sentia nem demonstrava o desencanto sóbrio da maturidade.

Eles ergueram os olhos ao mesmo tempo e encontraram o sr. Heathcliff ali. Talvez o senhor nunca tenha reparado, mas os olhos de ambos são idênticos, e são os olhos de Catherine Earnshaw. A Catherine filha não tem mais nenhum traço da mãe, a não ser a testa larga e as narinas arqueadas que a fazem parecer altiva, quer ela queira, quer não. Hareton é muito mais parecido com a tia. A semelhança entre os dois é grande sempre, mas, naquele momento, estava particularmente impressionante, porque os sentidos dele estavam em alerta e suas faculdades mentais, mais ativas do que nunca.

Suponho que essa semelhança tenha desarmado o sr. Heathcliff. Ele caminhou até a lareira sentindo uma agitação evidente, mas esta logo cedeu conforme olhava para o rapaz. Ou melhor, a agitação passou a ser de outra natureza, pois ainda estava lá.

O sr. Heathcliff pegou o livro da mão de Hareton, olhou para a página em que ele estava aberto e devolveu-o sem nenhuma observação, fazendo apenas um gesto que indicava que Catherine devia se retirar. Hareton permaneceu na sala muito pouco tempo depois que ela se foi e eu estava prestes a sair também, mas o sr. Heathcliff mandou-me continuar sentada.

"É uma conclusão pobre, não é?", observou ele, após refletir algum tempo sobre a cena que acabara de ver. "Um final absurdo para os meus esforços violentos? Eu reúno as ferramentas para demolir as duas casas, me treino para ser capaz de trabalhar como Hércules e, quando tudo está preparado e ao meu alcance, descubro que não tenho mais vontade de arrancar uma só telha! Meus velhos inimigos não me venceram… agora seria o momento exato de me vingar de seus descendentes. Eu poderia fazer isso, e ninguém poderia me impedir. Mas de que adianta? Não quero dar o golpe, não me sinto disposto nem a erguer a mão! Quando digo isso, parece que trabalhei esse tempo todo apenas para exibir um belo lado magnânimo. Está longe de ser o caso. Perdi a capacidade de desfrutar da destruição deles, e sou preguiçoso demais para destruí-los por nada.

"Nelly, uma estranha mudança se aproxima… Eu estou sob a sombra dela no momento… Tenho tão pouco interesse pela minha vida cotidiana que mal me lembro de comer ou beber. Aqueles que saíram da sala são as duas únicas coisas que ainda possuem uma

aparência nítida para mim, e essa aparência me causa uma dor que quase chega a ser uma agonia. *Nela*, não vou falar, e não desejo pensar… mas gostaria muito que fosse invisível… sua presença apenas me enfurece. O que *ele* me causa é diferente… mas, se pudesse fazer isso sem parecer louco, jamais voltaria a vê-lo! Você talvez achasse que já estou perto de enlouquecer", acrescentou ele, fazendo um esforço para sorrir, "se eu tentasse descrever as mil associações e ideias que ele desperta… ou das quais é a própria encarnação. Mas você não irá contar a ninguém o que eu vou lhe dizer, e minha mente está sempre tão isolada que é tentador finalmente abri-la para outra pessoa.

"Cinco minutos atrás, pareceu-me que Hareton era a personificação da minha juventude, não um ser humano. Eu tive sentimentos tão variados por ele que teria sido impossível abordá-lo de maneira racional.

"Em primeiro lugar, sua semelhança assustadora com Catherine fez com que eu o associasse horrivelmente a ela. Mas isso, que você talvez suponha ser o fato que mais prende a minha atenção, na verdade é o que menos o faz… pois, para mim, o que não está associado a Catherine? E o que não me faz lembrar dela? Não posso nem olhar para este chão, que vejo seu rosto nas lajes! Em cada nuvem, em cada árvore… sua imagem me cerca, impregnando o ar à noite e discernida em todos os objetos durante o dia! Os rostos mais comuns tanto de homens quanto de mulheres, e até as minhas próprias feições têm uma semelhança que zomba de mim. O mundo inteiro é uma terrível coleção de lembranças de que ela existiu, e eu a perdi!

“Bem, a aparência de Hareton foi como o fantasma do meu amor imortal, dos meus esforços loucos para não abrir mão dos meus direitos, da minha degradação, do meu orgulho, da minha felicidade e da minha agonia… 

“Mas é insano repetir esses pensamentos para você… Pelo menos, assim, você entenderá por que, apesar de eu relutar em viver sempre sozinho, a companhia dele não me traz nenhum benefício — ao contrário, piora o tormento constante que sofro… e contribui para a minha indiferença acerca de seu relacionamento com a prima. Não posso mais dar atenção a eles.”

“Mas o que quer dizer com uma *mudança*, sr. Heathcliff?”, perguntei, alarmada com o seu comportamento. Isso, apesar de ele não correr o risco nem de enlouquecer, nem de morrer. Pelo que eu podia julgar, estava bastante forte e saudável; e, desde a infância, adorava cismar com coisas sombrias, e ter fantasias estranhas… Talvez tivesse uma monomania acerca de sua idolatrada falecida, mas, sob todos os outros aspectos, tinha tanto juízo quanto eu.

“Só vou saber quando acontecer”, respondeu Heathcliff. “Mesmo agora, só estou meio consciente de sua existência.”

“O senhor não está se sentindo doente, está?”

“Não, Nelly.”

“E não está com medo da morte?”

“Com medo! Não! Não sinto medo da morte, não pressinto sua chegada, não tenho esperanças de que venha. Por que deveria? Com a minha saúde de ferro, minha maneira sóbria de viver e minhas ocupações seguras, não há por que eu não ficar neste mundo até não ter quase nenhum cabelo preto na cabeça — provavelmente, é isso que vai acontecer. No entanto, não posso

continuar nesta condição! Preciso lembrar de respirar… quase chego a ter de lembrar meu coração de bater! E é como dobrar um galho rijo… É por impulso que faço o menor gesto que não é impelido por um só pensamento — e por impulso que percebo qualquer coisa viva ou morta que não esteja associada a uma ideia que tudo encerra… Tenho apenas um desejo, e todo o meu ser e todas as minhas faculdades mentais anseiam por ele. Anseiam por ele há tanto tempo, e de maneira tão constante, que estou convencido de que me será concedido… e em breve… pois ele devorou a minha vida… eu fui engolido esperando que fosse realizado.

"Minha confissão não me aliviou… Mas talvez tenha explicado alguns dos meus humores, que de outro modo não teriam explicação. Ah, meu Deus! Que batalha longa! Como eu queria que ela já tivesse terminado!"

Heathcliff começou a andar de um lado para outro na sala, murmurando coisas terríveis de si para si, até eu me sentir inclinada a acreditar, assim como Joseph, que a consciência transformara seu coração num inferno nesta terra. Eu não podia imaginar que fim aquilo teria.

Embora Heathcliff raramente revelasse seu estado de espírito, mesmo que pela expressão de seu rosto, eu não tive dúvidas de que aquele era seu humor habitual. Ele próprio o afirmara — mas ninguém teria sido capaz de adivinhar isso observando seu comportamento. O senhor não adivinhou quando o viu, sr. Lockwood. E, no período do qual estou falando, ele continuava igualzinho: só gostava ainda mais de solidão e talvez fosse ainda mais lacônico quando estava com outras pessoas.

# XX

Durante alguns dias após aquela noite, o sr. Heathcliff se recusou a comer conosco. Ele, no entanto, não consentiu em excluir Hareton e Cathy formalmente das refeições. Tinha aversão a se deixar dominar de maneira tão completa por seus sentimentos, e preferiu ele próprio se ausentar — e comer uma vez a cada vinte e quatro horas parecia ser sustento suficiente para o seu corpo.

Certa noite, depois que todos já estavam na cama, ouvi o sr. Heathcliff descer a escada e sair pela porta da frente. Não o ouvi voltar e, de manhã, descobri que ainda estava fora.

Era abril: o tempo estava quente e bom, a grama, o mais verde possível graças à chuva e ao sol, e as duas macieiras-anãs que ficam perto do muro do lado sul, repletas de flores.

Depois do café da manhã, Catherine insistiu que eu pegasse uma cadeira e fosse me sentar com a minha costura sob os abetos que ficam de um dos lados da casa. Além disso, ela convencera Hareton, que já estava perfeitamente recuperado de seu acidente, a cavar o solo e plantar o seu pequeno jardim, que fora transferido para aquele canto devido às reclamações de Joseph.

Eu estava muito confortável, desfrutando do aroma de primavera ao redor e do lindo e suave céu azul acima, quando a patroazinha, que correra até o portão para colher algumas prímulas, querendo colocar nas bordas dos canteiros, voltou só meio carregada e nos informou que o sr. Heathcliff estava entrando.

“E falou comigo”, acrescentou ela, perplexa.

“O que ele disse?”, perguntou Hareton.

“Disse para eu sair de perto o mais rápido possível. Mas estava com um aspecto tão diferente do normal que eu fiquei parada um instante, olhando para ele.”

“Diferente como?”, quis saber o rapaz.

“Ora, estava quase alegre… Quase nada, estava *muito* animado, louco e feliz!”, respondeu ela.

“Quer dizer que ele gosta de passear à noite”, eu observei, fingindo indiferença, mas, na verdade, tão surpresa quanto Catherine. Ansiosa para verificar se sua declaração era verdadeira, pois o patrão alegre não era algo que se via todos os dias, dei uma desculpa e entrei.

Heathcliff estava postado diante da porta aberta. Estava pálido e tremia, mas decerto havia um estranho brilho de felicidade nos seus olhos que alterava a aparência do seu rosto inteiro.

“Quer comer alguma coisa?”, perguntei. “Deve estar com fome depois de passar a noite inteira andando por aí!”

Queria descobrir onde ele estivera, mas não tinha coragem de perguntar diretamente.

“Não, não estou com fome”, respondeu Heathcliff, virando a cabeça e falando em tom de grande desdém, como se adivinhasse que eu estava tentando entender o motivo do seu bom humor.

Eu estava atônita. Fiquei na dúvida se aquela não seria uma boa oportunidade para fazer algumas admoestações.

“Não acho certo passear fora de casa em vez de ficar na cama”, observei. “De qualquer maneira, não é uma boa ideia nesta época úmida. Aposto que o senhor vai pegar um belo resfriado, ou uma febre. Alguma coisa já está errada com o senhor!”

“Nada que eu não possa suportar, e com o maior prazer, contanto que você me deixe em paz. Entre e não me irrite.”

Obedeci e, ao passar, reparei que ele estava respirando rápido como um gato.

“É isso mesmo, vamos ter um acesso de alguma coisa”, refleti. “Não posso imaginar o que ele andou fazendo!”

Ao meio-dia, o sr. Heathcliff se sentou conosco para almoçar e aceitou um prato bem cheio das minhas mãos, como se pretendesse compensar pelo jejum anterior.

“Não estou nem resfriado nem com febre, Nelly”, comentou, fazendo uma referência ao que eu dissera de manhã, “e estou pronto a fazer justiça à comida que você me dá.”

Ele pegou o garfo e a faca, e ia começar a comer, quando a vontade pareceu se extinguir subitamente. Heathcliff devolveu os talheres para a mesa, olhou ansioso para a janela, se levantou e saiu.

Nós o vimos caminhando de um lado para outro no jardim enquanto terminávamos a refeição. Hareton disse que ia sair e perguntar por que ele se recusara a almoçar: achou que o havíamos aborrecido de alguma maneira.

“E então, ele vem?”, indagou Catherine quando o primo voltou.

“Não. Mas não está zangado. Na verdade, estava satisfeito de um jeito muito esquisito. Só que ficou impaciente depois que eu falei com ele duas vezes, e me mandou ir atrás de você. Disse que não sabia como eu podia querer a companhia de outra pessoa.”

Deixei o prato de Heathcliff esquentando na grade da lareira. Depois de uma ou duas horas, ele voltou para dentro de casa, quando não tinha mais ninguém na sala. Não parecia nem um pouco mais calmo. Estava com a mesma expressão de alegria monstruosa — pois era monstruosa — nos olhos; a mesma tez exangue; mostrando os dentes de tempos em tempos, numa espécie de sorriso; e com o corpo tremendo, não como alguém que treme de frio ou fraqueza, mas como uma corda esticada que vibra: era mais um arrepio forte do que um tremor.

“Vou perguntar o que houve”, pensei, “senão, quem haverá de fazê-lo?” E eu exclamei:

“Teve alguma notícia boa, sr. Heathcliff? Parece extraordinariamente agitado.”

“De onde viria qualquer notícia boa para mim? Estou agitado de fome, mas parece que não posso comer.”

“Seu almoço está aqui. Por que não come?”

“Agora, não”, murmurou ele, depressa. “Vou esperar até a hora do jantar. E Nelly, pela última vez, imploro a você que mande Hareton e a outra ficarem longe de mim. Não quero ser incomodado por ninguém. Quero ficar sozinho aqui dentro.”

“Há algum novo motivo para esse banimento? Diga-me por que está tão estranho, sr. Heathcliff. Onde passou a noite? Não estou fazendo essa pergunta só por curiosidade, mas…”

“Está fazendo essa pergunta por curiosidade, sim”, interrompeu Heathcliff, rindo. “Mas eu vou responder. Na noite passada, eu estava no umbral do inferno. Hoje, consigo enxergar o meu paraíso… ele já está ao alcance dos meus olhos… menos de três pés nos separam! E agora, é melhor você ir embora. Não vai ver, nem ouvir nada de assustador, se não bisbilhotar.”

Após varrer a lareira e passar um pano na mesa, eu deixei a sala, mais espantada do que nunca.

O sr. Heathcliff não saiu mais de casa naquela tarde, e ninguém perturbou sua solidão. Então, às oito da noite, achei que o certo era levar uma vela e o jantar, embora ele não houvesse me chamado.

Heathcliff estava apoiado no parapeito de uma janela com a treliça aberta, mas não olhando para fora: seu rosto estava virado para a escuridão do interior. Do fogo, só haviam restado as cinzas, e a sala estava tomada pelo ar úmido e brando da tarde nublada e tão silenciosa que se ouvia não apenas o murmúrio do riacho que passa por Gimmerton, como suas águas gorgolejando sobre os pedregulhos e ao redor das pedras maiores que ele não consegue cobrir.

Soltei uma exclamação de descontentamento ao ver a lareira fria e comecei a fechar os caixilhos um por um, até chegar naquele onde ele estava.

“Posso fechar aqui?”, perguntei para despertá-lo, pois ele nem havia se movido.

Quando eu disse isso, a luz iluminou suas feições. Ah, sr. Lockwood, não consigo expressar o susto horrível que levei com aquela visão momentânea! Aqueles olhos negros tão fundos! Aquele sorriso, aquela palidez espectral! Pareceu-me que quem estava ali

não era o sr. Heathcliff, mas um trasgo! Meu terror foi tamanho que esbarrei com a vela na parede e fiquei na escuridão.

“Sim, pode”, respondeu Heathcliff, com a voz de sempre. “Ora, que falta de jeito! Por que segurou a vela na horizontal? Vá depressa pegar outra.”

Eu saí correndo num pânico bobo, e disse a Joseph:

“O patrão quer que você leve uma vela para ele e acenda o fogo de novo.” Pois não ousava voltar para a sala naquele momento.

Joseph sacudiu algumas brasas para dentro da pá, e foi. Mas trouxe-a de volta imediatamente, com a bandeja do jantar na outra mão, explicando que o sr. Heathcliff ia se deitar e só ia querer comer de manhã.

Nós o ouvimos subir a escada naquele mesmo instante. Ele não foi para o quarto onde em geral dormia, mas para aquele onde fica a cama com os painéis de carvalho. Como eu já mencionei antes, a janela ali é larga o suficiente para qualquer pessoa passar, e ocorreu-me que o sr. Heathcliff talvez estivesse planejando outro passeio à meia-noite, sem querer que suspeitássemos disso.

“Será que ele é um zumbi, ou um vampiro?”, perguntei-me. Já tinha lido sobre esses monstros horríveis que são verdadeiros demônios. Mas então pus-me a refletir que tinha cuidado dele na infância, visto-o virar um rapaz e acompanhado quase a sua vida toda e era uma bobagem absurda me deixar tomar por aquele medo.

“Mas de onde veio aquela coisinha sombria, abrigada por um bom homem e que acabou sendo a sua ruína?”, murmurou a superstição, quando comecei a cair no sono. E eu, meio sonhando, me exauri imaginando quem poderiam ser os pais de alguém como Heathcliff;

e numa repetição do que pensara antes de adormecer, refiz todo o curso de sua existência, com algumas variações lúgubres. Afinal, surgiu na minha mente a cena da sua morte e do seu enterro; deste, a única coisa que consigo me lembrar é que estava muito confusa por ter de ditar a inscrição de sua lápide e pedi a opinião do coveiro. Como ele não tinha sobrenome e nós não sabíamos sua idade, fomos obrigados a nos contentar com uma palavra: Heathcliff. Isso aconteceu mesmo. Se o senhor entrar no cemitério, vai ver que na lápide está só isso e a data da morte.

Na alvorada, o meu bom senso voltou. Eu me levantei e fui para o jardim assim que havia luz o suficiente, para ver se conseguia discernir alguma pegada debaixo da janela de Heathcliff. Não havia nenhuma.

“Ele ficou em casa, e vai estar bem hoje”, pensei.

Preparei o desjejum de todo mundo, como sempre fazia, mas mandei Hareton e Catherine comerem antes de o patrão descer, pois ele ficou deitado até tarde. Eles preferiram comer do lado de fora, debaixo das árvores, e eu preparei uma mesinha para acomodá-los.

Quando voltei para dentro da casa, o sr. Heathcliff tinha descido. Ele e Joseph estavam conversando sobre algumas questões da fazenda. Ele deu instruções claras e detalhadas sobre o assunto que estava sendo discutido, mas falou depressa, não parava de virar a cabeça para o lado e estava com a mesma expressão de excitação, só que ainda mais intensa.

Quando Joseph deixou a sala, o sr. Heathcliff se sentou no lugar de sempre, a deixa para eu pôr uma tigela de café diante dele. Ele puxou-a para mais perto, mas então pousou os braços na mesa e

ergueu o rosto, mirando a parede, como se examinasse um pedaço dela em particular, de cima a baixo, com olhos faiscantes e inquietos e com um interesse tão forte que parou de respirar durante meio minuto inteiro.

“Ande!”, eu exclamei, enfiando um pedaço de pão na mão dele. “Coma e beba isso, enquanto está quente. Já está tudo pronto há quase uma hora.”

Heathcliff não tomou conhecimento de mim, mas continuava sorrindo. Eu teria preferido vê-lo ranger os dentes a sorrir daquela maneira.

“Sr. Heathcliff! Patrão!”, gritei. “Pelo amor de Deus, não fique olhando assim, como se estivesse vendo alguma coisa do outro mundo!”

“Pelo amor de Deus, não grite tão alto”, respondeu ele. “Vire-se e me diga: nós estamos sozinhos aqui?”

“Claro! Claro que estamos!”

Mesmo assim, eu o obedeci involuntariamente, como se não tivesse absoluta certeza.

Com um gesto largo, Heathcliff abriu um espaço vazio diante dele na mesa e se debruçou, para olhar melhor.

Então percebi que não estava examinando a parede, pois, quando fiquei olhando só para ele, tive a impressão nítida de que fitava algo a duas jardas de distância. E aquilo, o que quer que fosse, o fazia sentir o mais extremo prazer e a mais intensa dor: pelo menos, era isso que sua expressão, a um só tempo extasiada e angustiada, indicava.

O objeto imaginário não era imóvel. Os olhos de Heathcliff o seguiam com uma vigilância incansável e, nem quando falou

comigo, ele deixou de fitá-lo.

Em vão, lembrei a ele que fazia tempo que não comia nada: se Heathcliff se movia para atender aos meus pedidos e tocar num alimento, se esticava a mão para pegar um pedaço de pão, seus dedos se cerravam antes que ele o alcançasse e permaneciam sobre a mesa, esquecidos de sua intenção.

Continuei ali como um modelo de paciência, tentando atrair sua atenção, absorta naquele exame fascinante. Mas ele afinal se irritou e se levantou, perguntando por que eu não o deixava demorar a comer, se quisesse, e dizendo que da próxima vez não precisava esperar: podia colocar as coisas na mesa e ir embora.

Após dizer essas palavras, Heathcliff deixou a casa, atravessou devagar o passadiço do jardim e sumiu portão afora.

As horas se arrastaram numa angústia. A noite caiu mais uma vez. Só fui me deitar bem tarde e, então, não consegui dormir. Ele voltou depois da meia-noite e, em vez de ir para a cama, trancou-se na sala lá embaixo. Fiquei escutando e me revirando na cama, até que, afinal, me vesti e desci. Era irritante demais ficar deitada lá em cima, agoniando-me com cem receios inúteis.

Discerni os passos do sr. Heathcliff, andando de um lado para outro sem cessar. Ele com frequência quebrava o silêncio com uma inspiração profunda que lembrava um gemido, e também murmurava palavras desconexas. A única que consegui compreender foi o nome de Catherine, seguido por algum termo que exprimia enorme carinho, ou enorme sofrimento, e dito como que para alguém que estivesse ali: num tom baixo e ardente, arrancado das profundezas da sua alma.

Não tive coragem de entrar direto no aposento, mas queria despertá-lo de seu devaneio e, por isso, fui atiçar o fogo da cozinha: reavivei as chamas e comecei a raspar as cinzas. Isso o fez sair mais depressa do que eu esperava. Ele abriu a porta imediatamente e disse:

“Nelly, venha para cá. Já está de manhã? Venha para cá com a sua luz.”

“Já vão bater quatro horas”, respondi. “O senhor precisa de uma vela para levar lá para cima. Podia ter acendido aqui neste fogo.”

“Não, eu não quero ir lá para cima. Entre, acenda um fogo para *mim* e faça tudo o que tem de ser feito na sala.”

“Preciso acender as brasas antes de levar para a sala”, respondi, pegando uma cadeira e o fole.

O sr. Heathcliff, enquanto isso, ficou vagando para lá e para cá, num estado que beirava a loucura: seus suspiros fundos eram tão frequentes que não deixavam espaço para a respiração normal.

“Quando o dia raiar, vou mandar chamar Green”, disse ele. “Quero tirar algumas dúvidas jurídicas com ele enquanto ainda sou capaz de pensar nessas questões, e enquanto posso tomar decisões com calma. Ainda não fiz meu testamento, e não consigo decidir para quem vou deixar minha propriedade! Gostaria de poder aniquilá-la da face da Terra.”

“Não fale assim, sr. Heathcliff. Esqueça esse testamento por enquanto. O senhor ainda vai viver para se arrepender de suas muitas injustiças! Nunca esperei vê-lo com os nervos perturbados, mas, no momento, eles estão num tumulto terrível, e é quase tudo culpa sua. A maneira como passou os últimos três dias teria derrubado um titã. Por favor, coma alguma coisa e descanse um

pouco. Basta o senhor se olhar no espelho para ver o quanto está precisando disso. Suas faces estão encovadas e seus olhos, injetados, como os de uma pessoa que está passando fome e ficando cega de tanto não dormir."

"Não é culpa minha se não posso comer nem dormir. Garanto a você que não foi de caso pensado. Farei ambos, assim que for possível. Mas é o mesmo que pedir a um homem, enquanto ele se debate na água, que descanse a uma braçada da praia! Preciso alcançá-la primeiro, e então descansarei. Bem, esqueça o sr. Green. Quanto a me arrepender das minhas injustiças, eu não cometi nenhuma, e não me arrependo de nada. Estou feliz demais e, no entanto, não estou feliz o suficiente. O júbilo da minha alma mata o meu corpo, mas não se satisfaz."

"Feliz, patrão?", exclamei eu. "Que felicidade estranha! Se o senhor me ouvir sem se zangar, posso lhe dar alguns conselhos que talvez o façam mais feliz."

"Que conselhos?", perguntou ele. "Pode dar."

"O senhor sabe muito bem, sr. Heathcliff, que, desde que tinha treze anos de idade, tem levado uma vida egoísta e indigna de um cristão, e que provavelmente mal chegou a tocar numa Bíblia durante todo esse período. Deve ter se esquecido do conteúdo do livro, e talvez não tenha tempo de estudá-lo agora. Faria algum mal mandar chamar alguém — algum pastor de qualquer denominação, não importa qual, para explicá-lo e mostrar ao senhor o quanto se afastou de seus preceitos, e quão pouco preparado estará para o paraíso, a não ser que alguma mudança ocorra antes que morra?"

"Estou mais agradecido do que zangado, Nelly, pois você me fez lembrar da maneira como desejo ser enterrado. Quero ser

carregado para o cemitério à noite. Você e Hareton podem me acompanhar, se quiserem. E prestem atenção para o coveiro obedecer às minhas ordens sobre os dois caixões! Nenhum pastor precisa vir, e dispensem quaisquer palavras antes do sepultamento. Já lhe disse que quase cheguei ao *meu* paraíso, e o paraíso dos outros é completamente inútil e desprezível para mim!"

"E se o senhor insistir nesse jejum obstinado, e morrer por causa disso, e eles se recusarem a enterrá-lo dentro dos limites do cemitério?", disse eu, atônita com aquela indiferença ímpia. "O que lhe parece?"

"Eles não vão fazer isso. Se fizerem, você vai ter de mandar alguém remover meu cadáver em segredo. E se esquecer, irá saber por sua própria experiência que os mortos não deixam de existir depois que expiram!"

Assim que o sr. Heathcliff ouviu os outros habitantes da casa se movendo, retirou-se para o seu esconderijo, e eu respirei aliviada. Mas, à tarde, quando Joseph e Hareton tinham saído para trabalhar, ele veio para a cozinha de novo e, com um olhar selvagem, mandou que eu fosse me sentar na sala. Queria alguém ao seu lado.

Recusei, dizendo francamente que seu comportamento e as coisas estranhas que ele vinha dizendo me assustavam, e que eu não tinha nem coragem nem vontade de fazer-lhe companhia sem mais ninguém por perto.

"Você pensa que eu sou um monstro!", disse Heathcliff, com sua risada lúgubre. "Algo horrível demais para viver debaixo de um teto decente!"

Então, voltando-se para Catherine, que estava ali também e tinha se escondido atrás de mim ao ouvi-lo se aproximando, ele

acrescentou, com um certo desdém:

“Você quer vir, pintinho? Não vou machucá-la. Não! Para você, eu sou pior do que o demônio! Bem, há *uma* pessoa que não vai recusar minha companhia! Meu Deus! Ela é incansável! Ah, maldição! É inexprimível, é demais para qualquer pessoa de carne e osso suportar, até mesmo eu.”

Heathcliff não requisitou a presença de mais ninguém. Na hora do crepúsculo, foi para o quarto. Durante toda a noite e boa parte da manhã, nós o ouvimos gemendo e murmurando sozinho. Hareton ficou ansioso para entrar, mas eu mandei que fosse chamar o sr. Kenneth para examiná-lo.

Quando Kenneth chegou e eu lhe pedi para entrar e tentei abrir a porta, descobri que estava trancada. Heathcliff nos mandou ir para o diabo: disse que estava melhor e queria ser deixado em paz. Com isso, o médico foi embora.

Na noite seguinte, choveu muito. Na verdade, houve uma tempestade que durou até a alvorada. E quando eu estava dando minha caminhada matinal ao redor da casa, reparei que a janela do patrão balançava, aberta, e que a chuva entrava direto no quarto.

“Ele não pode estar na cama”, pensei, “ou estaria encharcado! Deve ter se levantado, ou saído. Mas não vou hesitar mais: vou olhar de uma vez!”

Após conseguir entrar usando outra chave, corri para abrir os painéis, pois o resto do quarto estava vazio. Empurrando-os depressa, espiei lá dentro. Lá estava o sr. Heathcliff, deitado de costas. Seus olhos me encararam com uma expressão tão penetrante, tão feroz, que eu tive um sobressalto. E ademais, ele parecia sorrir.

Era impossível achar que estava morto, mas seu rosto e sua garganta estavam encharcados de chuva. Os lençóis pingavam, e ele estava completamente imóvel. A treliça, balançando para lá e para cá, arranhara uma das mãos, que estava pousada sobre o parapeito. Não saía nenhum sangue da pele ferida e, quando eu a toquei, não tive mais dúvidas: ele estava morto e rígido!

Passei o trinco na janela. Penteei seus longos cabelos negros para trás. Tentei fechar seus olhos — extinguir, se possível, aquela temível expressão de exultação que parecia tão viva, antes que qualquer outra pessoa a visse. Eles se recusaram a fechar: pareciam zombar das minhas tentativas, e seus lábios entreabertos, e dentes brancos e agudos, zombavam também! Tomada por outro acesso de covardia, eu gritei, chamando Joseph. Ele chegou arrastando os pés e soltou uma exclamação, mas se recusou peremptoriamente a tocar em Heathcliff.

“O diabo levou a alma dele, e por mim pode ficar com a carcaça também! He, he, he! Ele até parece um demônio, rindo da morte!” E o velho pecador deu um sorriso de troça.

Achei que Joseph ia sair dançando em volta da cama, mas, recobrando subitamente a compostura, ele caiu de joelhos, ergueu as mãos e deu graças porque o legítimo senhor da casa e a antiga linhagem tinham recobrado seus direitos.

Fiquei entorpecida diante daquele acontecimento terrível, e não pude evitar que cenas do passado surgissem em minha mente, trazendo uma tristeza opressora. Mas o pobre Hareton, aquele que sofrera a maior injustiça, foi o único que realmente sofreu. Passou a noite sentado ao lado do cadáver, chorando lágrimas amargas. Apertou a mão dele, e beijou o rosto sarcástico e cruel que todos os

outros evitavam contemplar, lamentando sua morte com aquela tristeza forte que surge naturalmente de um coração generoso, mesmo que ele seja tão duro quanto aço temperado.

Kenneth se viu desconcertado diante da tarefa de definir a causa da morte do patrão. Ocultei o fato de que ele tinha passado quatro dias sem comer nada, com medo de que isso fosse criar problemas. E, além do mais, tenho certeza de que não jejuou de propósito: isso foi a consequência de sua estranha doença, não a causa.

Para escândalo de toda a vizinhança, nós o enterramos da maneira como ele desejara. Hareton, eu, o coveiro e seis homens para carregar o caixão compúnhamos todo o cortejo.

Os seis homens partiram após colocá-lo na cova. Nós ficamos, para vê-la sendo coberta. Hareton, com o rosto banhado em lágrimas, cavou brotos de grama e plantou-os ele próprio na terra remexida. Hoje, o túmulo de Heathcliff está tão liso e tão verde quanto os outros ao redor, e eu espero que seu ocupante durma na mesma paz. Mas se o senhor perguntar, o povo da região vai jurar com a mão na Bíblia que ele *vaga por aí*. Há aqueles que dizem que viram Heathcliff perto da igreja, ou nos urzais, ou até dentro desta casa. Histórias, dirá o senhor — e eu digo o mesmo. Mas aquele velho que está diante do fogo na cozinha garante que viu duas pessoas olhando pela janela do quarto de Heathcliff todas as noites de chuva desde que ele morreu. E uma coisa estranha aconteceu comigo cerca de um mês atrás.

Eu estava a caminho da Grange certa tarde. Era uma tarde escura, e ameaçava trovejar. Na curva bem em frente à Heights, encontrei um menininho com uma ovelha e dois cordeiros à frente.

Ele chorava horrivelmente, e eu imaginei que os cordeiros estavam ariscos e não queriam lhe obedecer.

“Qual é o problema, rapazinho?”, perguntei.

“O Heathcliff e uma mulher tão ali, diante do monte”, respondeu ele, aos soluços. “Eu não tenho coragem de passar.”

Eu não vi nada. Mas o menino e os cordeiros se recusaram a passar e, por isso, eu mandei-o pegar a estrada que fica mais para baixo.

Ele provavelmente fez os fantasmas surgirem de tanto pensar neles enquanto atravessava os urzais sozinho, ou por causa das bobagens que ouviu dos pais e dos amigos. Mas, mesmo assim, eu agora não gosto de sair no escuro… e não gosto de ficar sozinha nesta casa sombria. Não consigo evitar. Vou ficar feliz quando eles se mudarem para a Grange!”

“Quer dizer que eles vão para a Grange, então?”, eu perguntei.

“Vão”, respondeu a sra. Dean, “assim que se casarem. Vai ser no primeiro dia do ano.”

“E quem vai morar aqui?”

“Bem, Joseph vai tomar conta da propriedade, quem sabe com um menino para lhe fazer companhia. Eles vão viver na cozinha, e o resto da casa vai ficar fechado.”

“À disposição de qualquer fantasma que queira habitá-la”, observei.

“Não, sr. Lockwood”, disse Nelly, balançando a cabeça. “Eu acredito que os mortos estão em paz, mas não é certo falar deles de maneira leviana.”

Naquele instante, o portão do jardim se abriu: os dois jovens estavam voltando do passeio.

“*Eles* não têm medo de nada”, resmunguei, vendo-os se aproximar pela janela. “Juntos, enfrentariam o demônio e todas as suas legiões.”

Quando os dois chegaram à soleira da porta e pararam para olhar pela última vez a lua, ou melhor, para se olharem à luz dela, senti uma vontade irreprimível de escapar deles novamente. E colocando um dinheirinho na mão da sra. Dean para que ela não me esquecesse, e ignorando seus protestos diante da minha falta de educação, sumi pela porta da cozinha no momento em que eles abriam a da frente. Desse modo, teria confirmado as suspeitas de Joseph sobre as indiscrições de Nelly, se ele, felizmente, não houvesse reconhecido meu caráter respeitável ao ouvir o doce tilintar de uma moeda de ouro a seus pés.

O caminho de volta para casa foi mais longo porque fiz um desvio até o cemitério. Quando estava lá dentro, percebi que a deterioração avançara, mesmo em apenas sete meses. Janelas mostravam lacunas negras no lugar dos vidros. Telhas despontavam, aqui e ali, para além da linha reta do telhado, prestes a ser gradualmente arrancadas pelas futuras tempestades de outono.

Procurei, e logo encontrei, as três lápides na colina perto dos urzais. A do meio estava cinza e semioculta pelas urzes; a de Edgar Linton, apenas levemente coberta pela turfa e pelo musgo que se esgueirava até a beirada; e a de Heathcliff, ainda lisa.

Fiquei algum tempo perto delas, sob aquele céu benigno. Observei as mariposas voejando por entre as urzes e os jacintos; ouvi a brisa suave soprando em meio à grama; e me perguntei como alguém poderia imaginar um sono intranquilo para quem dormia debaixo daquela terra tranquila.

Copyright © 2021 by Penguin-Companhia das Letras
Copyright da introdução © 1995, 2000, 2003 by Pauline Nestor

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

Penguin and the associated logo and trade dress are registered and/or unregistered trademarks of Penguin Books Limited and/or Penguin Group (usa) Inc. Used with permission.

Published by Companhia das Letras in association with Penguin Group (usa) Inc.

título original
*Wuthering Heights*

tradução da introdução
Lídia Rogatto

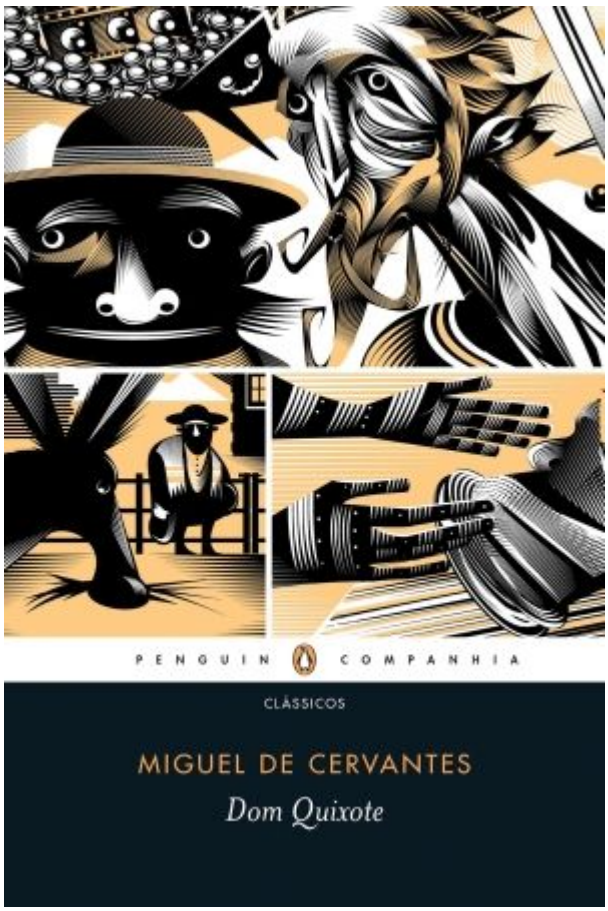
preparação
Ana Cecília Agua de Melo

revisão
Jane Pessoa
Renata Lopes Del Nero

versão digital
Rafael Alt

isbn 978-65-5782-287-6

Todos os direitos desta edição reservados à
editora schwarcz s.a.
Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32
04532-002 — São Paulo — sp
Telefone: (11) 3707-3500
www.penguincompanhia.com.br
www.blogdacompanhia.com.br
www.companhiadasletras.com.br



PENGUIN COMPANHIA

CLÁSSICOS

MIGUEL DE CERVANTES

*Dom Quixote*

# Dom Quixote

Cervantes, Miguel de
9788580865233
1328 páginas

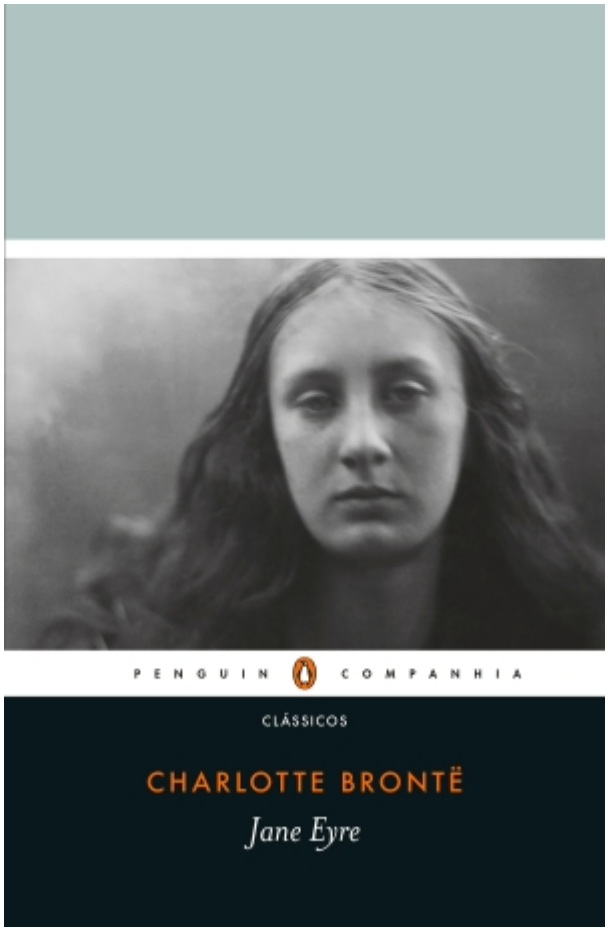
Compre agora e leia

**O clássico fundador do romance moderno em nova tradução de Ernani Ssó, com introdução do acadêmico britânico John Rutherford e posfácios de Ricardo Piglia e Jorge Luis Borges.**

Dom Quixote de La Mancha não tem outros inimigos além dos que povoam sua mente enlouquecida. Seu cavalo não é um alazão imponente, seu escudeiro é um simples camponês da vizinhança e ele próprio foi ordenado cavaleiro por um estalajadeiro. Para completar, o narrador da história afirma se tratar de um relato de segunda mão, escrito pelo historiador árabe Cide Hamete Benengeli, e que seu trabalho se resume a compilar informações. Não é preciso avançar muito na leitura para perceber que *Dom Quixote* é bem diferente das novelas de cavalaria tradicionais - um gênero muito cultuado na Espanha do início do século XVII, apesar de tratar de uma instituição que já não existia havia muito tempo. A história do fidalgo que perde o juízo e parte pelo país para lutar em nome da justiça contém elementos que iriam dar início à tradição do romance moderno - como o humor, as digressões e reflexões de toda ordem, a oralidade nas falas, a metalinguagem - e marcariam o fim da Idade Média na literatura.

Mas não foram apenas as inovações formais que garantiram a presença de *Dom Quixote* entre os grandes clássicos da literatura ocidental. Para milhões de pessoas que tiveram contato com a obra em suas mais diversas formas - adaptações para o público infantil e juvenil, histórias em quadrinhos, desenhos animados, peças de teatro, filmes e musicais -, o Cavaleiro da Triste Figura representa a capacidade de transformação do ser humano em busca de seus ideais, por mais obstinada, infrutífera e patética que essa luta possa parecer.

Compre agora e leia


PENGUIN COMPANHIA
CLÁSSICOS
CHARLOTTE BRONTË
Jane Eyre

# Jane Eyre

Brontë, Charlotte
9786557822869
712 páginas

Compre agora e leia

**Um dos principais romances da literatura inglesa chega à Penguin-Companhia com nova tradução e prefácio. Ao contar a história da órfã Jane Eyre, Charlotte Brontë nos brinda com um livro arrebatador.**

Era outubro de 1847 quando, em Londres, só se falava sobre *Jane Eyre*, escrito pelo misterioso Currer Bell (que mais tarde revelou-se pseudônimo de Charlotte Brontë). Acusado de "jacobinismo moral" por advogar pela igualdade, o romance foi fortemente debatido pelo circuito literário, bem como pelos milhares de leitores que conquistou.
A vida de Jane Eyre, pobre órfã condenada a vagar por diferentes casas e famílias até encontrar seu próprio pouso, emociona leitores há mais de dois séculos, versando sobre a educação de uma preceptora e os desafios enfrentados por diferentes mulheres do século XIX, independentemente da posição social em que se encontravam.
Com uma maestria narrativa ímpar sobre poder e conflito, Charlotte Brontë cria aqui um dos romances mais emblemáticos da língua inglesa, que ultrapassa barreiras ao tocar em questões universais e atemporais, como ambição, vingança, diferenças sociais e, claro, amor.

Tradução de Fernanda Abreu.
Introdução de Stevie Davies.
Prefácio de Sandra Guardini Vasconcelos.

Compre agora e leia


PENGUIN & COMPANHIA DAS LETRAS
SÊNECA
SOBRE
A BREVIDADE
DA VIDA
GRANDES IDEIAS

# Sobre a brevidade da vida / Sobre a firmeza do sábio

Sêneca
9788543809724
80 páginas

Compre agora e leia

**Na coleção Grandes Ideias, dois textos clássicos e incontornáveis de Sêneca sobre a arte de viver.**
Os escritos do filósofo estoico Sêneca pertencem à categoria de obras que mudaram a humanidade e que, universais, resistem à passagem do tempo. Por meio de insights poderosos, eles transformam a maneira como nos vemos e já serviram de guia para inúmeras gerações por sua eloquência, lucidez e sabedoria.
*Sobre a brevidade da vida* e *Sobre a firmeza do sábio* foram concebidos em forma de cartas e apresentam reflexões essenciais quanto à arte de viver, à passagem do tempo e à importância da razão e da moralidade.
Traduzida do latim por José Eduardo S. Lohner, esta edição conta ainda com notas esclarecedoras do tradutor.

Compre agora e leia



PENGUIN COMPANHIA

CLÁSSICOS

ANNE BRONTË

*A inquilina de Wildfell Hall*

# A inquilina de Wildfell Hall

Brontë, Anne
9786557822883
624 páginas

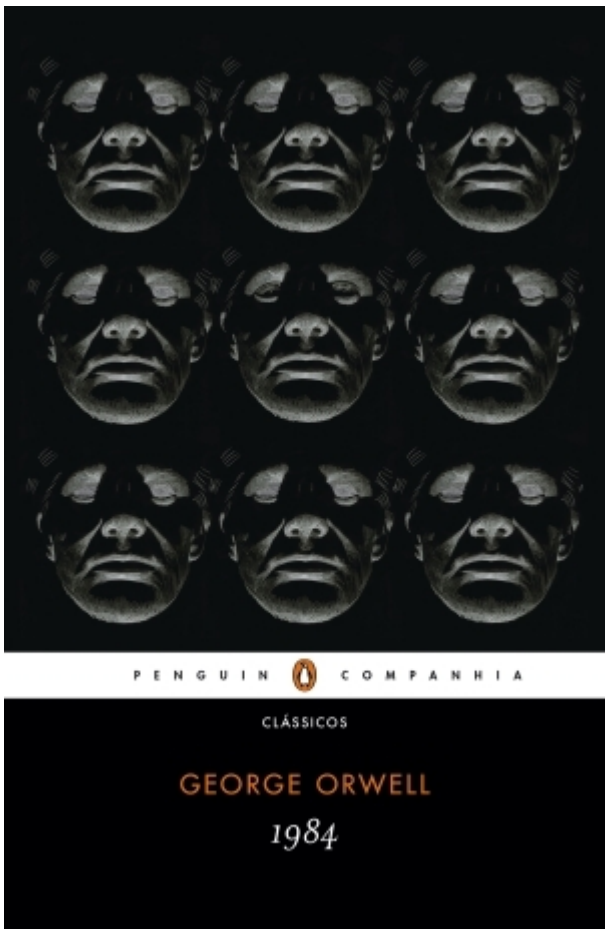
Compre agora e leia

**Um dos grandes romances da literatura inglesa chega à Penguin-Companhia com nova tradução e textos de apoio. *A inquilina de Wildfell Hall* mostra, com clareza ímpar, as lutas de uma mulher por sua independência.**

Gilbert Markham está intrigado com Helen Graham, a bela e misteriosa mulher que acabou de se mudar para Wildfell Hall com o filho e sem o marido. Gilbert é rápido em oferecer amizade, mas, quando o comportamento recluso da inquilina começa a ser motivo de fofoca na cidade, ele se pergunta o que mais pode haver na história daquela família.
Quando Helen permite que Gilbert leia seu diário, ele começa a entender os detalhes obscuros de sua vida, seu casamento desastroso e a situação em que a vizinha se encontra.
Narrado com precisão e carisma, *A inquilina de Wildfell Hall* é uma descrição poderosa da luta de uma mulher por independência na Inglaterra vitoriana.

Tradução de Débora Landsberg.
Introdução de Stevie Davies.

Compre agora e leia



PENGUIN COMPANHIA

CLÁSSICOS

GEORGE ORWELL

*1984*

# 1984

Orwell, George
9786557820650
392 páginas

Compre agora e leia

**A distopia que deu origem a diversos conceitos atuais chega à Penguin-Companhia com texto introdutório de Thomas Pynchon.**

Winston Smith vive na Faixa Aérea Um (anteriormente conhecida como Grã-Bretanha), uma província do superestado da Oceânia. O mundo se encontra em guerra, e todos estão aprisionados na engrenagem de uma sociedade dominada pelo Estado, onde tudo é feito coletivamente, mas cada um vive sozinho. Ninguém escapa à vigilância do Grande Irmão, a mais famosa personificação literária de um poder absoluto.
Em Oceânia, ter uma mente livre é considerado crime gravíssimo. Winston, então, se rebela contra o regime e, em seu anseio por verdade e liberdade, arrisca a vida ao se envolver amorosamente com uma colega de trabalho, Julia, e com uma organização revolucionária secreta.
Publicado originalmente em 1949, este é um dos romances mais influentes do século XX, uma das mais importantes distopias da literatura e um inquestionável clássico moderno. Lançada poucos meses antes da morte do autor, *1984* é uma obra magistral que ainda se impõe como uma poderosa reflexão ficcional sobre a essência nefasta de qualquer forma de poder.

Compre agora e leia